GIL VICENTE

OBRAS COMPLETAS

COM PREFÁCIO
E NOTAS DO PROF.
MARQUES BRAGA

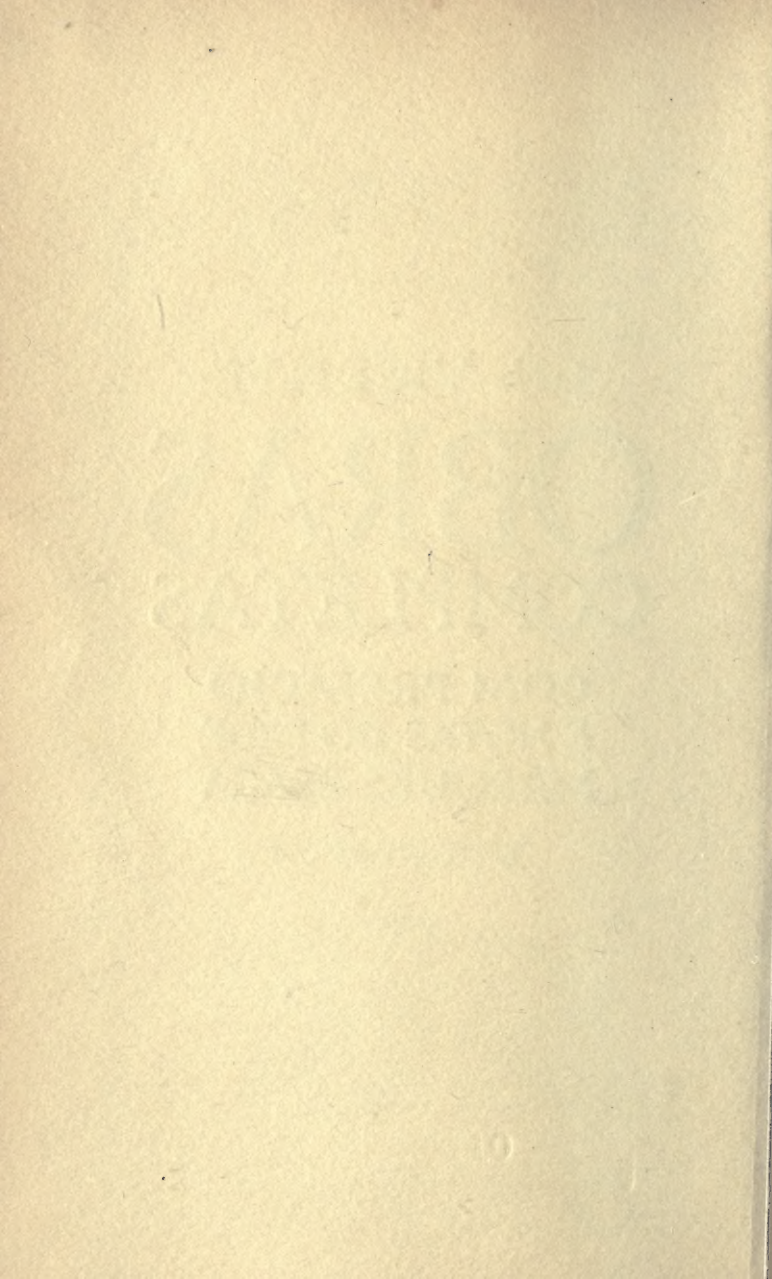
VOLUME V

5'22

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
GIL VICENTE
OBRAS
COMPLETAS
COM PREFÁCIO
E NOTAS DO PROF.
MARQUES BRAGA
VOLUME V
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

GIL VICENTE

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses Autores estrangeiros

À venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras Completas, *2 volumes*
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*
HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
FREI HEITOR PINTO—Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — *Cartas, selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar, *5 volumes*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, *2 volumes*
P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *12 volumes*
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, *3 volumes*
GARRETT — Viagens na minha terra
DANTE — A Divina Comédia, *3 volumes*
FRANCISCO DE HOLANDA — Diálogos de Roma
DEMÓSTENES — Oração da Coroa
SÓFOCLES — Tragédias do Ciclo Tebano
CORREIA GARÇÃO — Obras Completas, *2 volumes*
ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA (O Judeu) — Obras Completas, *4 volumes*
ANTOLOGIA DE TEXTOS MEDIEVAIS
F. MANUEL DE MELO — Apólogos Dialogais, *2 volumes*

A seguir:

Outras obras em preparação.

Cada volume 30$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados, 90$00.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

•

Gil Vicente

OBRAS COMPLETAS

com prefácio e notas do
prof. **Marques Braga**

VOLUME V

3.ª edição

LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA
LISBOA

Todos os exemplares são autenticados com a rubrica dos editores

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA

Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Lda

ROMAGEM DE AGRAVADOS

FIGURAS: Frei Paço, João da Morteira, Vilão; Bastião, seu filho; Bereniso & Colopêndio: Fidalgos; Marta do Prado, Branca do Rego: Regateiras; Cerro Ventoso, Fr. Narciso, Aparicianes, Giralda, sua filha; Domicília, Dorosia. Freiras; Ilária, Juliana, Pastoras.

Esta tragicomédia seguinte é sátira: seu nome é Romagem de Agravados. Foi representada ao mui excelente Príncipe e nobre Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na cidade de Évora, ao parto da mui esclarecida e cristianíssima Rainha D. Catarina, nossa Senhora, e nacimento do Ilustríssimo Ifante D. Filipe, era do Senhor de 1533.

Entra Frei Paço com seu hábito e capelo, e gorra de veludo, e luvas, e espada dourada, fazendo meneios de muito doce cortesão; e diz:

Quem me vir entrar assi
com estes jeitos qu'eu faço,
cuidará que endoudeci,
até que saiba de mi
5 que sou o padre Frei Paço.

---

1. Frei Paço descreve a sua vida palaciana.

ROMAGEM DE AGRAVOS. «Apesar de já septuagenário, não minguava ao nosso Poeta, nem o estro, nem as forças físicas. Em Évora, para onde D. João III par-

Deo gratias não me pertence,
nem *pera sempre* nem nada,
senão espada dourada;
porque muito bem me parece
5 ao Paço trazer espada.

Eu sou fino da pessoa,
e por se não duvidar
fiz uma cousa mui boa:
leixei crecer a coroa,
10 sem nunca a mandar rapar,
e por tanto vos não digo
Deo gratias, se atentais nisto,
nem *louvado Jesu Cristo,*

---

tira de Lisboa nos fins de Novembro de 1532, nasceu a 25 de Maio seguinte o infante D. Filipe e ao seu nascimento compôs Gil Vicente esta tragicomédia». Braamcamp, *Gil Vicente* («Rev. de Hist.», n.º 25, p. 37).

1-13. Estes versos e a Explicativa, que os precede, lembram o *Diálogo de Lactancio y un Arcediano* (1527). Frei Paço — «ascendente directo do *abbé de ruelle*» (Braamcamp) — é o frade galanteador, o frade cortesão, tipo não só português, mas europeu, daqueles que, segundo a expressão de Erasmo, «usavam holandas e brocados debaixo da dura estamenha de penitência», e que, segundo refere no seu *Diarium* o ingénuo Burchard, capelão de Alexandre VI, zumbiam como zângãos por entre as opulentas tapeçarias do Vaticano». Júlio Dantas, *O espírito da Reforma religiosa na Obra de Gil Vicente.*

Cfr.: «Quién os pudiera conocer de la manera que venis! Soliades traer... vuestro bonete, vuestros mozos i mula reverenda... Pues allende desto, con esa barba tan larga i esa cabeza sin ninguna señal de *corona,* quién os pudiera conocer?» Alfonso de Valdés, *Diálogo de Lactancio y un Arcediano.*

inda que trago comigo
hábito que é muito disso.
E sou tão paço em mi,
que me posso bem gabar
5 que invejar, mexericar
são meus salmos de David
que costumo de rezar.
Falo, mui doce cortês,
grã soma de cumprimentos;
10 obras não nas esperês,
senão que vos contentês,
com palavrinhas de ventos.
Sou favor e desfavor,
mestre-mor dos namorados,
15 engano dos confiados,
sou templo do Deus d'amor,
Inferno de magoados.
Porém não como soía

---

2. *hábito*, trajo talar.

«Yo te digo, hermano, que lo principal de la religión verdadera que es la christiana, no consiste em meterte frayle, pues sabes que el *hábito*, como dizem, no haze al monje. *(Monachatus nom est pietas)*. En la verdad, aquella es una cierta manera de bivir que a unos les arma y a otros no, según la condición, inclinación y complisión de cada uno. — ...no pienses que está solamente la santidad y culto divino en el manjar ni en el *hábito*, ...ni en ninguma cosa destas visibles...» Erasmo, *Enquiridon*, p. 413.

13. «Doy *favor é disfavor*...» Encina. *Teatro*, p 162 — «meu *favor e desfavor*». Duarte de Brito, *Cancioneiro Geral*, I, p. 417.

18. Cfr.: «E na corte — nenhum mancebo de sorte — não ama como soía (=costumava). — Tudo vai em zombaria...» G. V., *Velho da Horta*, vv. 398-401.

é já a lei namorada;
e porque tudo s'enfria,
amo assi de sesmaria,
e suspiro d'empreitada.

5 O auto que ora vereis,
se chama, irmãos amados,
Romagem dos Agravados,
inda que alguns achareis
que se agravam d'abastados.
10 E pera declaração
desta obra santa *Ecetra*,
quisera dizer quem são
as figuras que virão,
por s'entender bem a letra.

15 Porém é perder maré
e dilatar a viagem;
que por mui clara linguagem
cada um dirá quem é
e a causa da romagem.
20 Entrará logo um vilão,
chamado João Mortinheira,
agravado em grã maneira.
Quero ver sua paixão
assentado nesta cadeira.

2-4, e porque já não há entusiasmo..., amo e suspiro por tarefa, por obrigação.
7, *agravados*, queixosos.
9, que se queixam sem motivo.
15. Porém é perder oportunidade...
23. Quero ouvir as suas queixas.

Vem João Mortinheira, com seu filho Bastião, e diz: (¹)

Ó descreio não de san;
renego da sementeira!
esta é forte canseira,
que me tira a devação
5 de rezar inda que queira.
Ca não vou pera rezar,
pesar de minha madrasta,
que rezar, arrenegar,
maldizer e contemplar
10 não podem ser duma casta.
Porque a pessoa agravada
não lhe rege a devação.
Fr. P. De que te queixas, vilão?
Vil. De Deus, que é cousa provada
15 que me tem grande tenção.
Fr. P. Que te faz, que te querelas?

(¹) *Mortinheira, Morteira* (p. 1) — assim na 1.ª ed.

1. Com mil diabos! — *san,* santo. Acerca da imprecação e praga que há neste verso, veja-se: «Ó pesar nunca *de são* (santo)!» Prestes, *Auto do Procurador,* folha 37 verso. — «trunfo! pesar não *de san...*» Prestes, *Mouro Encantado,* fl. 133.

6. *Ca,* pois...

8, *arrenegar,* blasfemar.

10, não se podem harmonizar.

11, *agravada,* queixosa e irritada.

12, não lhe aproveita o fervor religioso.

13, *vilão,* designação oficial des plebeus na Idade Média.

13-14 Cfr.: «*De que te quejas? — De Dios*». G. V., *D. Duardos,* verso 981.

15, *tenção,* má vontade.

16, ...porque te queixas?

Vil. Faz-me com que desespero.
Fr. P. Que?
Vil. Que chove quando não quero,
e faz um sol das estrelas,
5 quando chuva alguma espero.
Ora alaga o semeado,
ora seca quanto i há,
ora venta sem recado,
ora neva e mata o gado,
10 e ele tanto se lhe dá.
Eu que o queira demandar
por corisco e trovoada,
por pedrisco e por geada,
buscai quem o vá citar
15 que lhe acerte co'a pousada.
Nem tem prema de ninguém,
e fará quanto quiser.
Podia-me Deus fazer bem,
sem nisso dar perda a alguém,
20 mas do demo que ele quer.

4-5, e faz sol, quando preciso de chuva.
8, *sem recado,* violentamente.
10. Cfr.: «si qua est caelo pietas, quae talia curet». Virg. *Aen.,* II, 536. — «E se cosa di qua nel ciel *si cura*». Petr., Canz. IV, 2. — «E se prego mortale al ciel s'intende». Idem, *son.* I, 102. — «Andiamo colá, pastori; che se dopo le exequie *le felici anime curano* dele mondane cose, la nostra Massilia ne havrà gratia nel cielo del nostro cantare...» Sannazaro, *Arcadia, Prosa décima,* 340-43. — «...Ma se'l pianger in Cielo ha qualche merito...» Idem, *Écloga XII,* verso 320.
13, por saraiva miúda.
16. Nem se constrange....

E com estas cousas tais,
que eu vejo desta maneira,
digo que me tem cenreira:
e não cureis vós de mais,
5 que craro se vê na eira.

Fr. P. Cuidas que não dizes nada,
e que mora Deus contigo?
Vil. Vedes vós? Eu, Padre, digo
que tempere a invernada,
10 e leixe criar o trigo.
Mas elle de tençoeiro,
sem ganhar nisso ceitil,
vai dar chuvas em Janeiro,
e geadas em Abril,
15 e calmas em Fevereiro,
e névoas no mês de Maio,
e meado Julho pedra.
Eu trabalho atás que caio:
pardeus! ele que é meu aio
20 cada vez mais me desmedra.
Fr. P. Olha tu pola ventura
se lhe pagas bem o seu.

---

3. *cenreira,* birra.

5. que tudo isto se verifica na pequena colheita.

11. Mas ele propositadamente... e com má vontade. — «...*tençoeiro*...». Chiado, *Pratica doyto feguras,* fl. 12 verso.

12. sem aproveitar nada.—*ceitil,* um sexto do real.

17. *pedra,* granizo.

18. *atás,* até.

19-20. Na verdade, ele que, me devia amparar, prejudica-me cada vez mais.

Vil. Bem me dizimaria eu,
se ele de birra pura
não danasse o seu e o meu.

Fr. P. Rezas-lhe tu alguns dias
5 que te livre dessa afronta?
Vil. Muito faz ele ora conta
das minhas ave-marias!
Rezo-lhe mais do que monta:
não sei a quem ele sai,
10 mas é feito a seu prazer.
Ele me matou meu pai,
e meu dono, e então vai
fez morrer minha mulher.
Toma lá conta e vede
15 porque matou minha tia
que mil esmolas fazia,
e leixa os rendeiros do verde
que me citam cada dia.
Fr. P. Dizem que não pode ser
20 maior dom que bom conselho;
faze o que eu te disser:
conforma-te c'o que Deus quer,
e do siso faze espelho.

Vil. Conforme-se ele comigo
25 er também no que é rezão,

1, bem pagaria eu o dízimo.
3, *danasse*, prejudicasse.
17-18, e consente... que os arrendatários (das multas e coimas dos gados que entram em terras semeadas, e lhes produzem dano) me citem sempre.
25, aliás também no que é justo.

qu'eu sou pobre coma cão,
e cada dia lho digo,
e folga se vem à mão.
Não me presta nemigalha
5 oferta nem oração:
ora dá palha sem grão,
ora não dá grão nem palha,
senão infinda opressão.

Por isso quero fazer
10 este meu rapaz d'Igreja;
não com devação sobeja,
mas porque possa viver
como mais folgado seja.
Quereis-m'o, Padre, ensinar,
15 e dar-vos-ei quanto tenho?
Fr. P. Se o ele bem tomar.

1, que eu sou muito pobre. No português arcaico, a forma *coma* era paralela de *como*.

2, e sempre lho digo.

3, e, se calhar, até estima.

4, *não me aproveita...* — «já não quero *nem migalha...*» Prestes, *Auto da Siosa*, fl. 124. Veja-se G. V., *Obras*, I, p. 240, verso 23.

9-11. O Vilão João da Morteira para evitar ao filho os sacrifícios da vida de lavrador — «porque sempre é morto quem do arado há-de viver» — quer fazer dele eclesiástico, embora o rapaz não tenha vocação. Cfr.: «Iglesia, o mar o casa real, quien quiera medrar». Correas, *Refranes*, p. 249.

Acerca dos sacrifícios exigidos pela agricultura, leiam-se as judiciosas observações de Basílio Teles, *O Problema Agrícola*, 22.

13, livre de cuidados e fadigas, «muchos ay que se metem en religion por bibir mas suavemente». Erasmo, *Coloquio*, 2.º, p. 161.

Vil. Pera tudo tem engenho;
e tem voz para cantar.

Fr. P. Toma este papel na mão
e lé esses versosinhos.
5 *Bas.* Isto é pera cominhos,
ou hei d'ir por açafrão?
Fr. P. Ainda não sabes nada.
Bas. Sei onde mora a tendeira.
Vil. É mais agudo câ espada,
10 não há i cabra na manada
que não tenha na moleira.

Fr. P. Ora sus, sem mais debate
dize A B C D E.
Bas. Arre, arre, cedo é
15 *Fr. P.* Dize A X.
Bas. Cacis era um alfaiate
que morava ali à Sé.
Vil. Se tu vives, Bastião,
serás um fino letrado.
20 *Bas.* Parece que andou o arado
per estas que quer que são.
Fr. P. Hás mister bem examinado.
E no latim te quero ver.

1-7. O Vilão elogia o filho, que pode vir a ser um padre «d'estante», como diz G. V. na *Farsa dos Almocreves,* verso 44.

3. Frei Paço principia a examinar Bastião.

12-16. Há aqui o emprego do equívoco verbal como processo cómico.

Cfr.: «& seguro que sabe ela já o *A X*». Jorge Ferreira, *Ulysippo,* acto II, cena 8.ª, fl. 121 verso.

Dize ora *Beatus vir*.
Bas. Pouco é isso de dizer:
vi ora três ratos vir.
Vil. Vede lá esse saber!
5 *Fr. P.* Dize ora cantando *Amen*,
por ver se sabes cantar.
Bas. Ó que cousa pera errar!
Ábem.
Fr. P. Alto, alto, Amen.

Assovia em lugar do mem

10 *Fr. P.* Não cureis de debater;
nem no quero ensinar mais;
digo que embalde cansais,
qu'este nunca há d'aprender.
Vil. Segundo o vós ensinais.
15 *Bas.* Pai, pai, que senhor é aquele
que vem cá quase mortal?
Vil. Colopêndio se cham'ele,
e tão grande amor deu nele
que o trata bofé mal.
20 Vem agravado por isso
e descontente de si;
ele e logo Bereniso,
fidalgos de grande aviso.

Vem Colopêndio e Bereniso, e diz

Col. Pois amor o quis assi,
25 que meu mal tanto dura,

Trata-se do Salmo I: Beatus vir qui non abiit... *Not. Vic.*, IV, pp. 100, 107.

16, com aspecto doentio.

24-25. São os efeitos contrários do amor «la perplexidad de aquella dulce é fiera llaga de sus coraçones». *La Celestina*, acto IX.

Não tardes triste ventura,
que a dor não se dói de mi,
e sem ti não tenho cura.
  Foges-me, sabendo certo
5 que passo perigo marinho,
e sem ti vou tão deserto,
que quando cuido que acerto,
vou mais fora do caminho.
Porque tais carreiras sigo,
10 e com tal dita naci
nesta vida em que não vivo,
qu'eu cuido que estou comigo,
eu ando fora de mi.
  Quando falo, estou calado;
15 quando estou, entonces ando;
quando ando, estou quedado;
quando durmo, estou acordado;
quando acordo, estou sonhando;
quando chamo, então respondo;
20 quando choro, entonces rio;
quando me queimo, hei frio;
quando me mostro, m'escondo;
quando espero, desconfio.
  Não sei se sei o que digo,
25 que cousa certa não acerto;
se fujo de meu perigo,
cada vez estou mais perto

12-13, estes versos lembram o que dizia Alcesimarco da *Cistelaria* de Plauto: «que não estava onde estava e que onde não estava, estava sua alma».

21, «...en un punto me abraso y me yelo...» Encina, *Teatro*, p. 196.

25, *que*, conj. causal abreviada de *porque*.

de ter mor guerra comigo.
Prometem-me uns vãos cuidados
mil mundos favorecidos,
com que serão descansados;
5 e eu acho-os todos mudados
em outros mundos perdidos.

Já não ouso de cuidar,
nem posso estar sem cuidado;
mato-me por me matar,
10 onde estou não posso estar
sem estar desesperado.
Parece-me quanto vejo
tudo triste com rezão:
cousas que não vem nem vão,
15 essas são as que desejo,
e todas penas me dão.

Eu remédio não espero,
porque aquela em que me fundo,
pera mi que tanto a quero,
20 tem o coração de Nero
pera me tirar do mundo.
Ber. Quem sofrimentos vendesse
quanto ouro ganharia?
que eu por um só lhe daria

1, de ter inquietações atormentadoras.
2-3. As ilusões dão-me esperanças...
17. Cfr.: «*Remedio no espero...*» Castillejo, *Obras*, II, p. 41.
18, porque a mulher que amo.
20, é desumana. Cfr.: «sois muy *Nero*». Prestes, *Auto da Siosa*, fl. 123.

a vida, se a tivesse,
como quando Deus queria.
  Porque é tal meu padecer,
sem ninguém de mi ter dó,
5 que as pragas de Faraó
não se houveram d'escrever,
nem os agravos de Job.
Col. Ai de mi que estou em tal risco
de penosa confusão,
10 que tenho já o coração
feito pedra de corisco,
e meu spírito carvão.
  Minha alma com tal perigo
deseja ser de animal,
15 porque de mi lhe vem mal,
meu bem pesa-lhe comigo,
e eu quero-lhe mal mortal.
Ber. Ó irmão, onde te vás?
Col. Juro às dores que sustenho,
20 que não sei se vou, se venho.
Tu, senhor meu, m'o dirás,
que eu de mi novas não tenho.
Ber. Se fosses bem namorado,
antre os teus termos mortais
25 terias vivo o cuidado;
mas amor desacordado
é desacordo e nó mais.
Col. Se amasses onde eu

2, frase muito usada na Península Ibérica ao recordar e fazer menção de melhor tempo e fortuna: «*dum fata Deusque sinebant...*» Virgílio.
20. São os efeitos contrários do amor.

e servisses a quem sirvo,
pasmarias como vivo,
e mais terias de teu
os desacordos que digo.

5 *Ber.* Pois que tu mesmo reclamas
que não sabes onde estás,
nem sentes se vens, se vás;
como sabes tu a quem amas,
ou por quem suspirarás?

10 *Col.* Pois falas isento assi,
certo a mi se m'afigura
que nunca chegou a ti
o ímpeto que contra mi
tomou a desaventura.

15 Sabe certo que é, senhor,
meu desacordo de sorte,
que ele esforça minha dor
pera outro mal maior,
que está aquém de minha morte.
20 Assi que meu desmaiar
per tal jeito se ordena,
que não se me passa pena
por sentir nem por chorar,
nem dor grande nem pequena.

---

1. e quisesses bem a quem tenho afeição...
10. Pois falas livre de paixão...
11. cfr.: *«cierto a mí se me figura...»* Torres Naharro, *Comédia Jacinto*, p. 156
15. Fica sabendo..

Ber. Eu sou o mor namorado
homem, que nunca se achou;
porém um excomungado
que o diabo excomungou,
5 nunca foi tão desamado.
A dama cujo naci,
o maior prazer que sente,
é dizer-me mal de mi;
se venho, foge dali;
10 se me vou, fica contente.
Ela pedia mosteiro,
agora quer-se casar,
porque eu me vá enforcar
no mais alto sovereiro
15 qu'eu mesmo per mi buscar.
Fr. P. E Frei Paço estar calado!
Ber. Frei Paço sois de verdade?
Fr. P. Senhor, a vosso mandado.
Ber. Quant'eu à minha vontade
20 o paço em frade tornado,
nem é paço nem é frade.

Fr. P. Irmãos, haveis de notar
que o paço é flor das flores,
pasto de grandes senhores,

---

6. A dama de quem nasci cativo...
16. E frei Paço a ouvir estas sem-razões!
18. Senhor, às vossas ordens.
22-24. Cfr.: com os primeiros vinte e cinco versos desta *Tragicomédia*.
Irmãos, tratamento muito usado na Península Ibérica pelos frades entre si ou pelo pregador dirigindo-se ao povo.

e mais é um grande mar
com soma de pescadores.
Uma grandeza sumária
de virtudes e nobrezas,
5 floresta mui necessária,
linda escola sibilária,
onde se aprendem grandezas.

Col. Padre, muito bem dizeis,
que também suas donzelas
10 são figuras das estrelas,
e imagens de Deus os reis,
que dão luz a todas elas.
Fr. P. Porém onde caminhais?
Falai, senhores, comigo.

2, com multidão de insaciáveis. Cfr.: «Y al sabor — de la privanza y favor. — riquezas, mandos y honores, — créceles más el ardor — de la *corte* y sus amores; — en la cual, según dice Marcial — tres ó cuatro comúnmente — se gozan lo principal; — los otros andam à diente». Cristóbal de Castillejo, *Diálogo y discurso de la vida de corte,* p. 127. — «Donde disse Marcial que desta vida cortesã dous até tres se melhórão, & os mays vão na corrente das magoas, desaventuras dar consigo nesse *mar* da morte». Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Aulegrafia,* acto V, fl. 162. — «Aqui he venido a este gran mar de la corte para abogar y ganar la vida...» Cervantes, *El Licenciado Vidriera,* pág. 101. Ediç. de D. Narciso Alonso Cortés. — «...el *mar* de la corte está erizado de escollos». Bretón de los Herreros, *Quién es ella?*

5, cfr.: «es la corte una *floresta...*» *Cancionero de Juan del Encina,* p. 158.

6, *sibilária,* difícil de compreender.

8, e seguintes. Mais uma vez se verifica que as Tragicomédias são Elogios dramáticos.

10, são formosas.

Col. Cada um leva consigo
agravos tantos, e tais,
que ouvi-los, corres perigo.

Eu já amo e desespero,
5 nunca de queixar me leixo,
e ando tão fora do eixo,
que eu mesmo busco e quero
os males de que me queixo.
Ber. Sabe Deus e as estrelas
10 que minhas coitas amaras
buscá-las me são mais caras
mil vezes que não sofrê-las.
Que a saudade sentida
me lastima de tal sorte,
15 que com vontade acendida
me faz ir ver minha vida,
porque vá buscar a morte.

Fr. P. Se isso assi conheceis,
que vós per vós vos matais,
20 culpados, a quem culpais?
Mortos, que vida quereis,
ou de que vos agravais?
Col. Padre Paço, bem sentis,
digo que amo a uma donzela

2, tão grandes queixas...
7-8, é o prazer do sofrimento.
10, que os tormentos causados pelo amor...
23, *sentis*, compreendeis.
24, cfr.: «*digo... — que amo a una donzella* — tan graciosa y tan bella...» G. V., *Farsa dos Fisicos*, versos 580-82.

mais bela que flor de lis,
porque tanto mal me quis,
pois naci cativo dela.

Fr. P. Porque foi nacer com ela
5 não vos ter em dous ceitis.
E quanto vós presumis
não no estima por ser bela,
nem quanto lhe referis.

Col. *Deo gratias*. Ouvi-me, Padre:
10 e se meu serviço atura?

Fr. P. Digo ora eu pola ventura,
que não sois à sua vontade.
Obrigá-la-eis por escritura.
Que dous conformes amores
15 n'um amor é de ventura;
e se só por fermosura
se vencem os amadores,
será amor, mas não de dura.

4-5. Porque ela não corresponde à afeição que lhe tendes.

6, e de quanto vós vos vangloriais...

10. E se eu continuar a cortejá-la? — *atura*, persiste: «Si mucho *atura* el agua por encima face rastro en ella». *Calila e Dimna*. 3. — «Sy el amor da fruto, dándolo mucho *atura*...» Hita, *Buen Amor*, estrofe 1364. — «No hay bien que dure, ni mal que à cien años llegue y *ature*». Correas, Refranes. — «El amor que se s'olvidó — de mis *servicios pasados*, — vengan-le tantos cuidados, — como los que tengo yo». Chiado, *Pratica doyto feguras*, p. 10.

16-17, e se os homens só têm em conta o bem frágil da formosura... Aproximem-se deste passo os versos do fim desta Tragicomédia: «Casai eramá com siso — e dai ó demo a afeição...»

Col. Depois se praticará
o mais que sou agravado:
Branca do Rego vem lá,
e também Marta do Prado,
5 regateiras do pescado;
escutemo-las de cá.
Mar. Olha cá, Branca do Rego.
Bra. Que me ques, Marta do Prado?
Mar. Tu tens tudo emborilhado;
10 pera que é falar galego,
senão craro e despachado.
Bra. E bem; em quê? Andar embora,
feito é o forno da telha.
Mar. Se tu não deras à golhelha
15 nunca o nosso agravo fora,
nem eu torcera a orelha.
Não, ah! não; mas tu andar
dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe,
urdir, torcer, ordenar —
20 tu não duravas em vale
com pressa do mau pesar.
Casade-a ora, hui, casade-a ora,
que é um mancebo de rosas,
antes que se afaste afora.

---

1. Depois se dirá...

8-11. Que me queres? — Tu enredaste tudo: falemos claro. Cfr.: «Eu não te *falo galego...*» Chiado, *Auto das regateyras*, p. 4.

13. Já não há remédio. Cfr.: «*Andar embora*» com «*Mas andar*, lo hecho es hecho.» G. V., *Obras*, I, p. 2.

14. Se não falasses muito...

17-24, mas tu insistias para que se apressasse o casamento. — «*Dale, dale*, compañon...» Encina, *Teatro*, p. 406. — «y él sino *darle* que *dar*». Rueda, *Obras*, II, p. 422.

E por isso nas más horas
nos agravamos agora.

Bra. Ora olhai, ouvi, ouvi,
que me foi a rodear!
5 havias tu de buscar
com que pôr a culpa a mi,
e queres-te a ti salvar.
Porque não contas agora
as práticas saborosas
10 do cachopinho de rosas
com que sias cada hora?
Mar. Contarei as suas prosas.

Fr. P. E de que ides agravadas
nesta santa ladainha?
15 *Bra.* Tínhamos uma sobrinha,
que tinha um conto aosadas,
e tudo se tornou tinha.
Sai-nos um casamento
com moço da Câmara d'El-Rei —

3-7. É de pasmar como te queres desculpar, culpando-me a mim.

11, com que estavas sempre? Cfr.: «Señora, la mi sobrina, que en Toledo *seya*...» Hita, *Buen Amor*, estrofe 657. — «Cavalgava noutro dia — per hum caminho francês, — e huma pastor (= pastora) *sia* — cantando...» D. Joham Aboim, *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 278.

14, neste cortejo.

16, que tinha seguramente um milhão de cruzados (quantia avultadíssima).

17, e ficaram destruídas todas as esperanças! Cfr.: com a frase desta Tragicomédia: «feito carvão». e com a expressão «tornar-se carvão».

casarei, não casarei —
tão doce, tão cucarento
Jesu! como o contarei.
Luva vai e luva vem,
5 e alvalá de filhamento,
fazemo-lo casamento
c'o carrapato d'Ourém,
moço da Câmara do vento.
Fr. P. Tem de casamento tanto,
10 e moradia sabida?
Mar. Hui! pola sua negra vida;
ele é dos do livro em branco,
e da esperança perdida.

2, *cucarento,* meigo — note-se a ironia.

4-8. Trocam-se presentes e o rapaz apresenta o Alvará de ter sido adoptado pelo rei como «moço da câmara» Afinal, verifica-se que o rapaz tinha intrujado as Regateiras. — «*alvalá*». Hita, *Buen Amor,* 1510.

10, que pensão real tem ele?

11. É uma fórmula de juramento. Veja-se Camões *Filodemo,* verso 354.

12, o nome do rapaz não se encontra no *Livro das moradias.* «Esta alusão ao alvará falso assenta, sem dúvida sobre algum facto verdadeiro. Alguém, fora da cena, na vida real, havia sido agravado ùltimamente com qualquer despacho simulado. Ora, que G. V., observando a declaração feita na Rubrica de ser esta Tragicomédia uma *sátira,* nela introduza a alusão à falsificação, está bem; mas que o faça diante do soberano, disparando suspeitas sobre ministros seus, nomeados em cena e alguns decerto presentes, isto, com a tenção firme e clara de punir pelos humildes e de lançar em rosto aos grandes a sua corrupção, «pois já isto anda tam baixo!» é, não só arrojo, mas, mais ainda, propósito de castigar vícios, de pôr em cena a *Comédia moral,* quase aristofânica. Não são só os frades que ele acusa, são também os poderosos». Braamcamp. *Gil Vicente.,* pág. 39.

Bra. O alvalá que nos mostrou
com tanto de filhamento,
tanto d'acrecentamento,
não sei quem lh'o despachou.
5 Damião Dias, ou alguém,
lhe houve ele o negro alvalá.
Christóvão Esteves também,
ou quiçais sabe Deus quem,
André Pires não será,
10 nem o Conde Vimioso.
Fernão d'Álvares seria,
ou o Conde de Penela,
que é muito dadivoso.
Já sei quem lh'o haveria:
15 o Dom Rui Lobo em Palmela,
ou o Lourenço de Sousa,

1-3. Vê-se que o Rapaz assegurara às Regateiras que estava registado no *Livro dos filhamentos*, portanto era fidalgo, tendo foro e moradia. Mas, além disso, tinha passado ao foro imediato, aumentando-lhe o rei a moradia (*acrecentamento*). Cfr.: «acrecentado a moradia de quinhentos». G. V., *Farsa dos Almocreves*, vv. 356-7. Veja-se na *Farsa do Juiz da Beira*, verso 389.

4-5. Porventura para que os espectadores achem mais graça, G. V. aponta os privados do rei, que influíam nos despachos. Damião Dias era escrivão. Braamcamp. *Idem, idem.*

7, desembargador do paço e petições. *Idem, idem.*

9, escrivão da fazenda. *Idem, idem,* p. 40.

10, era vedor da fazenda.

11, o rico tesoureiro-mor de D. João III. Braamcamp. *Gil Vicente*, pp. 6-7.

12, era também vedor da fazenda.

15, era vedor da fazenda.

16, «rapaz solteiro, muito novo, que talvez já fosse então aposentador-mor». *Idem, idem.*

ou não sei se o Veador,
se o mesmo Pêro Carvalho,
se foi Bispo, se Doutor,
que nos deu tanto trabalho.

5 *Mar.* Mau quebranto que os quebrante,
porque vão aportunar,
pera ajudar a enganar
uma cachopa inorante
c'um rascão de mão pesar.

10 *Bra.* Eles são os presidentes,
e os mesmos requerentes;
e se lhes dizeis que é mal
tornam a culpa ao sinal
e eles fazem-se inocentes.

15 *Mar.* Pois já isto anda tão baixo,
haverei co'esta cautela
um alvalá de donzela,
então casar no Cartaxo,
ou na raia de Castela.

---

1. Rui Lopes, superintendente da administração da casa real. *Idem, idem*, p. 4.

2, camareiro e guarda-roupa de D. Manuel, e muito predilecto deste rei e de D. João III. Sá de Miranda dirigiu a Pêro de Carvalho uma *Carta*.

5. É uma praga, que está repetida nas *Farsas das Fadas e Quem tem farelos? (quebranto,* mau-olhado).

6, porque vão importunar.

9, com um vadio que lhe cause desgostos. Veja-se na *Inês Pereira,* verso 50.

10, e seguintes. Os *privados* do rei, os *validos,* apontados anteriormente, é que são os causadores de todos estes malefícios.

18-19, a rapariga tinha sido mais feliz se casasse até no Cartaxo ou na fronteira com a Espanha!

Fr. P. A honra só vos abasta.
Se o moço é de boa linha,
seu pai será de boa casta
e fidalgo mui asinha.
5 *Bra.* Atada fica a canasta.
Fidalgo assi seria,
fidalgo por seu dolor,
que sabe a Brívia de cor
e não acerta a Ave-Maria.
10 Andava ele namorado,
e por, má ora, dizer ai,
dizia-lhe guai,
e por dizer minha senhora,
chamava-lhe minha sinoga.
15 Este é o negro de seu pai.
Ouvides vós, Frei Cigarra,
onde vai aqui a estrada
per hu os agravados vão?
Fr. P. Eu não vos acho rezão,
20 nem sois agravadas nada.

---

1. «En el matrimonio se consideraba muy principalmente la *ondra* que de él resultaba». Menéndez Pidal, *Mio Cid*, nota ao verso 3721.

5. Ficamos bem servidas com este fidalgo! — *canasta*, era corrente na Península Hispânica.

6-14. Para Braamcamp Freire este moço era um cristão-novo; para Aubrey Bell um inglês ou um alemão. *Estudos Vicentinos*, trad. do Dr. A. Álvaro Dória, pág. 33. — *guai*, ai — interj. arábica que ainda era corrente na Península no séc. XVI.

15, *negro, triste, coitado, pecador, pobre,* eram qualificativos correntes na Península, quando se maldizia ou se lastimava alguém.

18, por onde vão os queixosos?

Mar. Porque?
Fr. P. Porque os casamentos
todos são porque hão-de ser,
e com quem desde o nacer
5 e a que horas e momentos
assi há-de acontecer.
E assi as religiosas
naceram pera ser freiras,
e vós pera regateiras,
10 outras pera ser viçosas,
e outras pera canseiras.
Mar. E vós mano frei trogalho,
em que perneta nacestes,
que má ora cá viestes!
15 Dizei, padre frei chocalho,
tudo vós isto aprendestes?
Cebolinho e espinafre,
já vo-la barba nace.
Ora ouvide-lhe o sermão,
20 e tangede-lhe o atabaque,
não caia, ponde-lhe a mão.

10, outras para felizes. Cfr.: «hũa dama discreta, que nasceo para mimosa». Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, acto IV, fl. 122.

12, e seguintes. Marta troça de Frei Paço.

13. Qual é a tua sina? — «Los antiguos astrologos dizen... qu'el ome quando nasçe, lucgo en su naçencia — el signo en que nasce le juzgan por sentençia». Hita, *Buen Amor*, estrofe 123. — «E por no perder el tino, — no me meto en los *planetas*, — en planetas, ni cometas, — ni quiero tratar de signo...» Encina, *Juicio sacado de lo mas cierto de toda la astrologia, Canc. de Encina*, p. 155.

20, *atabaque*, tambor afunilado com couro só dum lado.

O que as pernetas fazem,
é porque nós o causamos,
e se fortunas nos trazem,
é porque nós as buscamos,
5 que os erros de nós nacem.
Então quer frei bolorento
falar comigo aravia?
Bra. Vamos nossa romaria,
qu'é grã perda perder tempo,
10 e mais vai-se a companhia.
Ou crê-me, Marta do Rego,
este casamento é feito,
já a burrinha jaz no pego,
enterrado é Jam Galego,
15 não temos nenhum direito.
Porventura, foi por bem.
Rogo-te ora como amiga,
que não tomemos fadiga,
nem nos ouça mais ninguém.
20 Cantemos uma cantiga,
ensaemo-nos per hi,
pera irmos lá bailar,
tu dali e eu daqui,
ou tu daqui e eu dali,
25 mas tu hás-de começar.

---

3. *fortunas,* riscos.
7. *aravia,* uma linguagem que não compreendo
13. Já não há remédio.
14. *Jam,* forma popular de João.
18. que não nos incomodemos.

Cantam ambas e bailam ao som desta cantiga:

«Mor Gonçalves,
«tão mal que m'encarcelastes
«nos Paços d'El-Rei,
«e na câmara da Rainha,
5 «du bailava ElRei,
«e com Dona Caterina.
«Mor Gonçalves,
«e tão mal que m'encarcelastes.»

Mar. Enbaixadas do Mondego,
10 ou que momos são ora estes
que cá vem com frei Galego?
Bra. Eu t'o direi muito prestes;
o frade é Frei Narciso,
e vem cá muito queixoso,
15 porque o não fizeram bispo;
o outro é Cerro Ventoso,
grã cabecinha de pisco.
Ambos vão muito agravados;
dêmos-lhe, mana, lugar,
20 queixar-se-ão de seus agravos,
sem lhes nada aproveitar
queixumes mal consirados.

1-8. «Cantiga popular, quanto à forma, mas, relativa a uma paçã». *Not. Vic.*, IV, p. 290.

9-11. As Peixeiras, vendo que Frei Narciso e Cerro Ventoso se aproximam, comentam...

16, «quem sabe? Seria alcunha dalgum dos validos?» Braamcamp, *G. V.*, p. 43. *(Cerro Ventoso* — é também o nome duma povoação).

19, *mana*, amiga.

Vem Cerro Ventoso e Fr. Narciso

Cer. Onde is, Padre?
Fr. N. Vou cá
também nesta romaria.
Cer. Também à Santa Maria?
5 Eu assi vou pera lá;
vamo-nos em companhia.
Fr. N. Vamos, nome de Trindade.
Cer. Sempre aos religiosos
tenho mui boa vontade.
10 *Fr. N.* Quem visse essa humanidade
aos Príncipes poderosos.
Cer. Padre, eu sou dos agravados,
porque não tenho de renda
senão quatro mil cruzados;
15 fez-me El-Rei dos mais privados,
mas não dá com que m'estenda.
Fr. N. E eu prego a generosos
Príncipes singularmente,
e vivo mui austinente,
20 marteirando a carne e ossos,
como cá meu corpo sente;
estudando, maginando,

10, *humanidade*, bondade.

14, no séc. XVI era uma soma avultadíssima.

15-16, sou dos mais favoritos do rei, mas o dinheiro não me chega.

17, *generosos*, nobres de estirpe. Cfr.: «de prosapia *generosa*...» Marquês de Santillana, *Canciones y Decires*, p. 157.

19-20. E vivo muito abstinente, martirizando a carne e ossos...

trabalhando por privar,
sem vontade jejuando,
senão sòmente esperando
se posso mais arribar.
5 E por parecer miselo,
e toda a Corte em mi creia,
defumo-me co'este zelo,
e faço o rosto amarelo
com muita palha centeia.
10 E tudo isto padeci
por haver algun bispado,
quase assi arrezoado.
E porque tardava, o pedi,
e saí Bispo escusado.

15 *Cer.* Assi que pescastes níchel:
mui mal olhado foi isso.

1, aspirando a ser favorito do rei. Todos se queriam nobilitar: «Cedo não há-de haver vilãos: — todos d'el-rei, todos d'el-rei!» G. V., *Farsa dos Almocreves.*

2, forçado a passar fome.

4, se posso melhorar ainda de situação; se posso subir a grandes cargos. Cfr.: «los christianos se van a rienda suelta tras las riquezas, a tuerto e a derecho ganadas...» Erasmo, *Colóquio* VI, p. 193. — «unos lo quieren ser todo, y al cabo son menos que nada...» Baltasar Gracián, *El Criticón,* I, 6.

5-9. E manhosamente para parecer que estou na pobreza extrema...

11, cfr.: «E se o que quer *bispar* — ha mister hypocresia, — e com ela quer caçar...» *Auto da Feira,* vol. I, p. 211.

14, e não me despacharam bispo.

15. Dessa maneira não conseguistes nada. — *nichel,* nada, foi vocábulo empregado por Ant. Prestes, *Mouro Encantado,* fl. 129.

Fr. N. Já fizessem-me ora bispo
siquer do ilhéu de Peniche,
pois sou frade pera isso:
que sem saber ler nem rezar
5 vi eu já bispos que pasmo,
e não sei conjecturar
como se pode assentar
mítara em cabeça d'asno.
Cer. Que tendes vós, Padre meu,
10 de renda?
Fr. N. Tenho lazeiras,
oitenta mil tenho eu.
Cer. Dixe; e quem isso tem de seu
não pedirá polas eiras.

---

1. Pelo menos fizessem-me bispo...

4-5. Fr. Narciso critica alguns membros do alto clero. — «Eres abad beneditino y no entiendes la Sagrada Escriptura?» Erasmo, *Colóquio,* VIII, p. 210 — «O bispo do Porto D. João Gomes, *erat bonus homo, et sine aliqua malitia, sed jura aliqua non audiverat, immo nec grammaticalia* (estudos menores), *quod est plus*». D. Pedro Afonso, bispo do Porto. — Nota de Alex. Herc. às *Lendas e Narrativas,* II, p. 72. — «sendo a ignorância mãe de todos os erros, devem os sacerdotes, cujo ofício é ensinar os povos, ser muito cuidadosos de a evitar». *Concílio de Toledo,* (4.º em 633) Cânon XXV. Por este motivo, a rainha D. Leonor ordenava no *Compromisso* do Hospital das Caldas (1512): «Que (o vigayro) será homẽ onesto e de bôa vida e boô eclesiastiquo e letrado se se poder aver».

6, *conjecturar,* compreender.

8, cfr.: «Mejor dixeras que la *mitra* al *asno...*» Erasmo, *Colóquio,* VIII, p. 212:

11, *lazeiras* misérias.

14. Nas Misericórdias aconselhavam a que se *pedisse pelas eiras.* Veja-se a *Revista de Guimarães* de 1934, vol. XIV, n.º I: «lhe pedimos por ser serviço de Nosso

Fr. N. Dizei-me Cerro Ventoso,
não hei-de ter uma mula?
Cer. Se for bem estudioso,
porque quer um religioso
5 andar sempre xula xula?

Fr. N. Por isso peço eu bispado,
que possa ter dez rascões,
e um escravo ocupado,
que sempre tenha cuidado
10 dos cavalos e falcões.
Cer. Esse estado tão bispal
a dita vos pode dá-lo;
mas São Jerónimo é tal,
que, inda que era cardeal,
15 nunca se pinta a cavalo.
Mas vós, Padre, sois do Paço,
e São Jerónimo do ermo,
e não dobrais vosso braço
açoutando o espinhaço,
20 nem trazeis o peito enfermo.

Senhor queira pessoalmente *pedir pelas eiras* com o momposteiro (arrecadador de esmolas) dessa freguesia...» *Carta da Misericórdia de Guimarães aos párocos de Monte-Longo e Moreira de Rei (1608)*, publicada por A. L. de Carvalho.

5, abandonar a tranquilidade?

10, por este verso, verifica-se que Fr. Narciso apreciava a caça de altanaria.

11. Cfr.: «Vuestro puñalico al lado — el roquete tan vistoso — el gorsalico labrado... — por ventura andaba así — Sant Pedro?» Carvajal, *Las Cortes de la Muerte.*

16-17. Note-se a ironia destes versos: é preciso distinguir...

18-19. não vos disciplinais.

Fr. N. E vós de que vos queixais?
Cer. Eu do Paço me agravo,
que o servi como escravo.
Fr. N. Siquer vós que assi medrais,
5 não devíeis d'ir tão bravo.
Porque entrastes nesse jogo
mais probe do qu'eu estou,
e a dita vos terçou;
mas não quero dizer logo
10 que a soberba vos cegou.
Cer. Corpo de mi co'a contenda,
nem com quanto vós falais!
A dous contos de reais
não me chegárao de renda.
15 *Fr. N.* Não sei em que vos fundais:
dous contos! porque? per onde?
Cer. Digo-vos sem mais arengas,
como quem vos nada esconde,
que eu me fundo em ser Conde,
20 siquer Conde das Berlengas.

3, era frase corrente na Península Hispânica na acepção de servi bem e com sujeição.

4. Vós que estais numa situação tão próspera (com a renda avultadíssima de 4.000 cruzados) não vos devíeis queixar.

8, e a sorte vos favoreceu.

11. *Corpo de mi!* exclamação que denota o enfado de Cerro Ventoso às considerações de Fr. Narciso.

17. Afirmo-vos francamente. Cfr.: «Um português que o português lhe fale». Garrett, *Camões*.

19, que eu pretendo ser... Todos se queriam nobilitar»: «Cedo não há-de haver vilãos: — todos d'el-rei, todos d'el-rei». G. V., *Almocreves*, vv. 299-300.

20, para fazer rir alude-se às Berlengas, cuja importância era nula.

Fr. N. Tão largamente cortais,
que entender-vos não posso;
sei que tendes bem de vosso,
e pois vos não contentais,
5 vem-vos de Cerro Ventoso.
Aparicianes vem
com sua filha Giralda,
lavrador que fala bem:
não nos estorve ninguém
10 nem percamos dele nada.

Vem Aparicianes com sua filha, e diz:

Apa. Eu soía a ser que cantava
co'os bois e sem bois ainda,
também quando caminhava,
sempre à ida e à vinda,
15 nunca de cantar cessava.
Jamais canseira sentia
nem per calma nem per lama,
e ainda cantaria,
mas pobreza e alegria
20 nunca dormem numa cama.
Grande bem, se não m'enlheio,
é lembrar o mal passado
depois de ser acabado;
porém eu que estou no meio,
vivo mais desesperado.

---

1. Sois tão ambicioso...
5. porventura a insaciabilidade provém do nome, que tendes.
6. Aparic'Eanes.
11. Eu era alegre.
17. durante o ano (no Verão e no Inverno).

Vou nesta triste romagem
um dos mais atribulados;
e pera justa romagem
minha era a pilotagem,
5 per maior dos agravados.
Fr. P. Corpo de mi c'o vilão,
como fala cerceado!
Onde vás?
Per esse chão.
10 *Fr. P.* Queres bailar?
Apa. Bofá não.
Fr. P. Porquê?
Apa. Vou agravado.
Fr. P. Agravo pode hi haver,
15 que agravo seja em ti?
Apa. Perdoai, rei Alfaqui,
que vós não sabeis comer,
pois falais isso assi.
Porque eu tenho dous casais
20 dos frades d'apanha porros,
e co'os fortes temporais,

1-5. Vou neste préstito dos queixosos... e devia-o dirigir, por ser o mais miserável.

7. como fala delicadamente!

11. Na verdade não.

16. Desculpai, sabichão.

19-20. Porque eu sou rendeiro duns casais duns frades...

21. cfr.: «En el mes de enero con *fuerte temporal...*» Hita, *Buen Amor*, estrofe 1348.

são as novidades tais,
que não chegam pera os foros.
  E os padres verdadeiros
cartuxos de santa vida,
5 apanham-me os travesseiros
com mais ira que os rendeiros,
sem me rezão ser ouvida.
Cuidei qu'eles me esperaram,
por não ficar em camisa,
10 e o com que me consolaram,
foi dizer que não tomaram
espera por sua divisa.
  Não lhes rogo mal, nem nada,
porque são santas pessoas;
15 mas praza à paixão sagrada
que lhes dêem tanta seixada,
que lhe quebrem as coroas.
Quero ora perder rancor,
e não ir com isto ao cabo;
20 perdoo-lhes pelo amor
de Deus nosso Salvador,
encomendo-os ó Diabo.
  Como vos chamais?

Fr. P. Frei Paço.

1, são os frutos novos da colheita tão minguados...
4, note-se a ironia.
5, levam-me couro e cabelo.
7, não atendem as minhas súplicas. E cuidava que eles esperariam...
8-12. «Com este trocadilho não se sentia o Lavrador muito aliviado». Braamcamp, *G. V.*, «Rev. de Hist.», n.º 25, p. 44.
14, note-se a ironia.
22, o diabo que os carregue. Cfr.: *«al diabo tencomiendo»*. Torres Naharro, *Comédia Ymenea*, p. 127.

Apa. Frei Paço? Santa Guiomar!
Frei Paço, tendes espaço
para poder xaminar
esta cachopa um pedaço?
5 É da serra da Lousã,
moça de muito boa fama;
trago-a cá pera ser Dama,
quero que seja paçã.

Fr. P. Amigo, a Dama presada
10 há-de ser rica e fermosa,
muito sentida, assossegada,
cortês, mansa, graciosa.
Apa. Tudo isso Giralda tem.
Fr. P. Ponhamos-lhe ora um trançado,
15 vejamos como lhe vem.
Apa. Dai, dai ó demo o toucado,
que não é pera ninguém.

Fr. P. Tu, vilão, queres dizer
que isto não é pera a sega,
e pera o Paço há mister.

---

1. O Lavrador fica admirado do Frade se chamar *Paço*. *Santa Guiomar!* é uma exclamação admirativa.
3, para poder examinar...
8, *paçã*, palaciana. — «a raynha como molher que era muyto *paçaã*...» *Crónica do Condestabre de Portugal*, p. 5.
14-15. Ponhamos-lhe uma trança postiça, vejamos se lhe fica bem. — «tẽ *trançados nas cabeças,...*» Ant. Prestes, *Mouro Encantado*, fl. 132 verso.
19-20, que o trançado não é próprio para a ceifa, mas é preciso para quem frequenta a corte.

Apa. Isso é rabo de pega,
e não é pera mulher.
Nisso está ora Apariço.
Fr. P. Pois não lh'estava ele mal.
5 *Apa.* Viu nunca o demo pardal
ter o rabo no toutiço!

Fr. P. Não lhe vejo bons caminhos.
Apa. Porquê?
Fr. P. Não tem pera isso ar.
10 *Apa.* Pisou uvas no lagar,
e tem nódoas nos focinhos,
mas ela se irá lavar.
E er também per razão
qu'ela assi é pertelhoa,
15 lhe merquei eu em Lisboa
d'um que chamam solivão,
que faz luzir a pessoa.
E merquei-lhe d'um Judeu
d'uns torrões brancos qu'i há,
20 não sei que nome é o seu;
alvaiade creio eu
que o ele chamam cá.

---

3. Esta é a minha opinião.
9. *ar, apresentação* agradável.
13-22, e além disso como é muito escura, comprei-lhe em Lisboa um preparado para a cara. Cfr.: «Aqui llevo um poco de alvayalde é *solimán...*» *La Celestina,* acto III. — «... adobando novias y vendiendo solimán labrado y águas por la cara». Francisco Delicado, *Loçana Andaluza,* I, p. 60.
Cfr.: «hacen hollin y *albayalde* para embarnizar las mejillas» (as maçãs do rosto). Fray Luis de León, *Perfecta Casada,* 12.

E merquei-lhe das tendeiras
robiquelhe Genovês:
d'um que põe polas trincheiras
lhe merquei eu dez salseiras,
5 que lh'avondarão um mês.

Fr. P. Ora faça uma mesura,
vejamos que ar lhe dá.
Gir. Pera cá, ou pera lá?
Fr. P. Olhai-me aquela doçura
10 pera a doçura de cá!
Senhora dama das cabras,
haveis de fazer assi: —
atentastes pera mi?
E dai assi as passadas: —
15 entendeis este latim?

E olhareis deste jeito,
assi com um recado oufano;
vosso corpo mui direito,
pouco riso, e mui bem feito,
20 torrado d'honesto engano.
De quando em quando o falar
cousa é que muito contenta;
não amar, nem o leixar;

1-5. Comprei-lhe dez boiões de carmin, que lhe chegarão para um mês. — «De Génova vinham cosméticos a Lisboa. Da *Schminke*, chamada robiquelhe genovês, saíram os arrebiques portugueses». *Not. Vic.*, IV, p. 278. — «hacéis las mujeres, raras, — pues de cuatro *salserillas* — sabéis sacar veinte caras». Tirso de Molina, *Villana de Vallecas*, III, 2.

6. Frei Paço ensina a Giralda as boas maneiras.

e por vos mostrar isenta,
guardai-vos de suspirar.

Gir. Tudo isso que dizeis
farei eu senão de flores.
5 *Fr. P.* Quereis vós falar d'amores,
por ver que respondereis
aos vossos servidores? —
Senhora, há já mil anos.
que vos quisera falar,
10 e por vos não anojar,
padeço já tantos danos,
que os não posso calar.

Gir. Que má hora cá viestes;
como eu folgo co'isso tal!
15 *Fr. P.* Se vós folgais c'o meu mal,
o meu mal vós o fizestes.
Ó meu bem angelical,
que em pago do bem que vos quero,
se não vós, quem me feriu
20 com o vosso lindo cutelo?
Gir. Disso estais vós amarelo
do sangue que vos saiu.

1-2, e para mostrar que não estás apaixonada, evitai suspirar.

4, farei eu com galantaria.

5. «O diálogo, engraçado e chistoso, dá-nos a amostra das conversações alambicadas dos galãs da Corte». Braamcamp, *G. Vic.*, p. 45.

10, *anojar*, desgostar.

21-22 Giralda graceja.

Fr. P. Ó senhora que matais
a todos quantos feris,
e a ninguém perdoais!
Gir. Quão docemente mentis
5 todos quantos bem falais!
Fr. P. Senhora, quem amansasse
vossas iras de matar!
Gir. Quantos mortos que eu matasse,
ajudastes a enterrar?

10 *Fr. P.* Ao menos eu agora
sem remédio de conforto,
já minha alma é de mi fora:
pois *memento mei,* Senhora,
lembre-vos que ando morto;
15 morto me tendes aqui,
e morto desesperado.
Gir. Quanto s'isso fosse assi
espantar-me-ia eu de mi,
não pasmar d'homem finado.
20 Como! fantasma sois vós?
Fr. P. Ó como estais graciosa!
Gir. Digo que sou tão medrosa
dos mortos (livre-nos Deus!)
que não creio a morte vossa.
25 Se morto, como falais?
Se defunto, como ouvis?
Sem alma, como sentis?
Sem sentidos, que pedis?
Finado, vós que buscais?

1, *matais de amor,* torturais.
2, a quantos impressionais o coração!
13. lembrai-vos de mim, Senhora.

Fr. P. Sou morto, e vivo em tormento;
sou finado, e ando em pena.
Gir. Porém vosso testamento?
Quando embora se ordena
5 e se cumpre o testamento?
Apa. Frei Paço, já bem está;
escusada é mais linguagem.
quero ir minha romagem,
qu'isto mui bem se fará,
10 porque a moça é d'avantagem.

Fr. P. Umas freiras que cá vêm,
são naturais da Sicília;
Dorosia e Domicília
são os seus nomes que têm.
15 E de mal aconselhadas,
e tocadas da ignorância,
vão queixosas e agravadas,
porque as fazem encerradas,
e viver em observância.

Vem Domicília e Dorosia, freiras, e diz:

20 *Dom.* Certamente infindos são,
cousa pera não se crer,
os queixosos que cá vão,
s'eles todos têm rezão;
mas isto não pode ser.

---

2. Cfr.: «Soy ánima que *anda en pena...*» *Silva de vários romances de 1550.*
6 Aparicianes interrompe o diálogo.
10, porque a moça é superior.
19, *e viver* cumprindo pontualmente o Estatuto ou Regra da ordem religiosa, a que pertencem.

Dor. Porque há hi tantos agravados,
mais agora que soía?
Dom. Porque nos tempos passados
todos eram compassados,
5 e ninguém se desmedia.
Mas a presunção isenta,
que creceu em demasia,
criou tanta fantesia,
que ninguém não se contenta
10 da maneira que soía.
Tudo vai fora de termos,
deu o ar na recovagem.
Dor. Será bem não nos determos;
andemos quanto pudermos,
15 cumpramos nossa romagem.
Roguemos a Frei Narciso
que vá em nossa companhia;
fá-lo-á com boa vontade.
Dom. Irmã, bom seria isso,
20 e eu bem o outorgaria;

1-2. Porque há agora mais queixosos do que antigamente?

5. não eram tão ambiciosos.

6. Cfr.: «*a presunção* sobeja, he muyto certa onde ha menos merecimentos». Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, acto II, folha 49.

8. Cfr.: «mas oy dia — reyna *tanta fantasia* — por los hombres, segun veo, — que ay hombre, que no cabria — ni aun en todo el Coliseo». Torres Naharro, *Propalladia* (1517), p. 120.

10. como antigamente.

12. Cfr.: «foi ar que deu polas gente». G. V., *Obras*, I, p. 234, verso 16.

20. e eu também concordaria.

		mas abasta-lhe ser frade,
		e bem Narciso aosadas.
	Dor.	Pois com quem iremos nós?
	Dom.	É melhor que vamos sós,
5		que não mal acompanhadas.
	Dor.	Porquê?
	Dom.	Isso vede vós.
	Dor.	*Deo gratias,* Padre Narciso.
	Fr. N.	Pera sempre aleluia.
10	*Dor.*	Pois is nesta romaria,
		assi Deus vos dê o paraíso
		que vamos em companhia.
	Fr. N.	Iria mui ledo em cabo,
		melhor que pera o mosteiro;
15		mas o amor é tão ligeiro,
		que o dai vós ó diabo,
		e temo seu cativeiro.
	Dor.	Iremos, Padre, rezando
		sempre de noite e de dia.
20	*Fr. N.*	Já disse que folgaria.
		mas temo d'ir suspirando
		mais vezes do que eu queria.
	Dor.	Pois como havemos d'ir sós
		daqui a quarenta jornadas?
25	*Fr. N.*	De que ides vós agravadas?
	Dor.	De quê? coitadas de nós
		que rezão temos aosadas.

1-2, mas é preciso atentar em que é frade, e, além disso, que se chama Narciso — «o belo moço da mitologia grega».

4-5. É uma expressão proverbial.

17. o receio apaixonar-me.

Fr. N. Tamanha é a importância,
que assi vos desterrais?
Dom. Padre, éramos claustrais,
e fazem-nos d'observância
5 e pera sempre jamais.
Fr. N. E disso vos agravais?
Dor. Disto nos queixamos nós.
Fr. N. Pois que haveis medo d'ir sós,
pera que vos arredais
10 da companhia de Deus?
Cuidais que is bem aviadas?
Pois eu, senhoras, me fundo
que quanto mais encerradas,
tanto estais mais abrigadas
15 das tempestades do mundo.
Ca sempre os sábios disseram,
pois do falar vêm os p'rigos.
conversação afastá-la.
Dom. Dizei, que mal nos fizeram
20 os parentes e amigos
para lhes tolher a fala?
E se formos visitadas
de mãe, ou tias, ou dona,
porque males ou erradas
25 lhes falaremos tapadas,
coma bestas d'atafona?
Fr. N. Estas pastoras ouçamos,
saberemos seus agravos.

---

15. Cfr.: «Fugir das *tempestades* em que anda todo o *Mundo* levantado». Ferreira, *Poemas Lusitanos,* II. p. 51.
18. Veja G. V., *Obras,* III, p. 113, vv. 7-9.

Vem Juliana e Ilária, pastoras, e diz

Jul. Ilária, mui pouco andamos,
pera segundo levamos
os corações agravados.

Ila. O meu Silvestre anda morto,
5 porque me querem casar
c'o filho de Pêro torto.
Jul. E o meu Brás quer-se enforcar
porque me casam no Porto.
Ila. Silvestre há-de fazer
10 um desatino de si.
Jul. E Brás há-d'endoudecer,
pois Deus não há-de querer
que eu nada faça de mi.

Ila. Juliana, que faremos?
15 *Jul.* Bofé, Ilária, não sei.
Ila. Sabes, mana, que eu farei?
Jul. Dize, rogo-te, e veremos.
Ila. Escuta qu'eu t'o direi.
Direi que andando a de parte
20 c'o meu gado em Alqueidão,
me apareceu uma visão,
que me disse: moça, guar'-te
de chegares a varão.
E assi m'escusarei
25 deste negro casamento;
e depois, andando o tempo,

4, *anda morto*, sofre.

13, que não me esforce para evitar o casamento no Porto.

19, direi que andando num lugar ermo...

outra visão acharei,
que case a contentamento.
Jul. Eu direi que um escolar
me tirou o nacimento,
5 e disse: o teu casamento,
se no Porto hás-de casar,
amara vida te sento:
ca serás demoninhada
esses dias que viveres.
10 *Ila.* Que com essa emborilhada
ficarás desabafada,
casarás com quem quiseres.
A fortuna todavia
nos tem que farte agravadas;
15 andemos nossas jornadas,
cheguemos à romaria,
e seremos descansadas.

Jul. Rogo-vos, Jão da Morteira,
que nos vades acompanhar.
20 *Vil.* Cachopas hei-de levar?
Per essa mesma maneira
me darão muita madeira
nas costas a meu pesar.

3, *escolar*, feiticeiro, adivinho. — «Há me dicho un *escolar* — que sabe de encantaciones...» Sá de Miranda, *Poesias*, p. 691.
4, me leu a sina.
7, hás-de ser infeliz.
8, *ca, porque*.
10. que com esse estratagema estarás livre.
13, a má sorte porém...
22, levarei pancada.

Jul. Porquê?
Vil. Porque há hi
rascões e outros de Paço,
e as cachopas dão-lhe d'azo,
5 e entances buscai per hi
e tomai raposa em laço.

Jul. Nós somos d'outro lameiro,
e de casta mais sisuda.
Vil. Tudo isso pouco ajuda,
10 que uma cachopa se muda
como o tempo em Fevereiro.
Pardez que não há que fiar;
Que os caranguejos na eira
e as moças na carreira,
15 quem as houver de guardar,
bofás tem assaz canseira.
Crede que fazem por elas
todolos escudeirotes,

3, escudeiros do paço.

4, e as raparigas dão-lhes atenção.

5-6, é difícil ter mão nelas. — «*Raposa* vieja *no se toma en lazo*». Correas, *Refranes*, p. 432.

7. Nós não somos dessas...

12. Palavra de honra, não acredito. (*Pardez*, por Deus).

13. Cfr.: «somos *eira de cangrejos*...» G. V., *Obras*, III, p. 14.

15-16. — «Trabajo tenías, madre, con tantas *moças*, que es ganado muy trabajoso de guardar». *La Celestina*, acto 9 — «Doncellas mal ganado es de guardar...» Correas, *Refranes*, p. 287.

17-18, interessam-se por elas... Veja G. V., *Obras*, I. p. 40, vv. 13-16.

e ainda os sacerdotes
poucas vezes fogem delas.
Deixemos ora estes motes:
pois que vos querem casar,
5 pera onde is aviadas?
Jul. Porque somos agravadas
nos imos desagravar,
bem tristes e bem cansadas.

Eu não sei porque respeito
10 nossas mães e nossos pais
nos trazem maridos tais,
tanto contra nosso jeito,
que os diabos não são mais.
As cabeças como outeiros,
15 os cabelos carcomidos,
louros coma sovereiros,
penteados d'ano em ano,
maus chiotes de má pano:
folgai lá com tais maridos!

20 *Ila.* E o meu é por seus pecados
vesgo o mais que nunca vi,
tem os olhos enfrestados,
se lhe falares ou assi,
não saberás se olha a ti,
25 se olha pera os telhados.
Vil. Vós outras sois uma relé

16, no português arcaico a forma *coma* era paralela de *como*.

18, mal vestidos. — *chiotes,* vestiduras pastoris de burel com capelo.

20. E o meu é por desgraça...

bofá de forte alimento:
ora olhai vós que cousa é,
que vós remais coma galé,
e andais melhor c'o vento.
5 Casai earamá com siso,
e dai ó demo a afeição,
que se seca logo isso;
e quem casa com aviso
acha em casa a descrição.
10 *Jul.* Como casam?
Vil. Muito asinha.
Jul. De que modo?
Vil. Digo eu:
Juliana, eu sou teu,
15 ora dize tu que és minha,
e mais quanto Deus te deu.

Jul. Não é mais? e isso avonda?
Vil. Não é mais, nem mais se deve;
porém a cantiga é breve,
20 mas a grosa muito longa.
Fr. P. Agravos que não têm cura
procurai de os esquecer;
qu'impossível é vencer
batalha contra ventura
25 quem ventura não tiver.
Não deve lembrar agora
agravos nem fantesias,
senão muitas alegrias.

---

1. Na realidade, sois exigentes.
7. passa depressa.
17. ...e isso basta?
27. Queixas irremediáveis...

À Rainha, nossa senhora,
que viva infinitos dias,
cantemos uma cantiga,
ao mesmo Infante bento,
5 e ao seu bento nacimento,
porque a Rainha não diga
que somos homens de vento.

Ordenaram-se todas as figuras como em dança, e a vozes bailaram e cantaram a cantiga seguinte:

«Por Maio era por Maio
«ochó dias por andar,
10 «el Ifante Don Felipe
«nació en Évora ciudad.
«*Huha! huha!*
«Viva el Ifante, el Rey y la Reina
«como las aguas del mar.

15 «El Ifante Don Felipe
«nació en Évora ciudad,

---

1. D. Catarina.
4. D. Filipe, a quem se refere a Explicativa.
8. Segue-se o *Romance* ao nascimento do Infante D. Filipe com que termina esta *Tragicomédia*.

É um *Romance «irregular»* por ter intercalado um refrão extenso que o divide em estrofes, com rimas em *— ar. Not. Vic.*, p. 331. Acerca do *Romance*, veja Durán, *Romancero General*, vol. II, n.º 1454: «Por el mes era de mayo...»

G. V. recorda-se deste velho cantar em *Quem tem farelos?* na *Farsa dos Fisicos* e no *Auto da Lusitania*.

Como o princípio «Por Maio, era por Maio...» aparece em vários, Du Méril designou o 1.º verso como uma *convenção poética*.

«no nació en noche escura,
«ni tan poco por lunar.

«Huha! huha!
«Viva el Ifante, el Rey y la Reina
5 «como las ondas del mar.
«No nació en noche escura
«ni tanpoco per lunar,
«nació cuando el sol decrina
«sus rayos sobre la mar.
10 «Huha! huha!
«Viva el Ifante, el Rey y la Reina
«como las aguas del mar.
«Nació cuando el sol decrina
«sus rayos sobre la mar,
15 «en un dia de domingo,
«domingo pera notar.
«Huha! huha!
«Viva el Ifante, el Rey y la Reina
«como las ondas del mar.
20 «En un dia de domingo,
«domingo pera notar,
«cuando las aves cantaban
«cada una su cantar.
«Huha! huha!
25 «Viva el Ifante, el Rey y la Reina
«como la tierra y la mar.
«Cuando las aves cantaban
«cada una su cantar,
«cuando las árboles verdes
30 «sus frutos quieren pintar.
«Huha! huha!
«Viva el Ifante, el Rey y la Reina
«como las aguas del mar.

«Cuando los árboles verdes
«sus frutos quieren pintar
«alumbró Dios á la Reina
«con su fruto natural.
5 Huha! huha!
«Viva el Ifante, el Rey y la Reina
«como las aguas del mar.»

E com esta música e dança se saíram, e fenece esta última Tragicomédia do livro terceiro.

FINIS

---

3. Deus concedeu feliz parto à Rainha.

COMEÇAM
AS
OBRAS DO QUARTO LIVRO
EM QUE SE CONTÊM
AS FARSAS

Este nome da Farsa seguinte — Quem tem farelos? — pôs-lhe o vulgo. É o seu argumento, que um escudeiro mancebo per nome Aires Rosado tangia viola, e a esta causa, ainda que sua moradia era muito fraca, continuamente era namorado. Trata-se aqui de uns amores seus. Foi representada na mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa ao muito excelente e nobre Rei D. Manuel primeiro deste nome, nos Paços da Ribeira, era do Senhor de 1505

---

4. *moradia,* pensão da casa real aos oficiais do seu serviço.

FARSA DE «QUEM TEM FARELOS?»

FIGURAS: Aires Rosado, Escudeiro; Apariço, Ordonho, Criados; Velha, Mãe de Isabel.

Vem Apariço e Ordonho, moços de esporas, a buscar farelos, e diz logo

Apa. Quem tem farelos?
Ord. Quien tiene farelos?
Apa. Ordonho, Ordonho, espera mi.
Ó fideputa ruim!
5 Sapatos tens amarelos,
já não falas a ninguém.

QUEM TEM FARELOS? — esta farsa, que é um quadro de costumes nacionais, talvez tivesse tido o título de *Farsa dos Escudeiros* ou do *Escudeiro pobre*, mas o público denominou-a — *Quem tem farelos?* por principiar com esse pregão. Braamcamp supunha que esta peça só podia ter sido composta nos fins de 1508, princípios de 1509 pela referência e *rebate* verso 108), que para o mesmo preclaro investigador representava a perda de Arzila (Outubro de 1508). *Gil Vic.*, pp. 291-93.

MOÇOS DE ESPORAS — designação corrente na Península Hispânica para os rapazes que começavam a servir num ofício da casa ou cavalariça, na esperança de melhor situação.

4, e seguintes, expressão, aqui de gracejo, comum na Península: «Lá por ter *sapatos amarelos* não deixe de falar à gente». Cfr.: «Ansi, deles v. m. a los hi de *rruynes*». *Auto de los desposorios de Moysen na* «Colección» de Rouanet, t. II, p. 324.

6, estás cheio de presunção!

Ord. Como te va, compañero?
Apa. S'eu moro c'um escudeiro,
como me pode a mi ir bem?

Ord. Quien es tu amo? di, hermano?
5 *Apa.* É o demo que me tome:
morremos ambos de fome
e de lazeira todo o ano.
Ord. Con quien vive?

Apa. Que sei eu?

10 Vive assi per hi pelado,
como podengo escaldado.
Ord. De qué sirve?

Apa. De sandeu.

Pentear e jejuar,
15 todo dia sem comer,
cantar e sempre tanger,
suspirar e bocejar:
sempre anda falando só,
faz umas trovas tão frias,
20 tão sem graça, tão vazias,
que é cousa pera haver dó.

2, *escudeiro* — fidalgo que levava o escudo ao cavaleiro, enquanto este não combatia.

4, *hermano* — tratamento muito usado em Espanha. *Mana* empregava-se na acepção de amiga.

10. Anda por aí miseràvelmente.

12-13. Em que se ocupa? — Em ser idiota.

E presume d'embicado;
que com isto raivo eu.
Três anos há que sou seu,
e nunca lhe vi cruzado:
5 mas segundo nós gastamos,
um tostão nos dura um mês.
Ord. Cuerpo de San! qué comeis?
Apa. Nem de pão não nos fartamos.

Ord. Y el caballo?
10 *Apa.* Está na pele,
que lhe fura já a ossada:
não comemos quase nada
eu e o cavalo, nem ele.
E se o visses brasonar,
15 e fingir mais d'esforçado;
e todo o dia aturado
se lhe vai em se gabar
Estoutro dia, ali num beco,
deram-lhe tantas pancadas,
20 tantas, tantas, que aosadas!...
Ord. Y con qué?
Apa. Cum arrocho seco.

---

1. E julga-se esperto.
2. e isto é o que me desespera!
3. Há três anos que estou ao seu serviço.
7. Juro pelo *corpo de San!...* — expressão corrente na Península; aqui denota admiração.
8. A dupla negação era corrente ainda no século XVI.
14. Se o ouvisses gabar-se! — «*blasona* de linages...» Baltasar Gracián, *El Criticón*, I, VI.
20. este verso patenteia admiração.

Ord. Hi hi hi hi hi hi hi.
Apa. Folguei tanto!
Ord. Y él callar?
Apa. E ele calar e levar,
5 assi assi, ma ora, assi!
Vem alta noite de andar,
de dia sempre encerrado:
porque anda mal roupado,
não ousa de se mostrar.
10 Vem tão ledo — *sus, cear!*
Como se tivesse quê;
e eu não tenho que lhe dar,
nem ele tem que lh'eu dê.
Toma um pedaço de pão,
15 e um rábam engelhado,
e chanta nele bocado,
coma cão.
Não sei como se mantém,
que não está debilitado.
20 *Ord.* Bástale ser namorado,
en demás se le va bien!

---

1. Ordonho solta uma gargalhada.

6. Regressa de passear, quando a noite já vai avançada.

8, porque anda mal vestido.

10. Cfr.: «Quién encontrara á aquel mi señor, que no piense, segun el contento de si lleva, aver anoche bien *cenado?...*» Lazarillo de Tormes, *Tratado* III, p. 182.

16, e morde nele a valer. Cfr.: «Y llevandolo (el pedaço de pan) à la boca, *començó á dar en el tan fieros bocados,* como yo en lo otro (pedaço)». Lazarillo de Tormes, *Tratado,* III, p. 174 — passo apontado por Aubrey Bell, *Estudos Vicentinos,* p. 99. Tradução do Dr. Ant. Álvaro Dória.

21, Quanto ao resto, pouco se lhe dá!

Apa. Comendo ó demo a mulher!
Nem casada, nem solteira,
nenhuma negra tripeira
não no quer.
5 *Ord.* Será escudero peco,
ó desdichado?
Apa. Mas, a poder de pelado,
dá em seco!
Todas querem que lhe dem,
10 e não curam de cantar:
sabe que quem tem que dar
lhe vai bem.
Querem mais um bom presente
que tanger,
15 nem trovar nem escrever
discretamente.
Ord. Y pues porqué estás con él?
Apa. Diz qu m'há-de dar a el-Rei,

5-6. Será escudeiro parvo, ou algum desgraçado?
7. Veja verso 16.
8, não consegue nada.
9-10. As mulheres querem homens ricos; situações positivas, porque palavras e cantigas leva-as o vento. Veja idêntica referência aos homens no *Velho da Horta*, vv. 151-52.
11, fica ciente que quem é rico...
13, preferem...
14, que serenatas.
16, com sentimento.
18. Promete introduzir-me no Paço. Como todos se queriam enobrecer, a melhor maneira de dominar (neste caso reter o moço) era a esperança de medrar na *privança do rei:* «se meu amo *me der a el-Rey,* como me tem prometido...» Jorge Ferreira, *Aulegrafia,* acto 1.º, cena 4.ª, folha 13. Veja *Farsa dos Almocreves,* versos 145 e seguintes.

e tanto farei farei —
Ord. Déjalo, reñiega dél;
y tal amo has de tener?
Apa. Bofá, não sei qual me tome;
5 sou já tão farto de fome,
coma outros de comer.

Ord. Poca gente desta es franca.
Pues el mio es repeor;
sueñase muy gran señor,
10 y no tiene media blanca.
Júrote á Dios que es un cesto,
un badajo contrahecho,
galan mucho mal dispuesto,
sin descanso y sin provecho.

1, e tantas promessas...

2. Abandona-o. Cfr.: «Dende aquí *della reniego...*» Lucas Fernandez, *Farsas*, p. 86.

4. Palavra, não sei que hei-de fazer!

7. «Ordonho retrata o amo como fanfarrão e cobarde». — *franca*, generosa.

8. O meu é muito pior.

10, e não tem dinheiro. — *blanca* — moeda antiga feita duma liga de prata e de cobre. — «Todo lo que podia *sisar* e hurtar traya en *medias blancas...*» Lazarillc de Tormes, *Tratado*, I, p. 96.

11, *cesto* — ignorante e rude: — «Y, para más regaño, hay otros *cestos* — que dicen bien de lo que es malo, y tachan — lo bueno, y hacen en su ofensa gestos». Barahona de Soto, *Poesias Liricas*, p. 70. (Edição de Rodriguez Marín). — «y aun Floristan... con Seraphina habló — la qual lo trata de *cesto*». Torres Naharro, *Comédia Seraphina*, p. 28.

12, uma pessoa faladora e néscia. — *badajo* — vocábulo usado por Torres Naharro, *Ymenea*, p. 133; Rueda,

Habla en roncas, picas, dalles,
en guerras y desbaratos;
y se pelean ali dos gatos,
ahuirá montes y valles!
5 Nunca viste tal buharro.
Cuenta de los Anibales,
Cepiones, Roçasvalles,
y no matará un jarro.

Apuésto-te que un judio
10 con una beca lo mate.
Quando allende fué el rebate,
nunca él entró en navio.

Obras, I, pp. 232, 262; Correas, *Refranes*, pp. 583, 622; B. de Soto, *Poesias Liricas*, p. 702; Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, acto IV, cena 2.ª, folha 122; *Ulisipo*, V, c. 1.ª, folha 221, S. Horosco, *Cancionero*, p. 16; Quevedo, *Los Sueños*, p. 155; Tirso de Molina, *Desde Toledo a Madrid*, acto III.

1. Fala em partasanas, lanças, fouces...

4. fugirá...

5. Nunca viste um fanfarrão como este... (*buharro*, ave de rapina).

6. Cfr.: «ni de sus armas temamos — pues que no son *Anibales*...» Torres Naharro, *Yemenea*, p. 137.

7, fala na tremenda derrota de Roncesvales. Cfr.: «Dopo la dolorosa rotta, quando — Carlo Magno perdé la santa gesta, — non sonó sí terribilmente Orlando». Dante, *Inferno*, canto XXXI, vv. 16-18. Veja *Chanson de Roland*, versos 2790-94.

8, e não fará nada! — (*jarro*, gritador).

10, *beca*, capa.

11. Demais, quando além-mar — em Marrocos (Arzila, segundo Braamcamp) foi o combate. Cfr.: «Al no pensado *rebato* — se levantan y se aprestan...» Duran, *Romancero*, n.º 105: «Romance Reduan». Veja Prof. José Pedro Machado, *Arabismos, rebate (alarme)*, p. 315.

Y quando está en la posada,
quiere destruir la tierra.
Siempre sospira por guerra,
y todo su hecho es nada.
5 Y presume allá em palacio
de andar con damas el triste.
Quando se viste,
toma dos horas despacio!
Y quanto el cuytado lleva,
10 todo lo lleva alquilado,
y como se fuese comprado,
ansí se enleva.
Y tambien apaña palos
como qualquier pecador;
15 y sobre ser el peor,
burla de buenos y malos.
Apa. Pardeus, ruins amos temos!
Tem o teu mula ou cavalo?
Ord. Mula seca como un palo;
20 alquila-la, y dahi comemos.

6, *triste,* desgraçado. *Triste, pecador, negro, pobre, coitado* — eram epítetos correntes na Península Hispânica, quando se lastimava alguém.

8. Leva duas horas a vestir-se. Cfr.: «...y vísteseme muy a su placer *de espacio*...» Lazarillo de Tormes, *Tratado,* III.

10, *alquilado,* alugado.

11-12, e, apesar de tudo isto, vive satisfeito.

13, e também é espancado como qualquer desgraçado.

16, escarnece de todos.

17. Na verdade!...

20. Aluga-a e vivemos com o produto do aluguer...

Mas mi amo tiene un bien —
que, aunque le quieran hurtar,
no ha hi de que sisar,
ni el triste no lo tien!

5 *Apa.* É músico?

Ord. Muy de gana.
Quando hace alguna mueca,
canta como pata chueca,
otras veces como rana.

10 *Apa.* Meu amo tange viola:
uma voz tão requebrada...

Ord. Quiérome ir á la posada.

Apa. E os farelos?

Ord. Paja sola.

15 *Apa.* Mas vem comigo e verás
meu amo como é pelado,
tão doce, tão namorado,
tão doudo, que pasmarás.

Ord. Como ha nombre tu señor?

20 *Apa.* Chama-se Aires Rosado,
eu chamo-lhe asno pelado,
quando me faz mais lavor.

---

3. não há maneira de se lhe poder furtar alguma cousa nas compras! — «Ama solíamos tener que *sisaba* siempre...». Mateo Alemán, *Guzman de Alfarache*.

6-7. Tem a presunção de gostar muito de música. Faz contorções no rosto e canta...»

11. Uma voz cheia de inflexões!

13-14. Esqueceste-te dos farelos, que procuravas? — A mula comerá só palha.

16, como meu amo é um pobre diabo...

22, quando me obriga a trabalhar mais.

Ord. Aires Rosado se llama?
Apa. Neste seu livro o lerás:
escuta tu e verás
as trovas que fez à Dama.

Anda Aires Rosado só, passeando pola casa lendo no seu cancioneiro desta maneira:

5 *Cantiga d'Aires Rosado*
a sua Dama,
é não diz como se chama,
de discreto namorado.

Senhora, pois me lembrais,
10 não sejais desconhecida,
e dai ó demo esta vida
que me dais.

---

2. No seu Cancioneiro de mão. — «Fidalgo que se prezasse tinha naquele tempo (séc. XVI) o seu *Nobiliário* e o seu *Cancioneiro* — selecção particular de poesias». D. Carolina Micaëlis, *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, p. 20.

5-8. Cfr.: «Trovas per modo galante — e estilo soberano — feitas a um desengano — per um discreto amante — em saber — o que não se pode crer — mandadas a sua dama — *e nam diz como se chama* — pelo ninguem entender». Chiado, *Pratica dos Compadres*, folha 4, verso.

É a tradição do segredo trovadoresco: porque é um namorado, que sabe guardar segredo.

10, não sejais ingrata. — «Ingrato, *desconocido*». Encina, *Teatro*, p. 398. — «no seas desconocida...» G. V., *Auto da Festa*, verso 241, — «dizey, má desconhecida...» Camões, *Enfatriões*, v. 133, ed. Marques Braga de 1928.

ou m'irei ali entorcar,
e vereis mau pesar de quem,
por vos querer grande bem,
se foi matar.
5 Então lá no outro mundo
veremos que conta dais
da triste da minha vida
que matais.

Outra sua.

Pois amor me quer matar
10 com dor, tristura e cuidado,
eu me conto por finado,
e quero-me soterrar.
Fui tomar uma pendença
com uma cruel senhora,

2, e tereis desgosto por quem... Cfr.: «que se lá fossem, que não escaparia nenhum deles *e veriam des-ai mau pesar*». Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, cap. XI, p. 46. — «dessy *veja mao pesar* — quem cantar, & nam chorar, — naquestas tão tristes vodas». Garcia de Resende, *Canc. Geral*, I, p. 297.

Outra sua. Este qualificativo que aparece continuamente nos *Cancioneiros*, para designar poesias da mesma espécie da que a precede, é ridicularizada por G. V. com relação ao Cancioneiro de mão (ou particular) do escudeiro Aires Rosado.

Outra sua. G. V. repete as rubricas, que se usavam nos Cancioneiros.

10, *cuidado*, inquietação atormentadora.

13-14. Apaixonei-me por uma ingrata. — «Con Flugencia — debes de *tomar pendência*, — que es muy linda criatura». Encina, *Teatro*, p. 277. — «Nunca vos eu disse que tinha travada *pendência* com a senhora Filomela». Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, acto II, folha 44.

e agora
acho que foi pestelença.
Chore quem quiser chorar;
saibam já que sou finado
5 sem finar,
e quero ser soterrado.

Outra sua, estando mal com sua Dama.

Senhora mana Isabel,
minha paixão e fadiga
mando lá esse papel
10 que vo-la diga.

Volta.

Se quiser dizer verdade,
dir-vos-á tantas paixões,
que em sete corações,
15 não caberão ametade.
Estou co'a candeia na mão,
senhora minha, Isabel,
mando lá esse papel,
que vos diga esta paixão.

2, *pestelença,* peste.

9, mando-vos esses versos...

13-14, que vários corações não poderiam conter metade desta profunda paixão.

16. Estou prestes a morrer de amor. Alusão ao facto de as pessoas que estavam moribundas se lhes pôr na mão uma vela: «...tenia (Filipe II) su crucifixo *en la* una *mano* y en la otra *la candela...*» Fray José de Sigũenza, *Historia de la Orden de San Jerónimo* (1600-605). — «Como eu hum dia me visse — morto & *a mão na candea...*» Camões, *Enfatriões,* vv. 400-402 (Edição de 1928).

— «Dieronle luego al enfermo una cruz e una *candela* encendida de cera». Erasmo, *Colóquio,* XI, p. 242. *(candela, candeias* — na acepção arcaica de vela, círio).

Fala Aires Rosado com seu moço:

Air. Como tardaste, Apariço!
Apa. E tanto tardei or'eu?
Air. Apariço, bem sei eu
que te faz mal tanto viço.

(Aparte)

5 *Apa.* E desdontem não comemos!
Vilão farto, pé dormente.
Ó Ordonho, como mente!
Ord. Otro mi amo tenemos!

(canta)

Air. Re mi fá sol lá sol lá.
10 *Apa.* Vês ali o que t'eu digo.
Air. Que diabo falas tu?

(canta)

Fá lá mi ré ut

(fala)

não rosmeies tu comigo.

---

2. Mas, na realidade, demorei-me tanto?
4. *viço,* bom tratamento e vida folgada.
6. É um provérbio também muito usado em Espanha: o vilão, quando está farto, não trabalha.
8. É exactamente como o meu patrão! — «*Otro* ruin cuido *tenemos*». Lucas Fernandez, *Farsas,* p. 142.
9. Aires Rosado entoa as notas musicais. — «...ando cantando, diciendo en la igreja — «la sol fa mi re»... Rueda, *Obras,* II, p. 400.
10 Não é verdade o que t'eu digo?
11. Que dizes?
12. *ut, dó (*nota musical*).*
13. Não resmungues!

(canta)

«Un dia, era um dia»...
Apa. Ó Jesu! que agastamento!
Air. Dá-me cá esse estromento.
Apa. Ó que cousa tão vazia!
5 *Air.* Agora qu'estou desposto,
irei tanger à minha dama.
Apa. Já ela estará na cama...
Air. Pois entonces é o gosto!

Tange e canta na rua à porta de sua dama Isabel, e em começando o cantar Si dormis, doncella, *ladram os cães.*

Ham! ham! ham! ham!
10 *Air.* Apariço, mat'esses cães,
ou vai dá-lhe senhos pães!
Apa. Ele não tem meio pão...
Air. «Si dormís, doncela,
«despertad y abrid.»
15 *Apa.* Ó diabo que t'eu dou,
que tão má cabeça tens!
Não tem mais de dous vinténs,
que lhe hoje o Cura emprestou.

---

1. É o princípio dum cantar.
2. Que aborrecimento!
6, irei fazer uma serenata.
8. Tanto melhor!
11, *senhos*, alguns: um a cada um.
13-14. Cantar castelhano certamente em voga no século XVI.

(Prossegue o Escudeiro a cantiga)

Air. «Que venida es la hora,
«si quereis partir».
Apa. Má partida venha por ti!
E o cavalo suar.
5 *Ord.* Y no tienes que le dar?
Apa. Não tem um maravedi.

(Prossegue o Escudeiro a cantiga)

Air. «Si estais descalza,
Apa. Eu ma ora estou descalço.
Air. «Nam cureis de vos calzar.
10 *Apa.* Nem tu não tens que me dar,
arrenego do teu paço.
Air. «Que muchas agoas
«teneis de pasar...
Apa. Nam jeu; cantá em teu poder,
15 *Air.* Ora andar.
Apa. Antes de muito:
pois não espero outro fruito,
caminhar.

3, *venha por ti!* seja a tua!

6, *maravedi,* no tempo de G. V. valia aproximadamente 27 réis.

8. Eu, infelizmente, estou descalço...

10. A dupla negativa era corrente ainda no século XVI.

14. Não já eu certamente em tua casa e ao teu serviço! — «*Nã ja eu...*» Prestes, *Auto do Desembargador,* folha 62, verso; Sá de Miranda, *Poesias,* p. 171; G. V., *Auto da Festa,* verso 763.

15. Apressemo-nos!

16-18. Dentro em pouco! Pois que não espero outro proveito, vou-me embora!

(cantando)

Air. «Agoas de Alquebir;
«que venida es la hora,
«si quereis partir».

Aqui lhe fala a moça da janela tão passo que ninguém a ouve, e polas palavras que ele responde se pode conjecturar o que lhe ela diz.

Senhora, não vos ouço bem. —
5 Oh! que vos faço eu aqui? —
Que é senhora? — Eles a mi?
Não hei medo de ninguém.
Olhai, senhora Isabel,
inda que tragam charrua,
10 eu só lhes terei a rua
com uma espada de papel!
Que são? que são?... rebolarias?
E mais rides-vos de mi! —
Eu porque m'hei d'ir daqui? —
15 Faço-vos descortesias? —
Mana Isabel, ouvis? —
Eu que difamo de vós? —

1-3. É nas *Obras* vicentinas que se encontram os mais flagrantes documentos da existência de Cantigas populares ou popularizadas em Portugal no século XVI. — *Alquebir*, rio Guadalquebir. — *tem passo*, tão baixo.

10-11, se, por acaso, tentarem passar por aqui provocadores ou a ronda nocturna, eu lhes vedarei a passegem.

12, *rebolàrias*, palavriado.

13. E, além disso, zombais de mim!

15. Falto-vos ao respeito? — «Y el Pastor... le habla algumas *descortesías*...» Lucas Fernandez, *Farsa*, p. 51.

Oh pesar nunca de Deus!
Vós tendes-me em dous ceitis. —
Não sabeis que me digais? —
Sabeis quê? — Bem vos entendo. —
5 Inda me não arrependo,
com quanto mal me queirais. —
Há hi mais que me perder?
Pera que são tais porfias?
Bem dizeis; porém meus dias
10 nisto hão-de fenecer.

(passo)

Apa. Dou-te ó demo essa cabeça;
não tem siso por um nabo.
Air. Senhora, isso de cabo
me dizei ante qu'esqueça.
15 Mais resguardado está aqui
o meu grande amor fervente. —
que tendes?... um pé dormente?
Oh que grão bem pera mi!
Hi! hi! hi! — De que me rio?
20 Rio-me de mil cousinhas,
não já vossas, senão minhas.

1-2. Com mil diabos, vós não me ligais importância! — «*Ó pesar nunca de são* (santo)». Prestes, *Auto do Procurador*, folha 37 verso. Veja neste vol. pág. 5.
5-6. Não me pesa de vos amar, ainda que me queiras mal.
8, *porfias*, altercações palavrosas.
9-10. Hei-de continuar a amar-vos!
12. Sem juízo.
13-14. Dizei-me tudo.
21. Não vossas, mas minhas.

Apa. Olhai aquele desvario?
Cães Ham! ham! ham! ham!
Air. Não ouço co'a cainçada:
rapaz, dá-lhe uma pedrada,
5 ou fart'os, eramá, de pão!

Apa. Co'as pedras os ajude Deus!
Cães Ham! ham! ham! ham!
Air. Pesar não de Deus co'os cães!
Rapazes, não lhes dais vós?
10 Senhora, não ouço nada.
Dou-m'ó demo que me leve!
Apa. Toda esta pedra é tão leve —
tomai lá esta seixada.

Cães Hãi; hãi! hãi! hãi!
15 *Apa.* Perdoai-me vós Senhor.
Air. Ora fizeste pior.
Ó pesar de minha mãe!
Não vos vades, Isabel —
está vossa mercê hi?
20 Nunca tal mofina vi
de cães!... que sou cruel?...
Não há cousa que mais m'agaste,
que cães e gatos também!

---

3. Não ouço com o latir dos cães.
5. *eramá,* em má hora.
14. Os cães fogem a ganir.
17. É uma imprecação e praga. — «*Pesar de minha mãy* torta...» Prestes, *Auto dos Cantarinhos,* folha 169. — «*Ó pesar de minha mãy*». G. V., *Farsa dos Almocreves,* pág. 362. «Pesar de»...! = com mil diabos!
22-23. Nunca vi cães que tanto me enfadassem!

Gato Miau! miau!
Air. Oh que bem!
Quant'agora m'aviaste!
Falai, Senhora, a esses gatos,
5 e não sejais tão sofrida,
que antes queria a vida
toda comesta de ratos!
Ja tornais ao difamar?
Quem é o que fala nisso? —
10 Senhora sabei que é um riso
quanto podeis suspeitar.
Que tenham olhos a molhos!
Vós andais pera me ferir,
eu ando pera vos servir,
15 mana, meus olhos,
Vós andais pera me matar. —
Mana Isabel, olhai:
que o saiba vosso pai
e vossa mãe, hão-de folgar;
20 porque um escudeiro privado.

---

3. Agora estou bem servido!
6-7. Porque preferia que, durante a minha vida, os gatos desaparecessem e os ratos me comessem tudo. — «he hũ *comesto* (=comida) da traça...» Chiado, *Prática dos Compadres*, folha 4; — «e mais são naus podres e muito *comestas* de busano (=comidas de bicho)». Afonso de Albuquerque, *Cartas para D. Manuel*, p. 72. Edição dirigida pelo dr. António Baião. (*Comestus, comesus*, comido — veja Lindsay, *The latin language*, p. 309).
14, *servir*, amar.
16, *matar* de amor.
20, *privado*, que tem intimidade com o rei. — «Pues aquel gran Condestable — maestre que conocimos — tan *privado*...» Jorge Manrique, *Recuerde el alma dormida*, copla 21.

Apa. Mas pelado.
Air. Como eu sou,
e de parte meu avô
sou fidalgo afidalgado.

5 Já privança com el-Rei,
a quem outrem vê nem fala.
Apa. Deitam-no fora da sala.
Air. Senhora, com vosso pai falarei,
lá depois dacrecentado.
10 não quero que me dêm nada!
Apa. Oh como será aviada,
e seu pai encaminhado!
Air. Que tenhais, que não tenhais,
tenho mais tapeçaria,

3-4. e, por parte de um dos meus avós, sou fidalgo de linhagem.

5. Cfr.: «Y al sabor de la *privanza* y favor, — riquezas, mandos y honores, créceles más el ardor — de la corte...» Cristobal de Castillejo, *Diálogo e Discurso de la Vida de Corte,* p. 217. As Literaturas peninsulares estão cheias de alusões aos *privados,* que, como escreve D. Américo Castro, era um assunto de preocupação. Veja Tirso de Molina, *El Burlador de Sevilha,* I, p. 344 (Ed. de 1922). — *privança,* intimidade e influência.

7. expulsam-no.

9. depois de me aumentarem a pensão (moradia), que recebia do Paço. Veja no *Juiz da Beira,* verso 389. Na literatura espanhola, o fidalgo português, *muito parente del rei* aparece amiudadas vezes. Veja Rouanet, *Autos,* vol. I, p. 262 s; *Cancionero Musical,* n.º 425; *Cortes de la Muerte,* p. 56.

11-12. São ironias de Apariço: está bem servida!

13. Quer tenhais dinheiro, quer não tenhais...

14. tenho tanta tapeçaria... Usavam-se muito tapetes no chão e pelas paredes. Os tapetes de parede usa-

cavalos na estrebaria,
que não há na corte tais:
vossa camilha dobrada:
não tendes em que vos ocupar,
5 senão sòmente enfiar
aljofre, ja *d'enfadada*.

Apa. Ó Jesu! que mau ladrão!
Quer enganar a coitada.
Air. Ide ver se está acordada;
10 que estas velhas pragas são.
Galo Cacaracá! — Cacaracá!...
Air. Meia-noite deve ser.
Apa. Ja fora rezão comer,
pois os galos cantam já.

---

ram-se desde alta antiguidade, mas os do chão eram sobretudo um luxo dos povos orientais, que se propagou em França com as Cruzadas. D. Ramón Menéndez Pidal, nota ao verso 2206 do *Mio Cid*.

3, *camilha*, divã — «Assi fallando entrávão já na sala — onde aquele potente Emperador — nũa *camilha* jaz...» *Lusíadas*, VII, 57. (Tereis um divã luxuoso).

5-6, Cfr.: «*senão enfiar aljofre...*» G. V., *Auto da Lusitania*, verso 31; *aljofre*, pequenas pérolas.

7. Cfr.: «guarda que é *mao ladram...*». Chiado, *Prática dos Compadres*, folha 10.

8. Cfr.: «*a enganar as coitadas*». *Comédia de Rubena*, verso 236.

12-14. Cfr.: «Media moche era por filo, — *los gallos querían cantar...*» *Romance do Conde Claros*. Durán, *Romancero*, I, n.º 362. (O cantar dos galos marca as horas).

(canta)

Air. «Cantan los gallos,
«yo no me duermo,
«ni tengo sueño.»
Como! vossa mãe vem cá?
5 Cá à rua? pera quê?
Não me dá, por minha fé;
venha que aqui me achará.

Velha Rogo à Virgem Maria,
quem me faz erguer da cama,
10 que má cama e má dama,
e má lama negra e fria,
má mazela e má courela,
mau regato e mau ribeiro,
mau silvado e mau outeiro
15 má carreira e má portela,
mau cortiço e mau sumiço,
maus lobos e maus lagartos,

1-3. Cantar certamente em voga no século XVI. — «Apriessa *cantan los gallos* e quierem crebar albores...» *Mio Cid,* verso 235. — «*Cantan os galos é dia,* — meu amor, erguete e vaite». — «Como m'hei d'ir, queridiña, — como m'hei d'ir e deixarte?».

6. Palavra, é-me indiferente!

8. Segue-se uma enfiada de imprecações injuriosas e pragas rogadas a Aires Rosado pela Mãe de Isabel. Como em Espanha (com *malo, mala*) cada substantivo vem precedido do qualificativo *mao, má. As pragas,* determinadas pela ira, trasbordam de confluências fonéticas.

12. Cfr.: «*Má mazela* que te corte». G. V., *Obras,* II, p. 114.

16. «*Mao sumiço* e mao marteiro...» G. V., *Auto das Fadas,* verso 342.

17. «*Maos lobos* m'acabem já!» G. V., *Obras,* I, p. 183.

nunca de pão sejam fartos;
mau criado, mau serviço,
má montanha, má companha,
má jornada, má pousada,
5 má achada, má entrada,
má aranha, má façanha
má escrença, má doença,
má doairo, má fadairo,
mau vigairo, mau trintairo,
10 má demanda, má sentença,
mau amigo e mau abrigo,
mau vinho e mau vizinho,
mau meirinho e mau caminho,
mau trigo e mau castigo;
15 ira de monte e de fonte,
ira de serpe e de drago,
p'rigo de dia aziago
em rio de monte a monte,
má morte, má córte, má sorte,

7, *escrença,* tumor.

8, *doairo,* gentileza, *fadairo,* sorte.

9, *trintairo,* exéquias trinta dias depois dum falecimento ou trinta missas.

12. Cfr.: «Ferro frio, *mao vezinho,* — mao algoz, mao *beleguim* — & me guarde assi por fim — meu dinheiro de *mao vinho*». Prestes, *Auto dos Dous Irmãos,* folha 82 verso.

19. Cfr.: «Yo juro a Dios que tan *mala muerte* vos dé commo a los otros». D. Juan Manuel, *Conde Lucanor,* Enxiemplo 35. — «*Mala muerte* yo muera si muchas vezes no he empacho de salir do gentes me vean...» Erasmo, *Colóquio,* VII, p. 202. — «*Ó, má morte que te leve!*» *Auto da Fama,* verso 7. — «Ora que *má morte* moura!» *Juiz da Beira,* v. 422. — «Mas eu, *má morte* me mate...» *Auto da Festa,* v. 70.

má dado, má fado, má prado,
mau criado, mau mandado,
mau conforto te conforte.
Rogo às dores de Deus
5 que má caída lhe caia,
e má saída lhe saia,
trama lhe venha dos céus.
Jesu! que escuro que faz!
Ó martere São Sadorninho!
10 Que má rua e má caminho!
Cego seja quem m'isto faz.
Hui amara percudida,
Jesu, a que m'eu encandeio!
Esta praga donde veio?
15 Deus lhe apare negra vida.

(canta)

Air. «Por maio, era por maio.»
Vel. Hui! hui! hui! que mau lavor!

---

5. Oxalá seja vítima de perigos! — «Que le diera dos *caídas*». Lope de Vega, *El Aldegüela. Obras,* XII, 236 a.

7. *Trama,* doença. — «*má trama*». Chiado, *Pratica doyto feguras,* folha I. — «Ó *má trama* te leve, desavergonhada...» Jorge Ferreira, *Eufrosina,* III, cena V, p. 188. — *Ulyssipo,* III, c. VI, fl. 172: Veja Camões, *Enfatriões,* verso 105 e *Filodemo,* v. 426. (Edição de 1928).

9. *Sadorninho,* arcaísmo: Saturnino.

12. Ai! como sou infeliz! — «Ay *amarga!*» Lope de Rueda, *Obras,* II, p. 42. — *percudida,* ferida mortalmente.

13. *encandeio,* encomendo.

15. Deus lhe dê infausta vida!

16. É o primeiro verso dum velho Cantar. Veja o 1.º verso do *Romance com* que termina a *Romagem de Agravados.*

Quem é este rouxinol,
picanço ou papagaio?

Que má ora começaram
que má saída lhe saia!
5 I, eramá, cantar à praia.
Más fadas que vos fadaram!
A maldição de Modorra,
Debitam e Dabiram,
e de minha maldição!—
10 ó! santa Maria m'acorra!

(canta)

Air. «Apartar-me-ão de vós,
«garrido amor!».
Vel. Má partida, má apartada,
mau caminho, má estrada,
15 má lavor te faça Deus.
Air. «Eu amei uma senhora
«de todo meu coração:

---

6. Má sorte vos deu Deus. Veja G. V., *Obras*, III, p. 10 nota ao verso 11.

7-8. «Maldições que façam cessar a união da alma com Deus, que adormentam esta no sono de morte espiritual». *Notas Vicentinas*, IV, p. 238. Veja Viterbo, *Elucidário* (1798), Suplemento, p. 3: *Abarita'm*.

10. Era frase de súplica corrente na Península: «E rog'a Deus e *sancta Maria...*» *Canc. da Ajuda*, I, verso 3104. — «Valme *Santa Maria!*» Hita, *Buen Amor*, estrofe 1500. — «E que lhe pediam por mercê que lhe *acorresse...*» Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, cap. 15.

11-12, versos dum Cantar, que, certamente, estava em voga, em Portugal, no séc. XVI: cfr.: «Minno *amor* tan *garrido...*» Barbieri, *Canc. Musical*, n.º 50.

«quis Deus e minha ventura
«que não m'a querem dar não,
«garrido amor!»

Vel. Má cainça que te coma,
5 mau quebranto te quebrante
e mau lobo que t'espante.
Toma duas figas, toma.
Nunca a tu hás-de levar.
Para bargante rascão,
10 que não te fartes de pão,
e queres musiquiar.

Air. «Não me vos querem dar,
«irme-ei a tierras agenas,
«a chorar meu pesar,
15 «garrido amor!»

1, *ventura,* — por *desventura.* «La que por *aventura* es ó fué engañada, — guárde-se que non torne al mal otra vegada...» Hita, estrofe 905.

4, *cainça,* canzoada.

5, é uma praga, em que há a superstição do mau olhado — o poder mórbido dos olhos de certas pessoas: «que olho mao se meta nelle» *Juiz da Beira,* v. 227.

6, veja supra.

7. Veja, G. V., *Obras,* I, p. 173, nota aos versos 11-12.

9, para um desavergonhado...

10. Cfr.: «e não se farta de pão» G. V., *Clérigo da Beira,* v. 790.

11, e queres fazer serenatas.

12-15. «Da boca de vilões, pastores da serra, ratinhos (jornaleiros) da Beira, transformados em escudeiros de pouca monta, saem cantares velhos, com um pé à castelhana, outro à portuguesa, de tal modo promíscuos que a nacionalidade fica às vezes incerta». Carolina Micaëlis, *Romances Velhos,* pp. 318-19.

Vel. Vai-t'ó demo com sa mãe,
e dormirá a vizinhança.
Ó demo dou eu de ti a criança,
e esse te cá aportou.
5 *Apa.* Dizei-lhe que vá comer,
que não comeu hoje bocado.
Vel. Vai comer, homem coitado,
e dá ó demo o tanger.

E, demais, se não tens pão,
10 que ma ora começaste,
aprenderas a alfaiate
ou, sequer, a tecelão.
Air. «Já vedes minha partida.
«Os meus olhos já se vão;
15 «se se parte minha vida,
«cá me fica o coração.»

Vai-se o Escudeiro, e fica a Velha dizendo à Filha:

Isabel, tu fazes isto;
tudo isto sai de ti.
Isabel, guar-te de mi,
20 que tu tens a culpa disto.
Isa. Pois si! eu o fui chamar.

---

1. Cfr.: «*demo & sa may*...» Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, acto I, c. 6.ª, fl. 20.

3. *criança* — na acepção de urbanidade, cortesia, educação — era vocábulo corrente na Península Hispânica.

4. *aportou*, trouxe.

17-18. Tu és a causa destas cenas vergonhosas!

19. Isabel, acautela-te... (*guarte* — *era* abreviatura popular corrente).

Vel. Ai! Maria! Maria Rabeja!
Isa. Trama a quem o deseja,
nem espera desejar!

Vel. Que dirá a vizinhança?
5 Dize, má mulher sem siso!
Isa. Que tenho eu de ver co'isso.
Vel. Como tens tão má criança!
Isa. Algum demo valho eu,
e algum demo mereço,
10 e algum demo pareço,

pois que cantam polo meu.
Vós quereis que me despeje,
vós quereis que tenha modos,
que pareça bem a todos
15 e ninguém não me deseje?

---

1. «espevitada moça!» Acerca deste verso de feição zombeteira, veja G. V., *Obras*, IV, p. 321, verso 14.

2. Imprecação injuriosa. Veja supra: «Trama lhe venha dos céus».

3. ou espera desejar!

4. Cfr.: «A vezinhança que dirá?» *Auto da India*, v. 289.

7. *criança* — educação. Cfr.: «Porque a Senhora não diga — que somos de *má criança*». Frei António da Estrela, *Auto Pratica de tres Pastores*. — «quieres tú que use con el de *mala crianza*». Lope de Rueda, *Obras*, II, p. 145.

11. pois que aparece quem me faça uma serenata?

12-14. Vós quereis que perca o acanhamento, que seja airosa e desenvolta, e que tenha urbanidade? — «Eran unas muchachas de un *despejo* y una soltura admirables». Miguel Unamuno, *Por Tierras de Portugal y de España*, pág. 213.

15. a dupla negativa era ainda corrente no séc. XVI.

Vós quereis que mate a gente,
de fermosa e avisada;
quereis que não fale nada,
nem ninguém em mim atente?
5 Quereis que creça e que viva,
e não deseje marido;
quereis que reine Cupido,
e que eu seja sempre esquiva.
Quereis que seja discreta,
10 e que não saiba d'amores;
quereis que sinta primores
mui guardada e mui secreta.

Vel. Tomade-a lá! Hui, Isabel!
Quem te deu tamanho bico,
15 rostinho de celorico?
És tu moça ou bacharel?
Não deprendeste tu assi
o verbo *d'anima Christe.*

---

11. Quereis que compreenda galanteios?

13. Que tal está ela? Veja G. V., *Obras*, III, p. 55, verso 12.

14-15. Que palavriado tem a rapariga! (D. Carolina Micaëlis chama a Isabel — «espevitada moça»).

Nestes versos há uma frase duma parlenda e jogo antigo: «Sorrobico, massarico —, *quem te deu tamanho bico?*» — Este mesmo jogo com a respectiva frase existe também na Galiza. Veja Manuel Murguía, *História de Galicia*, t. I, p. 580.

18, as orações. «As palavras latinas são o princípio de uma Oração dos que arriscam a vida, ou têm a morte à vista». Veja na *IV Nota Vicentina* a Oração completa.

que tantas vezes ouviste.
Isa. Isso não é pera mi.

Vel. E pois quê?
Isa. Eu vo-lo direi.
5 Ir a miúde ao espelho,
e poer de branco e vermelho,
e outras cousas que eu sei:
pentear, curar de mi
e poer a ceja em direito;
10 e morder por meu proveito
estes beicinhos assi.
Ensinar-me a passear,
pera quando for casada;
não digam que fui criada
15 em cima d'algum tear:
saber sentir um recado,
responder em improviso
e saber fingir um riso
falso e bem dissimulado.

20 *Vel.* E o lavrar, Isabel?
Isa Faz a moça mui mal feita,

---

2. Isso não tem importância para mim!

3. O que é que tem importância para ti?

5-7. Procurar alindar o rosto. Note-se a construção partitiva. — «Às portuguesas honradas — viymos por deshonra aver — no rosto & face *poêr* —...» Garcia de Resende, *Miscelania,* estância 226.

9, e endireitar as sobrancelhas. — «Dellas, pelan sus *cejas* con tenazicas...» *La Celestina,* acto VI (t. I, p. 227).

16, *sentir* — veja supra.

20, *lavrar.* costurar. — «Ora hi polas almofadas — que quero um pouco *lavrar*...» Camões, *Filodemo,* vv. 693-94. (Edição de 1928).

corcovada, contrafeita,
de feição de meio anel;
e faz muito mau carão,
e mau costume dolhar.
5 *Vel.* Hui! pois jeita-te ao fiar
estopa ou linho ou algodão,
ou tecer, se vem à mão.
Isa. Isso é pior que lavrar.
Vel. Enjeitas tu o fiar?
10 *Isa.* Que não hei-de fiar não.
Eu sou filha de moleira?
Em roca me falais vós?
Ora assi me salve Deus,
que tendes forte cenreira.

15 *Vel.* Aprende logo a tecer.
Isa. Então bulir co fiado:
achais outro mais honrado
ofício pera eu saber?
Tecedeira viu alguém,
20 que não fosse buliçosa,
cantadeira, presuntuosa?
E não tem nunca vintém.
E quando lhe quebra o fio,
Renega coma beleguim.
25 Mãe, deixai-me vós a mim,
vereis como me atavio.

---

3. *carão*, semblante.
14. *cenreira*, birra.
21. *presuntuosa*, presunçosa, afectada.

Isto vai sendo de dia,
eu quero, mãe, almoçar.
Vel. Eu te farei amassar.
Isa. Essa é outra fantesia!

E com isto se recolhem, e fenece esta primeira farsa.

4, *fantesia*, ideia extravagante! — Cfr.: «no os metais en *fantasias*». Torres Naharro, *Comédia Seraphina*, p. 44.

FARSA CHAMADA AUTO DA ÍNDIA

FIGURAS: Ama, Mcça, Castelhano, Lemos, Marido.

À Farsa seguinte chamam Auto da Índia. Foi fundada sobre que uma mulher, estando já embarcado pera a Índia seu marido, lhe vieram dizer que estava desaviado, e que já não ia; e ela de pesar está chorando. Foi feita em Almada, representada à muito católica Rainha D. Lianor, era de 1509.

Moç. Jesu! Jesu! que é ora isso?
É porque se parte a armada?
Ama Olhade a mal estreada!
Eu hei-de chorar por isso?
5 *Moç.* Por minha'alma, que cuidei
e que sempre imaginei
que choráveis por noss'amo.
Ama Por qual demo ou por qual gamo
ali má hora chorarei?
10 Como me leixa saudosa!
Toda eu fico amargurada!
Moç. Pois porque estais anojada?

AUTO DA ÍNDIA foi excelentemente anotado (1905) pelo Prof. Calado Nunes. Veja G. V., *Obras,* I, pp. XIX-XX. Os primeiros cinquenta e quatro versos, em que há falas da Ama (Constança) estão cheios de ironia.

1, é uma exclamação admirativa, e é também o verso 593 da *Barca do Purgatório,* Veja G. V., *Obras,* II, p. 113.

3. Olhai a desditosa! — «Eu fuy só sempre só vou — sem este *mal estreado*». Jerónimo Ribeiro, *Auto do Físico,* estrofe 52.

5. Era uma fórmula de asseveração corrente.

8, *gamo,* marido ludibriado.

12, *anojada,* aborrecida.

		Dizei-m'o por vida vossa.
	Ama	Leixa-me ora eramá,
		que dizem que não vai já.
	Moç.	Quem diz esse desconcerto?
5	*Ama*	Disseram-m'o por mui certo
		que é certo que fica cá.
		O Concelos me faz isto.
	Moç.	S'eles já estão em Restelo,
		como pode vir a pêlo?
		como pode vir a pelo?
10		Melhor veja eu Jesu Cristo.
		Isso é quem porcos há menos.
	Ama	Certo é que bem pequenos
		São meus desejos que fique.
	Moç.	A armada está muito a pique.
15	*Ama*	Arreceio al de menos.
		Andei na maora e nela
		a amassar e biscoutar,

2-7. A Ama (Constança) queixa-se por um homem, chamado Concelos, lhe participar que o marido já não partia. D. Carolina Micaëlis apresentou a hipótese de se tratar de Jorge Vasconcelos fidalgo que, de 1501 até falecer, em 1525, foi armador e provedor dos armazéns e armadas da cidade de Lisboa». *N. V.*, IV, p. 271.

8. Em Belém, na praia do Restelo; «praia das lágrimas», como lhe chama João de Barros.

9. como pode acontecer que não partam?

11. A Ama não tem razão para recear que o marido não parta. Acerca do provérbio, que há neste passo, veja «E quem porcos acha menos — em cada mouta lhe roncam» (=sem motivo se arreceia de tudo). G. V., *Auto da Lusitania,* vv. 526-27, vol. VI, p. 71.

14. A armada está prestes a largar.

15. Receio que não parta.

17. *biscoutar* — dar ao pão maior consistência, torrando-o, para durar mais. (Na viagem para a Índia, quando o vento era favorável, gastavam-se seis meses).

pera o demo o levar
à sua negra canela,
e agora dizem que não.
Agasta-se-m'o coração,
5 que quero sair de mim.
Moç. Eu irei saber s'é assim.
Ama Hajas a minha benção.

Vai a Moça e fica a Ama dizendo:

Ama A santo António rogo eu
que nunca m'o cá depare:
10 não sinto quem não s'enfare
dum diabo Zebedeu.
Dormirei, dormirei,
boas novas acharei.
São João no ermo estava,
15 e a passarinha cantava.
Deus me cumpra o que sonhei.

1-2, para o Diabo o levar para a Índia. (A referência à especiaria da *canela* lembra o princípio do *Roteiro* de Vasco da Gama: «Na era de 1497 mandou el-Rey D. Manuel a descobrir, quatro navios, os quaes hiam em busca da *especiaria...*» — Em Espanha, Lope de Vega também notava: «No los lleva cristiandad — sino el oro y la codicia». *Auto del Nuevo Mundo.*

3, e agora dizem que não parte!

4 Estou desesperada.

7. Vai-te com Deus!

10-11. Não compreendo quem não se enfade deste marido. (*Zebedeu* — pai de S. João Baptista).

12-13. «Versos infantis». D. Carolina Micaëlis, *Notas Vic.*, IV, p. 334. — «Dormiré, dormiré, buenas nuevas hallaré» Correas, *Refranes,* p. 166.

14-16. «Sonhei que estava sòzinha (já livre do meu marido e me sentia feliz: i. é.: num céu aberto de felicidade)». Calado Nunes.

16, *cumpra,* se realize.

Cantando vem ela e leda.
Moç. Dai-me alvíssaras, Senhora,
já vai lá de foz em fora.
Ama Dou-te uma touca de seda.
5 *Moç.* Ou quando ele vier,
dai-me do que vos trouxer.
Ama Ali muitieramá!
Agora há-de tornar cá?
que chegada e que prazer!

10 *Moç.* Virtuosa está minha ama!
Do triste dele hei dó.
Ama E que falas tu lá só?
Moç. Falo cá co'esta cama.
Ama E essa cama, bem, que há?
15 Mostra-m'essa roca cá:
siquer fiarei um fio.
Leixou-me aquele fastio
sem ceitil.

Moç. Ali, eramá!
20 Todas ficassem assi.

---

3. A nau *Garça,* em que o marido embarcara, já vai no mar alto.

7-8. Em má hora! A Ama não acredita no regresso do marido. Oxalá não volte!

9. Note-se a ironia.

10, *virtuosa,* com bons sentimentos, note-se ironia.

16, *siquer,* pelo menos. — nesta acepção já é corrente nos *Cancioneiros.*

18. Deixou-me aquele homem impertinente sem um real. (*ceitil*-6.º de real).

19-20. A Moça não acredita no que a Ama disse.

Leixou-lhe pera três anos
trigo, azeite, mel e panos.
Ama Mau pesar veja eu de ti!
Tu cuidas que não t'entendo?
5 *Moç.* Que entendeis? ando dizendo
que quem assi fica sem nada,
coma vós, que é obrigada...
Já me vós is entendendo.

Ama Ha ah ah ah ah ah!
10 Est'era bem graciosa,
quem se vê moça e fermosa
esperar pola ira má.
Hi se vai ele a pescar
meia légua polo mar,
15 isto bem o sabes tu;
quanto mais a Calecu:
quem há tanto d'esperar?

1-2. Vê-se que o marido calculou demorar-se três anos, deixando-lhe alimentos e roupa.

3. Eu te arrenego! — é uma praga. Cfr.: «*Má pesar veja eu de mi...*» G. V., *Obras*, II, p. 116.

7. ...que é obrigada a deixar de portar-se bem.

8. Cfr.: «*...hyme vos bem entendendo...*» Resende, *Canc. Geral*, t. I, p. 185.

9-10. Constança solta uma gargalhada: havia de ter muita graça...

12. Esperar pelo marido. (— *irá má* — má sorte).

13-17. O marido é ludibriado, quando está perto, quanto mais estando longe! — *Calecu*, cidade na costa ocidental da Índia, G. V. emprega o nome da cidade como equivalente de Índia. G. V. e Camões escreveram sempre *Calecu;* mas Duarte Pacheco Pereira, Castanheda, João de Barros e Damião de Góis escrevem com *t* final.

Melhor, Senhor, sê tu comigo.
À hora de minha morte.
queu faça tão peca sorte.
Guarde-me Deus de tal p'rigo.
5 O certo é dar a prazer.
Pera que é envelhecer
esperando polo vento?
Quant'eu por mui necio sento
a que o contrário fizer.
10 Partem em Maio daqui,
quando o sangue novo atiça:
parece-te que é justiça?
Melhor vivas tu amém,
e eu contigo também. —
15 Quem sobe por essa escada?
Cas. Paz sea en esta posada.
Ama Vós sois? cuidei que era alguém.
Cas. Asegun eso soy yo nada.

---

1. Melhor o Senhor me ajude...

10-11. Alusão aos efeitos que a ressurreição primaveril produz nos seres: «Omes, aves é bestias mételos en amores». Hita, *Buen Amor,* estrofe 1281. — «la sangre nueva poca calor ha menester para hervir». *La Celestina,* acto IV (t. I, p. 181). — «Agora reina Cupido — desque vido — la nueva sangre venida». G. V., *Obras, I,* p. 106. — «...era sensível... a todas as provocações da rica natureza de *maio*». — «fidelidades incombináveis com o clima». Camilo, *Novelas do Minho,* II, p. 57, I, 147.

13. É uma fórmula de juramento. Veja G. V., *Obras,* II, p. 221.

16. Fórmula de saudação: «*Intrantes autem domum, salutate eam dicentes: pax huic domui*». *Evangelho de S. Mateus,* cap. *X, v. 12:* — «*Paz sea en esta* casa». *La Celestina,* IV, (t. I, p. 158); *Quijote,* cap. 37.

Ama Bem, que vinda foi ora esta?
Cas. Vengo aqui en busca mia,
que me perdí en aquel dia
que os ví hermosa y honesta,
5 y nunca mas me topé.
Invisible me torné,
y de mi crudo enemigo;
el cielo, empero, es testigo
que de mi parte no sé.
10 Y ando un cuerpo sin alma,
un papel que lleva el viento,
un pozo de pensamiento,
una fortuna sin calma.
Pese al dia em que nasci;
15 vos y Dios sois contra mí,
e nunca topo el diablo.
Reis de lo que yo hablo?
Ama Bem sei eu de que me ri.

Cas. Reívos del mal que padezco,
20 reísvos de mi desconcierto,
reísvos que teneis por cierto
que mirarvos non merezco.

---

1. Cfr.: «E *que vinda foy agora esta?*» Chiado, Pratica dos Compadres, folha 6. — «y le preguntó, *quê venida avía sido* aquélla». *Quijote,* I, cap. 44.
2. Principia a declaração de amor do Castelhano.
8. o céu, porém, é testemunha... — «Los *cielos* me son *testigos...*» Tirso de Molina, «El Vergonzoso en Palacio», v. 915 — «Que no se parte de mí» Encina, p. 32.
14. Oxalá não tivesse nascido! Veja G. V., *Obras,* III, p. 11.
15. «tudo se conjura contra mim». Calado Nunes.

Ama Andar embora.
Cas. O mi vida y mi señora,
luz de todo Portugal,
teneis gracia especial
5 para linda matadora.
Supe que vuestro marido
era ido.
Ama Ant'ontem se foi.
Cas. Al diablo que lo doy
10 el desastrado perdido.
Que mas India que vos,
que mas piedras preciosas,
que mas alindadas cosas,
que estardes juntos los dos?
15 No fue él Juan de Zamora.
Que arrastrado muera yo,
si por quanto Dios crió
os dexara media hora.
Y aunque la mar se humillara
20 y la tormenta cesara,
y el viento me obedeciera
y el quarto cielo se abriera,
un momento no os dexara.

---

1. Continuai. O uso do infinito em vez do imperativo era correcto e corrente na Península Hispânica.
2. Cfr.: *«O mi señora é mi vida»*. *La Celestina*, XIV (t. II, p. 137).
5. para matar de amores.
6-7. Soube que vosso marido tinha partido.
15. O nome do Castelhano seria sugerido pelo nome dum dos poetas que trovou o *Romance* e *Vilancico* da *Bela Mal Maridada?*
16 Alusão a um antigo castigo: «Assi te *arrastren*, traydora». *La Celestina, IX* (t. II, p. 51).
22. o Sol.

Mas como evangelio es esto
que la India hizo Dios,
solo porque yo con vos
pudiese pasar aquesto.
5 Y solo por dicha mia,
por gozar esta alegria,
la hizo Dios descobrir:
y no ha mas que decir,
por la sagrada Maria!

10 *Ama* Moça, vai àquele cão,
que anda naquelas tigelas.
Moç. Mas os gatos andam nelas.
Cas. Cuerpo del cielo con vos!
Hablo en las tripas de Dios,
15 y vos hablaisme en los gatos!
Ama Se vós falais desbaratos,
em que falaremos nós?

Cas. No me hagais derrenegar,
ó hacer un desatino.
20 Vós pensais que soy divino?
Soy hombre y siento el pesar.

---

1. «Isto é tão verdadeiro como o que se lê nos Evangelhos».

2-4, acreditai que Deus fez a Índia sòmente para que eu vos pudesse falar. *aquesto,* isto.

9, é uma fórmula de juramento, — «e jurou-me per *santa Maria...*» *Cancioneiro da Vaticana,* n.º 524.

13. Expressão corrente na Península, aqui de indignação. — «*Cuerpo del cielo!*» Encina, *Teatro,* p. 229.

14. Falo em coisas dignas de atenção...

18. Não me façais blasfemar...

Trayo de dentro un leon,
metido en el cozazon:
tiéneme el alma dañada
densangrentar esta espada
5 en hombres, que es perdicion.
Ya Dios es importunado
de las almas que le envio;
y no es en poder mio
dejar uno acuchilado.
10 Dejé vivo allá en el puerto
un hombrazo alto y tuerto,
y despues fuilo a encontrar;
pensó que lo iba á matar,
y de miedo cayó muerto.
15 *Ama* Vós queríeis ficar cá?
Agora é cedo ainda;
tornareis vós outra vinda,
e tudo se bem fará.
Cas. Á qué horas me mandais?
20 *Ama* Às nove horas e nó mais.
E tirai uma pedrinha,
pedra muito pequenina,
à janela dos quintais.
Entonces vos abrirei
25 de muito boa vontade:
pois sois homem de verdade
nunca vos falecerei.

---

9. ferir apenas.
11. um homenzarrão com falta de vista...
19. A que horas poderei voltar?
27. nunca vos faltarei. — «Entonce fué a él Don Illán et dixol que pues tantas vezes le avia *fallescido* de lo que con él pusiera...» Don Juan Manuel, *Conde Lucanor,* Enxiemplo XI.

Cas. Sabeis que ganais en eso?
El mundo todo por vueso!
Que aunque tal capa me veis,
tengo mas que pensareis:
5 y no lo tomeis en grueso.
Bésoos las manos, señora,
voyme con vuesa licencia
más ufano que Florencia.
Ama Ide e vinde muit'embora.
10 *Moç.* Jesu! como é rebolão!
Dai, dai ó demo o ladrão.
Ama Muito bem me parece ele.
Moç. Não vos fieis vós naquele,
porque aquilo é refião.

15 *Ama* Ja lh'eu tenho prometido.
Moç. Muito embora, seja assi.
Ama Um Lemos andava aqui
meu namorado perdido.
Moç. Quem? o rascão do sombreiro?
20 *Ama* Mas antes era escudeiro.

3-4. Cfr.: «Aunque *me veis* con este capote, otro tengo en el monte». Correas, *Refranes,* p. 72.

5, e não julgueis que exagero. — «Vós logo *tomais em grosso* — tudo quanto me escutais...» Camões, *Filodemo,* vv. 678-79. (Edição de 1928).

8. Eram frequentes as comparações com cidades. Veja *Inês Pereira,* verso 581.

9, *embora,* com felicidade.

10. O palavriado que ele tem!

18, loucamente apaixonado — «al *namorado perdido*». *Auto dos Quatro Tempos,* v. 207.

19. Vê-se que Lemos era conhecido pelo chapéu, que usava. — *rascão,* tunante, desavergonhado.

Moç. Seria, mas bem safado;
não suspirava o coitado
senão por algum dinheiro.

Ama Não é ele homem dess'arte.
5 *Moç.* Pois inda el não esquece?
Há muito que não parece.
Ama Quant'eu não sei dele parte.
Moç. Como ele souber à fé.
Que noss'amo aqui não é,
10 Lemos vos visitará.
Lem. Hou da casa!
Ama Quem é lá?
Lem. Subirei?
Ama Suba quem é.

15 *Lem.* Vosos cativo, senhora.
Ama Jesu! tamanha mesura!
Sou rainha porventura?
Lem. Mas sois minha imperadora.
Ama Que foi do vosso passear,
20 com luar e sem luar,
toda a noite nesta rua?
Lem. Achei-vos sempre tão crua,
que vos não pude aturar.

5-6. Há nos dois versos reminiscência dum provérbio: «quem *não parece* esquece». Resende, *Canc. Geral.* V, p. 58.

7. Não sei o que é feito dele. — «*No sé* de tal hombre *parte*». G. V., *Amadís de Gaula,* verso 1087.

8. Quando ele souber com certeza...

15. «De v. m. *captivo,* — penado, vencido y muerto...» Encina; *Teatro,* p. 281.

Mas agora como estais?
Ama Foi-se à Índia meu marido,
e depois homem nacido
não veio onde vós cuidais;
5 e por vida de Costança,
que se não fosse a lembrança...
Moç. Dizei já essa mentira.
Ama Que eu vos não consentira
entrar em tanta privança.

10 *Lem.* Pois agora estais singela,
que lei me dais vós, senhora?
Ama Digo que venhais embora.
Lem. Quem tira àquela janela?

3-4, desde que ele partiu, não recebi nenhum homem... Cfr.: «nulh' *ome nado* (ninguém)». *Canc. da Ajuda*, n.º 3746. — «*ome nascido*». Arcipreste de Talavera, Corbacho, p. 270. — «*homẽ nascido*». Chiado, *Pratica doyto feguras*, fl. 7 — «causa de tanta alegria — no tuvo *hombre nacydo*». *Canc. Geral*, II, p. 185 — «Não o sabe *homem nascido* — de quantos na corte havia...» *Romance do Conde da Alemanha*, vv. 5-6. — «Que ni la quiero ver á ella ni á *muger nascida*». *La Celestina*, acto I, p. 63.

5, juro pela minha vida... (Constança).

6, de ter sido cortejada durante tanto tempo pelo Lemos...

9, tão grande intimidade.

10, *singela*, só. Veja na *Inês Pereira*, verso 49.

11, *lei*, ordens.

12. É uma fórmula de saudação.

13. Cfr. com versos anteriores, em que se trata da combinação feita por Constança com o Castelhano para dar sinal, atirando uma pedrinha à janela.

Ama Meninos que andam brincando,
e tiram de quando em quando.
Lem. Que dizeis, senhora minha?
Ama Metei-vos nessa cozinha,
5 que m'estão ali chamando.

Cas. Ábrame, vuesa merced,
Que estoy aqui á la verguenza
esto úsase en Siguenza.
pues prometeis, mantened.
10 *Ama* Calai-vos muitieramá,
até que meu irmão se vá
dissimulai por hi entanto.
Ora vistes o quebranto?
Andar muitieramá!

15 *Lem.* Quem é aquele que falava?
Ama O Castelhano vinagreiro.
Lem. Que quer?
Ama Vem polo dinheiro.
Do vinagre que me dava.
20 Vós quereis cá cear?
Eu não tenho que vos dar.
Lem. Vá esta moça à ribeira
e traga-a cá toda inteira,
que toda s'há-de gastar.

7, «exposto ao ridículo». Calado Nunes.
9, cumpri com a palavra.
10-12. Constança engana o Castelhano.
13. Ora vistes o enguiço? — Veja G. V., *Obras*, II, p. 116, vv. 1-2.
14. Vai-te em má hora! — *«andad en hora mala...»*. *Quijote*, II, cap. 62.
22. Vá esta moça ao Mercado da Ribeira. Veja G. V., *Obras*, III, p. 243, verso 10 e a nota. Veja ainda

Moç. Azevias trazerei?
Lem. Dá ó demo as azevias:
não compres já m'enfastias.
Moç. O que quiserdes comprarei.
5 *Lem.* Traze uma quarta de cerejas
e um ceitil de breguigões.
Moç. Cabrito?
Lem. Tem mil barejas.

Moç. E ostras, trazerei delas?
10 *Lem.* Se valerem caras, não:
antes traze mais um pão
e o vinho das Estrelas.
Moç. Quanto trazerei de vinho?
Lem. Três pichéis deste caminho.
15 *Moç.* Dais-me um cinquinho, no mais?
Lem. Toma aí mais dous reais.

Farsa dos Físicos, v. 227; *Pranto de Maria Parda*, v. 64; Chiado, *Auto das Regateyras*, fl. 3 verso e Francisco de Morais, *Diálogo*, III.

1. Trarei peixe?

9. Trarei algumas ostras?

10. Se forem caras, não. — «E indagora *valem caras*». Chiado, *Auto das Regateiras*, fl. 2 verso — «Que *valga caro*, que valga barato...». Correas, *Refranes*, p. 149.

12. Cfr.: «Não levo o vinho... qu'eu chamava *das estrelas*...». *Pranto de Maria Parda*, verso 366.

14, *pichéis* — vasos altos e redondos, ordinàriamente de estanho. — «Tomaste manjar muy fino y aqueste *pichel* de vino». Diego Sánchez de Badajoz, *Farsa de Isaac*.

15. Dais-me sòmente cinco reais? Veja no *Elucidário* de Viterbo a descrição do *cinquinho* no tempo do rei D. Manuel

Vai e vem muito improviso. —
«Quem vos anojou, meu bem,
«bem anojado me tem.»
Ama Vós cantais em vosso siso?
5 *Lem.* Deixai-me cantar, senhora.
Ama A vizinhança que dirá,
se meu marido aqui não 'stá,
e vos ouvirem cantar?
Que rezão lhe posso eu dar,
10 que não seja muito má?

Cas. Reniego de Marinilla:
esto es burla, ó es burleta?
Quereis que me haga trombeta,
que me oiga toda la villa?
15 *Ama* Entrai-vós ali, senhor,
que ouço o corregedor;
temo tanto esta devassa:
entrai vós ness'outra casa,
que sinto grande rumor.

---

1. Vai e vem muito depressa.

2-3. G. V. volta a referir-se a este *Cantar Velho* na *Farsa dos Almocreves*, v. 680. — *anojou, enfadou.*

4. Cfr.: «Vindes vós *em vosso siso?*» G. V., *Obras*, III, p. 200.

6. Cfr.: «*Que dirá a vezinhança?*» *Quem tem farelos?*

11. Fórmula burlesca de jura. *Not. Vic.*, IV, p. 309

13-14. Cfr.: «Ah de casa! Abrid, cuerpo del cielo, no me hagáis estar á la puerta dando voces en la calle», Lope de Rueda, *Obras*, I, p. 298.

15. *senhor*, o Lemos.

16-17. Constança dá a entender que se aproxima um Corregedor com uma ronda...

Chega à janela.

Falai vós passo, micer.
Cas. Pesar ora de San Pablo,
esto es burla ó es diablo?
Ama Eu posso vos mais fazer?
5 *Cas.* Y aun en eso está aora
la vida de Juan de Zamora?
Son noches de Navidá,
quiere amanecer ya,
que no tardará media hora.

10 *Ama* Meu irmão cuidei que s'ia.
Cas. Ah señora, y ireivos vós.
Abrame, cuerpo de Dios!
Ama Tornareis cá outro dia.
Cas. Asosiega, corazon,
15 adormiéntate, leon,

---

1. Falai baixo, senhor. «*habla passo*». *La Celestina*, XII; Rueda, *Obras*, I, p. 27; — «*falay passo*». Chiado, *Pratica dos Compadres*, fl. 6 verso.
— «ho que *micer*...». Prestes, *Auto dos Dous Irmãos*, fl. 76; — «A la fé, *micer*...». Correas, *Refranes*, p. 246. Veja G. V., *Obras*, III, p. 199, verso 5.
2. Era um juramento e imprecação vulgaríssima na Península Hispânica: *Com mil diabos!* Veja G. V., *Obras*, I, p. 44 e p. 183, verso 5.
6, era o nome do Castelhano.
7. São noites de Natal...
8. «*Ya quiere amanecer*». *La Celestina*, acto XIV (t. II, p. 129).
10. Constança engana Juan de Zamora, dizendo-lhe que o Lemos é seu irmão.
14-15. Seguem-se as fanfarronadas de Juan de Zamora. Na realidade, o valentão é uma das figuras da riquíssima Literatura espanhola.

no eches la casa en tierra,
ni hagas tan cruda guerra,
que mueras como Sanson.
  Esta burla es de verdad,
5 por los huesos de Medea,
sino que arrastrado sea
mañana por la ciudad;
por la sangre soberana
de la batalla trojana,
10 y juro à la casa santa...
Ama Pera qu'é essa jura tanta?
Cas. Y aun vos estais ufana?

  Quiero destruir el mundo,
quemar la casa, es la verdad,
15 despues quemar la ciudad;
señora, en esto me fundo.
Despues si Dios me dijere,
quando allá con él me viere,
que por sola una muger...
20 Bien sabré que responder,
quando a esso veniere.

1-3, não deites a casa por terra, morrendo, sob as colunas do templo, como o famoso Juiz dos Israelitas.

5. É uma fórmula de juramento.

6. Cfr.: «é á mí que me *arrastren*». *La Celestina,* VI, (t. I, p. 218).

10, e juro aos céus. — «Juramento hago á Dios — y pleito homenaje á vos — y voto á la *casa santa...*» Encina, *Teatro,* p. 284.

18, quando estiver na presença dele.

21, «quando me interrogar sobre isto». Calado Nunes.

Ama Ī vos embora, senhor
que isto quer amanhecer.
Tudo está a vosso prazer,
com muito dobrado amor.
Oh que mesuras tamanhas
Moç. Quantas artes, quantas ma
que sabe fazer minha ama
Um na rua, outro na cama
Ama Que falas? que t'arreganh

---

1. Isso são bravatas!

2. A frase era corrente na nas afirmações e juramentos. — «*D*... *Lazarilo de Tormes, Tratado, III*... *Refranes*, p. 561. Veja na *Sibila Ca*... *Divisa da Cidade de Coimbra*, ver... a *Dios* por *testigo*». Camões, *Filode*...

5. É uma praga. — «Ah, *ma*... gina...» Juan de Castellanos, *Elo*... *Rojas*, canto IV; — «Ó que haga ... Naharro, *Comedia Ymenea*, p. 141 ... *faça* ele». *Floresta de Enganos*, vers...

11. É uma fórmula de desped...

Moç. Ando dizendo entre mi,
que agora vai em dous anos
que eu fui lavar os panos
além do chão d'Alcami;
5 e logo partiu a armada
domingo de madrugada.
Não pode muito tardar
nova se há-de tornar
noss'amo pera a pousada.

10 *Ama* Asinha.
Moç. Três anos há
que partiu Tristão da Cunha.
Ama Cant'eu ano e meio punha.
Moç. Mas três e mais haverá.
15 *Ama* Vai tu comprar de comer.
Tens muito pera fazer,
não tardes.

---

1. Cfr.: «*dixe yo entre mí*». *Lazarillo de Tormes,* II, p. 144. «estaba *diciendo entre mí...*». *Quijote,* **II, cap. 22.**

4. «deverá ter sido o terreno superior ao pequeno edifício da igreja de S. Mamede». Calado Nunes.

7. Cfr.: «*No puede mucho tardar* — que no venga». Encina, *Teatro,* p. 81. — «*no puede mucho tardar*». *Sibila Cassandra,* verso 641.

8. *nova,* noticia.

10. Despacha-te.

12. era o comandante da Armada, de que fazia parte a nau *Garça* (verso 388), em que partira para a Índia o marido de Constança. Veja G. V., *Obras,* IV, p. 243, verso 15.

13. Compare: «Tardó allá dos anos, mucho fué tardínero, — facias'le á la dona un mes año entero». Hita, *Buen Amor,* estrofe 477. — *punha,* julgava.

Moç. Não senhora;
eu virei logo nessora,
se m'eu lá não detiver.

Ama Mas que graça, que seria,
5 se este negro meu marido
tornasse a Lisboa vivo
pera a minha companhia!
Mas isto não pode ser;
qu'ele havia de morrer
10 sòmente de ver o mar.
Quero fiar e cantar,
segura de o nunca ver.

Moç. Ai senhora! venho morta:
noss'amo é hoje aqui.
15 *Ama* Má nova venha por ti
perra excomungada torta.
Moç. A Garça, em que ele ia,
vem com mui grande alegria;
per Rastelo entra agora.

2-3. virei imediatamente, se me lá não demorar.

5. Cfr.: «venho a saber... do *negro* vosso marido». Chiado, *Pratica dos Compadres*, fl. 6.

12. Confiada em que o não verei mais

13. Cfr.: «Ha, senhor, que *venho morta*». Jerónimo Ribeiro, *Auto do Físico*, fl. 107. Veja G. V., *Obras*, III, p. 288 — último verso.

15. Cfr.: «*Malas... vengan* por ella y por vos!». Lope de Rueda, *Obras*, II, p. 218.

16. *perra* — Veja G. V., *Obras, III*, p. 196. — *torta*, mal intencionada.

Por vida minha, senhora,
que não falo zombaria.

E vi pessoa que o viu
gordo, que é pera espantar.
5 *Ama* Pois, casa, se t'eu caiar,
mate-me quem me pariu.
Quebra-me aquelas tigelas
e três ou quatro panelas,
que não ache que comer.
10 Que chegada e que prazer!
Fecha-me aquelas janelas;
deita essa carne a esses gatos;
desfaze toda essa cama.
Moç. De mercês está minh'alma;
15 desfeitos estão os tratos.
Ama Porque não matas o fogo?
Moç. Raivar, que este é outro jogo.
Ama Perra, cadela, tinhosa,
que rosmeas, aleivosa?
20 *Moç.* Digo que o matarei logo.
Ama Não sei pera que é viver.
Mar. Oulá.

---

2. Cfr.: «*nam falla zombaria*». G. V., *Clérigo da Beira*, verso 507. — «À fé de gentil-homem que *fallo* sem *zombaria*...». Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, V, cena 1.ª, fl. 151 verso.

14-15. «Em boa disposição de ânimo está minha ama, acabaram as intimidades ilícitas». Calado Nunes.

16. Porque não apagas o lume?

17. Zanga-te, que vais levar vida diferente da que tens levado». Calado Nunes.

20. Digo que apagarei já o lume.

Ama Ali ma ora, este é.
Quem é?
Mar. Homem de pé.
Ama Gracioso se quer fazer. —
5 Subi, subi pera cima.
Moç. É noss'amo: como rima!
Ama Teu amo! Jesu! Jesu!
alvíssaras pedirás tu.
Mar. Abraçai-me minha prima.

10 *Ama* Jesu! tão negro e tostado!
Não vos quero, não vos quero.
Mar. E eu a vós si, porque espero
serdes mulher de recado.
Ama Moça, tu que estás olhando?
15 Vai muito asinha saltando,
faze fogo, vai por vinho,
e ametade d'um cabritinho,
enquanto estamos falandb.
Ora como vos foi lá?
20 *Mar.* Muita fortuna passei.

---

1. Infelizmente é o marido.
6, «...como chega a tempo». Calado Nunes.
7. *Jesu!* — exclamação admirativa.
13, *de recado,* bem comportada. Cfr.: «hombre sois *de* buen *recado*». Torres Naharro, *Comedia Tinelaria,* p. 114. — «que era diligente, y *de recado*». Cervantes, *Novela de las dos donzelas,* fl. 189 verso.
20. Experimentei muitas tormentas! — «Si esta travesia, oh Dios! va a ser útil al Islam, házmela fácil; si no, dame adversa *fortuna de mar que* me obligue a volver». — Súplica de Yúçuf a Alá, subindo para a nau, que se dirigia para a Espanha. D. Ramón Menéndez Pidal, *La España del Cid* — a mais bela e autorizada relação da vida do *Campeador* — T. I, p. 356 — «Cierto

Ama E eu oh quanto chorei,
quando a armada foi de cá!
E quando vi desferir,
que começaste de partir,
5 Jesu! eu fiquei finada;
três dias não comi nada,
a alma se me queria sair.

Mar. E nós cem léguas daqui.
saltou tanto sudoeste,
10 sudoeste e oes-sudoeste,
que nunca tal tormenta vi.
Ama Foi isso à quarta-feira,
aquela logo primeira?
Mar. Si; e começou n'alvorada.

---

no imprópriamente los marineros llaman á la tempestad *fortuna*, que la gran fortuna tempestad es». Petrarca, *De Remediis utriusque fortunae*. Trad. de Francisco Madrid. T. I, 17. — «Quivi trovâr che s'era um altro legno — cacciato da *fortuna*...» Ariosto, *Orlando Furioso*, canto XL, 46. — «El pensar que viene atrás — de la *fortuna bonanza*». Barahona de Soto, *Poesías Líricas*, p. 604.

1. Neste verso e seguintes «note-se a hipocrisia que revela esta fala da Ama contrapondo-se à ingenuidade e sinceridade com que lhe fala o marido». Calado Nunes.

3. E quando vi desfraldar as velas... — «*desfere* a capitaina de D. Francisco a vela, dizendo toda a gente voz em grita: Boa viagem». João de Lucena, *Hist. da vida de S. Francisco Xavier*, liv. IV, cap. 10.

5-7, sentia uma enorme dor; estive prestes a morrer. — «Que ya *el alma se me sale*...» *Romance del Marquês de Mantua*. — «Y *el alma* del cuerpo *sale*». *Romance de Moriana y Galvan, Romancero General*, n.º 10, T. I, p. 4. — «parecia que já lhe *sahya a alma*». Garcia de Resende, *Crónica de D. João II*, (1596) fl. CXIII.

Ama E eu fui-me de madrugada
a nossa Senhora d'Oliveira.
E co'a memória da cruz
fiz-lhe dizer uma missa.
5 e prometi-vos em camisa
a santa Maria da Luz:
e logo à quinta-feira
fui-me ao Spírito Santo
com outra missa também;
10 chorei tanto que ninguém
nunca cuidou ver tal pranto.
Correste aquela tormenta? —
Andar.
Mar. Durou-nos três dias.
15 *Ama* As minhas três romarias
com outras mais de quarenta.
Mar. Fomos na volta do mar
quase quase a quartelar:
a nossa Garça voava,
20 que o mar s'espedaçava.

---

2. «Ermida situada no adro da igreja de S. Julião. Foi destruída pelo terremoto de 1755». Calado Nunes.

3, «e lembrando-me de Cristo crucificado...» *Idem.*
, *em camisa,* o peso do Marido em cera.

6, é invocada também no *Triunfo do Inverno,* verso 810.

8, ermida situada em Santa Cruz do Castelo, destruída pelo terremoto de 1755.

12. Sofreste aquela procela?

13. Continuai.

15. «Coincidiu com as minhas três romarias». Calado Nunes.

18. Estivemos quase para virar de rumo. — «E tornando na *volta do mar,* inda que com vento algum tanto ponteyro...» Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação,* cap. 52.

Fomos ao rio de Meca,
pelejámos e roubámos,
e muito risco passsámos
à vela, e árvore seca.
5 *Ama* E eu ca esmorecer,
fazendo mil devações,
mil choros, mil orações.
Mar. Assi havia de ser.

Ama Juro-vos que de saudade
10 tanto de pão não comia
a triste de mi cada dia.
Doente, era uma piedade.
Já carne nunca a comi:
esta camisa que trago
15 em vossa dita a vesti,
porque vinha bom mandado.
Onde não há marido
cuidai que tudo é tristura,
não há prazer nem folgura;
20 sabei que é viver perdido.
Alembrava-vos eu lá?
Mar. E como?
Ama Ágora, aramá:
lá há índias mui fermosas;

---

1. Fomos ao Mar Vermelho.

4. com os fortes temporais, rasgaram-se as velas.

6-7. Cfr.: «*chorinhos & devações*, sacreficios & *orações*...» Camões, *Enfatriões*, v.v. 43-44.

16. «para festejar as boas notícias que vinham da Índia». Calado Nunes.

19. «non espero aver *folgura* (alegria)...» Marqués de Santillana, *Canciones y Decires*, p. 163.

22. E quanto!

23. «Não acredito no que me dizes». Calado Nunes.

lá faríeis vós das vossas
e a triste de mi cá,
encerrada nesta casa,
sem consentir que vizinha
5 entrasse por uma brasa,
por honestidade minha.
Mar. Lá vos digo que há fadigas,
tantas mortes, tantas brigas,
e p'rigos descompassados,
10 que assi vimos destroçados,
pelados como formigas.

Ama Porém vindes muito rico?
Mar. Se não fora o capitão,
eu trouxera a meu quinhão
15 um milhão vos certifico.
Calai-vos que vós vereis
quão louçã haveis de sair.
Ama Agora me quero eu rir
disso que me vós dizeis.
20 Pois que vós vivo viestes,
que quero eu de mais riqueza?
Louvada seja a grandeza
de vós, Senhor, que o trouxestes.

---

5. Não só no séc. XVI, mas ainda no séc. XVIII, como refere Nicolau Tolentino, continuava o costume de se pedir lume.

6, por causa da minha reputação.

13. O comandante apossou-se do maior quinhão.

14-15. Eu trouxera à minha parte um milhão de cruzados. Veja G. V., *Obras*, I, p. 149.

20-21. «Constança dissimula o interesse das riquezas, para só revelar o da saúde do marido». Calado Nunes.

A nau vem bem carregada?
Mar. Vem tão doce embandeirada!
Ama Vamo-la, rogo-vo-lo, ver.
Mar. Far-vos-ei nisso prazer?
5 *Ama* Si, que estou muito enfadada.

Vão-se a ver a Nau, e fenece esta farsa.

2, *doce*, lindamente. Calado Nunes.

FARSA CHAMADA AUTO DA FAMA

FIGURAS: Fama, Joane, Francês, Italiano, Castelhano, Fé, Fortaleza.

A Farsa seguinte foi representada à mui católica e Sereníssima Rainha D. Leonor, e depois ao muito alto e poderoso Rei D. Manuel na cidade de Lisboa, em Santos-o-Velho, na era do Senhor de 1510.

ARGUMENTO

O argumento desta farsa é, que a Fama é uma tão gloriosa excelência, que muito se deve de desejar: a qual este reino de Portugal está de posse da maior de todolos outros reinos. Segue-se que esta Fama Portuguesa é desejada de todolas outras terras, não tão sòmente pola glória interessal dos comércios, mas principalmente polo infinito dano que os Mouros, imigos da nossa Fé, recebem dos Portugueses na Índica navegação. E porque antigamente a fama desta nossa província era em preço de pequena estima, significando isto, será a primeira figura uma mocinha da Beira chamada Portuguesa Fama, guardando patas, a qual será requerida per França, per Itália, per Castela, e de todos se escusará, porque cada hum a quererá levar; e provará per evidentes rezões que este reino a merece mais que outro nenhum. Polo qual será posta no fim do auto em carro triunfal per duas Virtudes, s. Fé e Fortaleza.

O AUTO DA FAMA alegoriza a acção de Portugal — os descobrimentos marítimos. Como na peça se alude a acontecimentos posteriores a 1510, Braamcamp inclina-se a que ela fosse representada em 1515. G. V., *Rev. de Hist.*, n.º 22, p. 152.

— *nossa província*, Portugal.
s., a saber.

Entra logo a Fama, com um parvo per nome Joane consigo, careando suas patas, e diz:

Fam. Tange as patas pera cá.
Como es aqueste, Jesu!
Samicas ervilhaste tu.
Joa. Pate, pate, ierama,
5 ó ma reira!
Fam. Leix'as ir pola carreira.
Ó, má morte que te leve!
Joa. Ó, pesar de Mafamede!
S'elas se vão à figueira!
10 Ind'oje m'eu tornarei.
Fam. Tangede-las.
Joa. Pate, pate.
Má raposa que as mate.
Sabeis como vos afogarei.
15 *Fam.* Olhade o jeito!
Joa. Se não querem ir direito!
E hei-de fugir um dia,
praza a Deus e à Virgem Maria.
Fam. Porque não tanges a eito?
20 *Joa.* Patelas, pate raivosas;
apre filhas do enforcado,
polo céu de Deus sagrado.

A Fama (mocinha da Beira) simboliza Portugal. — *careando*, dirigindo.

3. porventura endoudeceste.

4-5. Joane roga pragas às patas. — *Pate, pate*, interjectivas para chamar patos. — *reira*, disenteria. Veja G. V., *Obras*, I, p. 170.

8. Juramento e imprecação.

20, *patelas*, interjectiva para chamar patos.

Fam. Pate, meninas, fermosas;
andar, patinhas;
ora ide-vos, filhinhas.
Joa. Cóche, meninas d'amor.
5 Hou, ganso! s'eu lá for,
far-vos-ei eu cagar pinhas.

Deita-se Joane a dormir, e entra o Francês e diz:

Fra. Dio guarde, bella pastora,
tan fermosa y tan arrea:
que fet vus naquesta aldea?
10 Yo su morte par vus, senhora,
par mon foy.
Nom partiré daqui oy,
tan que sea mi posança
vu vendrés comigo en França,
15 si par Dio par xar de moy.

Par el cor sacro de Dio
vós estis tan bela xosa,
y xosa tan preciosa,
qu'en França vendrés comi.
20 Ó rosa mia,
vendrés en mi companhia
a la próspera Paris,
que França porta es paradis,
tanti que le mundi sia.

---

7. O Francês faz a corte à Pastora.
8. *tan arrea,* tão bem vestida.
10. Eu sou morto de amor por vós, palavra de honra!
15. *Dio,* Deus.
18. *preciosa,* formosa, excelente.
24. em quanto o mundo existir.

Fam. Cuidais vós qu'é 'quilo pouco!
Assi vos tome a vós o demo.
Fra. Ó mi amor, que yo ya temo
que me tengais vós por loco.
5 Ó mia dama,
como os xamas?
Fam. Eu a Fama.
e cuidais de me levar?
Antes me leve uma trama.

10 *Fra.* Ó Fama, por Nutra Dama,
si vus avés confiança,
y vendrés comi en França,
vus portarez gran corona.
Fam. Avache cham!
15 Não hei-de'ir a França não,
que esta moça é Portuguesa.
Fra. Y porque no serés vus Francesa?
Fam. Porque não tenho rezão.
E que havia eu ora lá d'ir?
20 Vós falais em vosso siso?
Riquezas tendes vós pera isso?
Isso é cousa pera rir.
Fra. Gran posança,
é forte xose le belo França,
25 que tote le mundi fa temblés.
Par xa y de moy vu vendrés.
Fam. Si, Castela vos amansa.

---

2. Fórmula de esconjuro popular: o diabo vos leve!

9. É uma praga e imprecação. Cfr.: «Ó má *trama te leve* desavergonhada». *Eufrosina*, III, cena 5.ª, p. 188.

20. Veja *Auto da India*, verso 287, p. 104.

E ulas cavalarias
que tendes para me levar,
quant'eu não ouço falar
acá as vossas valentias.
5 Tenho sabido
que é mais o arruído:
e não digo mais agora.
Francês, i-vos muito embora,
que isto é tempo perdido.

10 *Fra.* Par mon foy, gentil pastora,
que yo veo dende Enves,
y no puedo parler mes.
Quédaos con Diu aora.
Ó! forte xosa!
15 Ó pastora tan preciosa!
Humble diable que me porte!
Ó le François que es tan forte
y la fama no le possa!
Yo ma mora oy braman.
20 *Fam.* Mando-vos eu ora bramar?
Fra. Cor de Diu, no sé que far:
le gens tous que diran?

---

1. E onde estão as proezas, os feitos cavalheirescos?
6, são mais as palavras que os factos, «mais as vozes que as nozes».
8, ...ide com felicidade.
11. *Enves,* Anvers.
13. Fórmula de despedida. — «No ha de ser el huesped tan descortes que al partirse no se despida y salud a los huespedes con decirles, *quedad con Dios...»* *Covarrubias, Tesoro.*
21. Veja supra verso 37. — *far, fazer.*
22. Que dirão todos?

Fam. Joane!
Joa. O diabo que t'esgane.
Fam. Alevanta-te.
Joa. Não me quero erguer.
5 *Fam.* Não és farto de jazer?
Ó! má morte que t'apanhe.

Joa. Filha da cornuda açoutada!
Fam. Vai às patas.
Joa. Pate, pate. —
10 Má raposa que as mate.
Fam. Dar-t'ei tamanha punhada!
Tens miolo?
Joa. Eu sonhava que era tolo,
polo céu de Deus sonhava;
15 olhai, então eu chorava.
Fam. Ó Jesu! como és cebolo!

Vem um Italiano, e diz a

Fam. Quem sois vós?
Ita. Italiano.
Fam. Ide, ide vosso caminho.
20 Acorda tu, Joaninho.
Vistes como vem ufano!
Ide embora.
Joa. Hou Franchinote, fora, fora,
não espanteis as patas, hou!
25 *Fam.* A que vindes onde estou?
Ita. Audime, mia senhora.

---

5. *jazer,* estar deitado.
7. Veja G. V., *Obras,* II, p. 69.
16, *cebolo,* falto de juízo.
26. Segue-se a declaração do Italiano: «vê-se que G. V., tendo praticado com Venezianos e Genoveses de

Dio nutro salvarote
tu beleza salve y guarde.
Porque guarde aqueste ave,
con tu aspecto resplendore
5 y tan pobleta?
Una jovena perfecta,
con le pate en la campanha!
Vem comigo en la Romanha,
puy que tu beleza especta.

10 *Fam.* Bofá, meu amigo patranhas?
E que terra é assi a vossa?
Ita. La gran Italia pod'rosa.
Fam. Queria mais três castanhas.
Ita. Ay! il cor me dole,
15 qui me mata tu parole;
arço en foco de tu amore;
si tu no me dá favore,
clamaró, qui rumpe il sole.

Ó li core de la vita mia,
20 si brachi mei te pilhasse,
y occhi mei te mirasse,
tote le ore, notte y dia,
totti quanti

Lisboa, tinha *só* a música da língua nos ouvidos...» *Not. Vic.*, IV, p. 390.

8, ...à antiga província Romagna.

14, *cor*, coração.

16, estou apaixonado por ti: «tutto infiammato d'amoroso *fuoco*». Ariosto, *Orlando Furioso*, canto XIX, 26.

17, se tu não correspondes ao meu amor...

libérati qui sun tanti,
y le companha de dia;
aqueste paradisa mia
me será multi triumphanti.
5 Ve ay tu muy cierte cora,
que videtis son conduto
a crudele amore tuto,
sin pietate sola un'ora:
y noche loco
10 me consume el triste foco,
y el core si lamenta,
que a la fine ja mi afoco.

Fam. Eu não sei que vós haveis. —
Meninas, meninas, pati.
15 *Ita.* Ó le morte ao suy estati!
Fam. Dou-lh'ora que renegueis.
Ita. Audi cagione.
Yo suy en tu prisione,
y la morte no me vale.
20 Fama, puy que es immortale,
famula tuorum y racione?
Insule eu es tuta terra.
Vamo, auvoemos Pavia,
qui le Romani sum con via
25 de le pace y de le guerra.
Fam. Ó que bem!
Qu'esforçada gente tem!
Que vitórias! Mau pesar,
sois de quem vos conquistar.
Vedes o demo em que vem!

26-30. Note-se a ironia.

Ita. Parla oy mi dulce parole,
concede mi pedimiento.
Fam. Olhade aquele aviamento!
Ita. Ó fermosa como el sole!
5 *Fam.* Não vos digo
que não faleis mais comigo?
Ita. Ó mi dulce paradiso,
tu me fai que me persigo.
Ó la candida vita mia señora,
10 diesa mia y mi dolore,
que abalho por el tu amore:
mi casar contico acora.
Fam. Eu não quero:
isso é certo o qu'eu espero.
15 E que riquezas tendes vós?
Ora assi me salve Deus
qu'isso passa já de fero.

Ita. Yo te doneré ducate,
y le joya preciosa,
20 y tu seray venturosa
y de riqueza abastate.
Fam. Perguntai ora a Veneza

2, dá deferimento à minha declaração.

7, «mi sagrado *paraiso*». G. V., *Obras*, III, p. 191, verso 16.

16. Este verso é também o 299 da *Barca do Purgatório*. G. V., *Obras*, II, p. 99, verso 11.

17. *fero*, bravata.

18. Eu te darei dinheiro...

22. Note-se a ironia dos versos, que seguem, em que se patenteia a situação portuguesa, no princípio do séc. XVI.

como lhe vai de seu jogo:
eu vos ensinarei logo
de que se fez sua grandeza.
  Começai de navegar,
5 ireis ao porto de Guiné;
perguntai-lhe cujo é,
que o não pode negar.
Com ilhas mil
deixai a terra do Brasil;
10 tende-vos à mão do sol,
e vereis homens de prol,
gente esforçada e varonil.
Aos comércios perguntareis
d'Arábia, Pérsia, a quem se deram,
15 ou quando os homens tiveram
este mundo que vereis.
E não fique
perguntar a Moçambique
quem é o alferes da Fé,
20 e Rei do mar quem o é,
ou s'há outrem a que s'aplique.
  Ormuz, Quiloa, Mombaça,
Sofala, Cochim, Melinde,
como em espelhos d'alinde,
25 reluz quanta é sua graça.

---

11. E vereis homens de bem (de préstimo, de valor).

13-14. A Fama menciona a Arábia juntamente com a Pérsia como terra onde há comércio português. *Not. Vic.*, p. 252.

24. Como em espelhos de aumento... (As damas usavam-nos para alindar o rosto: «El *espejo de alinde* para apurar el rostro...» Arcipreste de Talavera. *Corbacho*, II, 3).

E chegareis
a Goa e perguntareis
se é inda sojugada
por peita, rogo, ou espada?
5 Veremos se pasmareis.
Perguntai à populosa,
próspera e forte Malaca,
se lhe leixaram nem 'staca
pouca gente mas furiosa.
10 E vereis de longe e de través
se treme todo o sertão:
vede se feito Romão
com ele m'igualareis.

Ita. Ó Diu!
15 *Fam.* Esperai vós,
qu'ind'eu agora começo;
qu'este conto é de grão preço;
bento seja o Deus dos céus!
Perguntai
20 ao Soldão como lhe vai
com todos seus poderios;
que contr'ele são seus rios:
e esta nova lhe dai.

---

9. Cfr.: «pouca gente e muito feito». G. V., *Obras*, IV, p. 254.

12-13, nestes versos nota-se a influência da Renascença. Veja G. V., *Obras*, IV, p. 254 verso 5 e a Nota.

14. *Ó Diu!* — «na boca de um Italiano, e como exclamação! é evidentemente Dio! isto é Deus!». *Not. Vic.*, IV, p. 276.

20, observa-se que o Imperador dos Turcos se ressentiu das vitórias e conquistas de Portugal. *N. V.*, IV, p. 340.

Ide-vos pola foz de Meca,
vereis Adém destruída,
cidade mui nobrecida,
e tornou-se-lhe marreca.
5 E achareis
em calma suas galés,
e as velas feitas em isca,
e balhando à mourisca
dentro gente Português.

10 Achareis Meca em tristeza,
ainda mui sem folgança,
renegando a vizinhança
de tão forte natureza.
Porque farão
15 na ilha do Camarão

---

1. «A Fama faz uma resenha das empresas portuguesas, desde Guiné até Malaca, não esquecendo o Brasil, Ormuz e Adém. Eis porque supomos não poder a peça ser anterior a 1515 Goa foi tomada em 1510, Malaca em 1511, Azamor, em África, em 1513, no mesmo ano em que foi destruída Adém, notícia que só se podia conhecer no reino no 2.º semestre de 1514». Brito Rebelo, *Gil Vicente* (1902), p. 48.

7, e as velas queimadas.

8, *mourisca,* dança popular. — «Baylava balho vylan, — ou *mourysca...*» Resende, *Cancioneiro Geral,* V, p. 251.

9, *português* — Ainda no séc. XVIII se dizia *português* para os dois *géneros:* «a nossa *português* casta linguagem». *Hissope,* canto V, verso 134.

10, por causa das proezas de Afonso de Albuquerque.

12, amaldiçoando...

15. «A ilha é apontada pela Fama como estação no caminho da índica navegação» *N. V.,* p. 262.

e no estreito fortalezas,
e as mouriscas riquezas
ao Tejo se virão.

Ita. Dio, que gran fato!
5 Como la fiel fortuna,
estelle, sol y la luna
proseguio tanto andato.
Fit partito,
si plaze al tu petito,
10 pui plaze a mi tuo amore,
que lassis queste labore,
porque el cor tengo aflito.

Fam. Por amores não se há fama.
olhai vós que cousa aquela!
15 Ide cantar a gamela;
que a Fama é mais que dama.

2-3. A Fama exalta os feitos portugueses, afirmando que Lisboa se tornará um empório.

4. *Dio!* nesta peça, num verso anterior, G. Vicente escreveu DIU — veja a Nota respectiva. «Os dois históricos cercos da fortaleza índica — Diu — são tardios demais para que o Poeta os pudesse exalçar pela boca da Fama». *N. V.*, p. 277.

10, pois agrada-me o teu amor.

12, *cor*, coração.

13, *há*, adquire.

15. Esta expressão de desprezo, que G. V. empregou ainda duas vezes (*Juiz da Beira*, v. 492; *Barca do Purgatório*, v. 557), foi também usada por Jorge Ferreira: «para que (o testamento) fique de pedra e cal, e o reo va *cantar à gamela* e rir ao sol». *Eufrosina*, acto V, c. 8.ª, p. 286. Ela faz-nos lembrar outras locuções vicentinas: *ide cantar à praia; vai fazer prol;*

Ita. Si le Veneciani
aqui fizo tanti dani,
que satisfará por aquelo?
Fam. A ilha de Caramelo.
5 *Ita.* Par Di, este he grave afani.
Cruda, crudele, con Dio,
a pietate me donai,
el agrave que me fai
non resolve in mio desio;
10 y la empresa,
que mio valle tan acesa,
durará la vita mia.
Fam. Para que é essa porfia,
que esta moça é Portuguesa?

15 *Ita.* Que paciencia basta al core
del pastore disperato!
Congregar lo y grave fato
si la mente vir o amore
al foco eterno
20 della flamme del inferno,
fará partito col mio:
tu lo sa, Domine mio.
que mi mal es sempiterno.

---

torna a lavrar... Para Júlio de Castilho e Mendes dos Remédios a frase «talvez fosse o nome de alguma cantiga popular vulgar no tempo do Poeta». Campos de Andrada entendia que *cantar a gamela* — queria dizer: «a troco de uma gamela de sopa ou restos de comida, que se daria por esmola».

4, «nome de uma ilha; não sei se autêntica, ou invenção do Autor». *N. V.*, IV, p. 263.

Encontra-se o Italiano com o Francês.

Fra. Diu vu garde, bon ami.
Ita. No vale parole, Micero,
ni ou pur la vita quiero.
Fra. Y que xosa fue essa ansi?
5 *Ita.* Arço in foco,
y plango in hoc loco,
y el alma se me va.
Fra. Que diable fue essa allá?
Ita. Modici acerba invoco.

10 *Fra.* Vus topés la Fama acora,
la famosa Portuguesa?
No la pude far Francesa.
Ita. Oh Dio! que linde pastora
para Romani!
15 Yo con ela ho farto afani;
qu'a la fe l'astuta vera,
ni por pace ni por guerra,
no estima le Italiani.
Fra. Por le cor de Diu sacro
20 que ella si burla di França,
e fit tembler toto istato.
Ita. Oh el mio amore,
mi dulce ochi, colore

1-3. É uma fórmula de saudação. O Italiano desabafa com o Francês.

5. Morro de amor. As três palavras estão num verso anterior.

17. de nenhuma maneira.

19. Pelo coração de Deus sagrado...

21. Compare com um verso anterior.

candida come le sole,
per le vivo resplandore.
  Le terra in que éll'istá
sea in æternum beata,
5 puy que d'amore mi mata
y toto el mundo fará.
Y le pate
que ella guarda, sum beate,
y toti quanti sui sia:
10 y lo que su gracia desia
per le celi seano fati.

Vem um Castelhano, e diz:

Cas. Cuya sois, linda pastora?
Fam. Já temos outro enxoval?
Cas. Sois daqui de este casal?
15 *Fam.* Daqui fui sempre e agora.
Cas. Oh qué cosa!
Una joya tan preciosa,
que matais todos de amores,
y sola entre cuatro pastores
20 estais ufana y briosa!
  Yo no siento quien os vea,
que no le robeis la vida,
o señora esclarecida;

---

4. seja sempre feliz.
9. e tudo quanto seu seja.
16. Segue-se o discurso do Castelhano patriota.
17. expressão de carinho. A frase está noutra acepção num verso anterior.
18. sedutora.
21. Não compreendo que alguém vos possa ver, sem ficar apaixonado!

que no hay quien no os desea
muy de grado.
Dejeis las patas y el prado
por la próspera Castilla;
5 que estardes aqui, es bobilla,
nun casal medio poblado.
De pasados y presentes
vos dorais todas memorias,
y sois vida de las glorias,
10 y corona de las gentes.
Y es sabido
que sois um rosal florido,
donde nobleza reposa;
tan alta y preciosa cosa,
15 como nel mundo ha nacido.
Pues Fama de hermosura,
qué haceis nesta ribera,
que vuesa gentil manera
merece mejor frescura?
20 Señora, digo
que vos querais ir comigo
á Castilla, pues merece
lo que de vos resplandece;
y doy el mundo por testigo.
25 Bien sabeis, alta señora,
las victorias de Castilla,
que tiene puesta la silla
con la silla emperadora.

---

5. que ficardes aqui é tolice.
10. *corona*, honra.
25. *alta*, nobre.
28. É uma alusão a Carlos V. Veja G. V., *Obras*, I, p. 144 verso 8.

Habeis oido
que en nuestro tiempo ha vencido
quanto quiso sojuzgar:
por la tierra y por la mar
5 es muy alto su partido.
Los campos italianos,
las cercas napolitanas
y las naciones christianas
cuentam sus hechos romanos:
10 y Granada
con tantas fuerzas ganada,
tales que es cosa de espanto.
Fam. Oh Jesu! vós falais tanto,
que já estou enfastiada.
15 Olhai, Castelhão de bem,
dizeis verdade, bem sabemos;
mas há mister mais extremos
pera me levar ninguém.
Cas. Oh señora,
20 qué extremos quereis ahora?

6-9. Em Ariosto encontra-se um eco de protesto da cultura italiana contra a invasão espanhola: «Non hai tu, Spagna, l'Africa vicina, — che t'ha via piú di questa Italia offesa? — E pur, per dar travaglio alla meschina, — lasci la prima tua si bela impresa». *Orlando Furioso,* canto XVII, 76.

7. É uma referência aos sítios ou assédios, postos por Gonzalo de Córdova, o Grande Capitan, a localidades italianas». *N. V.*, IV, p. 315.

10. Cfr.: «começando su reynado — ganó el reyno de *Granada* — con afan bien empleado — y el de Napoles despues — de franceses usurpado». Torres Naharro, *Romance 1.º (Propalladia,* p. 183).

15. Compare com: *Olhai ca,* anjo *de bem...*» G. V., *Obras,* I, p. 208, verso 8.

Fam. Leixai-me vós a mi dizer.
Cas. Pláceme, yo quiero ver.
Fam. Ora ouvi-me na boa ora.
Cas. Decid, que bien os oiré,
5 mi preciosa enamorada.
Fam. Não quereis que diga nada?
Cas. Qué! no os responderé?
Por Veneza!
Hable vuestra gentileza,
10 Cuerpo de Dios consagrado,
yo quiero estar callado;
mostradme vuestra grandeza.

Fam. I-vos por aqui à Turquia,
e por Babilónia toda,
15 e vereis se anda em voda,
com pesar de Alexandria.
E vos dirá
Damasco quantos lhe dá
de combates Portugal,
20 com vitória tão real,
que nunca se perderá.
Chegareis a Jer'salém,
o qual vereis ameaçado,
e o Mourismo irado,

---

10. Exclamação corrente na Península Hispânica. G. V., repetiu-a na *Barca do Inferno*, v. 390 e no *Auto Pastoril Português*, v. 559.

13. A Fama apregoa as glórias pátrias aludindo aos males que Portugal faz à Turquia.

16. Este porto do Egipto é invocado como testemunha dos feitos portugueses pela Fama.

18-19, note-se a construção partitiva.

com pesar do nosso bem:
e os desertos
achareis todos cobertos
d'artilharia e camelos
5 em socorro dos castelos,
que já Portugal tem certos.
Sabei em África a maior
Flor dos Mouros em batalha,
se se tornaram de palha,
10 quando foi na d'Azamor.
E, sem combate,
a trinta léguas dão resgate,
comprando cada mês a vida;
e a atrevida Almedina
15 e Ceita se tornou parte.
Tributários e cativos
eles com os seus lugares,
com camelos dez mil pares,
porque os leixassem vivos.
20 Pois Marrocos,
que sempre fez dez mil biocos

---

7. «Cita-se o continente negro como teatro de glórias de Portugal, especializando-se Almedina, Azamor e Ceuta». *N. V.*, IV, p. 243-44. Acerca da tomada de *Azamor*, veja G. V., *Obras*, IV, p. 127.

Cfr.: «El ganó (D. Manuel) primeramente — por verdade — a Çafi gran ciudad — y a *Almedina* no menor — y a Mazagan y Azamor — todas casi en vezindad». Torres Naharro, *Comédia Trophea*, p. 61.

13-15, combatendo esforçadamente, para conquistar Almedina e Ceuta. *Ceita*, forma antiga e paralela de *Ceuta*.

21, que sempre procurou atemorizar... — «com *byoucos* nam s'assombrem». Resende, *Canc. Geral*.

até destruir Espanha,
sabei se se tornou aranha,
quando viu o demo em socos.
Bem: e é rezão que me vá
5 donde há cousas tão honradas,
tão devotas, tão soadas?
O lavor vos contará.
I-vos embora.
Cas. Quedáos á Dios, señora;
10 no quiero mas porfias.

Encontra-se com o Francês e Italiano, e diz o

Ita. Ó Diu! como está tan trista!
Fra. Vus topés la gran pastora?
Ille he forte coma hum torra!
Ita. Dóleme el core y la tista.
15 *Cas.* Yo estoy cansado,
que con ella he trabajado.
Fra. Y si no quiere los Franceses!
Cas. Mucho mas valemos nos.
Ita. Le Romani pilha en grado.
20 *Cas.* Qué os parece de la Fama
Portuguesa?
Ita. Forti xosa
de riqueza y no checosa;
Diu y el creve la inflama.
25 Yo he vido
que al mare no ha avedo

---

1. Acerca da destruição da Espanha, veja: *Rodrigo, El ultimo Godo* — preciosa obra de D. Ramón Menéndez Pidal.
6. *soadas*, célebres.
8-9. repetição de vv. anteriores.

mal rosto dale Moro,
per força pilha el thesoro;
y questo he vero y lo credo.

Fra. Par el cor de Christo santo,
5 que la pastora me fit sudés;
yo no le parleré mes,
pues su mercê vale tanto.
Iba. Puy ede;
que le fa Diu gran mercede,
10 y por honra mas crecirse,
porque el cor di forti y face
per Christo que in celi sede.
Que la alta guerra o paci,
que he contra le Christiani,
15 vencimiento tali dani
non esté famoso mas fallaci.
Le cuerpo morto,
si alma al inferno porto
si la vana opinione
20 quien de aquesto he occasione
no le veo por conforto.

Cas. Por eso no porfié
con ella, ni es razon,

3, isto é verdadeiro e eu acredito-o.
4. Fórmula de juramento.
12, por Cristo que está no céu. — «Et los mandaderos diéronle las cartas a la tabla o *seíe* yantando...» *Crónica General de España*, 178 — «Senhora, a mi sobrina, que en Toledo *seya*...» Hita, *Buen Amor*, 656. — «falavam muito manso à orelha com os que *siam* acerca delles...» Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, cap. 27.

porque sus victorias son
muy lejos y por la fé.
Ita. Cor de Di!
que la veritá he ansi!
5 *Cas.* El muy alto Dios sin par
la quiera siempre ayudar;
y nos vámosnos de aqui.

Vem a Fé e Fortaleza a laurear esta Fama com uma coroa de louro, e diz o

Ita. Que es aquesto dito acora?
Fra. Ó le belle polideza!
10 *Cas.* La Fé y la Fortaleza
vienen honrar la pastora.

Fé Os feitos Troianos, também os Romãos,
mui alta Princesa, que são tão louvados,
e neste mundo estão colocados
15 por façanhosos e por muito vãos,
em o regimento de seus cidadãos,
e algumas virtudes e morais costumes,
vós, Portuguesa Fama, não tenhais ciúmes,
que estais colocada na flor dos Cristãos.
20 Vossas façanhas estão colocadas
diante de Cristo, Senhor das alturas:
vossas conquistas, grandes aventuras,
são cavalarias mui bem empregadas.

---

2. mui longe e pela religião.
12. «As façanhas dos Portugueses, por serem *flor dos Cristãos*, são superiores aos feitos troianos, e *também os Romãos* (adj. portanto)». *Not. Vic.*, IV, p. 331. Veja nesta Farsa p. 127, versos 12-13.
23. São proezas...

Fazeis as mesquitas ser desertadas,
fazeis na Igreja o seu poderio:
portanto o que pode vos dá dominio,
que tanto reluzem vossas espadas.
5 Porque o triunfo do vosso vencer
e vossas vitórias exalçam a fé,
de serdes laureada grande rezão é.
Princesa das famas, por vosso valer
não achamos outra de mais merecer,
10 pois tantos destroços fazeis a Ismael,
em nome de Cristo tomai o laurel,
ao qual Senhor praza sempre em vós creçer.

Aqui coroam as Virtudes a Fama, e a põe em seu carro triunfal com música, e assi a levam, e se acaba esta susodita farsa.

---

1. Veja G. V., *Obras*, IV, p. 156, verso 11.
4. que tanto deslumbram as vossas façanhas.
10. *a Ismael*, à Mourisma.

O VELHO DA HORTA

FIGURAS: Um Velho, Uma Moça, Um Parvo, criado do velho; Mulher do velho; Branca Gil, Uma Mocinha, Um Alcaide, Beleguins.

A seguinte farsa, é o seu argumento, que um homem honrado e muito rico, já velho, tinha uma horta; e andando uma manhã por ela espairecendo, sendo o seu hortelão fora, veio uma moça de muito bom parecer buscar hortaliça, e o velho em tanta maneira se namorou dela, que per via de uma alcoviteira gastou toda a sua fazenda. A alcoviteira foi açoutada, e a moça casou honradamente. Foi representada ao mui serenissimo Rei Dom Manuel o primeiro deste nome, era do Senhor de 1512.

Entra o velho pela horta, rezando.

Vel. Pater noster criador,
Qui es in cœlis poderoso,
Sanctificetur, Senhor,
Nomen tuum vencedor,
5 nos céus e terra piedoso.

FARSA DO VELHO DA HORTA. O papel de intermediária nos amores do rico Velho da Horta com uma rapariga é desempenhado por Branca Gil, derivação da Celestina da *Tragicomedia de Calisto y Melibea* de Fernando de Rojas.

Uma das cenas capitais da *Farsa* é aquela em que se patenteiam os nomes das INSPIRADORAS dos POETAS PALACIANOS (anteriores a 1516, data da publicação do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende).

Em 1943, o Prof. Dr. J. de Almeida Lucas editou esta *Farsa* primorosamente. Bem haja!

1. Segue-se a paráfrase do *Padre nosso*... Veja G. V., *Obras*, II, pp. 246-48.

Adveniat a tua graça,
Regnum tuum sem mais guerra;
Voluntas tua se faça
Sicut in cœlo et in terra.
5 *Panem nostrum,* que comemos,
Quotidianum, teu é;
escusá-lo não podemos:
inda que o não merecemos,
Tu *da nobis hodie.*
10 *Dimitte nobis,* Senhor,
Debita nossos errores,
Sicut et nos, por teu amor,
Dimittimus qualquer error
aos nossos devedores.
15 *Et ne nos,* Deus, te pedimos,
Inducas per nenhum modo
In tentationem caímos;
porque fracos nos sentimos,
formados de triste lodo.
20 *Sed libera* nossa fraqueza,
Nos a malo nesta vida.
Amen por tua grandeza,
e nos livre tua alteza
da tristeza sem medida.

Entra a Moça na horta e diz o

25 *Vel.* Senhora, benza-vos Deus.
Moç. Deus vos mantenha, Senhor.
Vel. Onde se criou tal flor?
Eu diria que nos céus.

25-26. São fórmulas rústicas de tratamento e de cumprimento ainda hoje usadas em aldeias peninsulares.

Moç. Mas no chão.
Vel. Pois damas se acharão,
que não são vosso sapato.
Moç. Ai! como isso é tão vão,
5 e como as lisonjas são
de barato.

Vel. Que buscais vós cá, donzela,
senhora, meu coração?
Moç. Vinha ao vosso hortelão
10 por cheiros pera a panela.
Vel. E a isso
vindes vós, meu paraíso,
minha senhora, e não al?
Moç. Vistes vós! Segundo isso,
15 nenhum velho não tem siso
natural.

Vel. Ó meus olhinhos garridos!
Minha rosa! meu arminho!
Moç. Onde é o vosso ratinho?
20 Não tem os cheiros colhidos?
Vel. Tão depressa
vindes vós, minha condesa,
meu amor, meu coração?

1, *mas* — «negativa para opor sem contrariar, com bela ênfase». Dr. João Ribeiro, *Frases Feitas*, t. II, p. 78.

2-3, que vos são inferiores. Compare-se: «pues otras hay que no son para descalzarme el zapato...» Lope de Rueda, *Obras*, II, p. 262. — «que no hay ninguna que llegue à la suela de su zapato...» *Quijote*, II, cap. 48.

8, *coração*, amor.

15, no séc. XVI era corrente a dupla negativa.

19, *ratinho*, o hortelão.

Moç. Jesu! Jesu! que cousa é essa?
E que prática tão avessa
da rezão!
Falai, falai d'outra maneira:
5 mandai-me dar a hortaliça.
Vel. Grão fogo d'amor m'atiça,
ó minha alma verdadeira!
Moç. E essa tosse?
Amores de sobreposse
10 serão os da vossa idade:
o tempo vos tirou a posse.
Vel. Mais amo, que se moço fosse
com ametade.

Moç. E qual será a desestrada,
15 que atente em vosso amor?
Vel. Ó minh'alma e minha dor,
quem vos tivesse furtada!
Moç. Que prazer!
Quem vos isso ouvir dizer
20 cuidará que estais vós vivo,
ou que sois pera viver.
Vel. Vivo não no quero ser,
mas cativo.

Moç. Vossa alma não é lembrada
25 que vos despede esta vida?

---

14. E qual será a infeliz?...
18. Note-se a ironia. — «Qué placer!» Encina, *Teatro*, p. 280.
23. Compare-se: «Que *captivo* me teneis — preso de vuestra beldad». Encina, *Teatro*, p. 283.
25. *despede*, mata.

Vel. Vós sois minha despedida,
minha morte antecipada.
Moç. Que galante!
Que rosa! que diamante!
5 Que preciosa perla fina!
Vel. Ó fortuna triunfante!
Quem meteu um velho amante
com menina!
O maior risco da vida,
10 e mais perigoso, é amar;
que morrer é acabar,
e amor não tem saída.
E pois penado,
ainda que seja amado,
15 vive qualquer amador;
que fará o desamado,
e sendo desesperado
de favor?

Moç. Ora dá-lhe lá favores!
20 Velhice, como te enganas!
Vel. Essas palavras ufanas
acendem mais os amores.
Moç. Ó home! estais às escuras;
não vos vedes como estais?
25 *Vel.* Vós me cegais com tristuras,
mas vejo as desaventuras
que me dais.

9-10. Cfr.: «Amour porquoi fais-tu l'état heureux de tous les êtres et le malheur de l'homme?» Buffon.
13. E pois sofrendo...
18, de ser correspondido.
19. Note-se a ironia: correspondei ao seu amor!
21. Essas palavras presunçosas...

Moç. Não vedes que sois já morto,
e andais contra natura?
Vel. Ó flor da mor fermosura,
quem vos trouxe a este meu horto?
5 Ai de mi!
Porque assi como vos vi,
cegou minha alma e a vida;
e está tão fora de si,
qu'em partindo vós daqui,
10 é partida.

Moç. Já perto sois de morrer:
donde nace esta sandice,
que, quanto mais na velhice,
amais os velhos viver?
15 E mais querida,
quando estais mais de partida,
é a vida que leixais?
Vel. Tanto sois mais homecida,
que, quando amo mais a vida,
20 m'a tirais.
Porque minh'hora d'agora
val vinte anos dos passados;
que os moços namorados
a mocidade os escora.
25 Mas um velho,

---

1. Cfr.: supra com os versos 75-77.
3. *«flor de la fermosura!» Quijote*, cap. 8.
10. Ocasionas á minha morte...
21, *hora d'agora* — para acentuar o momento presente: porque esta hora, o momento presente... — «por lo que creo que debe de estar su ánima à la ***hora de ahora*** gozando de Dios». *Quijote*, cap. 12

em idade de conselho,
de menina namorado...
Ó minh'alma e meu espelho!
Moç. Ó miolo de coelho
5 mal assado.

Vel. Quanto for mais avisado
quem d'amor vive penando,
terá menos siso amando,
porque é mais namorado.
10 Em concrusão,
que amor não quer rezão,
nem contrato, nem cautela,
nem preito, nem condição,
mas penar de coração
15 sem querela.

Moç. Hulos esses namorados?
Desinçada é a terra deles:
olho mau se meteu neles:
namorados de cruzados,
20 isso si.

---

11. «(Amor) Enemigo de toda *razón...*» *La Celestina,* XXI (t. II, p. 226). — «Donde Amor pone cuidado — luégo huye la *razón*». Encina, *Teatro,* p. 131. Veja *Enfatriões,* vv. 225-26 (Edição de 1928). «*Amor* nam se rege per *razam*». Prestes, *Auto dos Cantarinhos,* fl. 147 e Jorge Ferreira, *Aulegrafia,* acto V, fl. 172 verso.

14-15. mas sofrer sem queixa.

16-17. Onde estão esses namorados? — Já não existem.

18. Este verso, com ligeiríssimas modificações, é empregado duas vezes como praga na *Farsa do Juiz da Beira,* vv. 227 e 284.

19-20. O que há, são caçadores de dotes. — «fermosura, & virtude, nenhũa valia tem, & não se tomam

Vel. Senhora, eis-me eu aqui,
que não sei senão amar.
Ó meu rosto d'alfeni!
Qu'em forte ponto vos vi
5 neste pomar!

Moç. Que velho tão sem sossego!
Vel. Que garridice me viste?
Mas dizei, que me sentiste,
remelado, nécio, cego?
10 Mas de todo
per mui namorado modo
me tendes minha senhora
já cego de todo em todo.
Moç. Bem está quando tal lodo
15 se namora.

Vel. Quanto mais estais avessa,
mais certo vos quero bem.
Moç. O vosso hortelão não vem?
Quero-me ir, que estou de pressa.
20 *Vel.* Ó fermosa,
toda minha horta é vossa.
Moç. Não quero tanta franqueza.
Vel. Não per me serdes piedosa;

---

as molheres senão a peso». Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, acto I, cena 9.ª, fl. 31. (Veja idêntica referência às mulheres na *Farsa de Quem tem farelos?* vv. 74-75 — «L'or seul, l'or luit partout, dieu sordide et vermeil». Albert Samain, *Les Buchers*.

3. Ó meu rosto delicado!

4. Em má hora te vi! — «*En fuerte punto te vy!*» Hita, *Buen Amor*, 215 e Bernardim Ribeiro, *Écl. III*, verso 140.

porque quanto mais graciosa,
sois crueza.
Cortai tudo sem partido;
senhora, se sois servida,
5 seja a horta destruída,
pois seu dono é destruído.

Moç. Mana minha,
achastes vós a daninha,
porque não posso esperar.
10 Colherei alguma cousinha,
sòmente por ir asinha
e não tardar.

Vel. Colhei, rosa, dessas rosas,
minhas flores, colhei flores.
15 Quisera que esses amores
foram perlas preciosas,
e de rubis
o caminho por onde is,
e a horta d'ouro tal,
20 com lavores mui sutis,
pois que Deus fazer-vos quis
angelical.

---

3. Cortai tudo à vontade.

5. Cfr.: «ó *huerta!* — Deseo verte arrancada...» *Tragicomédia D. Duardos*, vv. 1430-31.

7. Exclamação. «...*Mana minha!*» Prestes, *Auto do Mouro Encantado*, fl. 134.

8. Achastes vós a daninha para destruir a horta! — expressão irónica e de ameaça antiquíssima. O Marquês de Santillana coloca entre os Adágios: «*hallado* habéis la gritadera!» — Cfr.: «*Hallado* le habéis el atrevido!» *Quijote*, II, cap. XVII.

22. Na Idade Média e sobretudo na poesia da Renascença chamam-se «angelicais» as qualidades morais, intelectuais e físicas que atingiam o sumo da excelência.

Ditoso é o jardim
que está em vosso poder:
podeis, senhora, fazer
dele o que fazeis de mim.

5 *Moç.* Que folgura!
Que pomar e que verdura!
Que fonte tão esmerada!

Vel. N'água olhai vossa figura,
vereis minha sepultura

10 ser chegada.

Moç. «Cual es la niña
«que coge las flores,
«sino tiene amores.
«Cogia la niña

15 «la rosa florida,
«el hortelanico
«prendas le pedia,
«sino tiene amores.»

Assi cantando colheu a Moça da horta o que vinha buscar, e acabado, diz:

Eis aqui o que colhi;

20 vede o que vos hei-de dar.

Vel. Que m'haveis vós de pagar,
pois que me levais a mi?
Ó coitado!
Que amor me tem entregado

25 e em vosso poder me fino,

11-18. É nas *Obras* vicentinas que se encontram os mais flagrantes documentos da existência de Cantigas populares ou popularizadas em Portugal no séc. XVI.

porque sou de vós tratado
como pássaro em mão dado
d'um menino.

Moç. Senhor, com vossa mercê...
5 *Vel.* Por eu não ficar sem a vossa,
queria de vós uma rosa.
Moç. Uma rosa? pera quê?
Vel. Porque são
colhidas de vossa mão,
10 leixar-m'eis alguma vida,
não isenta de paixão,
mas será consolação
na partida.

Moç. Isso é por me deter:
15 ora tomai — acabar.

Tomou-lhe o Velho a mão

Jesu! e quereis brincar?
Que galante e que prazer!
Vel. Já me leixais?
Lembre-vos que me lembrais
20 e que não fico comigo.
Ó marteiros infernais!
Não sei porque me matais,
nem o que digo.

---

15. *acabar*, infinito pelo imperativo. Veja *Auto da India*, verso 121.
17. Note-se a ironia.
19. Não vos esqueço.
21-22. Ó martírios infernais! não sei porque me matais de amor...

Vem um Parvo, criado do Velho, e diz:

Dono, dizia minha dona
que fazeis vós cá té à noute?
Vel. Vai-te daí, não t'açoute.
Ó! dou ó decho a chaçona
5 sem saber.
Par. Diz que fôsseis comer,
e que não moreis aqui.
Vel. Não quero comer nem beber.
Par. Pois que haveis cá de fazer?
10 *Vel.* Vai-te d'hi.

Par. Dono, veio lá meu tio,
estava minha dona — então ela
foi-se-lhe o lume pola panela,
senão acertá-lo acario.
15 *Vel.* Ó Senhora,
como sei que estais agora
sem saber minha saudade!
Ó senhora matadora,
meu coração vos adora
20 de vontade.

Par. Raivou tanto rosmear
ó pesar ora da vida!

---

4. Dou ao diabo a mulher que tudo vê e descobre!
14. Por causa da rima para *tio*, aparece a forma desconhecida *acario*. Veja *Rev. Fil. Esp.*, 1942, p. 498.
18. Ó senhora que matais de amor...
20, com gosto.
21. Zangou-se com tanto resmungar...
22. É uma imprecação: Ó com mil diabos! — «*Ó pesar* no *de la vida!*» G. V., *Obras*, III, p. 78.

Está a panela cozida,
minha dona quer jentar:
não quereis?
Vel. Não hei-de comer, que me pês,
5 nem quero comer bocado.
Par. E se vós, dono, morreis?
Então depois não falareis,
senão finado.

Então na terra nego jazer,
10 então finar dono estendido.
Vel. Ó quem não fora nacido,
ou acabasse de viver!
Par. Assi, pardeus.
Então tanta pulga em vós,
15 tanta bichoca nos olhos,
ali c'os finados sós;
e comer-vos-ão a vós
os piolhos.

Comer-vos-ão as cigarras,
20 e os sapos morreré, morreré.
Vel. Deus me faz já mercê
de me soltar as amarras.
Vai saltando,
aqui te fico esperando:
25 traze a viola e veremos.

---

4. ...ainda que me custe.
9. *nego,* senão.
11. Veja *Auto da India,* p. 110.
14. Cfr.: «Alla irás,... que *pulgas* te comam los *ojos*». Cervantes, *La Illustre Fregona,* p. 83.
15. tanto verme...

Par. Ah corpo de São Fernando!
Estão os outros jentando,
e cantaremos?

Vel. Quem fosse do teu teor,
5 por não sentir tanta praga
de fogo que não s'apaga
nem abranda tanta dor!
Hei-de morrer.
Par. Minha dona quer comer;
10 vinde eramá, dono, que brada.
Olhai, eu fui-lhe dizer
dessa rosa e do tanger,
e está raivada.
Vel. Vai-te tu, filho Joanne,
15 e dize que logo vou,
que não há tanto que cá 'stou.
Par. Ireis vós pera Sanhoame
polo céu sagrado,
que meu dono está danado.
20 Viu ele o demo no ramo.
Se ele fosse namorado,
logo eu vou buscar outr'amo.

---

1. Imprecação em que parece aludir-se ao Infante *Santo D. Fernando.* — «pesar de *S. Fernando!*» Camões, *Filodemo*, verso 141.
4. Quem fosse como tu.
13. e está enfurecida.
15. e dize que vou imediatamente.
17. «ireis só para o S. João», Braamcamp, *G. V.*, p. 130.
18. É uma fórmula de juramento.
19-20. que meu amo está irado: a Moça foi o Diabo, que lhe apareceu.

Vem a Mulher do Velho e diz:

Mul. Hui! amara do meu fado;
Fernandeanes, que é isto?
Vel. Ó pesar do Anticristo
co'a velha destemp'rada!
5 Vistes ora?
Mul. Esta dama onde mora?
Hui! amara dos meus dias!
Vinde jentar na ma ora:
que vos metedes agora
10 em musiquias?

Vel. Polo corpo de São Roque!
comendo ó demo a gulosa.
Mul. Quem vos pôs hi essa rosa?
Má forca que vos enforque!
15 *Vel.* Não curar:
fareis bem des vos tornar,
porque estou mui mal sentido;
não cureis de me falar,
que não se pode escusar
20 ser perdido.

---

1. Ai, como sou infeliz! — «*Amara do meu fadayro!*» G. V., *Clérigo da Beira*, v. 649.
3. É uma imprecação.
4. Com a Velha desvairada!
7. Veja o 6.º verso anterior.
11. É uma interjeição que denota enfado e ira.
12, porque a mulher queria jantar.
14. É uma praga.
15-20. Não queiras saber quem me deu a rosa e volta para casa. O estar cegamente apaixonado não se pode justificar: «mas no sientes que el amor — no se puede resistir», G. V., *Farsa dos Físicos*, vv. 58-59.

Mul. Agora co'as ervas novas
vos tornastes vós granhão.
Vel. Não sei que é, nem que não,
que hei-de vir a fazer trovas.
5 *Mul.* Que peçonha!
Havei ma ora vergonha
a cabo de sessenta anos,
que sondes já carantonha.
Vel. Amores de quem me sonha
10 tantos danos.

Mul. Já vós estais em idade
de mudardes os costumes.
Vel. Pois que me pedis ciúmes,
eu vo-lo farei verdade.
15 *Mul.* Olhade a peça!
Vel. Nunca o demo em al m'empeça,
senão morrer de namorado.

1-2. Com a chegada de Março-Abril tornaste-te concupiscente. «As *ervas novas* rebentam em Março; devia-se portanto estar em Abril, entre as *ervas novas* e o S. João». Braamcamp, *G. V.*, p. 130. Veja no *Auto da Índia*, vv. 90-91.

6. «*avey eramá vergonha*». Chiado, *Prática dos Compadres*, fl. 2 verso.

13. Já que, sem razão te queixas de eu amar outra mulher... — «*pídenles celos*». *La Celestina*, IX, p. 43. — «quem vos *pedira ceumes*». Chiado, *Auto das Regateyras*, fl. 10.

15. Que tal está o velhaco! — «E que *peça*, e que siso e que cabeça!» Chiado, *Idem*, fl. 2 verso.

16. «Tudo me dana, & *me empece*...» Jorge Ferreira, *Ulyssipo*, III, c. 4.ª, fl. 147 v.

Mul. Quer já cair da trepeça,
e tem rosa na cabeça
e imbicado.

Vel. Leixai-me ser namorado,
5 porque o sou muito em extremo.
Mul. Mas que vos tome inda o demo,
se vos já não tem tomado.
Vel. Dona torta,
acertar por essa porta,
10 velha mal aventurada,
sair ma ora da horta.
Mul. Hui amara! aqui sou morta,
ou espancada.

Vel. Estas velhas são pecados,
15 Santa Maria Val com a praga!
Quanto as homem mais afaga,
tanto são mais endiabradas.

(canta)

«Volvido nos han volvido,
«volvido nos han
«por una vecina mala

---

3. Cfr.: «e com o barrete *embicado*». G. V., *Obras*, III, p. 191. — «Já se nam costuma no paço trazer chapeo *embicado*...» Jorge Ferreira, *Eufrosina*, V, c. 5.ª, p. 269.

8. Mulher mal intencionada. *Dona* — o vocábulo está empregado para reforçar o insulto.

11, desaparece-me da vista!

15. Santa Maria me valha! — frase de súplica corrente na Península. — «Ó! comendo ó Decho *a praga!*» G. V., *Obras*, I, p. 182.

18. «Da boca de vilões, pastores da serra, ratinhos

«meu amor tolheu-me a fala,
«volvido nos han.»

Vem Branca Gil, alcoviteira, e diz:

Bra. Mantenha Deus vossa mercê.
Vel. Bofé, vós venhais embora.
5 Ah santa Maria senhora,
como logo Deus provê!
Bra. Si aosadas.
Eu venho por mesturadas,
e muito depressa ainda.
10 *Vel.* Mesturadas mesandadas,
que as fará bem guisadas
vossa vinda.
O caso é: Sobre meus dias,
em tempo contra rezão,
15 veio Amor sobre tenção,
e fez de mi outro Mancias,

(jornaleiros) da Beira, transformados em escudeiros, saem cantares velhos, com um pé à castelhana, outro à portuguesa, de tal modo promíscuos que a nacionalidade fica às vezes incerta». D. Carolina Micaëlis, *Romances Velhos*, p. 318.

3. Veja nesta peça verso 31.

7. Sim, certamente.

8-9. Eu venho, com pressa, por hortaliça.

10-11. Notem-se as ironias dirigidas à alcoviteira. Cfr.: «Toma de unas viejas, que se fazen erveras —andam de casa en casa é llámanse parteras; — con polvos é afeytes é con alcoholeras, — echan la moça en ojo é ciegan bien de veras». Hita, *Buen Amor*, estrofe 440.

13-14. ...Já idoso...

16, e fez de mim um apaixonado. O nome do famoso trovador galego do séc. XVI, tornou-se na Península sinónimo de apaixonado. Veja no *Filodemo*, linha 606.

tão penado,
que de muito namorado
creio que me culpareis
porque tomei tal cuidado;
5 e do velho destampado
zombareis.

Bra. Mas antes, senhor, agora
na velhice anda o amor;
o de idade d'amador
10 de ventura se namora;
e na corte
nenhum mancebo de sorte
não ama como soía.
Tudo vai em zombaria;
15 nunca morrem desta morte
nenhum dia.

E folgo ora de ver
vossa mercê namorado;
que o homem bem criado
20 té morte o há-de ser
por direito
não per modo contrafeito,
mas firme, sem ir atrás,
que a todo o homem perfeito

5, *destampado,* enlouquecido.
9-10, só por excepção os novos se namoram.
19-20. «Por quanto leixareys algũa hora de ser namorado? — Por nenhum preço: o homem de bem ha de sê-lo até morte», Jorge Ferreira, *Aulegrafia,* V, fl. 164.

mandou Deus no seu preceito:
Amarás.

Vel. Isso é o demo que eu brado,
Branca Gil, e não me val,
5 que não daria um real
por homem desnamorado.
Porém, amiga,
se nesta minha fadiga
vós não sois medianeira,
10 não sei que maneira siga,
nem que faça, nem que diga,
nem que queira.

Bra. Ando agora tão ditosa,
louvores à Virgem Maria,
15 que acabo mais do que qu'ria,
pola minha vida e vossa.
D'antemão
faço uma esconjuração
c'um dente de negra morta
20 até que entre pola porta,
que exorta
qualquer duro coração.
Dizede-me, quem é ela?
Vel. Vive junto co'a Sé.
25 *Bra.* Já, já, já; bem sei quem é

13, consigo tudo.
16, é uma fórmula de juramento.
19, os dentes dos mortos serviam para os feitiços.
25. Locução interjectiva com que se denota recordar alguma coisa. — «*Ya, ya, ya!*, Buena vieja, no me digas más...» *La Celestina*, IV, e Lope de Rueda, *Obras*, I, p. 17.

É bonita como estrela,
uma rosinha d'Abril,
uma frescura de Maio,
tão manhosa, tão subtil!
5 *Vel.* Acudi-me, Branca Gil,
que desmaio.

Esmorece o Velho, e a alcoviteira começa a ladainha seguinte:

Bra. Ó precioso Santo Arelhano,
mártir bem-aventurado;
tu que foste marteirado
10 neste mundo cento e um ano;
ó San Garcia
Moniz, tu que hoje em dia
fazes milagres dobrados,
dá-lhe esforço e alegria,
15 pois que és da companhia
dos penados.
Ó apóstolo São João Fogaça,
tu que sabes a verdade.

4, tão cheia de boas qualidades...

5-6. Sensibilizado com a descrição da Moça, o Velho desmaia. — Segue-se uma ladainha em que são invocados cortesãos e donzelas do Paço.

7. «João Ramírez de Arelhano, fidalgo castelhano já quarentão, pois entrara nas justas de Évora de 1490». Braamcamp, *G. V.*, p. 130.

9, tu que foste martirizado...

11-12, «deve ser o tesoureiro da Moeda de Lisboa», Braamcamp, *Idem*. Veja G. V., *Obras*, II, p. 77.

16, dos mártires de amor.

17. Foi um dos Poetas palacianos do *Cancioneiro Geral* (1516), t. II, p. 344.

pola tua piedade
que tanto mal não se faça.
Ó Senhor
Tristão da Cunha Confessor,
5 ó mártir Simão de Sousa,
polo vosso santo amor
livrai o velho pecador
de tal cousa.
Ó Santo Martim Afonso
10 de Melo, tão namorado,
dá remédio a este coitado,
e eu te direi um responso
com devação.
Eu prometo uma oração,
15 cada dia quatro meses,
porque lhe deis coração,
meu Senhor São Dom João
de Meneses.
Ó mártir Santo Amador
20 Gonçalo da Silva, vós,

---

4. Deste grande senhor, que foi embaixador em Roma, há referências nas peças vicentinas: *Cortes de Júpiter* (t. IV, p. 243) e no *Auto da India*.

5. Poeta palaciano do *Canc. Geral*. Apaixonado por Caterina de Figueiró.

9-10. Foi também poeta palaciano do *Canc. Geral*.

16, *coração*, coragem.

17-18. Há dois nobres com o mesmo nome no fim do séc. XV e princípio do séc. XVI, que se distinguiram pelos seus feitos em África, e pelo seu talento poético nos Serões do Paço: um foi Conde de Tarouca, e o outro filho do Senhor de Cantanhede. É muito possível que a referência seja a este. Veja D. Carolina Micaëlis, *Romances Velhos*, pp. 240-49.

19-20, «era provàvelmente o Senhor de Abiul que

vós que sois um só dos sós
porfioso em amador
apressurado,
chamai o martirizado
5 Dom Jorge l'Eça a conselho,
dous casados n'um cuidado,
socorrei a este coitado
deste velho.
   Arcanjo São Comendador
10 Mor d'Avis, mui inflamado,
que antes que fôsseis nado
fostes santo no amor.
E não fique
o precioso Dom Anrique
15 outro Mor de Santiago;
socorrei-lhe muito a pique;
antes que o demo repique
com tal pago.
   Glorioso São Dom Martinho,
20 Apóstolo e Evangelista,
tomai este feito à revista,

---

figura no *Canc. Geral* como autor de algumas Trovas». *Not. Vic.*, IV, p. 339.

2, constante: «fundado todo em firmeza». G. V., *Obras*, IV, p. 143.

5. Este nobre não figura no *Canc. Geral*.

6, unidos na mesma ansiedade amorosa (porventura cortejavam a mesma dama).

9-10. D. Pedro da Silva, Comendador-mor de Avis, Braamcamp, *G. V.*, p. 130. Resende, t. IV, p. 147.

14-15. D. Henrique de Noronha, Comendador-mor de Santiago.

19. D. Martinho de Castelobranco, Conde de Vila Nova de Portimão. Braamcamp, *Idem*.

porque leva mau caminho,
e dai-lhe esprito.
Ó santo Barão d'Alvito,
Serafim do Deus Cupido,
5 consolai o velho aflito;
porque inda que contrito,
vai perdido.
Todos santos marteirados,
socorrei ao marteirado,
10 que morre de namorado,
pois morreis de namorados.
Polo livrar
as Virgens quero chamar,
que lhe queiram socorrer,
15 ajudar e consolar,
que está já pera acabar
de morrer.
Ó santa Dona Maria
Anriques, tão preciosa,
20 queirais-lhe ser piedosa
por vossa santa alegria.
E vossa vista,
que todo o mundo conquista,
esforce seu coração,

---

3. D. Rodrigo (Rui) Lobo, Barão de Alvito.

13. G. V. aproveita o ensejo da Ladainha de amor para invocar as Donzelas do Paço — as inspiradoras dos Poetas Palacianos. Destas só D. Beatriz, D. Violante, D. Isabel de Abreu e D. Maria de Ataíde não são mencionadas no *Canc. Geral*.

18. D. Maria Anriques foi também celebrada por Garcia de Resende (*Canc. Geral*, t. V, 311-12).

20. No português arcaico é frequente o emprego da 2.ª pessoa do presente do conj. em sentido optativo.

porque à sua dor resista,
por vossa graça e bem quista
condição.
  Ó santa Dona Joana
5 de Mendonça, tão formosa,
preciosa e mui lustrosa,
mui querida e mui oufana,
dai-lhe vida,
como outra santa escolhida,
10 que tenho em *voluntas mea*,
seja de vós socorrida,
como de Deus foi ouvida
a Cananea.
  Ó santa Dona Joana
15 Manuel, pois que podeis,
e sabeis e mereceis
ser angélica e humana,
socorrê.
E vós, Senhora, por mercê,
20 ó santa Dona Maria
de Calataúd, porquê

---

3. *condição*, carácter.

4-5. donzela de alta prosápia, com a qual casou em 1520, por amores, o Duque D. Jaime de Bragança. Resende escreveu acerca dela: «Creceo tanto em fermosura, — em manhas (=prendas), desenvoltura, — graça, saber discriçam, — que nam synto coraçam, — a que nam dê má ventura». *Canc. Geral*, V, p. 312. Veja *Not. Vic.*, IV, p. 186 e Braamcamp, *G. V.*, p. 133.

13. Veja G. V., *Obras*, II, p. 233.

14-15. esta dama era filha do poeta palaciano, D. João Manuel. Foi também muito elogiada por Resende (*Canc. Geral*, V, p. 154 e 312).

20-21. era filha de João de Calataud, porteiro-mor de D. João III. É também mencionada por Resende.

vossa perfeição lhe dê
alegria.
Santa Dona Caterina
de Figueiró a Real,
5 por vossa graça especial,
que os mais altos inclina;
e ajudará
santa Dona Beatriz de Sá:
dai-lhe, Senhoras, conforto,
10 porque está seu corpo já
quase morto.
Santa Dona Beatriz
da Silva, que sois aquela
mais estrela que donzela,
15 como todo o mundo diz;
e vós sentida
santa Dona Margarida
de Sousa, lhe socorrê,
se lhe puderdes dar vida,
20 porque está já de partida,
sem porquê.
Santa Dona Violante

3-4. Donzela do Paço, honrada com o distintivo de a *Real*, celebrada também por Resende no *Canc. Geral*. Veja referência anterior a Simão de Sousa.

8. Uma das cinco donzelas da Rainha D. Maria a que há referências no *Canc. Geral*, V, p. 313, vv. 29-30.

12-13. Uma das donzelas da Rainha D. Maria.

14. Cfr.: «que fuese muger y *estrela*». G. V., *Obras*, I, p. 27.

17-18. Também donzela da Rainha D. Maria, citada por Resende no *Canc. Geral*.

21, merecendo ser remediado.

22. Era também donzela da Rainha D. Maria.

de Lima, de grande estima,
mui subida, muito acima
d'estimar nenhum galante;
peço-vos eu,
5 e a Dona Isabel d'Abreu,
que hajais dele piedade
c'o siso que Deus vos deu,
que não moura de sandeu
em tal idade.
10 Ó santa Dona Maria
d'Ataíde, fresca rosa,
nacida em hora ditosa,
quando Júpiter se ria;
e se ajudar
15 santa Dona Ana, sem par,
d'Eça bem-aventurada,
podei-lo ressuscitar,
que sua vida vejo estar
desesperada.
20 Santas virgens conservadas
em mui santo e limpo estado,
socorrei ao namorado,
que vos vejais namoradas.
Vel. Ó coitado!
25 Ai triste desatinado,

8, *moura* ou *moira* (morra) — é como se dizia ainda no séc. XVI.

10-11. Donzela da Rainha D. Maria.

15-16. Donzela da Rainha D. Maria, mencionada por Garcia de Resende. — *sem par,* frase que vem do *Amadis de Gaula,* a modelar novela cavalheiresca, que G. V. dramatizou.

21, em honestidade.

ainda torno a viver;
cuidei que já era livrado.
Bra. Qu'esforço de namorado
e que prazer!
5 Havede ma ora aquela.
Vel. Que remédio me dais vós?
Bra. Vivireis, prazendo a Deus,
e casar-vos-ei com ela.
Vel. É vento isso.
10 *Bra.* Assi veja o paraíso,
que não é ora tanto extremo.
Não curedes vós de riso,
que se faz tão improviso
como o demo:
15 e também d'outra maneira,
se m'eu quiser trabalhar...
Vel. Ide-lhe, rogo-vo-lo, falar,
e fazei com que me queira,
que pereço;
20 e dizei-lhe que lhe peço
se lembre que tal fiquei
estimado em pouco preço:
e se tanto mal mereço
não no sei.
25 E se tenho esta vontade,
que não se deve enojar,

---

9. Isso não tem fundamento! — «Tudo isso *he vento...*» Jorge Ferreira, *Aulegrafia.* — «debe de ser cosa de *viento* y mentira». *Quijote*, cap. 25. — «Todo aquello será *viento*». G. V., *Obras*, IV, p. 33.

11, *extremo*, difícil.

25-26. E que, por causa deste amor, se não deve ofender.

mas antes muito folgar
matar os de qualquer idade...
E se reclama
que sendo tão linda dama
5 por ser velho m'aborrece,
dizei-lhe que mal desama,
porque minh'alma, que a ama,
não envelhece.

Bra. Sus, nome de Jesu Cristo,
10 olhai-me pola cestinha.
Vel. Tornai logo muito asinha,
que eu pagarei bem isto.

Vai-se a alcoviteira e fica o Velho tangendo, e cantando a cantiga seguinte:

«Pues tengo razon, señora,
«razon es que me la oiga.»

Vem a alcoviteira e diz o

15 *Vel.* Venhais embora, minha amiga.
Bra. J'ela fica de bom jeito;
mas pera isto andar direito,
é razão que vo-lo diga.
Eu já, senhor meu, não posso
20 vencer uma moça tal
sem gastardes bem do vosso.
Vel. Eu lhe peitarei em grosso.

2, *matar,* tornar apaixonados.
9. Vamos...
10, cestinha, que tinha trazido à horta, para levar os legumes.
11. Voltai depressa.
22. Darei dinheiro generosamente. — «porque o

Bra. Hi está o feito nosso,
e não em al.
Perca-se toda a fazenda
por salvardes vossa vida.
5 *Vel.* Seja ela disso servida,
qu'escusada é mais contenda.
Bra. Deus vos ajude
e vos dê muita saúde,
que isso haveis de fazer:
10 que viola nem alaúde
nem quantos amores pude
não quer ver.
Remoçou-me'ela um brial
de seda e uns toucados.
15 *Vel.* Eis aqui trinta cruzados;
que lh'o façam mui real.

Enquanto a Alcoviteira vai, o Velho torna a prosseguir seu cantar e tanger, e acabado, torna ela e diz:

Bra. Está tão saudosa de vós,
que se perde a coitadinha:

---

grosso peitar — a todo o mundo encanta». *Auto de Guiomar do Porto* (anónimo). — «o qual diz que *peitar* largo que he grande engodo». Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, acto I, c. 15.ª, fl. 43 verso.

5-6. Darei muito dinheiro.

13-14. Como as alcoviteiras eram simultâneamente adelas, (como a CELESTINA), Branca diz que a Moça lhe pediu um vestido de seda e uns toucados.

17-18. Cfr.: «Esta Moura há-de morrer, — tamanho é o bem que vos quer». G. Vic., *Juiz da Beira*, vv. 496-97.

há mister uma vasquinha
e três onças de retroz.

Vel. Tomai.

Bra. A bênção de vosso pai.

5 (Bô namorado é o tal)
pois que gastais, descansai:
namorados de ai ai
não são papa nem são sal.
Hui! tal fora se me fora.

10 Sabeis vós que m'esquecia?
Uma adela me vendia
um firmal d'uma senhora
c'um rubi,
pera o colo de marfi,

15 lavrado de mil lavores,
por cem cruzados.

Vel. Ei-los hi.

Bra. Isto ma ora, isto si,
são amores.

Vai-se, e o Velho torna a prosseguir sua música, e acabada torna a alcoviteira e diz:

20 *Bra.* Dei ma ora uma topada;
trago as sapatas rompidas,

---

1. Precisa duma saia pregueada.

7-8. Namorados que fazem serenatas... *Farelos*, 61: «Todas querem que lhe dêm — e nam curam de cantar».

12, um adereço duma senhora.

14. Cfr.: «Sobre el *cuello de marfil...*» *Romance El Baño de la Cava*, verso 5 — publ. por D. Ramón M. Pidal, *ElRey Rodrigo* (t. II, p. 157).

20, «*topadas* de mau calçado — dir a pé, com lama & chuva». Prestes, *Auto do Mouro Encantado*, fl. 135 verso.

21. Como a alcoviteira CELESTINA, também

destas vindas, destas idas,
e em fim não ganho nada.
Vel. Eis aqui
dez cruzados pera ti.
5 *Bra.* (Começo com boa estrea.)

Vem um Alcaide com quatro beleguins, e diz:

Alc. Dona, levantai-vos d'hi.
Bra. E que me quereis vós assi?
Alc. À cadeia.

Vel. Senhores homens de bem,
10 escutem vossas senhorias.
Alc. Deixai essas cortesias.
Bra. Não hei medo de ninguém: —
vistes ora?
Alc. Levantai-vos d'hi senhora;
15 dai ó demo esse rezar:
quem vos fez tão rezadora?
Bra. Deixai-m'ora na ma ora
aqui acabar.

Alc. Vinde da parte d'El-Rei.
20 *Bra.* Muita vida seja a sua.
Não me leveis pola rua;

Branca queria que lhe aproveitasse o gastar calçado e a corretagem.

1. «Minhas *idas,* minhas *vindas* — minhas idas ao serão, — foi o meu tempo perdido, — minhas passadas em vão». *Cancioneiro Popular.*

5. Tenho um óptimo começo!

12. É também o verso 249 de *Quem tem farelos?*

Leixai-me vós qu'eu m'irei.
Vel. Sus, andar.
Bra. Onde me quereis levar?
Ou quem me manda prender?
5 Nunca havedes d'acabar
de me prender e soltar?
Não há poder.

Alc. Não se pode hi al fazer.
Bra. Está já a carocha aviada.
10 Três vezes fui já açoutada,
e enfim hei-de viver.

Levam-na presa, e fica o Velho dizendo:

Vel. Ó forte hora!
Ah santa Maria Senhora!
Já não posso livrar bem;
15 cada passo se empeora.
Oh! triste quem se namora
de ninguém!

---

2. Vamos! (*andar* — o infinito empregado pelo imperativo era e é de uso muito popular).

7. Não há força que impeça os abusos!

8. Não se pode fazer outra coisa (tens de ser presa).

9. Está já preparada a mitra extravagante das alcoviteiras. — «Y una mitra de papel — le dan (ao alcoviteiro), sin bulas de Roma». Tirso de Molina, *Averigüelo Vargas*, acto III. — «cada ora encoroçada...» G. V., *Obras*, II, p. 77.

10. As alcoviteiras eram açoutadas.

12. Ó hora infeliz! — «En *fuerte hora...*» Rueda, *Obras*, II, p. 357.

Vem uma Mocinha à horta e diz:

Moç. Vedes aqui o dinheiro;
manda-me cá minha tia,
que assi como n'outro dia,
lhe mandeis a couve e o cheiro.
5 (Está pasmado!)
Vel. Mas estou desatinado.
Moç Estais doente, ou que haveis?
Vel. Ai! não sei, desconsolado,
que naci desventurado.
10 *Moç.* Não choreis;
mais mal fadada vai aquela.
Vel. Quem?
Moç. Branca Gil.
Vel. Como?
15 *Moç.* Com cent'açoutes no lombo,
e uma carocha por capela.
E ter mão;
leva tão bom coração,
como se fosse em folia.
20 Ó que grandes que lh'os dão!
Vel. E o triste do pregão
porque dizia?

---

15. As alcoviteiras eram açoutadas. «...por isso dam — *centaçoutes* na picota...» Chiado, *Prática dos Compadres*, fl. 10. — «A espaldas vueltas me dieron — el usado *centenar*...» Quevedo.

18, caminha corajosa.

20. Ó que grandes açoutes que lhe dão!

21-22. Os réus eram acompanhados por pregoeiros, que diziam, em alta voz, o motivo por que alguém era punido. — «con pregones que manifestavam su delito. — «Qué dezía el pregon?» *La Celestina*, acto XIII, t. 2.º, pp. 117-18.

Moç. Por mui grande alcoviteira,
e pera sempre degradada.
vai tão desavergonhada,
como ia a feiticeira.
5 E quando estava
uma moça que casava
na rua pera ir casar,
e a coitada que chegava,
a folia começava
10 de cantar:

Uma moça tão fermosa,
qu vivia alli à Sé...
Vel. Ó coitado! a minha é.
Moç. Agora ma ora é vossa,
15 vossa é a treva.
Mas ela o noivo a leva:
vai tão leda, tão contente,
uns cabelos como Eva.
Osadas que não se lhe atreve
20 toda a gente.
O noivo, moço tão polido,
não tirava os olhos dela,
e ela dele, ó que estrela!
É ele um par bem 'scolhido.

---

2. Cfr.: «merecieis *degradado* — por justiça com pregão...» Camões, *Filodemo*, vv. 1817-18. (Edição de 1928).

12. Veja um verso anterior: «Vive junto co'a Sé».

13. Ó desgraçado!

14. Não é verdade: em má hora, não é vossa! Cfr.: *«Agora aramá»! Auto da Índia*, verso 485.

19. Certamente...

Vel. Ó roubado,
da vaidade enganado,
da vida e da fazenda!
Ó velho, siso enleado,
5 quem te meteu, desastrado,
em tal contenda?
Se os jovenes amores,
os mais tem fins desastrados,
que farão as cãs lançadas
10 no conto dos amadores!
Que sentias,
triste velho, em fim dos dias,
se a ti mesmo contemplaras,
souberas que não sabias,
15 e viras como não vias,
e acertaras.

Quero-m'ir buscar a morte,
pois que tanto mal busquei.
Quatro filhas que criei,
20 eu as pus em pobre sorte.
Vou morrer,
elas hão-de padecer,
porque não lhes deixo nada
de quanta riqueza e haver
25 fui sem rezão dispender
mal gastada.

FIM

7-10. «Quem viu jamais vida amorosa, que a não visse afogada nas lágrimas do desastre ou do arrependimento»! D. Francisco Manuel de Melo, *Epanáfora amorosa.*

FARSA CHAMADA AUTO DAS FADAS

FIGURAS: Feiticeira, Diabo, Dous Frades, Três Fadas.

Na farsa seguinte se contém, que uma feiticeira, temendo-se que a prendessem por usar de seu ofício, se vai queixar a el-Rei, mostrando-lhe per rezões que pera isso lhe dá, quão necessários são seus feitiços.

Entrando a Feiticeira no paço, embaraçada de se ver nele, começa dizendo:

Jesu, quem trouxe ora cá
esta cabeça de vento,
siso de cacaracá?
Eu não sei como lá vá;
5 tamanha vergonha sento.
E pois sou tão vergonhosa,
encolhida e temerosa,
que venho fazer ó Paço?
Porque eu mesma m'embaraço
10 de mimosa.
Ai que farei d'empachada!
Ó vergonhosa de mi,
como vou abrasiada,
amara, corrida e turvada!

AUTO DAS FADAS — foi representado em 1511 (Braamcamp), em Lisboa, no Paço, em presença de D. Manuel, rainha D. Maria, príncipe D. João, infantas D. Isabel e D. Beatriz e cortesãos, a alguns dos quais dirige Gil Vicente vários remoques.

11. Que farei de embaraçada!
13. como vou corada!
14. infeliz e envergonhada!

Mas pressa me traz aqui,
onde não vejo lugar,
em que homem queira mijar,
nem ouso espirrar sòmente,
5 por alguém não se soltar
antre gente.

Chega a el-Rei e à Rainha, e diz

Senhores, embora estedes:
com saúde, com prazer
muitos anos vós logredes.
10 Os ramos que florecedes,
Deus os queira engrandecer,
assi como vós queredes.

ao Príncipe e Infantes

Ó que jóias esmaltadas,
ó que boninas dos céus,
15 ó que rosas perfumadas!

às Damas

Jesu! que santas douradas!
Bom prazer veja eu de vós
e boas fadas.

---

3. *homem*, alguém.

7-8. É uma fórmula de saudação. — *embora*, com felicidade. Cfr. «Señora... a quien la vida y *salud* — nuestro señor acresciente...» Torres Naharro, *Comedia Jacinta*, p. 159.

16. *Jesu!* exclamação que traduz a surpresa e a admiração que lhe causaram as Damas do Paço.

17. «Goso e *plaser* veades...» Hita, *Buen Amor*, estrofe 1722.

18. e boa sorte.

Eu sou Genebra Pereira,
que moro ali à Pedreira,
vezinha de João de Tara,
solteira, já velha amara,
5 sem marido e sem nobreza;
fui criada em gentileza;
dentro nas tripas do Paço,
e por feitiços qu'eu faço,
dizem que sou feiticeira.
10 Porém Genebra Pereira
nunca fez mal a ninguém;
mas antes por querer bem
ando nas encruzilhadas
às horas que as bem fadadas
15 dormem sono repousado;

---

1. «G. Pereira é uma verdadeira *celestina* (=alcoviteira». Menéndez y Pelayo, *Origenes de la Novela,* III, p. CXLV. *(CELESTINA* por alusão à personagem da *Tragicomédia de Calisto y Melibea). — Genebra* foi nome que com o ciclo bretónico entrou em Portugal no primeiro período da Literatura *(Canc. Col.-Brancuti,* n.º 5). *Not. Vic.,* IV, p. 287.

4, *solteira,* já velha infeliz... (Ficou *solteira* para ter maior poder: «Esta crença dos Trácios e dos Celtas, na aptidão especial das *mulheres-virgens* para a visão e para a profecia, foi transmitida por eles a muitos povos, que desde logo preferiram também as mulheres aos homens, mesmo para as práticas da adivinhação». Bergmann, *Les Getes,* p. 299).

12, mas, pelo contrário, para fazer com que certas pessoas se queiram bem... — «para remediar amores é para se *querer bien*». *La Celestina,* acto I (t. 1.º, p. 80).

13. As feiticeiras evocavam os diabos nas encruzilhadas. Veja G. V., *Obras,* III, p. 20, verso 4 e nota respectiva.

e eu estou com um enforcado
papeando-lhe à orelha:
isto provará esta velha
muito melhor do que o diz.
5 Ora agora Estêvão Dis
diz que defendedes isto:
hui! dou-vos a Jesu Cristo;
pera que era ora tirado
quanto tenho experimentado
10 e usado quarenta anos,
estorvando muitos danos
por esconjuros provados,
fazendo vir dez finados
por saber uma verdade?
15 E havendo piedade
de mulheres mal casadas,
e as ver bem maridadas,
ando polos adros nua,
sem companhia nenhũa,
20 senão um sino samão,

2, palrando-lhe à orelha.

5. Estêvão Dis talvez fosse um dos Corregedores da corte. *Not. Vic.*, IV, p. 276.

6, diz que proibis isto...

13-14. Era uma Feiticeira-nigromante, que invocava os mortos, para predizer o futuro. Veja G. V., *Obras*, IV, p. 127. — «Tan sin pena ni temor se andava á media noche de cimenterio en cimenterio...» *La Celestina*, acto VII (t. 1.º, p. 238). Confira estes versos e os que seguem com a Cena 1.ª do Acto IV do *Macbeth*.

20. Figura mágica composta de dois triângulos equiláteros entrelaçados, formando uma estrela de pontas, usada como talismã. Este talismã acha-se já citado na Canção 1025 do *Cancioneiro da Vaticana)*.

metido num coração
de gato preto e não al.
Isto, Senhor, não é mal,
pois é para fazer bem.
5 Outro si, quando a mi vem
namorado sem conforto,
desejando antes ser morto,
que ter aquela paixão;
cavalgo no meu cabrão
10 e vou-me a Val de Cavalinhos,
e ando quebrando os focinhos
por aquelas oliveiras,
chamando frades e freiras
que morreram por amores.
15 Ó, se vísseis os temores
que passo nesta canseira,
não temeria a Pereira
tanto os corregedores.
Sempre ando neste marteiro:
20 vem-se a mi homem solteiro,

---

2. A célebre CELESTINA tinha a pele dum *gato preto* para guardar os feitiços. *La Celestina*, acto III (t. 1.º, p. 146). António Prestes também se refere ao *gato preto* das feiticeiras no *Auto do Mouro Encantado*, fl. 127 verso.

9. Cavalgo no demónio (*cabrão*, símbolo do Diabo).

10 «Encruzilhada fora das Portas onde, segundo a crença popular, se reuniam as feiticeiras, cavalgando em *cabrões*». *Not. Vic.*, IV, p. 304.

17. eu não recearia...

19. Estou sempre preocupadíssima e aflita por causa dos magistrados.

20. Apresenta-se-me, por ex., um pretendente à mão de Constança... (*Costança* e *Constança* — de *constantia*, tornado cognome, e nome de santa — séc. V).

que quer casar com Costança,
sem nenhuma esperança,
triste, morto de paixão.
Eu c'o sangue do Leão,
5 mexido c'o rabo da Huja
e ali o fel da Coruja,
ei-lo mancebo aviado.
Vem um frade excomungado,
que o benza do quebranto;
10 vou e faço-lhe outro tanto,
assi, Senhor, veja eu prazer.
  Vem, a modo de dizer,
Gonçalo da Silva a mi,
e diz-me que é fora de si
15 pola Francisca da Guerra.
Queres que seja eu tão perra
que o não encomende ó demo,
que o livre do extremo
em que é posto seu esprito?
20 E se vier Gaspar de Brito
por Caterina Limão,

5, mexido com o rabo dum peixe.

9, desfalecimento do corpo ou mal que, segundo a crendice popular, se comunica pelo olhar de certas pessoas.

13. «talvez seja o Senhor de Abiul de quem existem trovas no *Cancioneiro Geral*». Braamcamp, *G. V.*, p. 128.

15, «dama da rainha». *Idem, idem*.

16, *perra*, má.

18, que o livre da inquietação atormentadora.

20, pelas investigações do preclaro Braamcamp não pertencia ao pessoal da Corte.

21, moça do pessoal da Corte.

não irei no meu cabrão
enfeitiçar a limeira?
E assi desta maneira
se vier o Marichal
5 por Guiomar do Ataúde
buscar a minha saúde,
é per força pôr-me a risco.
E se me rogar Dom Francisco
que lhe enfeitice a Benim,
10 s'eu não for muito ruim,
não lhe posso negar cousa.
E lá o Martim de Sousa,
que morre pola Pimentel,
não lh'hei-de ser infiel.
15 Assi que as tais feitiçarias
são, Senhor, obras mui pias,
e não há mais na verdade.
Saiba Vossa Majestade
quem é Genebra Pereira,

2, por causa do apelido *Limão*, Caterina é designada graciosamente por limeira.

4. D. Álvaro Coutinho, namorado duma rapariga Guiomar do Ataúde. Braamcamp.

6, em busca da minha intervenção...

8. D. Francisco, Conde do Vimioso. Braamcamp, *G. Vic.*, p. 162.

9. *Benim* — era uma pretinha. *Not. Vic.*, IV, p. 258. (Na 1.ª edição *Beneni*, mas parece erro de impressão, até por causa da rima. Braamcamp, *G. V.*, p. 162).

11. Não me posso esquivar. *Cousa* e *cosa* — «usavam-se muito na Península Hispânica em expressões indefinidas negativas, em que hoje se emprega *nada*». D. Ramón Menéndez Pidal, *Prosistas Españoles*, p. 15. Veja G. V., *Obras*, I, p. 109.

12. É desconhecida a sua função na Corte.

que sempre quis ser solteira,
por mais estado de graça.
Agora não sei que faça
com este negro meirinho,
5 rosto de São Sadorninho.
Hui amara! e que me quer?
Se Vossa Alteza quiser
ver os feitiços qu'eu faço,
aqui logo neste paço
10 os veredes mui asinha.
E vós, Senhora Rainha,
infantes e cortesãos,
levantai aos céus as mãos;
esforçai; e não pasmedes
15 das más cousas que veredes.
Esperade-me um poucochinho;
estade assi, manas, quedas.
Vou pelo alguidarinho,
a candeia e o saquinho,
20 e veredes labaredas.

---

1. Veja supra: «*solteira*, já velha amara...»
4. com este excomungado meirinho, que me quer prender.
5. *Sadorninho*, arcaísmo — ***Saturnino***.
6. Infeliz de mim! Porque é que o Meirinho me quer prender?
7. *Se Vossa Alteza* (é o rei D. Manuel). (Entre nós o tratamento de Majestade principia com D. Sebastião e em Espanha com Carlos V).
11. D. Maria.
12. D. Iabel e D. Beatriz.
14. Enchei-vos de coragem, e não percais os sentidos.
17. *manas*, amigas.
19. *o saquinho* dos feitiços. — *candeia* — cfr.: «E aun ...le levantaron que era bruxa, porque la halla-

Se vos tremerem as peles
d'espantos e de temores,
hi estão vossos servidores,
encostade-vos a eles
5 e cobride-vos d'amores.

Traz a Feiticeira um alguidar e um saco preto, em que traz os feitiços, os quais começa a fazer, dizendo:

Alguidar, alguidar,
que feito foste ao luar
debaixo das sete estrelas,
com cuspinhos de donzelas
10 te mandei eu amassar:
ó cuspinhos preciosos
de beiços tão preciosos
dai ora prazer
a quem vos bem quer,
15 e dai boas fadas
nas encruzilhadas.
Este caminho vai pera lá,
est'outro atravessa cá;
vós no meio, alguidar,
20 que aqui cruz não há-de estar.

---

ron de noche con unas *candelillas*, cogiendo tierra de una encruzijada...» *La Celestina*, acto VII, t. 1º, p. 243.

3. Aí estão os vossos apaixonados...

A Feiticeira intima o Diabo a vir à sua presença. Cfr.: «yo, Celestina, tu más conocida cliéntula (do demónio), te conjuro... por la sangre de aquella noturna ave...; por la áspera ponçoña de las bívoras...; vengas si tardança á obedescer mi voluntad...» *La Celestina*, III, pp. 150-51.

15, boa sorte.

Embora esteis, encruzilhada.
Perequi entrou, pereli saiu.
Bem venhades, dona honrada.
Vai a estrada pola estrada.
5 Benta é a gata que pariu
gato negro, negro é o gato.
Bode negro anda no mato,
negro é o corvo e negro é o pez,
negro é o rei do enxadrez,
10 negra é a vira do sapato,
negro é o saco qu'eu desato.
Isto é fersura de sapo,
que está neste guardanapo.
Eis aqui mama de porca,
15 barbas de bode furtado,
fel de morto excomungado,
seixinhos do pé da forca:
bolo de trigo alqueivado
com dous ratos no meu lar,
20 per minha mão sameado,
colhido, moído, amassado,
nas costas do alguidar.
Achegade-vos de mim:
que papades, meu ch'rubim?
25 Escumas de demoninhado.

---

1. *Embora,* com felicidade.

8. Já Plauto aludia aos presságios sinistros do corvo· «...quod corvos cantat mihi nunc *ab lœva manu* — simul radebat pedibus terram et voce crocitabat sua». *Aulularia,* acto IV, cena II.

15. Lucas Fernandez alude também a este feitiço: *Farsas,* p. 150. Veja *La Celestina,* acto III (t. I, p. 147).

Quem vo-las deu?
Dei-vo-las eu.
Fel de morto, meu conforto,
bolo cornudo, vós sabedes tudo,
5 bico de pego, asa de morcego,
bafo de drago, tudo vos trago,
eu não juro nem esconjuro,
mas galo negro suro
cantou no meu monturo.
10 E ditas as santas palavras,
ei-lo Demo vai, ei-lo Demo vem
co'as bragas dependuradas.

Vem um Diabo a chamado da Feiticeira, o qual lhe fala em língua picarda, desta maneira:

Ó dame, jordene
vu seae la bien trovee.
15 Tu es fause te humeyne,
sou ye vous esposee.

---

8. Almeida Garrett, possuído do sentimento poético das tradições populares, refere-se ao poder mágico do *galo* no poema *D. Branca*, canto III, 3. — *suro*, sem rabo.

12. *bragas*, calças.

— *língua picarda:* «O que diz o Diabo, chamado pela Feiticeira, consta de vocábulos comuns, inteligíveis e bastantes cujo modelo vivo, e cujo sentido sou incapaz de adivinhar, em versos em grande parte sem rimas, que tanta vez nos servem de bastão. Um *charabia*, como os Franceses pronunciam *algaravia*. Comparando o francês (e *picardo*) de G. Vic. com o de Torres Naharro, fico persuadida de que nenhum dos dois o sabia. Em todo o caso G. V. o *ouviria* mais vezes em Lisboa do que T. Naharro em Roma...» *Not. Vic.*, IV, p. 392.

Fei. Que linguagem é essa tal?
Hui, e ele fala aravia!
Olhade o nabo de Turquia!
Falade aramá Portugal.

5 *Dia.* Tu has fet bian de mal
avec un frayre jacopim.
Fei. Má pesar vej'eu de ti:
dize, má trama te naça,
que dizes que não t'entendo?
10 Fazes escárnio de mim?
Ora juro a Deus que é graça.
Ó demo que t'eu encomendo
camanho tu hi estás.

Dia. Macarde de Limosim,
15 tripiere de sancto Ovim.
Fei. Dá ó demo esse latim,
que não entendo o que é.
Dia. Tu nas oy tene vergonhe?
Fei. Que fiz eu?
20 *Dia.* De tois lesães en aute sois.
Fei. Vós me diredes depois
o que isso quer dizer.

2, *aravia*, linguagem incompreensível. (A Feiticeira trata de *aravia*, a gíria *picarda* do Diabo).

4. Falai, em má hora, português.

5. Cfr.: «No he *fet* yo tan gran llegea». Rueda *Obras*, II, p. 216.

7. Eu te arrenego! Acerca deste verso, que é uma praga e imprecação, veja G. Vic., *Obras*, II, p. 116 . IV, p. 318.

8, era uma praga, já empregada na *Comédia de Rubena*, verso 227. G. V., *Obras*, III, p. 14.

16, *latim*, a gíria picarda do Diabo.

Dia. Tu aspete de bem la mer.
Fei. Hui! *pete* que pode ser?
Esta que linguagem é?
Dia. Tan santy xi noble entraprisu.
5 *Fei.* Viste-lo demo em que vem?
Dia. E la ribalde norrem
e puis je sa venu.
Fei. Pois pera que vieste tu
senão pera serviços meus?
10 *Dia.* Dime tos xem que tu veus,
fame d'un vilhom cocu.
Fei. Quem viu diabo Alemão?
Dize, rogo-te, bargante,
mau quebranto te quebrante,
15 não falas d'outra feição?
Por vida de Genebra Pereira,
velha, ladra, alcoviteira,
que chame o nome de Jesu.
Dia. Eu, eu! que dile tu?
20 *Fei.* Esconjuro-te, malino,
nembro da ira de Deus,
pola terra e polos céus
e por teu malvado sino,
tu hás-me de responder.
25 *Dia.* Ó que maldita mulher!
que me queres, infernal?

---

11. Dize-me o que queres, mulher dum vilão enganado!

14, é uma praga, que está repetida na *Romagem de Agravados* e em *Quem tem farelos?*

20-24. Notem-se os esconjuros da Feiticeira para forçar o Diabo a responder. Veja G. Vic., *Obras*, IV, p. 136.

21, *nembro*, arcaísmo, membro.

Fei. Quero-vos, mano, entender.
Minha rosa, vinde cá,
meu quebranto, dai-me a fé
que me não faleis por lá,
5 e adoro o rabo de boi.
Dia. Té toi, té toi.
Tumerum la caboxes.

Fei. Falai aramá Português:
atéqui estou zombando;
10 tu hás-d'ir onde t'eu mando.
Dia. Irei inda que me pês.
Fei. Vai logo às ilhas perdidas,
no mar das penas ouvinhas,
traze três fadas marinhas,
15 que sejam mui escolhidas.
Parte logo, ora sus.
Dia. Tu as desata, que la pendus.

Vai-se o Diabo e a Feiticeira torna aos feitiços, dizendo:

Que fazeis, relíquias minhas,
nesta água clara metidas?

1, *mano,* amigo.

6. Cala-te, cala-te!

8. Veja o verso anterior: «falade aramá Portugal».

11. Irei ainda que me custe. — «Molhar-mey, em *que me pes...*» Resende, *Canc. Geral.*

13, *ouvinhas* — acerca deste adj. empregado para rimar com *marinhas,* veja-se Gonçalves Viana, *Apostilas,* II, p. 202.

14. Traze três sereias. *Os cantos populares açorianos* referem-se ao poder do canto das sereias: «Escutai, se quereis ouvir — um rico, doce cantar, — devem de ser as *Marinhas,* — ou os peixinhos no mar». N.º 32, p. 271.

Havedes mister mexidas
c'o lixo das andorinhas.

Vem o messageiro, e em lugar das fadas que lhe a Feiticeira mandou trazer, traz-lhe dous Frades infernais, um deles tangendo uma gaita, e o outro foi pregador; mas enquanto viveu foi muito namorado; o qual logo diz:

Qué gran tormiento me diste
ei traerme aqui mal punto;
5 *ita vere.*
Dia. Que ouviste?
1.º F. Aqui nos hacen mas triste,
que el infierno todo junto.
Dia. *Per quam regula* diremos?
10 *1.º F.* Porque muy cierto sabemos,
quia dedit Deus potestatem
á las damas que nos maten
y nos que las adoremos.

«O episódio dos Frades é uma interessante interpretação do tema do renascimento, do triunfo do amor sobre a vida ascética». A. Valbuena, *Lit. dramática espanhola*, p. 61.

4, em trazer-me aqui, verdadeiramente, em má ocasião! — «Y an deso, *mal punto*, estoy corrido». — «Eso fué, *mal punto*, cuando yo vi el preito que se sentenciaba contra mí...» Lope de Rueda, *Obras*, I, p. 196; II, p. 147. — «Y debriades vosotros *en mal punto* comedir (=maquinar) alguna malicia». Feleciano de Silva, *La Segunda comedia de Celestina*, p. 35 — «*En mal punto* y en hora menguada entró em mí casa este caballero...» *Quijote*, cap. 35.

9. Com que direito? Veja G. V., *Obras*, III, p. 199.

11, que Deus deu poder... (Reminiscência talvez de Mat., IX — *Not. Vic.*, p. 162).

12, *matem* de amor.

Mas me lastima el dolor
que tengo de estos señores,
porque supe que es amor,
que no el infernal ardor,
5 de los tormientos mayores.
Como basta sufrimiento
al namorado tormiento,
si el amor es apurado,
que no lo mata el cuidado
10 y ahoga el pensamiento?
Esto es do que yo sé
y usé cuando vivia.
De esto tal os daré fé.
Esto es lo que estudié,
15 esta era mi libraria.
Aquestas contemplaciones
eran siempre mis liciones;
y en esto gasté mis años,
predicando com sermones
20 la grandeza de mis daños.
Con lágrimas dolorosas,
dentro de mi oratório
contemplando en las fermosas,
al cabo de ciertas prosas
25 decia este vitatório:
al santo templo de Amor,
donde las almas perdemos,
venid todos y adoremos.

24, ao fim de certos hinos. — «Fueron a la eglesia cantando rica *prosa...*» Berceo, *Milagros*, estrofe 302.
25. O Frade chama — *vitatório* ao Invitatório (invocação).
28, é o refrão do Invitatório que o frade pregador

Venid de gana muy leda
à la triste devocion,
donde mata la pasion
y siempre la vida queda
5 para mas luenga prision:
y pues la tal perdicion
por ganancia la tenemos,
venid todos y adoremos.
Adoramos y exalzamos
10 áquellas que nos mataron:
opera manuum suarum
son los suspiros que damos
in hac vita lachrymarum:
á las que mal nos trataron,
15 pues por diosas las tenemos,
venid todos y adoremos.
Prima, tercia, sexta y nona
rezaba de aquesta suerte;
porque siempre mi persona,
20 desque echó de corona,
fue de amores á la muerte.
Cantaba *Te Deum laudamus*
con los ojos en Cupido,

---

namorado reza. (No Hino *Adeste fideles*, o Invitatório — : *Venite, adoremus* — repete-se três vezes no fim de cada estrofe. *Not. Vic.*, IV, p. 181.

1. Vinde com prazer.

7. por felicidade a consideramos.

11-13. «Os suspiros, que os namorados dão neste vale de lágrimas, são obras das mãos das damas que os matam». *Not. Vic.*, IV, p. 152.

17. Horas dos ofícios divinos.

20. desde que encetou a vida religiosa...

22-23. É uma paródia.

diciendo: á ti adoramos
los que sin ventura estamos
con tanto tiempo servido.

Chegam onde está a Feiticeira e ela vendo-os diz:

Mau sumiço e mau marteiro
5 venha por tuas queixadas.
Eu mandei-te polas fadas,
e tu trazes um gaiteiro!
E estes frades a que vem?
Dia. Vus m'aves dexem,
10 *Fei.* Assi vivas tu amém.
Dia. E peme foi xiá.
Fei. Venhas muitieramá
com tuas balcarriadas:
não te dixe eu a ti fadas?
15 *Dia.* Fradas?
Fei. Fadas.
Dia. Frades.
Fei. Ainda vós aporfiades?
1.º F. Dadnos algo que hacer,
20 ó nos enviad al infierno.
Fei. Que hás-de fazer? dout'ó demo!
Eu não t'havia mister.

---

4. São pragas. Veja *Quem tem farelos?*

7. porque um dos Frades vinha tangendo uma gaita.

10. É uma fórmula de juramento; é a repetição do verso 144 da *Barca do Inferno:* G. V., *Obras,* II, p. 47.

12-13. Não preciso dos teus alardos festivos.

21. *dout'ó demo!* — é um esconjuro popular. Veja G. V., *Obras,* III, p. 103; e IV, p. 91.

22. Eu não tinha necessidade de ti.

E lá que ofício te dão
a ti e ó teu tangedor?
1.º F. Acá fui gran predicador,
allá me hicieron tecelan,
5 *Fei.* Ora fazede um sermão
muito breve a estas senhoras:
alto, logo nessas horas,
tomai o tema, dom ladrão.

1.º F. Tema
Amor vincit omnia.
10 Loco et capitulo: *Jam per elegatis.*
Discretas, ilustres señoras hermosas,
en cuyo servicio es justo el morir,
la verba del tema quiere decir,
el amor vence á todas las cosas.
15 Ó qué palabras tan maravillosas!
Ó qué palabras de tanto saber!

2, *tangedor,* «o Frade que tangia uma gaita».
3, *predicador,* orador evangélico.
7, imediatamente.
8, *dom,* antepunha-se aos epítetos injuriosos para os reforçar. Veja G. V., *Obras,* III, p. 237; IV, p. 133.
9. O Frade apaixonado recita o Sermão castelhano amoroso sobre o tema virgiliano: *Amor vincit omnia.* (A frase encontra-se na *Écloga X* de Virgílio, verso 69. A tradução encontra-se no 5.º verso, que segue). Cfr.: «Todo lo vence el amor». Encina, *Cancioneiro,* p. 135. — «Todo lo vence el amor...» Marín, *Cantos populares españoles,* n.º 6.879.
10. — *Loco et capitulo: Jam per elegatis* — «Quererá dizer: procurai vós, em que capítulo e versículo? Talvez!» *Not. Vic.,* p. 137.
12-13, *morir* de amor. — *verba,* palavras.

Escriviólas el gran poeta Vergilio;
guardaldas, señoras, que es muy gran alivio.
á quien del amor se siente vencer.
Porque son palabras de tanto misterio,
5 que ciega ó alumbra la humana razón.
Despida la vida qualquier corazón,
pués que vos teneis sobre amor imperio.
En muchos lugares lo escrive Valerio
que vuestro poderio no es humanal,
10 mas una gran fuerza sobrenatural,
que fuerza las fuerzas de nuestro hemisferio.

Assoa-se com o seu guardanapo

Háced ora allá esos niños callar. —
Amor vincit omnia, hermanas prudentes,
el cual amor viene por tres accidentes,
15 sin vuestras mercedes seren de culpar.
Del uno es causa vuestro mirar,
y la hermosura que mira con vós;
el otro, la gracia, cuitados de nós!
Que todas das cosas vencís a matar.
20 El otro accidente que mas atormienta,
rosas del mundo, y mas de sentir,
son los engaños del dulce decir,
con ciertos desvios en cabo de cuenta.
Ó causadoras de tanta tormienta,

---

1. É uma alusão ao altíssimo poeta, ao «savio gentil che tutto suppe», como dizia Dante.
5, *alumbra,* ilumina.
8. Valerius Maximus.
20, *atormienta,* dá inquietações.
21. Ó Formosas...
22, são as ilusões...

nubes muy claras lloviendo suspiros
sobre los tristes que para serviros
no dudan la muerte, ni temen afrenta!
Anda el discreto y noble persona
5 Gonçalo da Silva por la Anriquez tal,
Gonçalo da Silva mordiendo la tierra.
Porque ansí lo ciega contino la guerra,
como si él fuese rocin de atahona.
Por eso está cara esto vuestra Lisbona,
10 porque, señoras, pecais mortalmente:
Convertere ad Dominum, que matais la gente
con dulces meneos, y el hecho en Pamplona.
Anda el cuitado tan puesto en el hilo
el Calataud por la Anriquez tal,
15 que dicen por él: Ó cirio pascual,
que ya fuiste cera y ahora es pavilo;
ó graciosas riberas del Nilo,
pietate vestra super omnes gentes

2, sobre os desgraçados que para amar-vos...

5. *Gonçalo da Silva* anda doidamente apaixonado por uma Anriquez. Veja *Velho da Horta*.

7, *guerra* — será uma alusão a Francisca da Guerra, citada já nesta peça, ou será uma referência às inquietações atormentadoras da paixão?

11. Convertei-vos. É uma admoestação jocosa às damas de Lisboa, porque matam a gente com seus doces meneios. Reminiscência das *Lamentações* de Jeremias. *Not. Vic.*, IV, p. 116.

12, *y el hecho en Pamplona*, e tudo como dantes.

13. Segue-se uma oitava humorística e com alusões pessoais.

14. Veja *Velho da Horta*.

16, que estás magro.

18, «a vossa misericórdia outorgai-a a toda a gente».

dejad los crueles inconvenientes,
que aunque grosero, delgado lo hilo.
No quiero olvidar Don Luis de Meneses,
que Doña Leonor de Castro tien muerto,
5 que parece barco que vino del Puerto
sin mantenimiento tres o quatro meses.
Dejad esas mañas de vuesos reveses,
señoras, *ne perdas animam vivam,*
pues de sus ganas por vos se cautivan,
10 *ut non desoletur*, que son Portugueses.
Ó Christovão Freire, leal caballero,
que á Dona Ginebra tomó por su Dios,
que parece galgo de Puerto de Mos
chupado de estrias por esse terrero.
15 Y otros señores que nombrar no quiero,
quia non debemus de plaza decir,

3-4, «era o filho segundo do Conde Prior do Crato, que casou com aquela D. Leonor, filha do Conde da Feira, que o *tenia muerto*». Braamcamp, *G. Vic.*, p. 129.

7-10, «sede piedosas, pondo de lado manhosos rigores para que não desconsoleis e mateis (de amor) os vossos admiradores». *N. V.*, pp. 145, 185.

11. *Ch. Freire* ainda não foi identificado.

12. «A D. Ginebra, adorada pelo fidalgo, indicado no verso anterior, talvez seja a mencionada nas *Provas da Hist. Genealógica da Casa Real,* t. III, 807, *N. V.*, p. 287.

13. muito magro e macilento.

14, *estrias,* bruxas. — «As que nos berços sangue novo aventão, — vierão ter ao meu, (chamão-lhe *Estrias* — que a tantas de crianças arrefentão)...» Sá de Miranda, *Poesias,* p. 478.

16, porque não devemos dizer pùblicamente que sofrem inquietações atormentadoras, por causa do seu segredo amoroso. Cfr.: «Tanto mal tenho comigo! — A ninguém não me descubro...» G. V., *Obras,* III, p. 60.

que sufren las llagas del triste encubrir,
los cuales padecen tormiento mas fiero.
  Pues, porqué, señoras, no os confesais,
que haceis á los vivos morir por serviros?
5 Haceis á los muertos allá dar suspiros,
porque no estan acá donde estais.
Amor vincit omnia, y vos lo causais,
orbis terrarum et semitas maris.
Ó Diosas hermosas juzgadas per Paris,
10 adonde se escriven las vidas que dais?
  Plega al Señor Juan de Saldaña,
que tiene las llaves de vuestro paraiso,
que Dios le dé gracia, que salgan de siso
  las llaves, ó vos, ó él, ó su caña.
15 No es tiempo ahora de mas predicar:
el que quisiere oir mi sermon
vaya al Infierno con gran devocion,
y de esta manera se puede salvar.
  Las cosas que os suelen ser encomendadas,
20 os encomiendo, conviene saber:
todo el mal que pudierdes hacer,
haceldo, Señoras, que hayais buenas hadas.

---

4. *serviros,* amar-vos.

8. Os *Salmos* VIII, 9 e XXIII, 1 (e ainda outros são as fontes das duas frases juntas neste verso). António de Vasconcelos, *Not. Vic.*, IV, p. 152.

9. Vénus, Minerva e Juno, que entraram no célebre certame, em que Páris foi juiz.

11. Castelhano, veador da casa da Rainha D. Maria (e da Infanta D. Isabel). *Not. Vic.*, IV, p. 332 e Braamcamp, *G. V.*, p. 128. Veja G. V., *Obras*, IV, p. 242.

19. *os suelen,* vos costumam.

22. fazei-o, Senhoras, e tenhais boa sorte.

Fei. Ora sus, má criatura,
i-me logo polas fadas
marinhas, bem assombradas,
e tornai essa amargura. —
5 Donde vindes? D'Almolina.
Que trazedes? Farinha.
Tornai lá, que não é minha. —
  Olhade a gente honrada.
Que me trazia o ladrão!
10 Um que foi amancebado,
alcoviteiro provado,
e um frade rafião.
Sabeis quão mal me parecem
pessoas de mau viver?
15 Mais cá moscas m'aborrecem,
não nas posso ouvir nem ver.

Tira umas contas e diz:

  Praza à conjunção carnal
de Frei Gabriel com Marta,
sua filha espiritual,
20 que me venha este enxoval,
que já d'esperar sou farta,
e traga as fadas asinha.

1-3. Vamos, ide-me imediatamente pelas Sereias de semblante agradável.

5. A palavra *Almolina* ocorre nas rimas de um jogo infantil (de dois: pergunta e resposta) rimas recitadas pela Feiticeira para indicar, salvo erro, em quão pouca conta tinha o engano praticado pelo Diabo mensageiro que lhe trouxera Frades, em vez de Fadas». *Not. Vic.*, IV, p. 248.

12, e um Frade que vive à custa de mulheres.

22, e traga as Sereias depressa.

Ó Senhora Ladainha,
ajudai-m'ora vós.
Cabra preta vai por vinha,
vai por vinha mana minha,
5 *te rogamos audi nos.*
Quando fordes à igreja,
não vos esqueça a soberba.
Tomad'ora meu conselho.
Ó açoutes do concelho,
10 que estrearam meus avós,
te rogamus audi nos.
Ladainha da Pereira,
escrita em pele de rata,
tinta de pingo de pata,
15 assada per mão de mógueira.
Ó picota da Ribeira,
que estrearam meus avós,
te rogamus audi nos.

---

1. «Cantiga profana e patusca, cantada ou recitada pela Bruxa, com o refrão latino: *Te rogamus audi nos.* É paródia de alguma prece ou ladainha. O refrão corre na de *Todos-os-Santos,* precedido da aposição *Peccatores,* nada menos de dezasete vezes». *Not. Vic.,* IV, p. 178.

9. As Feiticeiras eram açoutadas.

15, *mógueira,* alcoviteira. Veja G. V., *Obras,* III, p. 30.

16, *picota,* pelourinho. — «No sé como no tienes memoria de la que *empicotaron* por hechizera, que vendia las moças á los abades é descasava mil casados». *La Celestina,* acto IV, p. 160. Acerca do local da *Picota da Ribeira,* veja Júlio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa,* pp. 441-42.

Vêm as Fadas marinhas cantando a cantiga seguinte:

«Qual de nós vem mais cansada
«nesta cansada jornada?
«Qual de nós vem mais cansada?»

Fei. Pitas, pitas, pitas, pitas,
5 patelas, patelas, patelas.
Bem venhais, minhas donzelas,
linguadas frescas fritas.
Dia. Ó fauxe buxiere malvada,
vaxites a buxions.
10 *Fei.* Já tu tornas esses tons,
tartaranha excomungada?

Dia. Mi gene memie mi.
Fei. Cal'te, eramá pera ti,
e leixa-m'a mim falar.

Diz às Fadas:

15 Como vos vai nesse mar
tão profundo e espaçoso?

Respondem as Sereias cantando:

«Nosso mar é fortunoso,
«nosso viver lacrimoso,

4-5. Fórmulas interjectivas para chamar patos, galinhas. Veja na *Farsa da Fama*, vv. 4 e 19.
8-9. Cantinua a gíria picarda do Diabo.
11, imbecil, pateta, atado...
13. Desaparece-me da vista!... — «*Calay era má* calay-vos — e embaynhay-vos nam vades com tudo ao cabo...» Chiado, *Pratica dos Compadres*, folha 2.
17. Nosso mar é tempestuoso...

«e o chegar rigoroso
«ao cabo desta jornada:
«qual de nós vem mais cansada
«nesta cansada jornada?»

5 *Fei.* Não podedes vós falar,
que respondedes cantando?
Fad. «Nós partimos caminhando
«com lágrimas suspirando,
«sem saber como nem quando
10 «fará fim nossa jornada.
«Qual de nós vem mais cansada
«nesta cansada jornada?»
Dia. Melior cante le quien
y le hoyssos de villé.
15 *Fei.* Cal'-te corvo de Noé,
que não sabes que cousa é
cantar mal nem cantar bem.
Minhas flores da ribeira,
descanso desta alma minha,
20 rainhas da vida marinha,
honrade ora esta romeira,
fadai de linda maneira
este estrado de bons fados,

---

13. Continua a gíria picarda do Diabo.
15. «o corvo sinistro que Noé soltou da Arca, cento e cinquenta com mais quarenta dias depois que as cataratas do céu se haviam fechado, e saiu e não tornou mais, é injúria com que se designa o portador de más notícias, e cantor de voz áspera». *Not. Vic.*, IV, p. 316.
18. Sereias.
23. as Senhoras, que ocupam este *estrado*... (sala de cerimónia, onde as damas se sentavam em almofadas e recebiam as visitas).

que Deus lh'os dará dobrados.
Praza a ele que assim virá.

Fadam as Fadas el-Rei e a Rainha, cada um per sua vez.

1.ª F. Os fados que deram ser às estrelas,
quando a terra estava vazia,
5 façam caminhos a vossa alegria,
per onde vos venha tão cara com'elas.
E aqueles fados
que pera dar dita são determinados,
vos tragam as vossas das mais escolhidas,
10 e os instrumentos que alongam as vidas
vos veja dobrados.
Os fados que deram orvalhos às rosas
visitem as flores do vosso estrado,
e todo o cuidar de triste cuidado
15 não hajam lugar nas Altezas vossas.
E aquelas fadas
que têm as ribeiras de verde pintadas,
vos pintem as vidas d'alegre pintura,
e as altas sortes que parte Ventura
20 vos sejam guardadas.

2.ª F. As cousas que fazem a terra parir
lírios alvos e veias divinas,

13, as damas da Corte.

14-15, e vossas Altezas sejam isentas de inquietações atormentadoras. (*Alteza* era o tratamento, que se dava ao rei nesta época).

19-20, e a felicidade, que a ventura reparte, vos estêja reservada.

21, *parir,* produzir.

cerquem os quadros de vossas cortinas,
e sempre vitória vos faça dormir.
E a fada primeira
que fez a Fortuna geral dispenseira,
5 e fez nossos mares e céus por medida,
vos faça gozar o gozo da vida
de nova maneira.

3.ª F. As novas que temos nas ondas do mar
são que na terra há pouca verdade;
10 e pois de verdade há má novidade,
por novidades as haveis de tomar.
Ora é pera ver:
tome Vossa Alteza qualquer que quiser,
que todo é verdade as sortes que são,
15 tomai desses sete planetas que hi vão
a que vos vier.

Aqui deram as sortes primeiramente a el-Rei

Júpiter

Este planeta escolhido
escolheu, porque é profundo,
o mais alto bem do mundo.

Sol (à Rainha):

20 Muitos bens deu Deus na terra,
porém se este não viera,
nunca nos amanhecera.

---

17. «Júpiter é identificado a D. João III». D. Augusta Gersão Ventura, *Estudos Vicentinos*, p. 99.

Cupido (ao Príncipe)

Este Deus é muito amado
e adorado,
porque tem dominação
sobre toda a criação.

Lua (à Ifante D. Isabel)

5 Esta Senhora Diana
tem do Céu sua feitura
e do Sol a fermosura.

Vénus (à Ifante D. Beatriz)

A este planeta só
olham todas as estrelas,
10 porque é mais clara que elas.

Daqui adiante se seguem as sortes ventureiras dos galantes por animais.

Camelo

Este alegre novas traz
e leva tristes de si
cada vez que vai daqui.

Marta

Aqueste animal é forro,
15 mostra-se de fora liso,
mas de dentro não é isso.

---

5. D. Isabel casou, em 1526, com Carlos V.

8. Acerca da Infanta D. Beatriz, veja G. V., *Obras*, III, p. 130; IV, pp. 141, 225. — *Sortes ventureiras* — «jogo de sala no qual cada fidalgo tomava por sua divisa o nome de uma ave ou de outro animal». Gonç. Viana, *Apostilas*, II, p. 532.

Sagitário

Este tem dous corações
lastimados d'um pesar
que nunca s'hád'acabar.

Arminho

Este animal é prezado
5 de todo o mundo em geral,
e aqui fazem-lhe mal.

Cabra

Este animal se apacenta
na mais áspera verdura
por experimentar ventura.

Furão

10 Este há mister açamado,
porque é tão orgulhoso,
que passa de querençoso.

Podengo

Este animal alevanta
a caça, porque a cata;
15 porém sempre outrem a mata.

Rato

Este bonito animal
não sei que faz o coitado,
que sempre anda homiziado.

Cágado

Quem tiver este animal
20 não é muito que o leixe,
pois não é carne nem peixe.

Camaleão

Tem este fraco animal
tão estranho alimento,
que não se farta de vento.

Lobo

Este morre com razão,
5 porque tal contrairo tem,
que emprega a morte bem.

Ouriço cacheiro

Este animal enganado
cuida que ama escondido,
e ele é mais conhecido
10 rebuçado.

Porco montês

Este animal se recolhe
às matas mais escondidas,
e lá lhe vão dar feridas.

Veado

Este mui bravo animal
15 em guardar-se tinha o tento,
mas amor furtou-lhe o vento.

Corço

Os saltos deste galante
não o poderão salvar
d'um mal que tem de passar.

19, de ser morto.

Carneiro

Este se um amor o cobre,
d'hi a pouco se trosquia,
e logo outro novo cria.

Porco-espinho

Destes há poucos na terra:
5 deve ser mui estimado
da fortuna, e namorado
sem ter guerra.

Urso

Este animal tem ventura
e dita, porque é sofrido;
10 ca sofrer é grão partido
se atura.

Lontra

Este nunca se contenta,
nem contente se verá,
porque quer o que hi não há.

Gato

15 Este animal é caseiro,
e não quer bem a Cupido:
tem amor a ser marido
com dinheiro.

Leão

Este mui forte animal
20 nunca sabe que é temor,

10-11, pois há vantagem na resistência ao sofrimento.

mas teme-se do amor.
e não d'al.

Olicórnio

Esta rês é muito esquiva;
caça-se c'uma donzela,
5 e não per outra cautela
se cativa.

Dromedário

Este traz grandes carretos
e requere seu proveito,
porém não pede direito.

Cavalo

10 Este animal furioso
se namora sem concerto,
pois não ama em lugar certo.

Galgo

Este animal delicado
não sei porque cansa a vida
15 trás quem tem certa guarida.

Lebreu

Este tem em pouco a vida,
e é bem que a dê barata,
pois quer ferir a quem mata.

---

2. e não doutra coisa.
3. Cfr.: «el *unicornio*, que se humilha á qualquiera *donzella*». *La Celestina*, acto IV, p. 176. (A fonte deste passo é Plínio, VIII, 21).
5. *cautela*, ardil.

Bugio

Este animal compreende
quanto se pode cuidar;
porém, o seu não falar
encobre e sofre o qu'entende.

Touro

5 Este, não sendo culpado,
é ferido,
e quanto mais, mais ardido.

Coelho

Este cativo animal
é tão vivo namorado,
10 que há-de morrer a cajado.

Raposo

Deste se devem guardar,
que se finge manco e torto,
e às vezes se faz morto,
por caçar.

Elefante

15 Aqueste só animal
tem veias no coração,
onde lágrimas estão.

Onça

Este ligeiro animal,
se de três saltos não caça,
20 improviso leixa a caça.

13-14. Cfr.: «raposa ...se haze mil vezes *muerta*... para hazer traiciones». Torres Naharro, *Comedia Trophea*, p. 73.

Azêmola

A vida deste animal
é de noite em meijoada
e pela manhã palhada.

Sendeiro galego

Este é bom servidor;
5 parece mui bem selado,
mas melhor é albardado.

Rafeiro

Este é falso e fagueiro,
sorrateiro;
quando virdes este cão,
10 levai sempre um pau na mão.

Doninha

Este não é bem furão
nem gineta nem esquio:
é um bichinho vadio.

(Sortes das Damas por aves)

Falcão

Esta ave tem crueldade
15 sem piedade;
e quem na quiser tomar
tem muito que suspirar.

2, *meijoada*, corte.

14. «Tanto a poesia palaciana como a popular, no período arcaico que vai até 1500, tiraram assuntos, motivos, e figuras retóricas muito pitorescas da caça de altanaria, sobretudo do voo da *garça* real, da agilidade do gavião, dos olhos do *falcão*». D. Carolina Micaëlis, *Mestre Giraldo*, p. 56.

Garça

Esta ave é temerosa
e fermosa,
e não se toma per manha
nem cai senão per façanha.

Mélroa

5 Esta ave é namorada
declarada
e faz seu ninho de praça,
e tudo com muita graça.

Roussinol

Esta ave tem seus amores
10 co'as flores
dous meses, nó mais, no ano;
porém ama sem engano.

Águia

Esta vence o sol co'a vista,
e cega toda relé
15 que com ela tem mais fé.

Gavião

Esta ave é mui ligeira
e lisongeira;

---

7. e faz seu ninho pùblicamente.

13. Cfr.: «lhes deram (às aves) a *águia* por rei — que atura ao Sol olhando». Sá de Miranda, *Poesias*, p. 189.

16. «O *gavião*, ave nobre do *sport* medieval, é mencionado a miúde tanto no Romanceiro como no Cancioneiro». D. Carolina Micaëlis, *Romances Velhos*, p. 126.

desama logo por nada:
é fermosa e alterada
em grã maneira.

Estorninho

Esta ave é de condição.
5 que se põe em grande altura,
e confia na ventura
com razão.

Pomba

Esta ave parece santa,
porque é dissimulada,
10 mas no certo é refalsada.

Rola

Esta deseja casar,
mas quer bem tão escolhido,
que temo que há-de ficar
sem marido.

Pavão

15 Esta ave é tão namorada
da fermosura que tem,
que sei certo que a ninguém
tem em nada.

Fénix

Esta parceira não tem,
20 só faz vida em forte mata,
e não na mata ninguém,
ela se mata.

Çisne

Esta ave segue um extremo,
que canta contra a razão,
quando mata o coração.

Pega

Esta ave nunca sossega,
5 é galante e muito oufana;
mas a hora que não engana
não é pega.

Adém

Esta se tem por real;
é tão brava e tão esquiva,
10 que não quer ver cousa viva.

Alvéola

Esta avezinha fermosa
faz que aguarda,
mas, pardeus, mui bem se guarda.

Francelho

Esta ave sempre peneira
15 e nunca deita farinha:
tal sois vós, senhora minha.

1-2. Canto do cisne — fábula zoológica, figura de retórica. Cfr.: «Dulcia defecta modulatur carmina lingua cantator *cycnus* funeris ipse sui». Marcial, XIII, 77 — «ad guisa che sole il candido *cygnio presago* della sua morte cantare gli exequiali versi...» Sannazaro, *Arcadia*, p. 146. — «El *cisne* con su cantar — su triste lloro adevina, — porque luego allí se fina — a las orillas del mar, — donde a la muerte se inclina». Boscán, *Mar de Amor*.
6, *a hora*, note-se esta circunstância de tempo.

Andorinha

Esta ave bem assombrada
é confiada:
seus amores vão e vêm,
nenhũa certeza têm.

Calhandra

5 Esta nunca tem tristeza;
sobe-se no ar cada hora,
e canta porque outrem chora.

Oja

Esta ave segue um temor;
traz a relé assombrada,
10 porque cada hora é mudada.

Gaivota

Esta só ave s'enfuna
na fortuna;
não teme mar nem tormenta,
nasceu forra e vive isenta.

Perdiz

15 Esta ave muito prezada
é avisada;
e se a enganar alguém,
juro a Deus que caça bem.

---

8. Oja «ave de rapina do tamanho do francelho, no talho semelhante ao falcão». Bluteau, *Vocabulário*.
14. Veja G. V., *Obras*, I, p. 52, verso 19.

Grou

Esta ave sempre vigia,
nunca dorme assossegada,
porque sonha noite e dia
em ser casada.

Minhoto

5 Esta ave diz-nos que viu,
mas não pode ver mais bem
que a dama que ora o tem.

E acabadas de dar assi estas sortes, se foram todos com sua música, e se acabou a dita farsa.

FINIS

3. Note o contraste em Chiado: «que *noyte e dia* não *sonha*». *Auto das Regateiras*, folha 7.

FARSA DE INÊS PEREIRA

FIGURAS: Inês Pereira; Mãe de Inês; Lianor Vaz; Pêro Marques; Judeus Casamenteiros: Latão e Vidal; um Ermitão.

A seguinte farsa de folgar foi representada ao muito alto & mui poderoso Rei Dom João o terceiro do nome em Portugal, no seu Convento de Tomar. Era do Senhor de M.D.XXIII. O seu argumento é, que por quanto duvidavam certos homens de bom saber se o autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse — s. (=a saber, isto é) um exemplo comum que dizem, mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube. E sobre este motivo se fez esta farsa. Finge-se na introdução, que Inês Pereira, filha de uma mulher de baixa sorte, muito fantesiosa, está lavrando em casa, & sua mãe é a ouvir missa, & ela diz:

Inês Renego deste lavrar
e do primeiro que o usou
ó diabo que o eu dou,
que tão mau é d'aturar.
5 Ó Jesu! que enfadamento,
e que raiva, e que tormento,
que cegueira, e que canseira!

Estes versos tratam da vida de Inês em solteira.
1. detesto esta costura.

A Farsa de Inês Pereira, *tècnicamente, é a mais perfeita, com mais acção e com mais unidade no desenvolvimento das cenas. Podemo-la considerar: 1.º como comédia abreviada de carácter, pela pintura do modo de ser*

Eu hei-de buscar maneira
d'algum outro aviamento.
Coitada, assi hei-destar
encerrada nesta casa
5 como panela sem asa
que sempre está num lugar?
e assi hão-de ser logrados
dous dias amargurados,

---

peculiar de Inês Pereira, da hilariante comadre Lianor Vaz, do escudeiro tiranete Brás da Mata e do rústico Pêro Marques; 2.º como comédia abreviada de costumes, pelo assunto — actos comuns da vida doméstica, que se prestam a situações cómicas.

«O rifão popular Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube *fora dado, como todos sabem, ao Poeta para tema por «certos homens de bom saber» detractores seus, que duvidavam se o Autor fazia de si mesmo as suas obras, ou se as furtava a outros autores. Compromisso de que ele se saiu magistralmente, com bom humor e bela invencionice, confirmando poderosamente os seus créditos».*

(«Gil Vicente visava provàvelmente Sá de Miranda, ao falar de «homens de bom saber» que menoscabavam a musa folgazã que durante três decénios havia divertido a corte». D. Carolina Michaëlis, Novos estudos sobre Sá de Miranda, *pág. 164).*

O Prof. Dr. Fidelino de Figueiredo, na *Hist da Lit. Clássica,* estudou excelentemente a sucessão dos quadros, que há nesta peça, que aproveitamos nas anotações, que seguem.

1-2, hei-de procurar outro modo de vida. Confira: «Mas a coitada — da molher sempre encerrada — que nam tem contentamento — nem tem desenfadamento — mais que agulha & almofada». Camões, *Auto do Filodemo,* versos 954-58. Edição de 1928.

5, como um traste velho.

que eu posso durar viva
e assi hei-destar cativa
em poder de desfiados?
Comendo-me eu logo ao demo
5 s'eu mais lavro nem pontada.
Já tenho a vida cansada
de jazer sempre dum cabo.
Todas folgam e eu não
todas vêm e todas vão
10 onde querem, senão eu.
Hui! e que pecado é o meu,
ou que dor de coração?
Esta vida é mais que morta.
Sou eu coruja ou corujo,
15 ou sou algum caramujo,
que não sai senão à porta.
E quando me dão algum dia
licença, como a bugia,
que possa estar à janela
20 é já mais que a Madanela
quando achou a aleluía.

Vem a Mãe, & diz:

Logo eu adevinhei
lá na missa onde eu estava,

3, a Mãe deixara-lhe por tarefa um travesseiro de franjas. (Vide verso 41). Cfr.: Jorge Ferreira: «Uns travesseiros de *desfiados* para uma cama dessa senhora». *Ulissipo*, acto 3.º, c. 2.ª.

4, é um esconjuro popular.

5, se eu coso mais ou dou um ponto.

6, já estou mortificada desta vida que levo...

20-21, é motivo duma grande alegria — referência «à alegria que Magdala manifestou ao saber da Ressurreição». *Notas Vicentinas*, 4.ª, p. 306.

como a minha Inês lavrava
a tarefa que lhe eu dei.
Acaba esse travesseiro
e nasceu-te algum unheiro?
5 Ou cuidas que é dia santo?

Inês Praza a Deus que algum quebranto
me tire de cativeiro.

Mãe Toda tu estás aquela
choram-te os filhos por pão?

10 *Inês* Prouvesse a Deus que já é rezão
de eu não estar tão singela.

Mãe Olhade ali o mau pesar!
Como queres tu casar
com fama de preguiçosa?

15 *Inês* Mas eu, mãe, sou aguçosa
e vós dai-vos de vagar.

Mãe Ora espera assi, vejamos,

Inês Quem já visse esse prazer!

Mãe Cal'te, que poderá ser,
20 que ante a Páscoa vem os Ramos.
Não te apresses tu, Inês,
maior é o ano que o mês;
quando te não precatares,

1, *lavrava*, costurava.
5, pensas que podes deixar hoje de trabalhar?
8, estás muito mal humorada.
9. «No te dé Dios mas mal que muchos hijos y poco pan». Correas, *Refranes*, p. 363.
11, de eu não estar solteira.
15, *aguçosa*, diligente.
16, e vós não mostrais pressa.
20, devagar se vai ao longe...
23, quando menos esperares...

virão maridos a pares
e filhos de três em três.
Inês Quero-me ora alevantar;
folgo mais de falar nisso:
5 assi me dê Deus o paraíso,
mil vezes que não lavrar.
Isto não sei que me faz...
Mãe Aqui vem Lianor Vaz.
Inês E ela vem-se benzendo.
10 *Lia.* Jesu a que meu encomendo!
quanta cousa que se faz!
Mãe Lianor Vaz, que foi isso?
Lia. Venho eu, mana, amarela.
Mãe Mais ruiva que uma panela!
15 *Lia.* Não sei como tenho siso!
Jesu, Jesu, que farei?
Não sei se me vá a el-Rei,
se me vá ao Cardeal.
Mãe Como! e tamanho é o mal?
20 *Lia.* Tamanho? eu to direi:
vinha agora pereli
ó redor da minha vinha,
e um clérigo, mana minha,
pardeus, lançou mão de mi;
25 não me podia valer.

---

1. «Los maridos tengo a pares». Tirso de Molina, *Desde Toledo a Madrid,* acto 3.º.
8. *Lianor,* era a forma antiga e popular de Leonor.
16. *Jesu!* excl. para indicar espanto.
17. não sei se me vá queixar a D. João 3.º.
18. «o Cardeal-Infante D. Afonso, filho de D. Manuel». *Not. Vic.*, IV, p. 264.
24. perseguiu-me.

Diz que havia de saber
se era eu fêmea se macho.
Mãe Hui! seria algum mochacho,
que brincava por prazer?
5 *Lia.* Si, mochacho sobejava.
Era um zote tamanhouço!
eu anda no retouço,
tão rouca que não falava.
Quando o vi pegar comigo
10 que me achei naquele perigo,
assolverei, não assolverás:
— Jesu! homem que hás contigo?
Irmã, eu t'assolverei
co breviairo de Braga.
15 Que breviairo, ou que praga!
que não quero: áque d'el-Rei!
Quando viu revolta a voda,
foi e esfarrapou-me toda
o cabeção da camisa.
20 *Mãe* Assi me fez dessa guisa
outro no tempo da poda.
Eu cuidei que era jogo

---

2. «Ver si es hombre ó si es mujer...». Lucas Fernandez, *Farsas*, p. 26.
6, era um homenzarrão.
9, quando o vi arremeter...
14, «é ao discutidíssimo Breviário de Braga que com relação a absolvições se alude». *Not. Vic.*, IV, p. 260.
16, *áque del-Rey*, forma de pedir socorro, que era corrente na Península Ibérica.
17, quando viu que eu não cedia.
22, *jogo*, brincadeira.

e ele... dai-o vós ó fogo!
tomou-me tamanho riso,
riso em todo meu siso,
e ele leixou-me logo.
5 *Lia.* Si, agora, eramá,
também eu me ria cá
das cousas que me dizia:
chamava-me luz do dia;
nunca teu olho verá.
10 Se estivera de maneira
sem ser rouca, bradara eu,
mas logo m'o demo deu
cadarram e peitogueira,
cócegas e cor de rir
15 e coxa pera fugir
e fraca pera vencer,
porém pude-me valer
sem me ninguém acudir.
O demo, e não pode al ser,
20 se chantou no corpo dele.
Mãe Mana, conhecia-t'ele?

---

1. «Pues fuego malo te queme...» *Celestina*, acto 1.º.

2, «...con la qual gracia le tomó tal risa...» Pineda, *Agricultura Christiana, Diálogo* 19, § 1.º.

11, não pôde gritar por estar rouca, — *bradar*-gritar, pedir socorro.

13, *cadarram*-catarram-abrandamento do *t* em *d*. — *peitogueira*-tosse.

14, *cor*-vontade, desejo.

19-20, com certeza o clérigo tinha o diabo no corpo. — «O decho se chantou nele». Gil Vicente, *Auto Pastoril Português*, v. 148.

Lia. Mas queria-me conhecer.
Mãe Vistes vós tamanho mal?
Lia. Eu me irei ao Cardeal,
e far-lhe-ei assi mesura
5 e contar-lhe-ei a aventura
que achei no meu olival.
Mãe Não estás tu arranhada,
de te carpir, nas queixadas.
Lia. Eu tenho as unhas cortadas
10 e mais estou trosquiada:
e mais pera que era isso?
E mais pera que é o siso?
E mais no meio da requesta
veio um homem de uma besta,
15 que em vê-lo vi o paraíso.
E soltou-me, porque vinha
bem contra sua vontade.
Porém, a falar verdade
já eu andava cansadinha.
20 Não me valia rogar,
nem me valia chamar

---

1. Ter trato ilícito comigo.
3. vide supra v. 79.
4. *mesura* — cortesia.
8. Já no tempo do rei D. Pedro se declarava «que a mulher saindo do lugar em que a forçaram, devia-se logo *carpir* (lacerar o rosto como protesto), e bradar, e ir-se logo geitar à Justiça...»: Viterbo, *Elucidário*, II, p. 267. — Cfr.: «Os braços trago cansados — de *carpir* estas queixadas...». Gil Vicente, *Pranto de Maria Parda*, vv. 109-43.
13-14. e mais no meio da briga, chegou um almocreve.
16. e o clérigo largou-me, devido à chegada do almocreve.

áque de Vasco de Fóes,
acudi-me, como soes!
E ele se não pegar.
— Mais mansa, Lianor Vaz,
5 assi Deus te faça santa.
— Trama te dê na garganta!
como! isto assi se faz?
— Isto não releva nada,
tu não vês que sou casada?
10 *Mãe* Deras-lhe ma ora boa
e mordera-lo na coroa.
Lia. Assi fora excomungada.
Não lhe dera um empuxão,
porque sou tão maviosa,

1, *áque de...* era a frase usada em Portugal para pedir socorro. Vasco de Foes — Braamcamp é de opinião que Leonor grita por Vasco Foes, porque ele era o alferes-mor da Ordem de Cristo (Tomar) e a cena passava-se nessa vila e também porque este poeta do *Canc. Geral* se dava ao ridículo como velho galã, baixo, de muita barba e pintada. *Gil Vicente Trovador, Mestre da Balança* in «Rev. de Hist.», n.º 24, págs. 303-304.

2, acudi-me como costumas. Há ironia neste verso.

3. Cfr.: supra v. 95.

5, «así Dios os haga santo...» Rueda, *Obras*, II, p. 413.

6, é uma praga. Cfr.: — «Assi a tome má *trama*». Camões, *Filodemo*.

7, esta frase, usada na Península, é empregada na acepção de: cousas tais, como estas?

8, isto não tem importância nenhuma: «isso nam releva nada...» Chiado, *Pratica doyto feguras*, fl. 5.

12. «Olvidavaseme de dezir, que advierta vuestra merced, que queda descomulgado, por aver puesto las manos violentamente en cosa sagrada...» *Quijote*, I, cap. 19 — são palavras do Concílio de Trento.

que é cousa maravilhosa;
e esta é a concrusão.
Leixemos isto, eu venho
com grande amor que vos tenho,
5 porque diz o exemplo antigo
que amiga e bom amigo
mais aquenta que bom lenho.
Inês Pereira é concertada
pera casar com alguém?
10 *Mãe* Até 'gora com ninguém
não é ela embaraçada.
Lia. Eu vos trago um casamento
em nome do Anjo bento:
filha, não sei se vos praz.
15 *Inês* E quando, Lianor Vaz?
Lia. Eu vos trago aviamento.
Inês Porém, não hei-de casar
senão com homem avisado
ainda que pobre pelado
20 seja discreto em falar.
Lia. Eu vos trago um bom marido,
rico, honrado, conhecido;
diz que em camisa vos quer.

---

3. Lianor vem tratar do casamento de Inês e dá conselhos.

5. porque diz o provérbio antigo — a experiência. — *exemplo antigo* — era uma das designações medievais do provérbio.

11. não está ajustada.

14. *praz* — agrada.

18-20. Cfr.: «e o quoal como descreto — *avisado* cortesam...» Resende, *Cancioneiro Geral*, I, p. 99.

23. sem dote e pobre. A frase também se usa em Espanha: «Tomarla en camisa». Correas, *Refranes*, p. 652.

Inês Primeiro eu hei-de saber
se é parvo, se sabido.
Lia. Nesta carta que aqui vem
pera vós, filha, d'amores,
5 veredes, minhas flores,
a descrição que ele tem.
Inês Mostrai-ma cá, quero ver.
Lia. Tomai, e sabedes vós ler?
Mãe Hui! e ela sabe latim,
10 e gramática, e alfaqui
e tudo quanto ela quer.

Lê Inês Pereira a carta:

«Senhora amiga Inês Pereira,
Pêro Marques, vosso amigo,
que hora estou na nossa aldea,
15 mesmo na vossa mercea
m'encomendo, e mais digo...
Digo que benza-vos Deus,
que vos fez de tão bom jeito;
bom prazer e bom proveito
20 veja vossa mãe de vós.

2, *sabido* — astuto, finório.

3, é a carta do pretendente Pêro Marques.

5, *minhas flores* — frase de galantaria.

9-10. Inês — «segundo a ingénua vaidade da Mãe» — é muito ilustrada: é uma sábia. — *alfaqui* — doutor ou sábio da religião, entre os muçulmanos. — «Allí habló un *alfaquí* — de barba crecida y cana (=branca)...» *Romance del rey moro que perdió Alhama.*

14-15. Gil Vicente, mais tarde, no *Templo de Apolo*, versos 573-574, também rimou *aldea* com mercea.

17, digo que Deus vos dê boa sorte.

19, «*bom prazer veja* eu de vos — e boas fadas». Gil Vicente, *Farsa das Fadas*, vv. 31-42 — «Bem o sey,

Ainda que eu vos vi
est'outro dia de folgar
e não quiseste bailar
nem cantar diante mi...»

5 *Inês* Na voda de seu avô,
ou onde me viu or'ele?
Lianor Vaz, este é ele?

Lia. Lede a carta sem dó,
que inda eu sou contente dele.

Prossegue Inês Pereira a carta:

10 «Nem cantar presente mi,
pois Deus sabe a rebentinha
que me fizeste então.
Ora, Inês, que hajais benção
de vosso pai e a minha,
15 que venha isto a concrusão».

Inês Vistes tão parvo vilão
eu nunca tal cousa vi
nem tanto fora de mão.

Lia. Quereis casar a prazer
20 no tempo d'agora, Inês?
Antes casa, em que te pês
que não é tempo d'escolher.

---

filha, meu bem — *prazeres veja* eu de ti». (=sinta satisfação contigo) Gil Vicente, *Auto da Lusitânia*, verso 193.

11, *rebentinha* — raiva.

15, que se realize o casamento.

18, nem tão disparatada.

19-20, na época em que estamos, quereis casar e ainda escolher?

21, casa, ainda que seja com quem não gostes.

Sempre eu ouvi dizer:
ou seja sapo ou sapinho,
ou marido ou maridinho,
tenha o que houver mister,
5 este é o certo caminho.
Mãe Pardeus, amiga, essa é ela:
mata o cavalo de sela
e bô é o asno que me leva.
Lia. Filha, no chão do Couse
10 quem não puder andar, choute.
Mais quero eu quem m'adore
que quem faça com que chore,
chamá-lo-ei, Inês?
Inês Si
15 venha e veja-me a mi,
quero ver, quando me vir,
se perderá o presumir

2-3. «Sea *marido* y sea *sapillo*». Correas, *Refranes*, pág. 446.

4. tenha dinheiro.

6. Na realidade é verdadeiro o provérbio...

7-8, estes versos vêm comprovar o tema, que os eruditos, «certos homens de bom saber», tinham dado a Gil Vicente: «mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube».

9-10. «é um provérbio humorístico»: — o óptimo é inimigo do bom; quando se não consegue possuir o que se deseja é preciso estimar o que se tem. — *Chão do Couse* — esta vila fica no Bispado de Coimbra, nas vizinhanças de Penela. Vide Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, T. II, p. 63; T. III, p. 167. Porventura Gil Vicente escolheu o nome desta vila, por se prestar a efeito cómico. — *Chão do Couse* é também citado por António Prestes, *Mouro Encantado*, fl. 129.

logo em chegando aqui,
pera me fartar de rir.
Mãe Touca-te, se cá vier,
pois que pera casar anda.
5 *Inês* Essa é boa demanda!
cerimónias há mister
homem que tal carta manda?
Eu o estou cá pintando:
sabeis, mãe, que eu adevinho
10 deve ser um vilãozinho
ei-lo se vem penteando:
será com algum ancinho?

Vem Pêro Marques & diz:

Homem que vai aonde eu vou
no se deve de correr;
15 ria embora quem quiser,
que eu em meu siso estou.
Não sei onde mora aqui:
olhai que me esquece a mi!
Eu creio que nesta rua,
20 e esta parreira é sua,
já conheço que é aqui.

Chega a casa de Inês Pereira:

Digo que esteis muito embora,
folguei ora de vir cá,
eu vos escrevi de lá
25 uma cartinha, senhora:
e assi que de maneira...

---

13. Apresentação de Pêro Marques.
22. é uma fórmula de saudaçãc.

Mãe Tomai aquela cadeira.
Pêro E que val aqui uma destas?
Inês Ó Jesu! que Jam das bestas!
Olhai aquela canseira!

Assentou-se com as costas para elas, & diz:

5 Eu cuido que estou bem...
Mãe Como vos chamais amigo?
Pêro Eu Pêro Marques me digo,
como meu pai que Deus tem:
faleceu, perdoe-lhe Deus,
10 que fora bem escusado,
e ficamos dous eréos
porém meu é o morgado.
Mãe De morgado é vosso estado?
Isso viria dos céus!
15 *Pêro* Mais gado tenho eu já quanto,
e o maior de todo o gado,
digo maior algum tanto.
E desejo ser casado,
prouguesse ao Spírito Santo,
20 com Inês; que eu m'espanto
quem me fez seu namorado.

2, qual é o valor desta cadeira?
3. Jesus! que lorpa! (rústico e simplório). — *Ó Jesu!* — para indicar estranheza, — «sou eu algũ *Joam das bestas...*» Jorge Pinto, *Rodrigo e Mendo,* fl. 60. — «sam eu algũ *João das Bestas...* — ou sam algũ malhadeiro...» Chiado, *Prática dos Compadres,* fl. I verso.
4, olhai aquele homem enfadonho.
11. *eréos* — herdeiros.
15-17, tenho muito gado: quanto se pode imaginar!
19, aprouvesse ao Espírito Santo.

Parece moça de bem,
e eu de bem, er também,
ora vós er ide vendo
se lhe vem milhor ninguém,
5 a segundo o que eu entendo.
Cuido que lhe trago aqui
pêras da minha pereira
hão-de estar na derradeira.
Tende ora, Inês, per hi.
10 *Inês* E isso hei-de ter na mão?
Pêro Deitai as peias no chão.
Inês As perlas pera enfiar
três chocalhos e um novelo,
e as peias no capelo:
15 e as pêras onde estão?
Pêro Nunca tal me aconteceu:
algum rapaz mas comeu;
que as meti no capelo,
e ficou aqui o novelo,
20 e o pentem não se perdeu:
pois trazi-as de boa mente.
Inês Fresco vinha aí o presente
com folhinhas borrifadas!

2, e eu também sou homem de bem.
5, conforme o que eu entendo.
9, segurai a carapuça. — «Tême (segura-me) Cristina que se me aprieta el coraçón». Cervantes, *Entremeses de la Cueva de Salamanca*, fl. 248.
11, as peias do gado.
12, *perlas* — era a forma usada no século XVI, mesmo na prosa.
20, *pentem* — era a forma corrente.
22-23, note-se a ironia de Inês.

	Pêro	Não que elas vinham chentadas
		cá em fundo no mais quente.
		Vossa mãe foi-se? Ora bem!
		Sós nos leixou ela assi?
5		Cant-eu quero-me ir daqui,
		não diga algum demo alguém...
	Inês	Vós que me havíeis de fazer?
		nem ninguém que há-de dizer?
		O galante despejado!
10	*Pêro*	Se eu fora já casado,
		d'outra arte havia de ser,
		como homem de bom pecado.
	Inês	Quão desviado este está!
		todos andam por caçar
15		suas damas sem casar,
		e este, tomade-o lá!
	Pêro	Vossa mãe é lá no muro?
	Inês	Minha mãe e vós seguro
		que ela venha cá dormir.
20	*Pêro*	Pois, senhora, eu quero-me ir
		antes que venha o escuro.
	Inês	E não cureis mais de vir.
	Pêro	Virá cá Lianor Vaz,
		veremos que lhe dizeis.
25	*Inês*	Homem, não aporfieis,
		que não quero, nem me praz;

1-2, as pêras estavam no fundo da carapuça.

4, propositadamente a mãe de Inês deixou-os sós.

5-6, quanto a mim, quero-me ir embora, não diga a vizinhança alguma cousa.

9, o atrevido!

16, e este como é diferente dos outros!

22. Inês rejeita Pêro Marques.

26, *praz* — agrada.

ide casar a Cascais.
Pêro Não vos anojarei mais,
ainda que saiba estalar;
e prometo não casar
5 até que vós não queirais.
Estas vos são elas a vós:
anda homem a gastar calçado,
e quando cuida que é aviado,
escarnefucham de vós!
10 Creio que lá fica a peia:
pardeus! bô ia eu à aldeia.
Senhora, cá fica o fato.
Inês Olhai se o levou o gato...
Pêro Inda não tendes candeia?
15 Ponho per cajo que alguém
vem como eu vim agora,
e vós a escuras a tal hora
parece-vos que será bem?
Ficai-vos ora com Deus:
20 cerrai a porta sobre vós
com vossa candeiazinha;
e siquais sereis vós minha,
entonces veremos nós.

2, não vos enfadarei mais...
5, em quanto vós não quiserdes.
6, que tais estão as mulheres!
8, e quando cuida que tudo corre bem, é escarnecido.
12, *fato:* os meus utensílios.
13, note-se a ironia deste verso.
15, suponho por acaso que alguém...
19-20, é uma fórmula de despedida.
«quédate adios, cierra la puerta». *La Celestina,* acto 1.º.

Vai-se Pêro Marques & diz Inês Pereira:

Pessoa conheço eu
que levara outro caminho.
Casai lá com um vilãozinho,
mais covarde que um judeu!
5 Se fora outro homem agora,
e me topara a tal hora,
estando comigo às escuras,
dixera-me mil doçuras,
ainda que mais não fora.
10 *Mãe* Pêro Marques foi-se já?
Inês E pera que era ele aqui?
Mãe E não te agrada ele a ti?
Inês Vá-se muitieramá;
que sempre disse, e direi,
15 mãe, eu me não casarei
senão com homem discreto,
e assi vo-lo prometo
ou antes o leixarei.
Que seja homem mal feito,
20 feio, pobre, sem feição,

1, é uma situação como a da *Infantina:* — «Porque se ri, ó menina? — rio-me desse cavaleiro — e da sua covardia, — de achar menina nos matos — e lhe guardar cortesia». *Romanceiro Geral Português*, T. I, págs. 231-46.

2, que procedera doutra maneira.

4. Cfr.: — «de covarde y de judio» Torres Naharro, *Comédia Ymenea*, p. 142.

8, «...el estava entre ellas hecho un Macias, diziendoles mas *dulçuras* que Ovidio escrevió». *Lazarillo de Tormes*, Tratado 3.º, p. 185.

13, vá-se em má hora.

14. Cfr.: supra, versos 181-84, p. 228.

como tiver discrição,
não lhe quero mais proveito.
E saiba tanger viola,
e coma eu pão e cebola,
5 siquer uma cantiguinha
discreto, feito em farinha,
porque isto me degola.

Mãe Sempre tu hás-de bailar,
e sempre ele há-de tanger?
10 Se não tiveres que comer,
o tanger te há-de fartar?

Inês Cada louco com sua teima.
Com uma borda de boleima
e uma vez d'água fria,
15 não quero mais cada dia.

Mãe Como às vezes isso queima!
E que é desses escudeiros?

Inês Eu falei ontem ali
que passaram por aqui

4, «Come, marido, *pan y cebolla...*» Correas, *Refranes*, p. 116. — Vide nesta *Farsa*, verso 587.

7, porque é dum homem assim que eu gosto. — «que me muito a mi *degola...*» Prestes, *Mouro Encantado*, fl. 128 v. — «No mais quiso *me degola*». Camões, *Enfatriões*, verso 369.

12, provérbio muito usado também em Espanha. Vide Correas, *Refranes*, p. 99.

13, com um bocado de bolo.

14, a porção que duma vez se bebe. «quem lhe dê *uma vez dagoa...*» *Enfatriões*, v. 432. «Tomad este bocado, y bebed, una *vez*, con que templareis la cólera...» *Quijote*, I, cap. 50.

16, «... mal se puede passar bien con pobreza...» Erasmo, *Colóquio* 2.°, p. 169.

os judeus casamenteiros
e hão-de vir agora aqui.

Vem os judeus Latam e Vidal:

Lat. Ou de cá. *Inês.* Quem está lá?
5 *Vid.* Nome del Deo aqui somos.
Lat. Não sabeis quão longe fomos!
Vid. Corremos a ieramá.
Este e eu.
Lat. Eu, e este,
10 pola lama e polo pó,
que era pera haver dó,
com chuiva, sol, e Noroeste.
Foi a cousa de maneira,
tal friura e tal canseira,
15 que trago as tripas maçadas,
assi me fadem boas fadas
que me saltou caganeira.
Pera vossa mercê ver
o que nos encomendou.
20 *Lat.* O que nos encomendou
será o que hoiver de ser.
Todo este mundo é fadiga,
vós dissestes, filha amiga,
que vos buscássemos logo.

---

1. «Decidme, señoras mias, hay aqui judios? — Muchos y amigos... nuestros ...que van por Roma adobando novias». Francisco Delicado, *Lozana andaluza,* p. 34. Na Literatura espanhola encontram-se referências aos casamenteiros. Lope de Rueda *(Comédia Armelina),* Quevedo *(Visita de los Chistes, El Entretenido)* e Suárez de Figueroa *(Plaza universal)* aludem aos seus bons ofícios.

16, é uma fórmula de juramento: assim eu tenha próspera sorte...

Vid. E logo pujemos fogo.
Lat. Cal'-te.
Vid. Não queres que diga.
Não fui eu também contigo,
tu e eu não somos eu?
5 Tu judeu e eu judeu?
Não somos massa dum trigo?
Lat. Leixa-me falar.
Vid. Já calo.
Senhoras, fomos... agora falo,
10 ou falas tu?
Lat. Dize, que dizias?
que foste, que fomos, que ias
buscá-lo, esgaravatá-lo.
Vid. Vós quereis, amor, marido
15 mui discreto, e de viola?
Lat. Esta moça não é tola,
que quer casar per sentido.
Vid. Judeu, queres-me leixar
Lat. Leixo, não quero falar.
20 *Vid.* Buscamo-lo.
Lat. Demo foi logo,
crede que o vosso rogo
vencerá o Tejo e o mar.
Eu cuido que falo e calo,
25 falo eu agora ou não,
eu falo se vem à mão?
Não digas que não te falo.
Inês Não falará um de vós?
Já queria saber isso.

1, e empregamos toda a diligência.

6. Não somos da mesma índole, condição ou natureza? — Cfr.: «nam soes vós toda de *trigo*». Gil Vicente, *Comédia de Rubena*, verso 1055. — «queria-o eu *trigo* da nossa farinha...» Prestes, *Autos*, p. 9.

Mãe Que siso, Inês, que siso
tens debaixo desses véus.
Inês Diz o exemplo da velha,
o que não haveis de comer
5 leixai-o a outrem mexer.
Mãe Mau conselho t'aconselha.
Inês Judeus, que novas trazeis?
Vid. O marido que quereis
de viola e dessa sorte
10 não no há senão na corte
que cá não no achareis.
Falámos a Badajoz,
músico, discreto, solteiro,
este fora o verdadeiro,
15 mas soltou-se-nos da noz.

1-2, «qué sesito está debaxo de aquellas grandes é delgadas tocas!» *La Celestina*, acto 1.º.

3, vide supra p. 228. Em Espanha também se usava a frase: «*ensiemplo de la vieja* (a experiência).

4-5. «Quién te manda mecer lo que no has de comer?» Correas, *Refranes*, p. 427. «Versas, que não has de comer, não as queiras remexer». Bento Pereira, *Prosódia*, p. 1324.

12. Garcia de Resende refere-se ao músico Badajoz: «Música vimos chegar — à mais alta perfeiçam... — Arriaga que tanger! — o cego que gram saber — nos órgãos! & o Vaena! — *Badajoz!* outros q. a pena — deixa agora descrever». *Miscelânia* (1554) estrofe 184. — «vereis se chegou aqui nunca *Badajoz*». Jorge Ferreira, *Ulisipo*, acto 3.º, cena 6.ª. D. Emílio Cotarelo não acreditava na identidade do músico *Badajoz* da Câmara de D. João III e do poeta *Badajoz do Cancinero Musical* de Barbieri e do *Cancionero General. Estúdios de História Literária*, págs. 45-47. D. Carolina Michaëlis, *Romances Velhos*, p. 309.

15, mas não quis.

Fomos a Vilha Castim
e falou-nos em latim:
vinde cá daqui a uma hora,
e trazei-me essa senhora.
5 *Inês* Assi que é tudo nada em fim?
Vid. Esperai, aguardai ora:
soubemos dum escudeiro
de feição d'atafoneiro
que virá logo essora,
10 que fala, e, com'ora fala.
Que estrugirá esta sala,
e tange, e com'ora tange
e alcança quanto abrange,
e se preza bem de gala.

Vem o escudeiro, & diz:

15 Se esta senhora é tal
como os Judeus ma gabaram,
certo os anjos a pintaram,
e não pode ser hi al.

---

1. *Vilha Castim* — era um castelhano, vindo provàvelmente com alguma das primeiras mulheres do rei D. Manuel, e chamava-se João de Vilhacastim. Braamcamp, *Gil Vicente Trovador*, in *Rev. de Hist.*, n.º 24, p. 301.

5-6. Então não me arranjaram marido? — esperai, esperai que ainda temos que dizer.

7, o judeu Vidal descreve o escudeiro que, ele e Latão, conseguiram para marido de Inês.

9, que virá imediatamente.

14, e se preza de galante; vangloria-se de gracioso.

15. Apresentação de Brás da Mata.

18, e não pode haver dúvida (*al* — outra coisa).

Diz que os olhos com que via
foram de Santa Luzia,
e cabelos da Madanela,
se fosse moça tão bela,
5 como donzela seria?
Moça de vila será ela
com sinalzinho postiço,
e sarnosa no toutiço,
como burra de Castela.
10 Eu, assi como chegar,
cumpre-me bem d'atentar
se é garrida, se honesta,
porque o milhor da festa
é achar siso e calar.

15 *Mãe* Se este escudeiro há-de vir
e é homem de discrição,
hás-te de pôr em feição,
de falar pouco e não rir.
E mais Inês, não muito olhar,
20 e muito chão o menear,

1-3, vê-se que os Judeus compararam os olhos de Inês com os de Santa Luzia (advogada da vista) e os cabelos com os de Santa Maria Madalena.

6. Cfr.: «Hum pouco é isso de *moça de vila...*» Jorge Ferreira, *Eufrosina*, acto 5.º, c. 1.ª, p. 243; vide ainda na *Aulegrafia*, acto 2.º, fl. 51, onde aparece a frase: «moça de vila». — «isso é lá para mulherinhas *de vila*, que todo seu feito é, sarilhar, dobar; & não entendem vossas malícias...» *Aulegrafia*, acto 3.º, c. 5.ª.

16, vide nesta *Farsa*, versos 378-86.

18, «muito falar é errar...» Jorge Pinto, *Rodrigo e Mendo*, fl. 58. — «Bien parece la mesura en las fermosas, y es mucha sandez, además, la *risa* que de leve causa procede...» *Quijote*, cap. 2.

porque te julguem por muda,
porque a moça sesuda
é uma perla pera amar.

Esc. Olhá cá, Fernando, eu vou
5 ver a com que hei-de casar,
avisa-te que hás-d'estar
sem barrete onde eu estou.

Moç. Como a Rei, corpo de mil!
Mui bem vai isso assi!...

10 *Esc.* E se cuspir pola ventura
põe-lhe o pé e faz mesura.

Moç. Ainda eu isso não vi!

Esc. E se me vires mentir,
gabando-me de privado,
15 está tu dissimulado,
ou sai-te pera fora a rir.
Isto te aviso daqui,
faze-o por amor de mi.

Moç. Porém, senhor, digo eu
20 que mau calçado é o meu
pera estas vistas assi.

Esc. Que farei, que o sapateiro
não tem solas, nem tem pele?

Moç. Sapatos me daria ele,
25 se me vós désseis dinheiro...

Esc. Eu o haverei agora,
e mais calças te prometo.

2, porque a moça sensata, a moça séria...

8, *corpo de mi!* — interj. corrente na Península Ibérica; aqui, denota a admiração e surpresa do Moço.

14, gabando-me de ter intimidade com o rei.

27. «As calças eram donativo ou presente usual que se dava por algum serviço. Davam-se realmente as

Moç. Homem que não tem nem preto,
casa muito na máora.

Chega o Escudeiro onde está Inês Pereira, & diz:

Antes que mais diga agora,
Deus vos salve, fresca rosa,
5 e vos dê por minha esposa,
por mulher e por senhora.
Que bem vejo
nesse ar, nesse despejo,
mui graciosa donzela,
10 que vós sois, minha alma, aquela
que eu busco e que desejo.
Obrou bem a natureza
em vos dar tal condição,
que amais a discrição
15 muito mais que a riqueza.

---

calças, ou o dinheiro correspondente para comprá-las». Menéndez Pidal, nota ao verso 190 do *Poema de Mio Cid,* p. 137. — «Ya don Raquel e Vidas, en vuestras manos son las arcas; — Yo, que esto vos gané, bien merecía *calças*». *Mio Cid,* versos 189-90. O sábio Mestre da Filologia espanhola aproxima destes versos o passo de Lope de Rueda: «...me había prometido para unas *calzas...*» *Obras,* I, p. 92.

1, homem que não tem absolutamente nada... — *preto* — real preto, moeda de cobre. Vide Viterbo, *Elucidário,* p. 268.

3-4, são galanteios e requebros do Escudeiro.

4, é uma fórmula de saudação. Brás da Mata saúda Inês. — «*Dios salve* tu graciosa presencia». *La Celestina,* acto 7.º.

6. Cfr.: «a señora Felicena — recebo daqui desd'agora *por molher e por senhora*». Anrrique Lopez, *Cena Policiana,* fl. 44. Vide nesta *Farsa,* versos 681-687.

8, nesse ar gracioso.

Bem parece
que a discrição merece
gozar vossa fermosura
que é tal que de ventura
5 outra tal não s'acontece.
Senhora, eu me contento
receber-vos como estais,
se vós não vos contentais,
o vosso contentamento
10 pode falecer no mais.

Lat. Como fala!

Vid. E ela como se cala!
Este há-de ser seu marido,
segundo a coisa s'abala.

15 *Esc.* Eu não tenho mais de meu,
sòmente ser comprador
do marichal, meu senhor,
e sou escudeiro seu.
Sei bem ler,
20 e muito bem escrever,
e bom jogador de bola,
e, quanto a tanger viola,
logo me vereis tanger.
Moço, que estás lá olhando?

25 *Moç.* Que manda Vossa Mercê?

Esc. Que venhas cá.

Moç. Pera quê?

Esc. Porque faças o qu'eu mando.

11, vide supra verso 476.
14, segundo parece.
17. D. Álvaro Coutinho. Braamcamp, *Gil Vicente Trovador*, in *Rev. de Hist.*, n.º 22, p. 129.
24, é também o verso 424 do *Auto da Índia*.

Moç. Logo vou.
O diabo me tomou:
sair-me de Jam Montês
por servir um tavanês,
5 mor doudo que Deus criou!
Esc. Fui despedir um rapaz,
por tomar este ladrão
que valia Perpinhão.
Moço!
10 *Moç.* Que vos praz?
Esc. A viola.
Oh como ficará tola,
senão fosse casar ante
c'o mais çafeo bargante
15 que come pão e cebola.
Moç. Ei-la aqui bem temperada,
não tendes que temperar.
Esc. Faria bem de ta quebrar
na cabeça bem migada.
20 *Moç.* E se ela é emprestada,
quem na havia de pagar?
Meu amo, eu quero-m'ir.
Esc. E quando queres partir?
Moç. Logo quero começar:
25 determino de partir

---

3. João Montês.

4, por servir um doidivanas... — «Vós, foreys um *tavanês*...» Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, acto 3.º, c. 4.ª.

8, ao afirmar que o criado que despediu era óptimo, alude à antiga capital do Russilhão, nos Pirinéus Orientais. Veja *G. V.*, t. IV, p. 66.

14, com o mais descarado vadio.

16, ei-la aqui bem afinada.

ante que venha o Inverno,
porque vós não dais governo,
pera vos ninguém servir.

Esc. Não dormes tu que te farte?

5 *Moç.* No chão, e o telhado por manta,
e cerra-se-m'a garganta
de fome.

Esc. Isso tem arte...

Moç. Vós sempre zombais assi.

10 *Esc.* Oh que boas vozes tem
esta viola aqui!
leixa-me casar a mi,
depois eu te farei bem.

Mãe Agora vos digo eu

15 que Inês está no paraíso.

Inês Que tendes de ver co isso?
todo mal há-de ser meu.

Mãe Oh como é seca a velhice!

Inês Leixai-me ouvir e folgar,

20 que não me hei-de contentar
de casar com parvoíce.
Pode-ser maior riqueza
que um homem avisado?

Mãe Muitas vezes, mal pecado

25 é milhor boa simpreza.

Lat. Ora ouvi e ouvireis:
dizei alguma cantadela,

---

2. Brás da Mata não pagava ao Moço.
18. como é impertinente a velhice!
23. Inês já tinha declarado que só casava com um «homem avisado» — verso 182.
24. *mal pecado!* — excl. de pesar: desgraçadamente.
25. é melhor simplicidade.

namorei esta donzela
e esta cantiga direis:
canas do amor, canas
canas do amor.
5 *Polo longo de um rio*
canaval está florido,
canas do amor.

Canta o Escudeiro o romance «Mal me quieren en Castilla», & diz Vidal:

Latam, já o sono é comigo
como oiço cantar guaiado
10 que não vai esfandegado.
Lat. Esse é o demo qu'eu digo.
Viste cantar Dona Sol?
pelo mar vay a vela
vela vay pelo mar.
15 *Vid.* Filha Inês, assi vivais
que tomeis esse senhor

3-7. Fragmento de um cantar paralelístico, com refrão anteposto à moda do período galego-português. — *Mal me quieren en Castilla* — é um *Romance* arcaico. Castillejo cita-o. Veja *Bibl. de Aut. Esp.* vol. XXXIII, pág. 161. Vidal censura Brás da Mata, achando a melodia tristonha, embalante, imprópria para o ensejo. D. Carolina Michaëlis, *Romances Velhos*, p. 40. — *esfandegado* — desafinado. — *viste* = ouviste.

11. «*Esse é o demo* de que me queixo...» Francisco de Morais, *Palmeirim de Inglaterra*.

13-14, são dois versos duma Cantiga popular.

15, *assi vivais* — fórmula de saudação corrente na Península Ibérica. — «que mil años *viva*...» *Quijote*, I, cap. 4.

escudeiro cantador
e caçador de pardais,
sabedor, revolvedor,
falador, gracejador
5 afoytado pola mão,
e sabe de gavião;
tomai-o por meu amor.
Podeis topar um rabugento,
desmazelado, baboso,
10 descancarado, brigoso,
medroso, carapatento.
Este escudeiro, aosadas,
onde se deram pancadas,
ele as há-de levar
15 boas; senão apanhar,
nele tendes boas fadas.

Mãe Quero rir com toda a mágoa
destes teus casamenteiros,
nunca vi judeus ferreiros
20 aturar tão bem a frágoa:
não te é milhor, mal por mal,
Inês, um bom oficial,

5, *«afoytado»* — *affeitado* na edição de 1834.

6, e é caçador.

10, *descancarado* — desavergonhado.

11, *carapatento* — embusteiro.

12, *aosadas* — seguramente.

16, nele tendes próspera sorte. Note-se a ironia deste verso.

20, trabalharem tão bem, isto é: terem conseguido o marido, que Inês desejava.

22, *oficial* — na acepção de artífice — era corrente na Península Ibérica — «...(há) nesta terra de todos os ofícios muita cantidade de *oficiais...*» Frei Gaspar da Cruz, *Tratado das cousas da China.*

		que te ganhe nessa praça,
		que é um escravo de graça,
		e mais casas com teu igual?
	Lat.	Senhora, perdei cuidado:
5		o que há-de ser, há-de ser;
		e ninguém pode tolher
		o que está determinado.
	Vid.	Assi diz Rabizarão.
	Mãe	Inês, guarte de rascão:
10		Escudeiro queres tu?
	Inês	Jesu, nome de Jesu!
		Quão fora sois de feição!
		Já minha mãe adivinha,
		folgastes vós na verdade
15		casar à vossa vontade?
		Eu quero casar à minha.
	Mãe	Casa, filha, muit'embora.
	Esc.	Dai-me cá essa mão, senhora.
	Inês	Senhor, de mui boa mente.
20	*Esc.*	Per palavras de presente
		vos recebo desd'agora.

9, *guarte* — por guarda-te (acautela-te) — interj. e abreviatura corrente na Península Ibérica. — *rascam*, vadio.

14-16, «meu pay pretendeu seus gostos — eu também os meus pretendo...» Prestes, *Auto dos Dois Irmãos*, fl. 76 verso.

17, casa, filha, com muita felicidade.

20-21, realiza-se o casamento de Inês. — *palavras de presente* — as que recìprocamente se dão aos cônjuges no acto do casamento. — «A qual senhora levariam a França para efeito do casamento como fosse solenizado *por palavras de presente...*» Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel*. Parte 4.ª, cap. 68.

Nome de Deus, assi seja,
eu Brás da Mata, escudeiro,
recebo a vós Inês Pereira
por esposa verdadeira
5 como manda a Santa Igreja.
Inês Eu, aqui diante Deus,
Inês Pereira, recebo a vós,
sem mais preço nem demanda,
como a Santa Igreja manda
10 a Brás da Mata.
Lat. Aí somos nós.
Vid. Alça manim dona, ó dona, há,
arrea espeçulá
bento o Deu de Jacob,
15 bento o Deu que a Faraó
espantou e espantará.
Bento o Deu de Abraão
benta a terra de Canão
pera bem sejais casados,
20 dai-nos cá senhos ducados.
Mãe Amenhã vol-os darão.
Pois assi é, bem será
que não passe isto assi,
eu quero chegar ali

12-19. «No v. 12, Vidal pede a Inês para levantar as mãos em sinal de gratidão pelo marido, que lhe arranjaram. A frase *arrea espeçulá* (arranja o cabelo) deve referir-se à exigência das normas conjugais judaicas para encobrir o cabelo. A fórmula de bênção, que segue, é a mistura de excerptos traduzidos da liturgia hebraica. A Palestina é designada por Canaam. Referindo-se a Faraó, G. V. usa dois tempos *(espantou* e *espantará)* o passado como uma indicação da narrativa bíblica e o futuro como uma expressão de esperança de que os tiranos futuros serão igualmente punidos». George T. Artola

chamar meus amigos cá,
e bailarão de terreiro.
Esc. Oh! quem me fora solteiro!
Inês Já vós vos arrependeis?
5 *Esc.* Ó esposa não faleis,
que casar é cativeiro.

Vem a Mãe com certas moças & mancebos pera fazerem festa, & diz uma delas, per nome Luzia:

Inês por teu bem te seja:
Oh! que esposo e que alegria!
Inês Venhas embora, Luzia,
10 e cedo t'eu assi veja.
Mãe Ora vai tu ali, Inês,
e bailareis três por três.
Fer. Tu connosco, Luzia, aqui,
e a desposada ali,
15 ora vede qual direis.

Cantam todos de terreiro:

Mal herida yva la garza
enamorada,
sola va y gritos daba.

E, acabando de cantar & bailar, diz Fernando:

Ora, senhores honrados,
20 ficai com vossa mercê,

---

e William A. Eichengreen, *Modern Language Notes*, May, 1948, págs. 342-346. (Esta explicação é o resumo do magistral e documentado estudo dos insignes professores de Baltimore, Maryland).

2, e bailarão todos — três por três. — «Cantay vós *de terreiro* — três por três de cada parte...» Chiado, *Auto das Regateiras*, fl. 10 v.

6, «...casar-me agora — hé cativarme ante tempo...» Chiado, *Auto das Regateiras*, fl. 8, v.

e nosso Senhor vos dê
com que vivais descansados.

Luz. Ficai com Deus, desposados,
com prazer e com saúde,
5 e sempre ele vos ajude
com que vivais descansados,
Esta festa foi agora
mas milhor será outrora.

Mãe Ficai com Deus, filha minha,
10 não virei cá tanasinha
a minha bênção hajais.
Esta casa em que ficais
vos dou e vou-me à casinha.
Senhor filho e senhor meu,
15 pois que já Inês é vossa,
vossa mulher e esposa
encomendo-vo-la eu.
e, pois que des que nasceu
a outrem não conheceu,
20 senão a vós por senhor,
que lhe tenhais muito amor,
que amado sejais no céu.

Vai-se, & fica o Escudeiro com sua mulher, o qual diz:

E vós cantais, Inês Pereira?

3, *ficai com Deus* — é uma fórmula de despedida. — «Quedaos a Dios, hijas mias...» *Tragédia Policiana,* acto XI, (p. 21).

10, *tanasinha* — tão depressa.

13, ...para um casebre.

23, principia a vida de Inês casada. Brás da Mata trata-a mal, as desilusões do casamento.

Em vodas m'andáveis vós?
Juro ao corpo de Deus
que esta seja a derradeira!
Se vos eu vejo cantar,
5 eu vos farei assoviar...
Inês Bofé, senhor meu marido,
se vós disso sois servido,
bem o posso eu escusar.
Esc. Mas é bem que o escuseis,
10 e outras cousas que não digo.
Inês Porque bradais vós comigo?
Esc. Será bem que vos caleis,
e mais sereis avisada
que não me respondais nada,
15 em que ponha fogo a tudo,
porque o homem sesudo
traz a mulher sopeada.
Vós não haveis de falar
com homem, nem mulher que seja;
20 sòmente ir à igreja
não vos quero eu leixar.
Já vos preguei as janelas,
porque não vos ponhais nelas,
estareis aqui encerrada
nesta casa tão fechada
25 como freira d'Oudivelas.

1, vide supra versos 212-13.

2, é uma das numerosas fórmulas de juramento empregadas por Gil Vicente.

11, *bradais* — ralhais. Vide supra verso 119.

22. Cfr.: «Vos ciais-me das estrelas — eu sofro-vos como peco — pregais-me frestas, janelas — eu nem pé em ramo seco — & inda sois toda querelas...» Prestes, *Auto da Siosa*, fl. 112 v.

Inês Que pecado foi o meu?
porque me dais tal prisão?
Esc. Vós buscastes discrição,
que culpa vos tenho eu?
5 Pode ser maior aviso,
maior discrição e siso
que guardar eu meu tisouro?
Não sois vós, mulher, meu ouro?
Que mal faço em guardar isso?
10 Vós não haveis de mandar
em casa sòmente um pêlo;
se eu disser, isto é novelo,
havei-lo de confirmar:
e mais quando eu vier
15 de fora, haveis de tremer,
e cousa que vós digais
não vos há-de valer mais
daquilo que eu quiser.
Moço às partes d'além
20 vou fazer-me cavaleiro.
Moç. Se vós tivésseis dinheiro,
não seria senão bem.
Esc. Tu hás-de ficar aqui,

18, *daquilo* — do que aquilo...
19-20. Brás da Mata resolve partir para a África para ser armado cavaleiro. — *partes dalém* — regiões do norte da África. — «A conquista dultramar — mescrevey, ssymos *além...*» Resende, *Cancioneiro Geral*, T. II, p. 99. — E assi nas *partes dalém* — sempre foi favorecido — e na Índia também...» Gil Vicente, *Cortes de Júpiter*, versos 549-51; «tomavam-se os lugares aos mouros *dalém*». Jorge Ferreira, *Eufrosina*, acto 5.º, c. 5.ª, p. 261.
23. Brás da Mata encarrega o Moço de guardar Inês.

olha, por amor de mi,
o que faz tua senhora,
fechá-la-ás sempre de fora.
Vós lavrai, ficai per hi.
5 *Moç.* Co dinheiro que leixais
não comerei eu galinhas...
Esc. Vai-te tu por essas vinhas,
que diabo queres mais?
Moç. Olhai, olhai como rima!
10 E depois de ida a vendima?
Esc. Apanha desse rabisco.
Moç. Pesar ora de Sampisco!
E convidarei minha prima.
E o rabisco acabado,
15 ir-me-ei espojar às eiras?
Esc. Vai-te por essas figueiras
e farta-te, desmazelado!
Moç. Assi!
Esc. Pois que cuidavas?
20 E depois virão as favas,
conheces túbaras da terra?
Moç. I-vos vós, embora, à guerra,
que eu vos guardarei oitavas.

4, vós costurai... Vide o 1.º verso desta Farsa.

12, é uma fórmula popular de juramento. — «Oulá d'orelha é o vinho, por *Sampisco!...* Jorge Ferreira, *Ulisipo,* acto 3.º, c. 6.ª fl. 157. — «Pois não creo eu en *Sam Pisco* de pao se ey de por pé em ramo verde...» Camões, *Filodemo,* linha 502.

21, cogumelos. «Comes *túbaras da terra...»* Sá de Miranda, *Poesias,* p. 170.

22, ide com felicidade para a guerra...

23, os rendimentos *(ironia).*

Ido o Escudeiro, diz o Moço:

Senhora, o que ele mandou
não posso menos fazer.

Inês Pois que te dá de comer,
faze o que t'encomendou.

5 *Moç.* Vós fartai-vos de lavrar,
eu me vou desenfadar
com essas moças lá fora;
vós perdoai-me, senhora,
porque vos hei-de fechar.

Fica fechada Inês Pereira & lavrando canta:

10 *Quem bem tem e mal escolhe*
por mal que lhe venha não s'anoje.
Renego da discrição,
comendo ó demo o aviso,
que sempre cuidei que nisso
15 estava a boa condição,
cuidei que fossem cavaleiros,
fidalgos e escudeiros,
não cheios de desvarios,
e em suas casas macios,
e na guerra lastimeiros.
Vede que cavalarias,
vede já que mouros mata

2, não posso deixar de fazer.

3, note-se a ironia deste verso.

6-7. Cfr. «viéndoos venir á mi pobre casa á holgar. a verme é aun á desenojaros con sendas mochachas!» *La Celestina*, acto 7.

10-11, é um provérbio.

20, *lastimeiros* — bravos, aguerridos.

21, vede que empresas guerreiras...

quem sua mulher maltrata,
sem lhe dar de paz um dia.
Sempre eu ouvi dizer
que o homem que isto fizer
5 nunca mata drago em vale,
nem Mouro que chamem Ale:
e assi deve de ser.
Juro em todo meu sentido
que se solteira me vejo,
10 assi como eu desejo,
que eu saiba escolher marido,
à boa fé, sem mau engano,
pacífico todo o ano,
e que ande a meu mandar
15 havia-m'eu de vingar
deste mal e deste dano.

Entra o Moço com uma carta, e diz:

Esta carta vem d'além,
creio que é de meu senhor.
Inês Mostrai cá, meu guarda-mor,
20 e veremos o que hi vem.

5-6, nunca pratica feitos de valor. — Cfr.: «...mouro de mi neste *vale,* — *Ale*». Gil Vicente, *Rubena,* versos 1578-1579. (Gil Vicente empregou o vocábulo *Ale* para ter rima para *vale).*

12. «A buena fé y sin mal engaño». Correas, *Refranes,* p. 6.

13-14. Inês já quer o «asno que a leve».

17-18, o irmão de Inês participa-lhe, de Arzila, a morte do marido, Brás da Mata. — *dalém* — da África. Vide supra verso 793.

(sobrescrito)

«À senhora mui prezada
Inês Pereira da Grã,
à senhora minha irmã
em Tomar lhe seja dada».
5 De meu irmão; venha embora.
Moç. Vosso irmão está em Arzila?
eu apostarei que hi vem
nova de meu senhor também.
Inês Já ele partiu de Tavila?
10 *Moç.* Há três meses que é passado.
Inês Aqui virá logo recado
se lhe vai bem, ou que faz.
Moç. Bem pequena é a carta assaz.
Inês Carta de homem avisado.

Lê Inês Pereira a carta, a qual diz:

15 «Muito honrada irmã,
esforçai o coração
e tomai por devoção
de querer o que Deus quer»;
(E isto que quer dizer?)
20 «e não vos maravilheis

4, em Tomar onde decorre a acção desta Farsa.

9. Tavila (Tavira) era a forma corrente, Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel*. Parte 1.ª, cap. 66. — «Vês *Tavila* tomada aos moradores...» Camões, *Lusíadas*, 8.º, 25.

11, aqui virá notícia... — *recado* — era vocábulo corrente. — «Dizey logo a Feliseo — que chegue muito apressado — ao cais & busque meio — de saber algum *recado* — do porto Persico veio...» Camões, *Auto dos Enfatriões*, versos 32-36, ed. Marques Braga de 1928.

14, *avisado* — cfr. supra verso 182.

16, tende coragem.

de cousa que o mundo faça,
que sempre nos embaraça
com cousas. Sabei que indo
vosso marido fugindo
5 da batalha pera a vila,
a meia légua de Arzila,
o matou um mouro pastor».
Moç. Oh meu amo e meu senhor!
Inês Dai-me vós cá essa chave,
10 e i buscar vossa vida.
Moç. Oh que triste despedida!
Inês Ó que nova tão suave!
Desatado é o nó;
se eu por ele ponho dó,
15 o diabo me arrebente:
pera mim era valente;
e matou-o um mouro só.
Guardar de cavaleirão,
barbudo, repetenado,
20 que em figura de avisado
é malino e sotrancão.
Agora quero tomar,
pera boa vida gozar,
um muito manso marido;
25 não no quero já sabido,
pois tão caro há-de custar.

10, ide tratar... — Inês despede o Moço.

13. Acabou o «cativeiro» — a opressão a que a tinha submetido Brás da Mata.

19. *repetenado* — insolente, arrebatado.

21. é malicioso e dissimulado.

22-26. Inês, que na primeira fase, desejara um marido finório e astuto (versos 188-89) mudou completamente de ideia.

Vem Lianor Vaz visitá-la, & ela finge-se, muito anojada:

Lia. Como estais, Inês Pereira?
Inês Muito triste, Lianor Vaz.
Lia. Que fareis ao que Deus faz?
Inês Casei por minha canseira.
5 *Lia.* Se ficaste prenhe basta.
Inês Bem quisera eu dele casta,
mas não quis minha ventura.
Lia. Filha, não tomeis tristura,
que a morte a todos gasta.
10 O que havedes de fazer?...
Casade-vos, filha minha.
Inês Jesu, Jesu! tanasinha?
Isso m'haveis de dizer,
quem perdeu um tal marido,
15 tão discreto e tão sabido,
e tão amigo de minha vida?
Lia. Dai isso por esquecido,
e buscai outra guarida.
Pero Marques tem que herdou
20 fazenda de mil cruzados;
mas vós quereis avisados...

---

2. Inês finge-se pesarosa *(anojada)* pelo falecimento de Brás da Mata.
4, casei por minha mortificação.
12, *tanasinha* — tão depressa.
13-14. Inês faz, como diz o nosso povo, «das tripas coração».
15, discreto — Cfr.: supra versos 181-84.
18, buscai outro amparo, outra protecção.
19-20. Lianor volta a propor o pretendente Pêro, que já está mais rico *(Mil cruzados)* — era uma fortuna.
21. Note-se a ironia de Lianor. Cfr.: p. 248, vv. 22-23.

Não, já esse tempo passou:
sobre quantos mestres são
experiência dá lição.

Lia. Pois tendes esse saber,
5 querei ora a quem vos quer,
dai ó demo a openião.

Vai Lianor Vaz por Pêro Marques, e fica Inês Pereira só, dizendo:

Andar! Pêro Marques seja;
quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
10 de cada vez que me veja.
Por usar de siso mero,
asno que me leve quero,
e não cavalo folão;
antes lebre que leão,
15 antes lavrador que Nero.

---

2. *são* — *há.*
5. vide supra versos 240-41.
6. *openião* — as ideias que tinhas.
7. Andar! — exclamação corrente na Península Ibérica, com que se aprovava alguma acção ou se manifestava conformidade. — Inês recebe com complacência a renovada proposta de casamento com Pêro.
11. para ser muito sensata — *mero* — completo.
12-13. estes versos são o tema desta *Farsa.* — *folão* — fogoso.
15. ...que um homem cruel.

Vem Lianor com Pêro Marques:

Nó mais cerimónias agora;
abraçai Inês Pereira
por mulher e por parceira.
Pêro Há homem empacho má ora
5 quanto a dizer abraçar.
Depois que a eu usar
entonces poderá ser.
Inês Não lhe quero mais saber
já me quero contentar.
10 *Lia.* Ora dai-me essas mãos, cá,
sabeis as palavras, si?
Pêro Ensinaram-mas a mi,
porém esquecem-me já.
Lia. Ora dizei como eu digo.
15 *Pêro* E tendes vós aqui trigo

---

3. vide supra versos 536-37 e 685-86.

4. Pêro. «Ah, eu m'empacho ma ora» — na Edição de 1834.

5. em quanto não casar envergonho-me e sinto-me embaraçado para abraçá-la... — «me empachava la verguença...» *La Celestina,* acto 19, (T. II, p. 188). Cotejem-se os versos com as falas anteriores de Pêro Marques para ver como esta personagem mantém o carácter.

6. *usar* — tratar.

15. Ribeiro Chiado e António Prestes também se referem ao costume antiquíssimo de se lançar trigo sobre os nubentes: «...digo eu Beatriz Varela — que por meu marido e amigo... — que fazeis deita-lhe trigo...» *Auto das Regateiras,* fl. 10. — «casados não, recebidos... Isso sim, isso direi — que lhe (lhes) vi deitar o *trigo...*» Prestes, *Auto dos Dois Irmãos,* fl. 80. «Por las rejas y ventanas — Arrojaban trigo tanto, — Que el-Rey llevaba en la gorra. — Como era ancha, un gran puñado...» Du-

pera nos geitar por riba?
Lia. Inda é cedo, como rima!
Pêro Soma, vós casais comigo.
E eu convosco pardelhas,
5 não cumpre aqui mais falar,
e quando vos eu negar
que me cortem as orelhas.
Lia. Vou-me, ficai-vos embora.
Inês Marido e sairei eu agora,
10 que há muito que não saí?
Pêro Si, mulher, saí vos hi,
qu'eu me sairei pera fora.
Inês Marido, não digo isso.
Pêro Pois que dizeis vós mulher?
15 *Inês* Ir folgar onde eu quiser.
Pêro I onde quiserdes ir,
vinde quando quiserdes vir,
estai quando quiserdes estar,
com que podeis vos folgar
20 qu'eu não deva consentir?

---

ran, *Romancero*, n.º 740. (T. I, p. 487). Na Itália também persistia o costume antiquíssimo. Na *Figlia di Jorio* de Gabriel d'Annunzio colocam pão na cabeça dos nubentes.

1, *geytar* — deitar.

3-4, em fim vós casais comigo e eu na verdade (*pardelhas* — por Deus; realmente) convosco. — «Oh, como folgo *pardelhas*...» Prestes, *Autos*, p. 105.

7, era frase corrente na Península Ibérica, ao afirmar, ou apostar sobre o que se tinha dito. — «*Que me corten las orejas*». Correas, *Refranes*, p. 636.

8, *ficai-vos embora* (ficar com felicidade) — é uma fórmula de despedida.

16. Pêro Marques dá toda a liberdade a Inês. Os versos vão preparando o desenlace da *Farsa*: a demonstração de que Pêro «é o asno que a leva».

Vem um Ermitão a pedir esmola, & diz:

Señores por caridad
dad limosna al dolorido,
ermitaño de Cupido
para siempre en soledad,
5 pues su siervo soy nacido.
Por ejemplo,
me meti en su santo templo
ermitaño en pobre ermita,
abastada de infinita
10 tristeza en que contemplo.
Adonde rezo mis horas
y mis dias y mis años.
Mis servicios y mis daños,
donde tu, minha alma lloras,
15 dolor de tantos engaños.
Y acabando
las horas, todas llorando,
tomo las cuentas una y una,
con que tomo a la fortuna
20 cuenta del mal en que ando,
sin esperar paga alguna.
Y ansi sin esperanza
de cobrar lo merecido,
sirvo alli mi Dios Cupido
25 con tanto amor sin mudanza,
que soy su santo escogido.

---

1. «*Sennores* e amigos, *por* Dios *e caridad...*» *Berceo, Milagros de Nuestra Señora*, estrofe 182.
3. o Ermitão é um antigo namorado de Inês.
11. aonde rezo as minhas orações.
24. «mi Dios Cupido» — ed. de 1834.

Ó señores,
los que bien os va de amores,
dad limosna al sin holgura,
que habita em sierra escura,
5 uno de los amadores
que tuvo menos ventura.
Y rogaré al Dios de mi,
en que mis sentidos traygo,
que recibais mejor pago
10 de lo que yo recebi
en esta vida que hago.
Y rezaré
con gran devocion y fee,
que Dios os libre d'engaño,
15 que esso me hizo ermitaño,
y para siempre seree,
pues para siempre es mi daño.

Inês Olhai cá, marido amigo,
eu tenho por devaçam
20 dar esmola a um ermitão,
e não vades vós comigo.

Pêro I-vos embora, mulher,
não tenho lá que fazer.

Inês Tomai a esmola, padre, lá,
25 pois que Deus vos trouxe aqui.

Erm. Sea por amor de mi
vuesa buena caridad.
Deo gracias, mi señora,
la limosna mata el pecado

---

28. *Deo gracias* — saudação cristã corrente nos Autos peninsulares.

y vos teneis buen cuydado
de ser de mi matadora.
Deveis saber,
para merce me hacer,
5 que por vos soy ermitaño
y aun mas os desengaño
que esperanza de os ver
me hizo vestir tal paño.

Inês Jesu, Jesu, manas minhas!
10 Sois vós aquele que um dia
em casa de minha tia
me mandastes camarinhas,
e quando aprendia a lavrar
mandáveis-me tanta cousinha?
15 Eu era ainda Inesinha,
não vos queria falar.
Erm. Señora, tengo-os servido,
y vos a mi despreciado;
haced que el tiempo pasado
20 no se cuente por perdido.
Inês Padre, mui bem vos entendo,

2, de me torturares.

7-8, e ainda vos digo mais que a esperança de vos ver me fez vestir este hábito. — *paño* — trajo.

9. Inês reconhece no Ermitão — um seu antigo apaixonado. O verso é uma excl. admirativa. — «*Jesú, Jesú, Jesú!* E tu eres Pármeno, hijo de la Claudina?» *La Celestina*, acto 1.º. (Tomo I, p. 98).

13, e quando aprendia a costurar...

15, eu era ainda muito nova...

17-18, senhora, tenho-vos amado e vós tendes-me desprezado...

ó demo que vos eu encomendo,
que bem sabeis vós pedir!
Eu determino lá d'ir
à ermida Deus querendo.

5 *Erm.* E quando?
Inês I-vos, meu santo,
que eu irei um dia destes
muito cedo e muito prestes.
Erm. Señora, yo me voy en tanto.
10 *Inês* Em tudo é boa a concrusão:
marido, aquele ermitão
é um anjinho de Deus.
Pêro Corregê vós esses véus,
e ponde-vos em feição.
15 *Inês* Sabeis vós o que eu queria?
Pêro Que quereis, minha mulher?
Inês Que houvésseis por prazer
de irmos lá em romaria.
Pêro Seja logo, sem deter.
20 *Inês* Ora este caminho é comprido,
contai uma história, marido.

1, esta frase era corrente na Península Ibérica: — «Al diablo os encomiendo». Sebastian de Horosco, *Cancionero*, p. 171.

3-4. Inês resolve encontrar-se com o antigo apaixonado.

13, põe bem esses véus... Vide nesta *Farsa* versos 248-49.

15, há aqui uma história popular, que ainda se contava no Minho há cinquenta anos.

19, *logo*, imediatamente.

21, «caminemos, y para que mênos sintamos el camino, vamos cantando alguma cosa con que tomemos placer...» Antonio de Torquemada, *Colóquios Satíricos*, (1553), p. 581.

Pêro Bofá que me praz, mulher.
Inês Passemos primeiro o rio,
descalçai-vos.
Pêro Assi há-de ser.
5 E pois como?
Inês E levar-me-eis no ombro,
não me corte a madre o frio.

Põe-se às costas do marido, & diz:

Assi.
Pêro Ides à vossa vontade?
10 *Inês* Como estar no paraíso.
Pêro Muito folgo eu com isso.
Inês Esperade ora, esperade.
Olhai que lousas aquelas,
pera poer as talhas nelas!
15 *Pêro* Quereis que as leve?
Inês Si, uma aqui e outra aqui.
Oh como folgo com elas!
Cantemos.
Pêro Se vós quereis?
20 *Inês* E vós me respondereis
a tudo quanto eu cantar:
«pois assi se fazem as cousas».

---

1. mulher, na verdade, agrada-me.

6. Pêro é o «asno que a leva» — e assim ficou tratado o tema que tinha sido dado a Gil Vicente e demonstrado que eram originais as suas *Obras*.

7. não me faça mal o frio à matriz. — «En todo debe éntender — este padre, — y a un si viere la comadre — adonde la pueda aver — ó si tiene *mal de madre*, — melezina que le quadre — le sabrá tambien poner». Sebastián de Horosco, *Cancionero*, p. 167.

Canta Inês Pereira:

«Marido cuco me levades.
E mais duas lousas».
Pêro Pois assi se fazem as cousas.
Inês «Bem sabedes vós, marido,
5 quanto vos quero
sempre fostes percebido
pera cervo.
Agora vos tomou o demo
com duas lousas.
10 *Pêro* Pois assi se fazem as cousas.
Inês «Bem sabedes vós marido
quanto vos amo,
sempre fostes percebido
pera gamo.
15 Carregado ides, noss'amo,
com duas lousas.
Pêro Pois assi se fazem as cousas».

E assi se vão, & se acaba a dita farsa.

LAUS DEO.

1, marido enganado me levais... Vide nos versos 7 e 14 outros insultos dirigidos ao marido.

O JUIZ DA BEIRA

FIGURAS: Pêro Marques, Porteiro, Ferreiro, Vasco Afonso, Ana Dias, Sapateiro, Escudeiro, Moço do Escudeiro, Preguiçoso, Bailador, Amador, Brioso.

Esta farsa que se adiante segue é o seu argumento desta maneira: Diz o Autor que este Pêro Marques, como foi casado com Inês Pereira, se foram morar onde ele tinha sua fazenda, que era lá na Beira, onde o fizeram Juiz. E porque dava algumas sentenças disformes por ser homem simples, foi chamado à Corte, e mandaram-lhe que fizesse uma audiência diante de el-Rei. Foi representada ao mui nobre e cristianíssimo Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, em Almeirim, na era do Senhor de 1525.

Entra Pêro Marques dizendo:

Olhai vós bem qu'este sou eu
homem de boa ventura,
empacho nunca m'atura,
e hei-de dizer o meu
5 coma qualquer criatura.
Pêro Marques sou da Beira
e juiz mexericado;

JUIZ DA BEIRA — Esta farsa é uma crítica dos juízes populares. «Se está certa a data, é muito possível que fosse representada em Fevereiro ao nascimento do príncipe D. Afonso». Braamcamp, *G. Vic.*, p. 317.

3, hei-de ter o desembaraço de falar como qualquer outra pessoa.

7, e juiz sindicado. — «& dirvoshey a verdade como amigo: meu pay foy tabalião ...& sendo *mexericado* por descuido de seu officio, foy prezo...» Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, acto I, c. 4.ª, fl. 12 verso.

deram-me lá um Julgado
por cajo de Inês Pereira,
com que embora sou casado.
Passou-se cá um mandado,
5 nega por me dar canseira,
que logo em toda maneira
viesse, e vim emprazado
bofá com franca esmoleira.
E porque me tem tenção
10 Diogo Lopes de Carvalho,
por me meter em trabalho,
diz que não cumpro a Ordenação,
e que pera juiz não valho.
Qu'elle é muito d'apertar
15 com juízes de siqueiro.
Ora eu por não ser paceiro,
vim cá pera m'amostrar
que sou eu homem inteiro.

2, devido a Inês...; por causa de Inês...
3, com quem felizmente estou casado.
5, ùnicamente para me dar trabalho.
6-8, intimaram-me a que viesse, infelizmente com pequena ajuda de custo (retribuição).
9, *tenção*, má vontade.
10, «foi Ouvidor da Casa de Suplicação e Desembargador do Paço e petições». Braamcamp, *G. V.*, p. 317.
13, e que não tenho préstimo para juiz.
15, com maldizentes. (*Sequeiro*, soalheiro. — «Soys madraço *de sequeiro*». Chiado, *Pratica doyto feguras*, fl. 11 verso. — «meu madraço *de sequeiro*». Prestes, *Auto dos Cantarinhos*, fl. 165 verso.
16, ora eu apesar de não ser cortesão...
18, que sou recto, justo — um homem de bem às direitas.

Ora assi que de maneira
minha hóspeda Inês Pereira
(Deus a benza!) sabe ler,
e quanto me faz mister
5 pera eu ir pola carreira.
De que eu contente sam,
soma avonda que assi
lê-me ela o caderno ali
onde s'é a ordenaçam
10 de cabo a rabo em par de mi
do que pertence ao juiz:
e assi como ela diz
assi xe-mo faço eu;
e em terra de Viseu
15 ninguém não me contradiz.

Vem um Porteiro apregoando:

Quem quiser vir arrendar
as charnecas de Coruche,

2, minha esposa... — «Peço, que no dito Mosteiro se encerre *minha hóspeda*, como Clériga da Ordim». Documento que se acha no Convento da Serra do Porto *in Elucidário* de Viterbo, p. 37.

3, oxalá continue a ser feliz!...

5, para eu desempenhar bem a minha profissão.

6, *sam*, sou, estou. Veja Ad. Coelho, *Teoria da Conjugação*, p. 21.

9, onde estão as *Ordenações do Reino*.

11. Acerca das atribuições do juiz. — *pertém*, pertence. (*«pertém* vem do latim *per-tínet*, recomposição de *pértinet»*).

13, *xe*, se — pron. arcaico que tinha quase sempre valor expletivo.

15, era corrente na Península Hispânica o emprego simultâneo de duas negativas.

Porteiro — pregoeiro das almoedas judiciais; o encarregado de convocar as pessoas que tinham interesses na audiência.

antes que o lanço mais puxe,
que se querem arrematar.
São terras novas guardadas,
que nunca foram lavradas.
5 Ó que matos pera pão!
que vales pera açafrão
e canas açucaradas!
E mais quem quiser lançar
n'alfândega da cortiçada,
10 ser-lh'há logo arrematada,
se espera bem de pagar.

Pêro Senhor Porteiro.

Por. Andar.

Pêro Em lugar de cor'gedor
15 me mandou o Regedor
que faça neste lugar
odiança d'Ouvidor.
Vossa mercê servirá
minha odiança assi
20 como ele também a mi;
então aqui se verá
se vou eu limpo daqui.
Ora traga vossa mercê
um banco e uma esteira,
25 e uma cortiça inteira,
e vossa mercê me dê
licença que o requeira.

1, *mais puxe*, suba mais.
5. Ó que terras férteis!
8, oferecer preço.
10, *logo*, imediatamente.
13. *Andar*, prossiga.
17, audiência...
22, se julgo bem

Ide logo sem tardar.
Por. Quem no vir assi mandar
cuidará que sabe o que diz:
tal é ele p'ra juiz
5 como eu sou pera pregar.
Pêro Olhai cá, senhor Porteiro.
Por. Senhor Juiz, que me manda?
Pêro Pregoai quem tem demanda,
que venha aqui a terreiro
10 e diga em que termos anda.
E venha o banco todavia
muito bom, muito direito.
Por. Quem quiser hoje este dia
ver mão pesar de seu feito,
15 não tarde uma ave-maria.
Tal juiz em tal lugar
parece cousa de riso.
Porém que me dá a mi disso
bem julgar nem mau julgar?
20 quem faz juiz um vaqueiro!
Pêro Senhor Porteiro, lá vem
Vasco Afonso e também
João Domingues, ferreiro.

---

1. Ide imediatamente.
9. que se apresente.
13. Quem quiser hoje... — *oje este dia* — é como se dizia na Península: «*Oy en este dia* de vos abré grand bando (=auxílio, apoio)». *Mio Cid*, verso 754.
14. ver o seu pleito (processo) mal julgado...
15. não se demore. — *Hũa Avé-Maria*, um credo — são frases correntes na Península, que designam o tempo, que se gasta em dizer estas orações: são medidas práticas de tempo.
18. porém que me importa?
22. Na *Farsa dos Almocreves* é também o nome dum deles.

Indo o Porteiro buscar o banco, topa o Ferreiro e Vasco Afonso, e diz o

Fer. Que andais buscando, Porteiro?
Por. Um banco pera a audiança.
Fer. Aqui banco não s'alcança
senão em casa do carpinteiro.

5 *Por.* Digo a Deus e à ventura,
não é milhor esta cadeira
que tem pele e tem madeira
e tem-se bem e é segura?
Fer. Poucas destas viu o Juiz.
10 *Vas.* Boa é ela pera assentar,
mas este atafal não diz.
Por. Isto é pera encostar.
Senhor Juiz, isto é cadeira;
cortiça, nem ponta dela.
15 *Pêro* Dai ó demo a cancela
e quem a trougue da feira:
eu não saberei aqui ser.

---

5. Era uma frase corrente na Península Hispânica: — «*Dios é la* mi *ventura,* que me fué guiador!» Hita, *Buen Amor,* 697. — «à *Dios y a ventura*». Cervantes, *Persiles y Sigismunda,* I, 3, cap. 11. Correas, *Refranes,* p. 525.

8, e segura-se bem e é forte.

9. Na *Inês Pereira, verso* 273, Pêro (o actual Juiz) ficara admirado à vista duma cadeira.

11, as costas da cadeira não estão bem.

15. Pelo 6.º verso anterior e pela *Farsa de Inês Pereira,* verso 273, e pelos versos 6.º e 7.º, que seguem, vê-se que se trata da cadeira.

16, e quem a trouxe...

17. Também na *Farsa de Inês Pereira,* Pêro não sabia como se havia de sentar numa cadeira.

Dou já ó fogo a guitarra!
Quem tinha esta zanguizarra?
Por. Quem a sabe conhecer.

Pêro I-me a Diogo d'Arruda
5 que me faça uma trepeça.
Por. Que juiz e que cabeça!
Dou eu já ó demo a resmuda.
Pêro E que diz ele? que diz?
Vas. Que pareceis escudeiro.
10 Pêro Como é bom este Porteiro!
Por. Como é parvo este Juiz!
Corpo de mi co gaiteiro!

Pêro Pardeus, logo eu jurarei
que o Porteiro é homem são,
15 por si, si, e por não, não,
todo feito a boa lei,
e fora de má tenção.
Por. Esta é rasa e mais honesta.
Pêro Ponte, ou que cousa é esta?
20 Não tragais jogo de ver,
que bem haveis de saber
que isto é presepe de besta.
Vá eramá vossa mercê
e traga logo a recado

---

4. certamente era um marceneiro.

6-7. Dou ao diabo o facto de Pêro reclamar um banco de três pés. — *resmuda*, mudança.

12. Exclamação que denota enfado.

15. Cfr.: «*Si por si, no por no*». Correas, *Refranes*, p. 458.

18. Este assento é mais simples, não tem espaldar.

um banquezinho assim usado,
porqu'isso não sei que é.
Por. Um vilão destemperado
é pior que pestelença.
5 Ó! dou ó demo a audiença!
Perdoe-me Deus se é pecado.
Ora assi hei-eu d'andar
De Anás pera Caifás?
Juro a cata-que-farás
10 que bem me podem chamar
tu que vens e tu que vás.
Ei-lo banco cá está.
Esteis muitieramá:
tomai lá, senhor juiz,
15 pera vós este vos diz.
Pêro Pera mi! aí serei:
pardeus, próprio é com'este
um banco que lá deixei:
agora estou coma El-Rei,
20 e praza a Deus que me preste.

---

4. é insuportável.

6. Expressão familiar, corrente na Península, que costuma usar-se ao emitir um juízo desfavorável ou temerário, ou ao pronunciar frase irreverente. Veja Camões, *Enfatriões*, verso 143 e Prestes, *Auto dos Dous Irmãos*, fl. 85.

7-8. Então hei-de andar dum lado para o outro à procura duma tripeça ou dum banco?

9. Para rimar com *Caifás*, *G. V.* lembrou-se do aglomerado de vilas para o poente do Corpo Santo (em Lisboa) denominado *Cata-que-farás*. Júlio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa*, p. 513.

13. Oxalá me desaparecesses da vista!

19. Agora sentado neste banco, estou bem instalado.

Ora sus, agasalhar,
tirai d'i essas cancelas;
quelas i não hão-d'estar:
ou fora, à rua com elas.

5 *Fer.* Estai vós aí, Juiz,
e nós em pé como bons filhos.
Pêro Senhor Porteiro, esses peguilhos
deitai-os no chafariz.
Por. Levarei, ora estai quedo:
10 perdida é a decoada
na cabeça d'asno pegada.
Não sois vós pera câmara, Pedro.

Leva o Porteiro as cadeiras e topa com Ana Dias, que vem à audiência, e diz:

Por. Venhais embora, Ana Dias.
Em demanda andais cá?

---

2. Cfr.: com o verso anterior: «Dai ó demo a cancela».

7. *peguilhos*, é uma alusão às cadeiras.

10-11. Todo o trabalho que tive em trazer as cadeiras foi perdido. — «Mal pecado, *perdida es la* lejía *en la cabeza del asno*». Correas, *Refranes*, p. 288. Jorge Ferreira na Eufrosina, acto IV, c. 5.ª, fl. 268 cita o provérbio.

13. Ana Dias é «uma verdadeira celestina». Menéndez y Pelayo, *Origenes* de la Novela, III, p. CXLV. (*celestina* = alcoviteira). Ana Dias, como a Branca Gil da *Farsa do Velho da Horta*, Brisida Vaz da *Barca do Inferno* e a Genebra Pereira do *Auto das Fadas* são derivações da protagonista da *Comedia de Calisto y Melibea* ou *La Celestina* (1499). («Si Cervantes no hubiera existido, *La Celestina* ocuparía el primer lugar entre las obras de imaginación compuestas en España». Menéndez y Pelayo). — É uma saudação: Venhais com Deus; com o pé direito. Conjuntivo com valor optativo.

	Ana	Sempre o diabo me dá
		com que tenha negros dias.
	Por.	É feito crime ou que é?
	Ana	Não sei s'é crime, se que:
5		minha filha é violada,
		e houveram-ma forçada:
		vou-me ao Juiz.
	Por.	Esse é;
		mas tanto val como nada.
10	*Ana*	Querelo-me, senhor Juiz,
		do filho de Pêro Amado
		que o achei emburilhado
		com a minha Beatriz.
	Pêro	E onde?
15	*Ana*	No seu cerrado.
	Pêro	E que ia ela lá catar?
	Ana	Foram ambos a mondar,
		e o trigo era creçudo

2, com que tenha infelicidades. — «Vidi en ora mala aquella vicaria, — escuché a un *diablo,* busqué mi *negro dia...*» Berceo, *Milagros de Nuestra Señora,* estrofe 758.

9. Recordem-se os versos anteriores: «Quem quiser hoje este dia — ver mao pesar de seu feito...»

10. Queixo-me...

12-13, que o encontrei tendo trato ilícito com a minha filha. — «E aun dizen que se embolvie con ella en desonesto modo». Pero Tafur, *Andanças y viajes,* p. 159. — «Roberto não há de querer ver seu filho fora de casa perdido, desemparado, a mãy carpida, a revolta no povo, que o hão de praguejar de madraço, parvo; que se foy *emburilhar* com hũa moça sem pay. Já me entendes?» António Ferreira, *Comédia de Bristo,* acto IV, c. III, p. 60 (Ediç. de 1771).

15, *cerrado,* campo murado.

e foi-se a ela.
Pêro Coma sesudo,
pois que tinha bô lugar.
Ana Olhai vós como ele gosta!
5 — Juiz, fazei-me dereito.
Pêro Digo que pois já é feito,
venha ele com sua resposta,
ou lhe faça bom proveito,
e venha a moça citada.
10 *Ana* — E a cachopa é prenhada.
Pêro Assi se faz.
Ana Não há hi mais?
Esse é o remédio que dais?
— Ora estou bem aviada.

15 — Mãe! mãe! eu não sei que diga!
Pêro — Pai! pai! venha a rapariga,
— e veremos que ela diz:
e como diz a cantiga,
traga as testemunhas cá,
20 sete ou oito abastarão.

---

5. «fazei-me justiça. — «por mui gran *dereito fazer...»* *Cancioneiro da Ajuda,* I, v. 1347. — «De dar fueros é leyes é *derechos fazer...»* Hita, *Buen Amor,* estrofe 142. — «fasta que la hubiesse *fecho derecho* de aquel mal caballero...» *Quijote,* cap. 26.

10. Veja G. V., *Obras,* III, p. 13, versos 17-18.

14. Estou bem servida!

15. *Mãe! mãe!* — exclamações de estranheza.

16. Em resposta à admiração de Ana Dias, Pêro replicou com exclamações, aqui de troça, *Pai! pai!* (Em Espanha, também se empregavam as exclamações *madre! padre!* para denotar estranheza, enfado, troça).

17. e ponderaremos os factos que ela alega.

Ana Senhor, se não for per rezão,
nunca s'isso provará:
Que era o pão onde os achei
mais alto do qu'é essa vara.
5 *Por.* S'ela mesma não folgará.
chamara ela áquedelrei;
— mas *credo quo natura dat*
— *nemo negare pote.*
Fer. Ana diz, feito é já,
10 — não s'há-de fazer de cote.

Ana — Não sou eu Marta a piadosa
que dou caldo aos enforcados,
nem perdoa tais pecados
quem a honra tem mimosa.
15 O que havedes de fazer,
— sentai-m'o nessa querela,
que adiante hei-d'ir com ela,
—inda que saiba morrer.
Não no hei polo desprezo
20 que ele quis fazer de mi,

7-8, *credo quod natura dat, nemo negare potest* — este provérbio aparece em português no *Cancioneiro Geral:* «o que natura dá — ninguém o pode negar». Anrryque da Mota, vol. V, p. 216.

10, *de cote,* todos os dias.

11. Com este prolóquio, corrente em Espanha, repreendia-se qualquer brandura, que prejudicava. — «*Marta la piedosa, que daba el caldo a los ahorcados*». Correas, *Refranes*, p. 293.

16, escrevei-mo nessa acusação.

18, fórmula enérgica de afirmar. Este verso está em castelhano na *Sibila Cassandra.* G. V., *Obras*, I, p. 51. — «*aun que supiesse morir*». Naharro, *Seraphina,* p. 38.

nem outras cousas assi;
— mas hei-o polo mau vezo
qu'ele tomará daí.
Pêro Se a moça é dessa pele,
5 não é o moço de culpar.
Ana Deixara-a ele mondar:
— que olho mau se meta nele,
e muito do mau pesar.
Maus exemplos, maus ensinos;
10 um moço já homem barbado,
— (Benz'o Deus) e mancipado
ir fazer tais desatinos!
Pêro São cousas de moços.
Ana Assi,
15 boa concrusão trazeis.
Pêro Que é o que vós quereis?
Ana Que o mandeis vir aqui
preso, e que o castigueis.

Pêro Já eu estive cuidando nisso,
20 — porque eu não sou abantesma.
Mas que sei eu s'ela mesma
deu ocasião pera isso?
E perem tudo assi visto,

2, pelo mau costume. — «No me pesa de mi hijuelo (filhinho) que enfermó, sino del *mal vezo* que tomó». Correas, *Refranes*, p. 356.

7, é uma praga. Recorde-se: «Mau quebranto (mau olhado) te quebrante». *Quem tem farelos?* p. 82. Veja *Canc. da Vaticana*, pág. 185.

11. *Benz'o Deus!* — irònicamente, em sinal de descontentamento.

20, porque eu não sou panal de palha.

eu mando per meu mandado
que até esse pão ser segado
que se não fale mais nisso.
E àquele mesmo pão
5 eu e estes homens bõs
iremos lá e veremos nós
se houve per força ou não:
que se ela não queria
estará o pão derramado,
10 e há mister bem olhado
ela se se defendia.

Vem um Sapateiro, Cristão-novo, de calçado velho, e diz:

Sap. Cuando éramos judíos,
dolor del tiempo pasado,
ciento y veinte y um ducado
15 tenia en ducados mios,
sin le faltar un cornado.

1-3, estes versos constituem a sentença.

4, *pão,* trigo.

5, *homens bõs,* expressão medieval que aparece noutros países. Os *homens bons* decidiam pleitos, davam testemunho em certos casos. Veja Herculano, *Hist. de Port.* t. IV, p. 79. M. Pidal, *España del Cid,* I, p. 219.

9, estará o trigo espalhado.

11. Já no tempo do rei D. Pedro I se declarava «que a mulher saindo do lugar em que a forçaram, devia-se logo carpir (=lacerar o rosto como protesto), e bradar, e ir-se logo geitar à Justiça...» Viterbo, *Elucidário,* II, p. 267.

14. «Um *ducado* português vale quatro tostões; estes são de prata». Clenardo, *Carta a Látomo* de 26-III-1535.

16, sem lhe faltar nada, *cornado,* moeda antiga de cobre com uma quarta parte de prata, que tinha gra-

Morador en Carrion,
y mercader en Medina,
casado con dona Dina,
nieta de Jacob Zarion,
5 maestro mor d'Adefina.
Agora que soy guayado
y negro cristianejo,
andome á calzado viejo,
desnudo, desfarrapado,
10 el mas triste del concejo.
Y por mas postomeria
una hija que tenia
tal como cera colada,
húbomela alcahuetada.
15 Voyme al Juez todavia.
Honrado señor Juez.
Pêro Ei-lo.
Sap. Seais bien logrado
Yo me soy Alonso Lopez,

---

vada uma coroa *(coronado)*; usaram-na os reis desde Sancho IV até aos Reis Católicos.

2. *Medina del Campo*. G. V., no *Auto da Feira*, já tinha aludido às célebres feiras, que se realizavam nessa, então, ilustre vila. Acerca de *Medina*, veja o excelente estudo de D. Narciso Alonso Cortés: «Montalvo, el del *Amadis*» in *Articulos*, 1935.

6-7. Agora que me pranteio como um cristão infeliz...

11, e por desgraça...

13, pura. — «Miércoles a meydia murió otra vegada — tornó plus amariello que la *cera colada*». Berceo, *La Estoria de Sennor Sant Millan*, 280. — «Como de *cera*». Correas, *Refranes*, p. 546.

14, alcovitou-ma.

(que se vea negra pez
la que me tiene enlodado!)
Ana Dias que aí está
usa de alcahuetaria;
5 enlodó una hija mia,
moza ya de buena edad,
tal como la luz del dia.

Ana — Olho mau se meta em ti,
cascarrea de judeu!
10 E em tal mulher como eu
falas tu? dize, alfaqui,
alcoviteira sou eu?
Sap. Señor Juez.
Pêro Ei-lo.
15 *Sap.* — Buen placer.
Mandad á esa muger

1-2. Oxalá se veja no último extremo a que me tem infamado e prejudicado. — «...más *negra* que la pez». Correas, *Refranes*, p. 316. — «Oh, pecador de mi, que todo lo habéis *enlodado* y echado á perder». Rueda, *Obras*, I, p. 126.

3-5. Ana Dias é alcoviteira e desonrou uma filha minha...

7, a frase *luz del dia*, empregou-a G. V., na *Inês Pereira*, verso 116.

8. Recorde-se um verso anterior em que se encontra também esta praga.

9, *cascarrea*, geração. Acerca deste verso, recordem-se outros insultos que se encontram nas *Obras* vicentinas: *pulga de judeu, almareo de judeu*.

11. Ana Dias, por ironia, chama sabichão ao Sapateiro. — *alfaqui*, doutor ou sábio da religião, entre os muçulmanos.

15. Desejo-vos felicidade.

—que hable cortés comigo
Ana Farrapo, tu que hás con tigo,
ou que me viste fazer?

Sap. Señor Juez.
5 *Pêro* Ei-lo.
Sap. — Vivais.
— Mandalda luego callar,
porque yo quiero probar
cosas della, que digais
10 doy al diable el exoval.
Ana —Mana minha! áquedelrei!
Dize, gato de Tobias,
— e mulher sou eu de lei
pera alcovitar judias?
15 Sap.—No hableis tanto de dedo.
Ana Eu sou ama do Craveiro,
vezinha do Tisoureiro,
sobrinha d'Alvarazedo.

1, que fale como pessoa educada. — «*Habla cortés...*» *La Celestina*, acto XI: Veja G. V., *Obras*, II, p. 51, verso 13.

6. É uma saudação: *Vivais* (seguro e contente longos e felizes anos).

7, *luego*, imediatamente.

11. Exclamação, aqui, de protesto.

13. Por acaso sou eu mulher que me preste a alcovitar judias? — Veja no *D. Duardos:* «para tan alta Princesa — y *de* tal *ley*...» G. V., *Obras*, III, p. 285.

15. Não faleis tanto em vosso proveito. — «*ño habrés de dedo*». Lucas Fernandez, *Farsas*, p. 111. — «*Hablar* en derecho *de* su *dedo* (=em seu proveito)». Correas, *Refranes*, p. 230. — «O como todos los hombres *hablays* en derecho *de* vuestro *dedo* e soys grandes oradores en vuestro provecho!». Erasmo, *Coloquio*, II, p. 166.

— Dum filho daranha morta!
E mais eu te provarei
que um cavalo d'el-rei
estercou à minha porta.
5 *Sap.* Honrado señor Juez.
Pêro Ei-lo.
Sap. Buenas hadas
es bien que en vuestras quejadas
me diga aquello Ana Diez?
10 *Pêro* São mulheres.
Sap. Aosadas!
Ana Antes m'espanto de mi
como não salto em ti
e te quebro essas queixadas.
15 *Sap.* — No te abasta alcahuetar
— á mi hija, hembra mala?
Ana — Cala-te má ora, cala,

---

1. É um insulto reforçado com *dum* (=dom). Cfr.: «*dum* velhaco bovarron». Camões, *Anto dos Enfatriões*, v. 744. (Antepunha-se *dom,* como temos já dito, aos qualificativos desonrosos).

2-4. Provar-te-ei que tenho clientes e protectores na Corte. — «El caballo del rey ...a mi puerta, y en mi portal la haca de la reina». Correas, *Refranes*, pp. 96 e 458. Torres Naharro na *Comédia Tinelaria*, p. 105, também utiliza o rifão.

7. *Oxalá,* Juiz, tenhais boa sorte!

8. Consentis que na vossa presença...?

10. Pêro desculpa Ana Dias.

11, certamente, mas atrevidas!

15-16. Não te basta seduzir minha filha, má mulher? — «*mala hembra*». *Quijote*, cap. 41.

17-18. É uma ameaça: cala-te, retira-te, não me faças perder a paciência. — «*No* me quieras *tentar* más». Lucas Fernandez.

não me faças atentar.
Pêro Olhai que m'esquece a mi
que cousa é alcovitar.
Sap. Yo os lo quiero contar,
que es una arte por si.
5 Teneis (Dios os guarde amigo)
vuestra hija ó muger,
buena, limpia como el trigo
que se coge á buen placer.
Mírala un cortesano,
10 mírala, quiérela, deséala:
pues que hará
pera la haber á la mano?
vase á una tal como esta,
y cuéntale tal y tal,
15 y ella está tan honesta,
que guárdeos Dios de mal.
Vase la vieja al molino,
entra muy dissimulada,
muy honesta cobijada,
20 como quien sabe el camino.
Tanto escarva, tanto atiza
per tal arte y per tal modo,

---

5. Deus vos guarde amigo — fórmula usual de saudação.

7. *limpia,* honesta.

17. Aproveita-se a ocasião oportuna... — «*Fué la vieja al molino...*» Correas, *Refranes,* p. 219.

19, o mais disfarçadamente possível. *cobijada,* com mantilha. Veja D. Vicente Garcia de Diego, *Contribución al Diccionario Hispánico Etimologico,* n.º 157, p. 58.

21-22, tanto urde, tanto enreda, que desencaminha a rapariga (Marina). — *ceniza,* cinza.

hace um cielo ceniza
hasta ponella de lodo.
Y esta es de la manada;
que siendo en misa yo,
5 adó pocas veces vó,
entró la señora honrada
y á mi hija engañó.
Pêro Se lhe ela fora rogar
pera mondar um linhar,
10 a moça embargára o caminho;
mas bom é de encaminhar
o gato pera o toucinho.

Sap. Si no fuera esta malvada,
Marina no errara ansí.
15 *Ana* Agora me lembra a mi
onde Marina morava:
antre os odreiros ali
me parece que vos vi
c'os odres dependurado.
20 *Sap.* Señor Juez.
Pêro Ei-lo.
Sap. Buen mandado.

2, até a seduzir. Torres Naharro, cujas *Comedias* G. Vic. leu, empregou na *Propalladia* cinco vezes a frase *poner de lodo:* pp. 47, 102, 126, 130 e 166.
3. E esta é das tais.
6, note-se a ironia.
9, *linhar,* campo de linho.
12, fig. — para o que é agradável.
15-18, note-se a troça de Ana Dias. — «padre zote enxertado — em borracha em cas *d'odreiro*». Chiado, *Pratica doyto feguras,* fl. II verso.

Yo tambien veisme aqui
con los odres pendurado.
El negro Alonso Lopes
mal viva si otra vez
5 venga a pediros derecho.
No me fuera mas provecho
dar al diablo el Juez?
Que esta merece quemada.
Pêro— Julgo que se esta dona honrada
10 sabe isso tão bem fazer,
se o deixar esquecer,
seja por isso açoutada.
Assi se cerra a cancela.
Calar, ieramá, calar,
15 e não vir-vos exemplar.
Não no sabia senão ela,
e ele vem-no apregoar.
Sap.—Páscoa mala dé Dios al Juez,
y mala páscoa al Portero,

---

3. O infeliz Al. Lopes — é o próprio Sapateiro que fala.
4, *mal viva*, é uma fórmula de juramento.
8, que Ana Dias...
9, «*honrrada dueña*». *La Celestina*, acto V.
10, sabe alcovitar tão bem...
11, se não continuar a alcovitar...
11-12, era o contrário do que realmente acontecia na Península Hispânica, onde as alcoviteiras eram açoutadas.
13. Assim fica resolvido. Retira-te. E não divulgues o que aconteceu a tua filha.
18-19. São pragas rogadas pelo Sapateiro. — «*Pascua mala le dé Dios!*» Rueda, *Obras*, II, p. 432 e *Quijote*, II, cap. 13. — «e *Deos* não quis por mandar *má Pascoa* aos das galés». Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 2.ª parte, cap. V. A frase é também uma fórmula asseverativa.

y negra páscoa al herrero,
y al Juez otra vez,
y mala páscoa á Ana Diez,
y á mi negra vejez
5 me dé si christiano muero.

Vem um Escudeiro com um seu moço, e diz:

—Toma lá esse sombreiro;
eu sou ja acrecentado
escudeiro encavalgado,
depois serei cavaleiro,
10 que o ano for acabado.
Ando ja quase privado
como quem no melhor anda,
agora ver-me em demanda,
acho-me tão salteado
15 como o gato na varanda.
Viste-me tu nunca andar
em demanda com ninguém,
senão uma em Santarém?
Moç. E outra no Lumiar,
20 e em Lisboa também.
Mas antes, a Deus louvores,
sempre vos vi ser citado.

4-5, e me dê desventurada velhice, se morrer cristão! — «mal año y *negra vejez* meresce...» Torres Naharro, *Comedia Soldadesca*, p. 85 e *Comedia Seraphina*, p. 46.

6. Pega-me nesse chapéu.

7, já aumentaram a minha moradia de fidalgo (pensão da casa real).

11, começo a entrar na intimidade do rei.

13-15. Preocupa-me ter de vir apresentar uma queixa nesta audiência.

Esc. Folgo porque és lembrado,
e louvas Deus com minhas dores. —
Sois vós o Senhor Juiz?

Pêro Assi se roge por cá.
5 *Esc.* Vossa Mercê saberá
que m'enganou Ana Díz,
que a pé de juizo está.
Ana Enganei! Nunca Deus queira.
Esc. Ouvi vós, emboladeira:
10 eu andava namorado
de uma moça pretezinha,
muito galante mourinha,
um ferretinho delgado,
ó quanta graça que tinha!
15 Então amores de moura,
já sabeis o fogo vivo,
ela cativa eu cativo:
ora que má morte moura

---

4. Consta que sim.
7. que está presente.
8. É mentira. — «Digo que *nunca Dios quiera* tal...» *La Celestina,* acto I e Torres Naharro, *Comedia Seraphina,* p. 52. — «*nunca Deos* tal *quererá*». Resende, *Canc. Geral,* V, p. 234.
9, *emboladeira,* embusteira.
11, duma morena. — *pretezinha,* «os diminutivos femininos acabavam em *ezinha,* e não em *azinha*». *Not. Vic.,* p. 382.
16, compreendereis a minha grande paixão!
17. Confira este trocadilho com: «*Catyvo* sam de *catyva*...» D. João de Meneses, *Canc. Geral,* I, p. 156. — «Aquela *cativa,* — que me tẽe *cativó*...» Camões.
18, é uma praga, que se encontra também na *Farsa de Quem tem farelos?* verso 385. — *moura,* morra.

— se há hi mal tão esquivo.
Eu morria, e além disso
eu não tinha então mais siso
do que aquela porta tem.
5 — Não faleis em querer bem,
— que rapa todo o aviso.
Andando assi como digo
escravo da servidora,
socorri-me a esta senhora.
10 Depois de falar comigo,
dix'eu: Senhora Ana Diz...
— Estai vós pronto, Juiz.
Pêro — Ei-lo: bem vos ouvo eu.
Esc. Dixe-lhe: ando sandeu,
15 Pesar dos santos, qu'eu fiz;
— esta moura por que mouro,

1, se há aí tão grande tortura! — «De maneyra que cativo — a triste vida que sento — do meu grande *mal esquivo,* — meu cuidado torna vivo — quando mata meu tormento». Duarte de Brito, *Canc. Geral,* I, p. 423.

5-6, «ché non é in somma (=em conclusão) Amor se non insania...» *Orlando Furioso,* XXIV, 1. — «*Querer* é a mesma tormenta — deixa a rezão sem orelhas». Prestes, *Auto da Sioza,* fl. 118 verso.

12, *pronto,* atento.

13, *ouvo,* ouço.

16. Trocadilho: «O que me parece digno de nota é que G. V. foi o primeiro, como em tantas outras invenções da sua imaginativa fecunda, a pôr em moda jogar com as formas convergentes *mouro (Mauru)* e a forma verbal *mouro* (por *moiro, morior)* enaltecendo «esta *Moura* por que *mouro*», chamando-se *escravo da servidora,* e *ela cativa eu cativo,* jurando e prelibando assim os encantadores versos à Bárbara Índia de Luís de Camões». *Not. Vic.,* pp. 382-3.

se m'a vós haveis à mão,
senhora, à fé de cristão
de vos dar uma peça d'ouro
por sair desta paixão.

5 *Ana* Que vos dixe eu então?
Esc. Esperai, qu'eu o direi.
Dixestes-me: trabalharei
por um cruzado p'ra pão.
— Senhora, eu vo-lo haverei. —
10 Vou e vendo uma viola
e um gibão de fustão
e botas de cordovão,
que tinham inda boa sola
que durariam um verão;
15 e vendi uma gualteira,
e fiz da pousada feira.
Soma em fim de rezões,
ajuntei quatro tostões,
e meti-lh'os na mãozinha,
20 dizendo-lhe: senhora minha,
lembrem-vos minhas paixões.
Foi-se a boa d'adela,
e ao primeiro recado
disse: dai-me outro cruzado,
25 que prazendo a Madanela

2, senhora, juro...
11, *gibão,* veste cingida e ajustada, que antigamente cobria o corpo desde os ombros até à cintura.
15-16. Vendi tudo. — *gualteira.* carapuça.
17. Em conclusão... — *«en fin de razones»*. Torres Naharro, *Comedia Trophea,* p. 66.
21., lembrai-vos do meu profundo amor.
22, *adela,* alcoviteira.
25, que, se Deus quiser...

logo sereis aviado,
Deus querendo, muito prestes,
porque aquele que me déstes
em cuz-cuz o comeu ela.
5 E se vós quereis vencê-la,
andem os dinheiros bastos,
e não receeis os gastos
em tal moça como aquela.

Ana Não vos dizia eu mal nisso,
10 porque não se tomam trutas
assi a bragas enxutas,
nem se ganha o paraíso
senão com ofertas muitas.
Esc. Em fim, vou eu muito asinha
15 empenho uma sela que tinha,
e albardo o meu cavalo,
e foi-me forçado alugá-lo
pera acarretar farinha,
e fiquei desbaratado.
20 Isto tudo faz fazer
o mau rapaz do Amor.
Pêro Prossegui vosso lavor,
falai no que faz mister.
Esc. Como varreu à vassoura,
25 que vintém não me ficasse,

10-11, é um provérbio.

19, *desbaratado,* arruinado.

21. Cfr.: «aquel que llaman *Amor,* que dicen que es un *rapaz* ceguezuelo (ceguinho). *Quijote,* II, p. 58 — «...*amor* que he um *rapaz* muy tredo». Jorge Ferreira, *Eufrosina,* III, c. 2.ª, p. 169.

22-23. Continuai a alegar as vossas razões.

veio-me dizer que a moura
pedia que a forrasse.
E d'outra nenhuma maneira
que fosse cantar à gamela,
5 ou me fosse rir à feira,
que não tinha nada nela.
E ante d'haver o dinheiro:
— Esta moura há-de morrer,
tamanho é o bem que vos quer:
10 esforçai, lindo Escudeiro,
que não na podeis perder. —
Mandava-lhe a pada de pão,
as empadas de sardinhas,
bacios de camarinhas,
15 a talhada do melão.
E uma manta d'Alentejo
que na minha cama tinha,
manta já usadazinha,
m'a levou com tal despejo
20 como s'ela fora minha.

2, pedia que lhe pagasse o resgate.

4, expressão de desprezo, já encontrada nas *Obras* de G. V., vol. II, p. 111 e no *Auto da Fama*, verso 268.

5, expressão de desdém. — «Ora *yde rir á feyra*». Camões, *Filodemo*, verso 875. — «dizei-lhe que *vá rir á feira*». Jorge Ferreira, *Ulyssippo*, acto V, c. II, p. 232. Acerca deste verso, veja Benedicto Pereyra, *Prosodia*, p. 1324.

12. Mandava-lhe o pão pequeno.

14, *bacios*, travessas.

16. G. V. volta a referir-se às *mantas do Alentejo* no *Auto da Lusitania*, verso 416; Garcia de Resende, no *Canc. Geral*, V, pp. 328 e 373 e Camões, no *Filodemo*, vv. 2032-33, ed. Marques Braga, 1928.

19, *despejo*, descaramento.

— Assi como vo-lo eu rezo
— esta vos é Ana Diz.
Ana Na forca veja eu o Juiz,
que é o homem qu'eu mais prezo,
5 — s'eu tais emboladas fiz:
lembra-me que falei eu
— a uma filha do Cetem.
Esc. Essa me custa a mi bem
— do alheio e do meu.
10 *Ana* — Se vos pagais tanto dela,
— forrarei-la ora má dia.
Esc. — Não forro minha moradia,
— poderei forrar a ela?
Senhor Juiz, conhecida
15 — é a bulra. Dê-me o meu.
Pêro — Desde aqui sentenceio eu
— a moeda por perdida
— como alma de judeu.
Esc. — Assi há isso de passar?
20 Juiz, mandai-me pagar.

1, *rezo,* digo.
2, note-se o valor enfático do pronome *vos.*
5, *emboladas,* embustes.
7, *a filha do Cetem* é a Mourinha, por quem estava apaixonado o Escudeiro.
9, construção partitiva.
10, se gostais tanto dela...
11, resgatá-la-eis (ela era uma escrava).
12-13. Eu não consigo que me entreguem a pensão da casa real, porque está cativa por dívidas, onde é que hei-de arranjar dinheiro para resgatar a Mourinha?
15, é a fraude. — «La *bulrra* que oyeres...» Hita. *Buen Amor,* estrofe 65.
16-18. É a sentença.
19. Então hei-de perder tudo?

Pêro — S'ela quiser: — Quereis, Ana Diz?
Ana Bofá não, senhor Juiz
Pêro Não no há-de querer dar.

Ana Viva o Juiz minhas flores!
5 *Pêro* I-vos embora, Escudeiro,
— e nunca peçais dinheiro
— que gastastes per amores.
Esc. Outro caso trago eu.
Pêro — Dizei.
10 *Esc.* Digo mais, senhor Juiz,
este moço, o pecador,
é nécio, quer-se ir de mim
agora que está na fim,
que lhe havia d'ir melhor.
15 Ora pois que se quer ir
sem pancada, nem arruído,
muito farto e conhecido,
dei-lhe agora de vestir,
— torne-me cá o meu vestido.
20 E mais lançou-me a perder
— uma cama em que jazia
ele mesmo até meio-dia,
boa e de receber.

Moç. — Cama chamam cá às arcas,
25 ou é fala assi mudada?

---

2. Na verdade não.
6-7. «Argent — le nerf de la guerre ainsi que des amours». Pierre de Ronsard.
9. Alegai.
19, restitua-me a roupa, que lhe dei.
21, *jazia*, estava deitado.
24. O moço dormia sobre uma arca: p. 302.

Quant'eu na sua pousada
sempre sei noites de barcas:
e quero calar mais danos.
Senhor Juiz, há seis anos
5 que estou co'este Escudeiro,
ja'gora fora barbeiro,
se não foram seus enganos.
Ao tempo que vim par'ele
estava mais melhorado,
10 mas agora, mal pecado,
mau pesar é feito dele,
e da viola e do cavalo,
e da cama e do vestido,
e do meu tempo servido
15 e d'outras cousas que calo.
Esta noite, eu lazerando
sobre uma arca e as pernas fora,
ele acorda-me à uma hora:
— ó! se soubesses, Fernando,
20 que trova que fiz agora! —

---

3. — «Y otras cosas, que me *calo*, que dexé por lo que tocava á mi honrra». Lazarillo de Tormes, *Tratado III*, p. 213.

10, mas agora, por desgraça; isto é, desde o caso da Mourinha.

15. — «Y por esto y por *otras cosillas*, que no digo, sali dél». Lazarillo de Tormes, *Tratado* IV, p. 226. — *«e outras cosas que calo»*. Chiado, *Pratica dos Compadres*, fl. 9.

16, *lazerando*, penando. — «Gravemente *lazeré* de noche y de día...» Fray Luis de León, *De los nombres de Cristo*, t. I, p. 155.

19. — *«Oh, si supieses*, mozo, qué pieza es esta!» Lazarillo de Tormes, *Tratado III*, p. 179.

Faz-me acender o candeeiro,
e que lhe tenha o tinteiro,
e o seu galgo uivando,
e eu em pé renegando
5 porque ao sono primeiro
está meu senhor trovando.

Esc. Não sabes, dize, parviço,
que sou eu o mesmo Paço!
Moç. —Bem sei eu segundo jaço
10 que cousa é paço e palhiço.
Nem vós não tendes chumaço,
nem de ventura atolais
em colchões e cabeçais;
também vós fazeis pendença,
15 eu não sei como a doença
não vai onde vós estais.
Peço contra ele, Juiz,
que o serviço que lhe fiz
que m'o pague por inteiro.
20 *Pêro* —Veremos nós o que ele diz.
Que dizeis vós, cavaleiro?

2, e que lhe segure o tinteiro.
4, *renegando*, praguejando.
8-9. Também na *Pratica doyto feguras*, de Chiado, *paço* rima com *jaço*.
11-14. Como o Escudeiro orgulhoso alardeou, falando no Paço como se fosse parente do rei, o Moço (que dormia sobre uma arca) diz que ele não tem travesseiros, nem colchões, nem almofadas: também *faz penitência, dormindo* sem conforto.
15-16. Confira com o provérbio: «Onde vais mal? Onde há mais mal».
20, *diz*, alega.

Esc. — Não há hi por hu correr,
— em que m'esfolem a pele.
Pêro Mando que sirvais a ele,
e que lhe deis de comer
5 até que cumprais co'ele.
Moç. Eu não quero mais sentença
senão que me deis licença
e chamar-lhe-ei tu ou vós.
Pêro Digo que te vás com Deus,
10 e não faças mais detença.
Esc. — Vedes-me aqui sem a moura,
trosquiado sem tisoura,
vedes-me aqui sem cavalo,
sem sela, sem manjedoura,
15 e sem galinha nem galo.
Não praza a Deus co'a viola,
— que assi se tornou mourisca
— e eu fico à carraquisca,
— «en los campos verdes sola».
20 Porém, prazendo a Jesu Cristo,
quero-m'ir fazer sobre isto
dous pares de trovazinhas:
— o comer, por essas vinhas,
pois o demo me fez isto.

1-2. Não há com que pagar.

11. Eis-me aqui sem a Moura...

17, diz que a viola se tornou *mourisca*, porque foi vendida, por causa da Moura.

18-19, e eu fico abandonado. (Como Anrrique da Mota, também G. V., rima *mourisca* com *carraquisca* — *Canc. Geral*, V, p. 251).

23. Veja neste volume pág. 257, verso 7.

Esse dormia coma cão,
que mijava onde jazia.
Não vedes meu afanar,
e ele folgar, nó mais?

Pêro — Pardeus, bem vos amanhais.
E não é melhor folgar
que trabalhar por demais?

Pre. — Dizeis muito bem, Juiz;
vós sois meu procurador.
10 Eis cá vem sempre Amador,
e veremos o que diz.

Ama. — Quem enfermo for d'amor,
como eu contino sam,
faça autos de cristão,
15 confesse-se, tome o Senhor,
pois tem a morte na mão.
E pera tão prestes partir,
ande tão triste como ando,
desejando
20 a pena que está por vir.
Quem quiser vida serena
nunca queira o que eu queria,
porque das horas do dia
a que me dá maior pena
25 me traz maior alegria.

2, *jazia*, estava deitado.

3-4. Não vedes como tressuo dançando, ao passo que ele só se divertia? — «sudando, afanando y trabajando...» *Quijote*, cap. 13.

12. Apaixonado. Recorde-se o que se disse anteriormente acerca do contraste: *Amador triste* e *Bailador alegre*.

13, *sam*, sou, estou. Veja pág. 275, nota 6.

19-20, contente com o sofrimento.

21-22. Quem quiser vida tranquila, nunca ame.

24-25, é o prazer do sofrimento.

E o triste meu cuidado,
quanto mais desventurado,
mais ledo, porque se cura
com tristura,
5 o mal que é desesperado.
Creio que quando nasci
estava o sol eclipsado,
e o ar todo carregado
de tristezas pera mi,
10 pois tristeza sou tornado.
— E o sino em que fui gerado
(Olhai que desaventura!)
estava desconcertado,
e logo foi condenado
15 meu nacer pera tristura.

«Leixar quero amor vosso,
«Mas não posso.»

Ó quem fora ali com Deus
ao fazer do amor,
20 e lhe dissera: ah Senhor,
amor sejais vós de nós,
e não haja amor com dor.
Fazei-o doce, amoroso,
suave, tirai-lhe a pena,
25 — dai-lhe condição serena,
não haja tanto queixoso.

---

11. «Los antiguos astrólogos dizen en la çiençia — de la astrologia una buena sabiençia: — qu'el ome, quando nasçe, luego en su naçençia — el *signo* en que nasçe le juzgan por sentençia...» Hita, *Buen Amor*, estrofe 123.

24. *pena*, inquietação atormentadora.

Bai. Que voltazinha! hufá! hufá!
Pre. Grão descanso é espreguiçar.
Ama. Ora deixai-me falar.
Pêro Bofá, a vontade me dá
5 que não hei hoje d'acabar.
Ama. Quanto mais favorecido
me traz esta rapariga,
tanto sinto mais fadiga,
e queimo mais o sentido.

10 Ora vede vós qu'é isto?
Pêro Falai eramá a bem do feito.
Requerei vosso direito,
pois vos já pusestes nisto,
e fareis vosso proveito.
15 *Ama.* O asno, senhor Juiz,
qu'estes vêm a demandar,
a mi o haveis de julgar,
e o direito assi o diz.
Porque eu sou namorado,
20 e este asno canta coma anjo,
e será grão desarranjo
não me ser logo julgado;
e mais entende mui bem
e responde por acenos.
25 *Bai.* Juiz, ele o merece menos:
eu bailei em Santarém
sendo os Ifantes pequenos.

8-9, tanto sinto mais pena e sou mais torturado.
11. Alegai a favor da causa.
15-17, haveis de decidir que o asno me seja entregue.
27, são os filhos do rei D. Manuel.

— E bailei no Sardoal,
e de contino me vem
bailar sem haver alguém
que me ganhe em Portugal.
5 Ora olhai esta maneira
pera bailar com mulher;
e sabeis como se quer?
sempre a volta assi ligeira.

Enquanto este baila o Preguiçoso dorme e ronca e o Namorado canta e suspira, diz o

Fer. Ora eu quarenta anos hei,
10 e vi muitos homens já,
e andei per cá e per lá,
mas eu nunca tal topei.
—Ah corpo de santo Ilário!
—Serem de um pai gerecidos,
15 e de uma mesma mãe nacidos,
—cada um com seu veairo!
—Perneta, ou que demo será?
Bai. Hou Juiz, saí vós cá,
dareis uma volta comigo.

---

1. «Essa povoação amena distinguia-se no tempo de G. V. pelos seus bons bailadores foliões». *Not. Vic.*, IV, p. 335. Veja Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, III, p. 335. Recorde G. V., *Obras*, IV, p. 220-22.

13. Exclamação admirativa.

14. *gerecidos*, gerados.

16, *veairo*, mania.

17. — «Mas no ano desta era — tays *pernetas* ssam correntes...» *Canc. Geral*, II, p. 90. (— *perneta*, forma popular de *planeta*).

Vêm à audiência quatro irmãos; um deles muito preguiçoso, outro que sempre baila, outro que sempre esgrime, outro que sempre fala de amores. A estes per morte do pai não lhes ficou senão um asno; deixou o pai no testamento que o herdasse um deles, e não nomeou qual. Entra o Preguiçoso dizendo:

Não há hi favo de mel
tão doce como a preguiça;
é mais desenfadadiça
que bom pomar nem vergel,
5 noutro dia um meu amigo
em siso bradou comigo
porque durmo trás do lar,
na cinza, que é o acertar;
porque diz o verbo antigo,
10 em cinza t'hás-de tornar.
Melhor é ser preguiçoso,
que homem negociado;
porque quem for repousado
não será malicioso,
15 mas será homem de bem:
não dirá mal de ninguém
todo o tempo que dormir,
nem madrugará a aquerir
por haver o que outrem tem.

---

9. porque diz o provérbio antigo — «De longas vyas muy longas mentiras, — est'é *verb'antigo* verdadeiro...» Nuno Fernandes Torneol, *Canc. da Vaticana*, n.º 979, pág. 184.

10. Cfr.: Pulvis et umbra sumus...» Horácio, *Odes*, IV, 7. — «Veramente siam noi polvere ed ombra». Petrarca, *Sonetos*, II, 26. — «ombra et polvere». Sannazaro, *Arcadia*, p. 161.

Venho cá, senhor Juiz,
e dir-vos-ei a que venho,
porque a preguiça que tenho
faz de mim uma boiz.
5 Eu tenho uns três irmãos:
um deles é polas mãos
mui valente esgrimidor;
o outro não há em cristãos
tão doudo homem d'amor.
10 E somos quatro comigo,
preguiça é o meu fado.
Meu pai, senhor, é finado,
sem nos ficar nem um figo,
senão um asno pelado.
15 Vêm todos cá à audiença,
porque temos deferença
qual de nós o há-d'herdar.
o esgrimidor quer-nos matar,
o outro diz que é sua a herança,
20 e lhe pertence por bailar.
Eu não posso já falar
de preguiça, meu senhor.
Eis aí vem o bailador:
Eu quero-me aqui deitar.
25 *Bai.* — Pois tanto tarda o prazer,
e tanto dura o pesar,

1-4. Por causa da necessidade de rima para *juiz*, G. V. empregou *boiz* (armadilha).

8, o outro, não existe entre os homens...

16, *deferença*, divergência.

25. «Acho significativa a criação dos tipos do *Amador triste* e *Bailador alegre*». D. Carolina Micaëlis, *Canc. da Ajuda*, t. II, p. 899.

houvera Deus de fazer
que o pesar pudera ser
prazer pera se lograr
— E pois o nojo se vem
5 sem o ir buscar ninguém,
— eu acho cá no meu rol
que bailar de sol a sol
faço bem e mais ca bem.
— Senhor Juiz, hufá! eu por bailar
10 Mereço o asno de meu pai,
Hufá! e vós mo julgai.
Pêro Ou vós haveis de falar,
ou vós haveis de bailar.
Bai. Bailar.
15 *Pêro* Ora bailai.
Bai. Hufá! amores pardeus!
Agora tornemos nós
Falar na morte de meu pai.
Ficou um asno da geneta,
20 e somos quatro irmãos...
— Estão-me proindo as mãos
— por dar uma sapateta
— como nos bailos vilãos.
Hufá! amores cortesãos!

4, *nojo*, pesar.
6, parece-me.
9. *Hufá!* — exclamação de alegria.
21, «*proiam-me* os pés e as mãos por saltar d'alegria». Francisco de Morais, *Diálogo*, III, p. 32.
22, por dar uma volta ligeira. — *sapateta*, dança em que ao pular se tocava com os saltos um no outro. — «Y diciendo esto, dió dos *zapatetas* en el aire...» *Quijote*, cap. 30.
23, *bailos*, forma antiga e popular. — «baylareis *baylo* vilam». *Cancioneiro Geral*, V, p. 407.

Eu bem poderei cansar,
mas que não leixe chegar
nojo, nem ao meu nariz.
Abonda-vos a vós, Juiz,
5 que o burro m'haveis de dar
polo bem que a meu pai fiz:
que meu irmão preguiçoso
nunca saía do lar.
Pre. Quero-m'ora levantar:
10 — diz o sengo sabichoso
bom é às vezes falar.
— Vós o asno, meu senhor
— juiz, não mo tolhereis,
porque certo sabereis
15 que este mesmo bailador
— deitou meu pai através.
E eu guardava as casas todas
detrás do lar estirado,
que sem mim fôra roubado.
20 *Bai.* — Eu lhe trazia das bodas
— sempre o capelo atestado
de figos, de carne e pão.
Bofá o asno me darão,
porque o tenho bem ganhado,
25 Pardeus, eu era alegria
de nossa casa vazia.

10, diz o velho experimentado.
12-13, vós, senhor Juiz, não me privareis do asno...
16, deitou meu pai a perder...
20. Eu trazia-lhe das festas... — «llena de alegrias, de *bodas* é de cantares»». Hita, *Buen Amor*, estrofe 1315.
21, sempre o capuz cheio...

«As serranas Coimbrãs
«e as da serra da Estrela,
«por mais que ninguém se vela,
«valem mais que as cidadãs:
5 «são pastoras tão louçãs,
— «que a todos fazem guerra
«bem desde o cume da serra.»

6, que a todos dão inquietações atormentadoras: a guerra da paixão.

FARSA DAS CIGANAS

AUTO DE UMAS CIGANAS, *representado ao muito alto e poderoso Rei D. João, o terceiro deste nome, em a sua cidade d'Évora, era do Redemptor 1521.*

Estando em serão, no fim dele entraram quatro ciganas, cujos nomes são: Martina, Cassandra, Lucrécia, Giralda. Ciganos: Liberto, Cláudio, Carmélio, Aurício.

Entram quatro ciganas, Martina, Cassandra, Lucrécia, Giralda e diz:

Mar. Mantenga, fidalgus señurez hermuzuz.
Cas. Dadnuz limuzna pur la amur de Diuz;
Cristianuz sumuz, veiz aqui la cruz.

FARSA DAS CIGANAS — é um quadro da vida desse povo errante em Portugal.

Embora em Granada e em Sevilha alguns Ciganos se dedicassem aos trabalhos em ferro, em geral na Península Hispânica o contrato de gado foi a sua principal ocupação. As Ciganas essas viviam da bruxaria e de lerem a *buena-dicha*.

Verifica-se nesta *Farsa* que Gil Vicente considerava o *cecear* como característico da linguagem dos Ciganos. «Todas as oito figuras usam abundantemente de *z* final e *ç* inicial e medial, em vez de *s* e *ss*». *Notas Vicentinas*, IV, p. 380. — «La lengua de las gitanas — nunca la habrás menester, — sino el modo de romper — las dicciones castellanas; — que con eso y que *zacees*, — á quien no te vió jamás — gitana parecerás». Lope de Vega, *El Arenal de Sevilla*, acto II.

Era opinião de Braamcamp Freire que esta *Farsa* tinha sido representada a D. João III em Évora e na Páscoa de 1525. *Gil Vicente*, p. 176 *in Rev. de Hist.* n.º 22.

1. É uma fórmula de saudação rústica e arcaica. Veja G. V., *Obras*, I, p. 25, nota 8.

Luc. La Vírgen Maria uz haga dichuzuz,
dadnuz limuzna, señuruz pudruzuz,
tantico de pan, haré la mezura.
Mar. Ó preciuza rozica señura,
5 el cielo vuz cumpla deseuz vuestruz.
Cas. Dadme una camiza azucal colado
nieve de cira, firmal preciuzo.
Luc. Dadme una saya, señur graciuzo,
lirio de Grecia, mi cielo estrellado.
10 *Gir.* Señura, señura, dadme un tocado,
antucha del cielo, sin cera y pavilo.
O ruza nacida en ribera del Nilo,
la Vírgen traya buen siño y huen hado.
Luc. Andad acá, hermanaz, y vamuz
15 a estas señuraz de gran hermuzura;
diremuz el siño, la buena ventura,
daran sus mercedes para que comamuz.
Cas. Llamemuz á Claudio antes que nuz vamuz,
Carmelio, Auricio y haremuz fiesta,
20 como hecimuz ayer por la siesta:
vé á llarmarluz y nuz esperamuz.

Vêm os quatro ciganos, Liberto, Cláudio, Carmélio, Auricio.

Clá. Cual de voz otroz, señurez,
Trocará un rocin mio,

6-7, açúcar branqueado; brancura de cera; adereço precioso: são galanteios dirigidos às damas da corte.

9. Como no verso 58 desta *Farsa*, as Ciganas declaram que são da Grécia, intitulam *lirio de Grécia* um dos fidalgos.

11, luz do céu...

12. *Nilo*—para designar o Egipto, donde, conforme o que se pensava no séc. XVI, tinham vindo os Ciganos.

Pêro Pardeus, baila tu, amigo,
e salta atás qu'eu lá vá,
tens bem de comer contigo.

Vem o outro irmão, a que chamam Ferão Brigoso, com sua espada nua e capa no braço, como que saiu dalguma briga, e diz:

Bem basta a um homem só
5 saltarem com ele cinco;
mas catorze! — não é brinco:
porém sacudi-lhe eu o pó,
como soio quando arrinco.
Seis deles não escaparão,
10 que vão muito acutilados;
os cinco vinham armados,
feitos malha de Milão,
os três traziam relíquias,

2, *atás*, até.

8, como costumo, quando desembaínho a espada...

12, com armaduras de Milão. As armaduras e as armas milanesas eram famosas nos séculos XV-XVII. — «Ó las ferrarias de los Milaneses!» Juan de Mena, *Laberinto*, c. 1. 50! — «fuy desde alli a *Milán*, donde me acomodé de armas...» *Quijote*, cap. 39. — «...volvió a *Milán* oficina de Vulcano» (por sua armaria famosa). Cervantes, *El Licenciado Vidriera*, p. 28. Edição de D. N. Alonso Cortés.

13, *reliquias* — é uma referência às medalhas e outros objectos, que costumavam usar-se para vencer nos combates. — «desafiándose dos soldados en Italia, metidos en campo, el padrino contrário, tomándole juramento, como es costumbre, si tray consigo algunas *reliquias*, ó *oraciones*, ó nóminas, ó conjuros, ó otra cosa en que tuviesse fe, respondió su padrino: «Esso yo juraré por él; que no la tiene». Melchor de Santa Cruz, «Floresta Española», IX parte, cap. V, n.º 11 — «si (el caballero) trae sobre sí *reliquias*...» *Quijote*, II, cap. VI.

e a oração de São Leão.
Dizia eu dando no chão:
ó braço! quão baixo ficas!
Eu trazer relíquias! — nada.
5 E sabeis vós porque não?
Porque mato com rezão,
e quando levo da espada,
treme a terra e abre o chão.
E se é sobre mulher,
10 que merece ser servida,
nem Heitor não me tem vida.
E quemcunque vul trouxer,
nem por isso tem guarida.
E agora catorze a mi,
15 foi mui grande neicidade,
porque saibam a verdade,
e o podem dizer assi
no Céu à santa Trindade,
que o certo em que me fundo
20 é despovoar-lhe o mundo:
e diga-lho quem quiser,
inda que saiba ir ter
ao Inferno mais profundo.

---

10. — «Que ningun caballero de la Banda estuviese en la corte sin *servir* á alguna dama, no para deshonrarla, sino para la festejar ó casarse con ella...» *Estatutos de la Ordem de la Banda,* artigo 31. (Marquez, *Tesoro militar de caballeria).*

11, e juro que nem Heitor, o mais valoroso dos Troianos, será capaz de me resistir.

12-13, e (quem quer que seja) ninguém escapa.

15, *neicidade,* temeridade.

17-18, podem relatar no Céu, porque morreram.

23. Cfr.: «tu serás segun que veo — cum damnatis

Ainda lá farei fataxas,
qu'eu não hei-d'ir sem espada.
Então tanta cutilada,
estocadas altas, baxas,
5 nesses diabos pancadas,
cutiladas pelo ar,
polas nuvens, por estrelas.
Trezentas e trinta querelas
tenho inda por purgar,
10 e de morte todas elas.
Sois vós, senhor, Juiz?

Pêro E pois quem no há-de ser?

Bri. Ora pois eu quero ver
se sois juiz, se boiz.
15 Que pouco m'hei-de deter.
Este asno deve ser meu,
e vós assi mo julgai,
que eu fui honra de meu pai,
e assi o provarei eu.
20 O asno, Juiz, me dai.
E senão...

Pêro Como senão?

Bri. Senão, não sei que vos diga.

Pêro Cuidei que era isso briga.
25 Não sejais sandivarrão,
qu'eu também não sou formiga.

---

in *profundo...*» Torres Naharro, *Canción*, V, pág. 188 da *Propalladia*.

1, *fataxas*, façanhas.

9, *purgar*. expiar.

14. Mais uma vez nesta *Farsa*, por causa de rima para *juiz*, G. V. emprega *boiz*.

25. Não faleis sem pensar.

Tende vós em vós aviso,
ou darei tantas em vós,
que vos faça ter mais siso.

Bri. Não folgaria eu com isso,
5 mas, pesar-m'ia, pardeus.
O que quiserdes julgar,
isso seja, isso quero.

Pêro Vós vindes tão bravo e fero
como se fôsseis o mar,
10 ou em crueldade Nero.
Não façamos mais detença.

Ama. Que julgais, Juiz honrado?

Pêro Julgo per minha sentença
que o asno seja citado
15 pera a primeira audiença.
Em tanto podeis cantar
e bailar e espreguiçar,
qu'eu vou buscar de comer.
E quem de mim mais quiser
20 caminhe e vá-me buscar.

Saíram todos cantando a seguinte

«Vamos ver as Sintrãs,
«senhores, à nossa terra,
«que o melhor está na serra.

---

1. Sede prudente...

5, mas, palavra, custar-me-ia.

10, para significar crueldade eram correntes na Península Hispânica as frases: como um *Nero* (Néron), como um mouro (moro), como um tigre. Veja Correas, *Refranes*, p. 547. — «Sois muy *Nero*», Prestes, *Auto da Sioza*, folha 123.

Rocin que hubo de un judio
Ahora en páscoa de florez,
Y tengo dos especialez
Caballoz buenoz que talez.
5 *Aur.* Señurez, yo trocaré un potro
Que tengo, por cualquier otro,
Si me volveiz mil realez.
Car. Que dos burricos compré
Moriscoz prietos garridoz;
10 Ya loz hubiera vendidoz,
Mas antes loz trocaré.
Clá. Oh señurez caballeroz,
Mi rocin tuerto os alabo,
Porque es calzado nel rabo,
15 Zambro de loz piez trazeroz;
Tiene el pecho muy hidalgo,
Y cocea al cabalgar.
Aur. Señurez, quereiz trocar
Mi burra viega á un galgo?
20 *Mar.* No noz curemuz desaz faranduraz.
Clá. Puez que quereiz, Martina, que hagamos?
Mar. Cantemos la fiesta antez que noz vamoz
A buscar luz siñuz á esas señuraz.

Cantiga

«En la cocina estaba el asno
25 «Bailando,
«Y dijéronme, don asno,

2, agora em Páscoa da Ressurreição. — *Pascua frolida»* Torres Naharro, *Comédia Tineláría,* p. 120.
13, cavalo cego dum olho.
14, porque é malhado no rabo e torto nas patas.
20. Não nos ocupemos dessas trapaças.

«Que vos traen casamiento
«Y os daban en axuar
«Una manta y un paramiento
«Hilando».

Cantando e bailando ao som desta cantiga se foram às Damas, e diz:

5 *Mar.* Mantenga señuraz y rozas y ricaz.
De Grecia sumuz hidalgaz por Duz.
Nuestra ventura que fue cuntra nuz,
por tierraz estrañaz nuz tienen perdidaz.
Dadnos esmula, esmeraldaz polidaz,
10 Que Diuz vuz defienda del amor de engaño,
Que muztra una muestra y vende otro paño,
Y pone en peligro laz almaz y vidaz.

Luc. Señuraz, quereiz aprender á hechizo,
Que sepais hacer para muchaz cozaz?

15 *Gir.* Escuchad aquello, señuraz hermozaz,
Por la vida mia qu'ez vuestro servizo.
Luc. Si vuz, ruza mia, holgades com izo,
Hechizos sabreiz para que sepaiz
Los pensamientoz de cuantos miraiz,
Que dicen, que encubren, para vuestro avizo.

2, *azuar,* enxoval. — «hija mía..., ni tengo *ajuar* que darte». Menéndez Pidal, *Romancero,* p. 174.
6, *por Duz,* por Deus.
10, que Deus vos defenda das desilusões.
11, que engana.
13, quereis aprender a arte de enfeitiçar?
18, feitiços conhecereis com que descobrais...

Mar. Otro hechizo, que pozais mudar
La voluntad de hombre cualquiera,
Por firme que esté con fe verdadera,
Y vuz lo mudeiz á vuestro mandar.

5 *Gir.* Otro hechizo os puedo yo dar
Con que pudaiz, señuraz, saber
Cual es el marido que habeiz de tener,
Y el dia y la hora que habeiz de cazar.

Cas. Mustra la mano, señura,
10 No hayas ningun recelo.
Bendígate Diuz del cielo,
Tú tienez buena ventura,
Muy buena ventura tienez.
Muchuz bienez, muchuz bienez,
15 Un hombre te quiere mucho,
Otroz te hablan de amurez;
Tú, señura, no te curez
De dar á muchuz escuto.
Mar. Dadnuz algo, preciuza
20 *Cas.* Dadnuz algo, preciuza,
Puez que te digo tu sino,
Alguna poquita cuza.
Luc. Muztra la mano, ruciña,
Lirio de hermozura,
25 Dirte he la buena ventura.

2, o amor de qualquer homem.
3, *fe*, lealdade no amor.
9. Vai ler a sina na palma da mão.
18, de corresponder a muitos.
19, *preciusa, formosa.* — «alta y *preciosa* señora» *Quijote*, cap. 46.

Mustra ca, señura mia,
Ora mustra aciña aciña.

Qué mano, qué siño, qué flurez!
Qué dama, qué ruza, qué perla!
5 Por mi vida que por verla
Olvide loz miz amurez.
Veamoz que dice el sino,
El recado que te vino
No lo creas, alma mia,
10 Que otra mas alegria
Te viene ya por camino.
Durmiendo tú fresca ruza,
Te viene el bien por la mar,
Luego tienez el mirar
15 De doncella muy dichuza.
Gir. Dioz te guarde hermozura,
Mustra la mano, señura,
Porné ciento contra trinta
Que de los piez á la cinta
20 Tienez la buena ventura.
Tú has de ser despozada
En Alcazar de Zal;
Con hombre bien principal
Te vernás bien empleada.

2, mostra muito depressa.
18, apostarei...
23, com homem de alta categoria. — «aquela peregrina era una señora *principal* y rica de Castilla la Vieja...» Cervantes, *La Ilustre Fregona*, p. 118. — «caballeros, que lo eran, y muy *principales*» Cervantes, *La Gitanilla*, pág. 98.

Mar. Pintura de Policena
Dame acá, dulce serena,
Esa mano cristalina.
Buena dicha, perla fina,
5 Tienez la ventura buena;
Tú has de ser alcaideza
Cierto tiempo en Montemor;
Tu marido y tu amor
Será bien celoza pieza.

10 *Cas.* Nueva ruza, nueva estrella,
O brancaz manoz de Izeu,
Tú cazarás en Viseu
Y ternás hornoz de tella.
Alli haz de edificar
15 Un muy rico palomar,
Y doz pares de molinoz,
Porque todoz loz caminoz
A la puente van á dar.
Luc. Dioz te guarde, linda flor,
20 Bendito sea el señor

---

1. Gentilíssima (beleza de Policena).
2, dá-me cá, doce sereia...
9, será muito ciumento.
11. Ó lindas mãos de Isolda... Há alusões a *Iseu* em textos galego-portugueses. — «e o mui namorado — Tristam sei bem que nom amou *Iseu* — quant'eu vos amo...» D. Dinis, *Canc. da Vat.*, 115.
15. ...um rico pombal.
16, e grandes herdades. «O *moinho* era, desde os tempos romanos, anexo às grandes herdades. Na Idade Média, em geral, pertencia aos senhores, os quais frequentemente obrigavam os vilões a servir-se do moinho, do forno e do lagar senhorial, cobrando esse uso em maquias». D. R. Menéndez Pidal, *Mio Cid,* nota 3380.

Que tal hermosura cria.
Mustra la mano, alma mia,
Por la vida del servidor.
Fiosanda cazaraz
5 Aqueste año que vem
En Santiago de Cacem,
Mucho rica, mucho bem.
  Buena ventura hallaráz,
Buena dicha, buena estrena,
10 Buena suerte, mucho buena,
Muchas carretas, señura,
Y mucha buena ventura,
Placiendo á la Madalena
Que guarde tu hermozura.

15 *Gir.* Muestra la mano, mi vida,
Aguela en tierras desiertaz
Dos personáz traez muertaz,
Porque erez desgradecida.
Tú cazarás en Alvito,
20 Señura, marido rico,
Muchos hijos, muchos bienes,
Mucho luenga vida tienez,
Buen siño, bueno bendito.

Mar. Mis ojos de azor mudado,
25 Muéstrame la mano, hermana,

---

3. *servidor*, namorado.
8-9. Felicidade e próspero começo...
17. duas pessoas trazes mortas de amor, porque não lhes correspondes.
19-20. Tu farás um casamento rico em Alvito.
24. Cfr.: «Tiene luz *ujuz de azor...*» *Auto da Lusitânia*, verso 876.

O mi señura Sant'Anna,
Qué siño, qué suerte, qué hado!
Qué ventura tan dichuza,
Tú señura graciuza.
5 Ternaz tierras y ganados,
Cuatro hijos mucho honrados,
Mucho oro y mucha coza.

Cas. O mi ave féniz linda,
Mi sibila, mi señura,
10 Dame acá la mano ahura.
Hermozura de Esmerinda.
Tú tienez muchos cuidados,
Y algunos desviados
De tu provecho, alma mia.
15 Tienez alta fantasia,
Y los mundos son mudados.

Un travesero que tienez,
De dentro dél hallaráz
Un espejo en que veráz
20 Muy claro todos tus bienez.

Luc. Dad acá, garza real,
Gridonia natural,
Diré la buena ventura.
Viva tu gran hermozura.
25 Que esta mano ez divinal.

Unaz personaz te ayudan
Á una coza que quierez;

---

8. Ó formosa sem par...
9, minha profetisa...
21. Veja neste vol. p. 212, nota 14.

Estas son dambas mugerez,
Y otraz doz te dasayudan.
Date un poquito á vagar,
que aun está por comenzar
5 Lo bueno de tu ventura.
Confia en tu hermuzura,
Que ela te ha de descanzar

Gir. Dad acá May florido,
Eza mano melibea.
10 Por bien, señura te sea
Buen marido, buen marido.
Na Landera cazarás,
Nunca te arrepentirás,
Y iráz morar á Pombal,
15 Y dentro en tu naranjal
Un gran tesoro hallaráz.
El que ha de ser tu marido
Anda ahora trasquilado,
Mucho honrado, mucho honrado,
20 En muy buen siño nacido.
Naciste en buena ventura.
Mar. Huerta de la hermozura,
Cirne de la mar salada,
Dioz te tenga bien guardada
25 Y muy segura.

3, não te apresses.

8. Dá cá, amor, essa mão purpurina... Veja João Ribeiro, *Frases Feitas*, II, p. 292.

9. Este verso e vários passos das *Obras vicentinas* patenteiam conhecimento de *La Celestina* — *Melibea* é o nome próprio da protagonista, que, aqui, é empregado como adj. biforme.

25, e sem perigo.

Cas. Señuraz, con benedicion
Os quedad, puez no dais nada.
Luc. No vi gente tan honrada
Dar tan poco galardon.

Tornaram-se a ordenar em sua dança, e com ela se foram.

1-2. É uma fórmula de despedida.

FARSA DOS ALMOCREVES

FIGURAS: Fidalgo, Pajem, Capelão, Ourives, Pêro Vaz, Vasco Afonso, Almocreves; Outro Fidalgo.

Esta seguinte farsa foi feita e representada ao muito poderoso e excelente Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Coimbra, na era do Senhor de 1526.

O fundamento desta farsa é, que um fidalgo de muito pouca renda usava muito estado, e tinha capelão seu e ourives seu, e outros oficiais, aos quais nunca pagava: e vendo-se o seu Capelão esfarrapado e sem nada de seu, entra dizendo:

Pois que não posso rezar,
por me ver tão esquipado,
por aqui por este arnado
quero um pouco passear
5 por espaçar meu cuidado.

FARSA DOS ALMOCREVES, porventura escrita em 1526, foi representada em 1527, como demonstrou Braamcamp Freire.

1. Seguem-se as queixas do Capelão dum Fidalgo pobre.

2, *esquipado*, esfarrapado.

3, pelos campos marginais do Mondego. (*Arnado, Arenado* — designação do local, talvez, devida às areias que as enchentes do Mondego juntavam).

5, para espairecer. — «Leonor Teles *por espaçar* alguns dias com D. Maria, sua irmã...» Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, cap. 57 — «alameda (de Sevilha), donde las damas van por su deporte *espaciarse* en sus coches», Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Aulegrafia*, acto II, c. 9.ª, fl. 72.

E grosarei o romance
de *Yo me estaba en Coimbra,*
pois Coimbra assim nos cimbra,
que não há quem preto alcance.

Grosa

5 Yo me estaba en Coimbra,
cidade bem assentada:
pelos campos de Mondego
não vi palha nem cevada.
Quando aquilo vi mesquinho,
10 entendi que era cilada
contra os cavalos da corte
e minha mula pelada.
Logo tive a mau sinal
tanto milhan apanhada,
15 e a peso de dinheiro
o mula desemparada.
Vi vir ao longo do rio
uma batalha ordenada,
não de gentes, mas de mus,
20 com muita raiva pisada.

1, e remedarei o romance velho, que se encontra na colecção de Durán: «*Yo me estaba allá en Coimbra...*» *Romancero General*, II, n.º 966, pág. 36.

3, pois Coimbra assim nos acossa, que não há maneira de se conseguir dinheiro (um real *preto* — chamado assim por ser de puro cobre: dez destes valiam um real branco. Veja Viterbo, *Elucidário*, II, p. 268).

5. Segue-se o romance de disparates com rimas em *-ada*.

19, *mus*, machos.

A carne está em Bretanha,
e as couves em Biscaia.
Sou capelão d'um fidalgo
que não tem renda nem nada;
5 quer ter muitos aparatos,
e a casa anda esfaimada;
toma ratinhos por pajens,
anda já a cousa danada.
Quero-lhe pedir licença,
10 pague-me minha soldada.

Chega o Capelão a casa do Fidalgo e falando com ele, diz:

Cap. Senhor, já será rezão...
Fid. Avante, padre, falai.
Cap. Digo que em três anos vai
que sou vosso capelão.
15 *Fid.* É grande verdade: avante.
Cap. Eu fora já do Ifante,
e pudera ser que d'El-Rei.
Fid. Á bofé, padre, não sei.
Cap. Si, senhor, qu'eu sou d'estante,
20 ainda que cá m'empreguei.

1-2. «Muito ao longe e — inacessíveis ao aparatoso fidalgo». *Not. Vic.*, IV, pp. 259, 261.

7. *ratinhos*, aldeões vindos à corte para se transformarem em pajens de fidalgos.

12. Podeis falar.

16-17. Já poderia estar colocado como capelão junto do Infante ou no Paço.

18. Em verdade...

19. Sou um padre, que sei cantar. *(Cantar de estante; cantor de estante* — era assim que se dizia).

Ora pois veja, senhor,
que é o que m'há-de dar,
porque além do altar
servia de comprador.

5 *Fid.* Não vo-lo hei-de negar:
fazei-me uma petição
de tudo o que requereis.

Cap. Senhor, não me prolongueis,
qu'isso não traz concrusão,
10 nem vejo que a quereis.
Porque me fiz pelo vosso
clericus et negotiatores.

Fid. Assi vos dei eu favores,
e disso pouco qu'eu posso
15 vos fiz mais que outros senhores:
ora um clérigo que mais quer
de renda nem d'outro bem,
que dar-lhe homem de comer,
que é cada dia um vintém,
20 e mais muito a seu prazer?
Ora a honra que se monta —
é capelão de fuão!

Cap. E do vestir não fazeis conta?
E esse comer com paixão,
25 e dormir com tanta afronta,
que a coroa jaz no chão,

11-12, porque me sujeitei a ser por vossa causa clérigo e criado.

— o pl. em vez do singular: *negotiator (aqui moço de recados).*

21-22, *que se monta,* que se alcança, ser capelão dum Fidalgo como eu!

sem cabeçal, e à uma hora
e missa sempre de caça?
E por vos cair em graça
servia-vos também de fora,
5 té comprar sibas na praça.
E outros carregozinhos
desonestos pera mi.
Isto, senhor, é assi.
E azemel nesses caminhos,
10 arre aqui e arre alli,
e ter cárrego dos gatos,
e dos negros da cozinha,
e alimpar-vo-los sapatos,
e outras cousas qu'eu fazia.

15 *Fid.* Assi fiei eu de vós
toda a minha esmolaria,
e dáveis polo amor de Deus,
sem vos tomar conta um dia.
Cap. Dos três anos qu'eu alego,
20 dá-la-ei logo sem pendenças:

1, sem almofada...
2, e missas ditas à pressa.
5, até ir ao mercado comprar peixe.
8. Isto, senhor, é verdade.
9-10, e andar nos recados, como um almocreve, parando aqui e parando ali. — «*Harre acá, harre allá*». Correas, *Refranes*, p. 233.
11-12, e ter de olhar pelos gatos e pelos serviçais (os escravos) da cozinha.
14, recordem-se passos semelhantes do *Juiz da Beira*.
15-16. Por isso vos confiei a distribuição das esmolas.
19-20. Vou imediatamente prestar contas, dos três anos em que servi.

mandastes dar a um cego
um real por endoenças.
Fid. Eu isso não vo-lo nego.

Cap. E logo daí a um ano,
5 pera ajuda de casar
uma órfã, mandaste dar
meio côvado de pano
d'Alcobaça por tosar.
E nos dous anos primeiros
10 repartistes três pescadas
por todos esses mosteiros,
na Pederneira compradas
daquestes mesmos dinheiros.
Ora eu recebi cem reais
15 em três anos, contai bem,
tenho aqui meio vintém.

2, *endoenças,* quinta-feira santa — «As *Indulgências* eram graças, pelas quais a Igreja concedia, do séc. IX em diante, absolução integral ou remissão parcial das penas de certos pecados, contra castigos menores, penitências e dinheiros. Em português o termo popularizou-se. Pronunciado *Indulenças* passou a ser *endoenças,* e a aplicar-se aos perdões da Semana Santa em especial, apregoados com cerimónias impressionantes na quinta-feira da paixão». D. Carolina Micaëlis, *Autos Portugueses de G. Vicente,* p. 81.

3. Isso é verdade.

7-8, pano grosso de Alcobaça com a felpa ainda por aparar. Os panos finos teciam-se na Covilhã. Veja G. V., *Obras,* IV, pág. 219 — vv. 28-29.

12, povoação, perto da Nazaré, onde no séc. XVI saía muito peixe. Veja Carvalho da Costa, *Corografia,* III, p. 95 e Laranjo Coelho, *A Pederneira,* que é um estudo valioso.

13, destes...

Fid. Padre, boa conta dais.
Ponde tudo n'um item,
e falai ao meu Doutor,
que ele me falará nisso.
5 *Cap.* Deixe Vossa Mercê isso
pera El-Rei nosso senhor,
e vós falai-me de siso.
Que como, senhor, me ficastes
(isto dentro em Santarém)
10 de me pagardes mui bem...
Fid. Em quantas missas m'achastes?
Das vossas digo eu porém.
Cap. Que culpa vos tem Zamora?
Por vós estão elas nos ceus.
15 *Fid.* Mas tomai-as para vós,
e guardai-as muit'embora,
então pague-vo-las Deus:
Que eu não gasto meus dinheiros
em missas atabalhoadas.

---

2. Assentai tudo numa conta, num rol.
3. *Doutor,* secretário.
5-7. Deixe o Fidalgo essas grandezas e ostentações para El-Rei e fale-me sensatamente. *(Vossa Mercê, Vossa Senhoria* — eram os tratamentos que, no tempo de G. V., se davam aos nobres).
11. Quantas missas disseste a que eu assistisse?
13. Que culpa tenho de não assistires às missas? A locução proverbial acerca de *Zamora* lembra dois versos do *Romance,* apontado pelo Sr. Aubrey Bell, do ciclo do célebre Cerco: «Que culpa tienen los viejos? — Que culpa tienen los niños?» Durán, *Romancero General,* I, n.º 791, p. 511 e A. Bell, Edição de *Four Plays of Gil Vicente,* p. 81.
19, em missas engroladas.

Cap. E vós fazeis foliadas
e não pagais ó gaiteiro?
isso são balcarriadas.
Se vossas mercês não hão
5 cordel para tantos nós,
vivei vós aquém de vós,
e não compreis gavião,
pois que não tendes piós.
Trazeis seis moços de pé
10 e acrecentai-los a capa,
coma rei, e por mercê,
não tendo as terras do Papa,
nem os tratos da Guiné,
antes vossa renda encurta
15 coma pano d'Alcobaça.
Fid. Todo o fidalgo de raça,
em que a renda seja curta,
é por força qu'isso faça.

---

3. *balcarriadas,* alardos festivos.

4-6. Se os Fidalgos não têm dinheiro para grandezas e ostentações, vivam modestamente.

8. *piós,* correia para prender as aves de volataria.

9-11. Quando saís levais um grande acompanhamento, como se fosses um rei. — «Se quisesse condescender com os costumes desta terra, começaria por sustentar uma mula e quatro lacaios». Clenardo, *Carta a Látomo* de 26-III-1535. — «Andais escudeiro feito, — já *de capa acrecentado*». *Auto do Escudeiro surdo* (anónimo).

13. nem o comércio da Guiné.

14-15. Pelo contrário, os vossos rendimentos diminuem como os panos grosseiros tecidos em Alcobaça, quando se molham.

16-18. Ainda que os rendimentos sejam pequenos, tem de viver com grandeza.

Padre, mui bem vos entendo:
foi sempre a vontade minha
dar-vos a El-Rei ou à Rainha.
Cap. Isso me vai parecendo
5 bom trigo, se der farinha.
Senhor, se m'isso fizer,
grande mercê me fará.
Fid. Eu vos direi que será:
dizei agora um profáceo, a ver
10 que voz tendes pera lá.
Cap. Folgarei eu de o dizer;
mas quem me responderá?
Fid. Eu.

Cap. *Per omnia secula seculorum.*
15 *Fid.* *Amen.*
Cap. *Dominus vobiscum.*
Fid. Avante.
Cap. *Sursum corda,*

1-3. O Fidalgo promete favorecer as maiores aspirações do Capelão: conseguir a sua entrada para serviço no Paço. — «Diz que me há-de dar a el-rei». *Farsa de Quem tem farelos,* verso 83.

5. *se der farinha,* se se realizar.

7. Cfr.: «mui *gran merced me haras...*» Torres Naharro, *Propalladia,* p. 18.

8. Asseguro-vos que conseguirei a vossa entrada no Paço.

9-10. Entoai agora o princípio da missa, para verificar se tendes boa voz para serdes *cantor de estante* no Paço.

14-18. É a fórmula inicial dos *Prefácios da missa.* As três frases latinas, que se encontram nestes versos, foram empregadas por Berceo, *Del Sacrificio de la Missa,* 77, 79.

Fid. Tendes essa voz tão gorda,
que pareceis alifante
depois de farto d'açorda.

Cap. Pior voz tem Simão Vaz,
5 tesoureiro e capelão
e pior o Adaião,
que canta como alcatraz,
e outros que per hi estão.
Quereis que acabe a cantiga,
10 e vereis onde vou ter.
Fid. Padre, eu hei-de ter fadiga.
mas d'El-Rei haveis de ser:
escusada é mais briga.

Cap. Sabeis em que está a contenda?
15 Direis: É meu capelão:
e El-Rei sabe a vossa renda,
e rir-se-á se vem à mão,
e remeter-me-á à Fazenda.

4-6. *Simão Vaz,* capelão e tesoureiro da capela real, em 1521, quando, por Carta de 29 de Abril, foi apresentado chantre na Igreja de Santa Maria da Alcáçova de Santarém. O *Adaião* era Diogo Ortiz de Vilhegas, a quem D. Manuel nomeara, em 1516, deão da capela do Príncipe D. João (mais tarde D. João III) Braamcamp, *Gil Vicente,* p. 3 in *Rev. de Hist.,* n.º XXV.

7, *alcatraz,* espécie de pelicano.

9-10, quereis que fale claro e diga o que penso...

11-13. Padre, não me maces mais, hei-de conseguir que entres no Paço, escusada é mais discussão. — «Tres cosas hacen al hombre medrar: Iglesia, y mar, y Casa Real». Correas, *Refranes,* p. 489.

14. Sabeis em que está a dificuldade?

17-18, e talvez se ria e enviar-me-á para o Conselho de Fazenda, que aprovava as despesas da época. (Toda a administração das finanças do reino fora já determi-

Fid. Se vós fôreis entoado.
Cap. Que bem posso eu cantar
onde dão sempre pescado,
e de dous anos salgado,
5 o pior que há no mar?

Vem um pajem do Fidalgo, e diz:

Paj. Senhor, o orives s'é alli.
Fid. Entre. Quererá dinheiro.
Venhais embora cavaleiro:
cobri a cabeça, cobri.
10 Tendes grande amigo em mi,
e mais vosso pregoeiro.
Gabei-vos ontem a El-Rei
quanto se póde gabar,
e sei que vos há-de ocupar,
15 e eu vos ajudarei
cada vez que m'hi achar.
Porque às vezes estas ajùdas
são melhores que cristeis,
porque só a fama que haveis;

---

nada pelo rei D. Manuel em extensos regimentos e ordenações da Real Fazenda, de 17-10-1516). Eram vedores da Fazenda o Conde do Vimioso, o de Penela e D. Rodrigo Lobo. Braamcamp. *Idem, idem,* p. 39.

1. Se tivesses boa voz!

6. Senhor, o ourives está ali.

11, tenho-vos feito um grande reclamo.

12. O Fidalgo vai patenteando a sua intimidade com o rei *(privança)*.

17, *ajudas* — era sinónimo de clisteres. — «dá doenças muy agudas, — a que nam prestam *ajudas*». *Cancioneiro Geral,* I, p. 297.

e outras cousas meúdas
o que valem já sabeis.
Our. Senhor, eu o servirei
e não quero outro senhor.
5 *Fid.* Sabeis que tendes melhor?
(Eu o dixe logo a El-Rei,
e faz em vosso louvor:)
Não vos dá mais que vos paguem,
que vos deixem de pagar.
10 Nunca vi tal esperar,
nunca vi tal avantagem
nem tal modo de agradar.
Our. Nossa conta é tão pequena
e há tanto que é devida,
15 que morre de prometida,
e peço-a já com tanta pena,
que depeno a minha vida.

Fid. Ora olhai esse falar
como vai bem martelado!
20 Folgo não vos ter pagado,
por vos ouvir martelar
marteladas de avisado.

---

6. Mais uma vez o Fidalgo quer patentear intimidade com o rei.

8-12. Não deveis questionar mais sobre se vos pagam ou não pagam, porque é desta maneira — com esta isenção — que agradareis e tirareis verdadeiro proveito. — *dá,* importa. Cfr.: «...*no* me *da mas*». Correas, *Refranes,* p. 613.

18-22. O fidalgo, para evitar a insistência do Ourives, quer passar a outro assunto e vai dizendo que ele fala muito bem.

Our. Senhor, beijo-vo-las mãos,
mas o meu queria eu na mão.
Fid. Também isso é cortesão:
senhor, beijo-vo-las mãos,
5 o meu queria eu na mão.
Que bastiães tão louçãos!
Quanto pesava o saleiro?
Our. Dous marcos bem, ouro e fio.
Fid. Essa é a prata; e o feitio?
10 *Our.* Assaz de pouco dinheiro.
Fid. Que val com feitio e prata?
Our. Justos nove mil reais.
E não posso esperar mais,
que o vosso esperar me mata.
15 *Fid.* Rijamente m'apertais,
e fazeis-me mentiroso,
qu'eu gabei-vos d'outro jeito;
e s'eu tornar ao defeito,
não será proveito vosso.

---

1. «El estilo de la Corte es decirse unos a otros: *Beso las manos* de vuestra mercede». Fray Antonio de Guevara, *Epístola*. Ávila, 1533.

3-6. O Fidalgo, continuando a elogiar o modo de falar do Ourives, para se furtar ao pedido de pagamento, compara-lhe as palavras com jóias artìsticamente trabalhadas. — *bastiães*, trabalhos em relevo, — «& ao despedir muyta mercê & muyta rica prata lavrada de *bastiães*». Resende, *Crónica de D. João II* (1596), cap. 58.

8. Exactamente *dous marcos* (dezasseis onças). — «quando ambas (as conchas da balança) se equilibravam *ouro e fio*»... Camilo, *A viúva do enforcado*, p. 115.

12. Exactos 9.000 reais.

15, isto é, para que pague.

17. O Fidalgo diz que, ao elogiar o Ourives, tinha contado que ele não se importava de ser pago.

Our. Assi que o meu saleiro peito?
Fid. Ele é dos mais maus saleiros,
que em minha vida comprei.
Our. Ainda o eu tomarei
5 a cabo de três janeiros
que há que vo-lo eu fiei.

Fid. J'agora não é rezão;
eu não quero que vós percais.
Our. Pois porque me não pagais?
10 Que eu mesmo comprei carvão
com que me encarvoiçais.
Fid. Moço, vai-me ver o que faz El-Rei,
se parecem Damas lá:
este dia não se vá
15 em pagarás, não pagarei.
E vós tornai outro dia cá.
Se não achardes a mi,
falai c'o meu Camareiro,
porque ele tem o dinheiro,
20 que cada ano vem aqui
da renda do meu celeiro;
e dele recebereis
o mais certo pagamento.
Our. E pagais-me aí c'o vento,
25 ou com as outras mercês?
Fid. Tomai-lhe vós lá o tento.

2-3. Como o Ourives insiste, para que lhe paguem, o Fidalgo começa a criticar o saleiro.
5, ao fim de três anos.
7-8, o Fidalgo nem quer pagar, nem quer restituir.
12. Para se ver livre do Ourives, O Fidalgo manda o Moço ver o que faz o rei.
24. E embalais-me com boas palavras!

Indo-se o Capelão, vai dizendo:

Cap. Estes hão-d'ir ao paraíso?
Não creio eu logo nele.
Eu lhes mudarei a pele:
daqui avante siso, siso,
5 juro a Deus que m'abroquele.

Vem o Pajem com recado e diz:

Paj. Senhor, in-Rei s'é no Paço.
Fid. Em que casa?
Paj. Isto abasta.
Fid. O recado qu'ele dá!
10 Ratinho és de ma casta.
Paj. Abonda, bem sei o qu'eu faço.
Fid. Abonda! olhai o vilão.
Damas parecem per hi?
Paj. Si, senhor, damas vi,
15 Andavam pelo balcão.

Fid. E quem eram?
Paj. Damas mesmas.
Fid. Como as chamam?
Paj. Não as chamava ninguém.

1, o Ourives foi enganado, porque é um pobre de espírito.

4-5. Para o futuro hei-de-me acautelar, juro que me hei-de defender.

6. Confira esta construção popular com o verso anterior: «Senhor, o orives s'é ali».

12. O Fidalgo nota que o emprego da interjeição *abonda!* — é próprio dum aldeão.

18. *Como as chamam?* — como se chamam?

Fid. Ratinhos são abantesmas,
e quem por pajens os tem.
Eu hei-de fazer por haver
um pajem de boa casta.
5 *Paj.* Ainda eu hei-de crescer:
castiço sou eu que basta,
se me Deus deixa viver.
Pois o mais o deprenderei,
como outros como eu per hi.
10 *Fid.* Pois faze-o tu assi,
porque hás-de ser d'El-Rei,
Moço da Câmara ainda.
Paj. Boa foi logo cá a vinda.
Assi que até os pastores
15 hão-de ser d'El-Rei samica!
Por isso esta terra é rica
de pão, porque os lavradores
fazem os filhos paçãos.
Cedo não há-de haver vilãos;
20 todos d'El-Rei todos d'El-Rei.
Fid. E tu zombas?
Paj. Não, mas antes sei

1-4. O Fidalgo não gostou das respostas imbecis do Pajem e promete arranjar outro.

6, de boa casta sou eu.

8. *Deprender* — arcaísmo corrente na Península Hispânica na acepção de *aprender*. Veja. G. V., *Obras*, IV, pág. 6.

11-12. Recordem-se os vv. anteriores: «Foi sempre a vontade minha — dar-vos a El-Rei ou à Rainha».

15, *samica*, talvez.

18, *paçãos*, palacianos.

19-20. Todos se hão-de nobilitar!

que também alguns cristãos
hão-de deixar a costura.

Torna o Capelão

Cap. Vossa Mercê porventura
falou já a El-Rei em mi?
5 *Fid.* Ainda jeito não vi.
Cap. Não seja tão longa a cura
como o tempo que servi.
Fid. Anda El-Rei tão ocupado
co'este Turco, co'este Papa,
10 co'esta França, co'esta trapa,
que não acho vau azado,
porque tudo anda solapa.
Eu entro sempre ao vestir;
porém pera arrecadar
15 há mister grande vagar.
Podeis-me em tanto servir,
até qu'eu veja lugar.

1, que também alguns operários, hão-de deixar o trabalho. — *cristãos* na acepção de *pessoas* era vocábulo corrente na Península.

5. Ainda não encontrei oportunidade.

«As muitas ocupações de D. João III servem de desculpa ao Fidalgo por não haver encomendado o Capelão ao soberano como prometera». *Not. Vic.*, IV, p. 285.

10-12. Com os vocábulos *trapa* (cova para apanhar feras, armadilha) e *solapa* (ardil), G. Vicente refere-se às complicações internacionais da época.

13-15. Eu tenho a maior intimidade com o rei, porém, para se conseguir alguma cousa é preciso esperar.

17, até que eu veja oportunidade para vos colocar no Paço.

	Cap.	Senhor, queria concrusão.
	Fid.	Concrusão quereis? Bem, vem,
		concrusão há em alguém.
	Cap.	Concrusão quer concrusão,
5		e não há concrusão em nada.
		Senhor, eu tenho gastada
		uma capa e um mantão;
		pagai-me a minha soldada.
	Fid.	Se vós pudésseis achar
10		a altura de Leste a Oeste,
		pois não tendes voz que preste,
		perequi era o medrar.
	Cap.	E vós pagais-me c'o ar?
		Mau caminho vejo eu este.

(vai-se)

15	*Paj.*	Deve-o El-Rei de tomar,
		que luta coma danado.
		Ele é do nosso lugar;

---

1. Senhor, queria a liquidação dos três anos, que me deveis.

4, *quer,* requer, exige.

8, pagai-me o que me deveis.

9-12. O Fidalgo, para ver se consegue escapar à insistência do Capelão, diz-lhe que se ele pudesse resolver o problema de determinar exactamente a longitude no alto mar, com certeza, desta maneira *(perequi)*, melhoraria de situação. (A solução do problema era importante para as grandes navegações dos Portugueses e Espanhóis).

13. Recorde-se um verso anterior: «E pagais-me aí c'o vento».

14, vejo as cousas mal paradas.

16, porque dava um bom soldado.

de moço guardava gado,
agora veio a bispar.
   Mas não sinto capelão
que lhe chante um par de quedas,
5 e chama-se o Labaredas.
Fid. E cá chama-se Cotão,
mais fidalgo que os Azedas.
Satisfação me pedia,
que é pior de fazer
10 que queimar toda Turquia;
porque do satisfazer
nasceu a melancolia.

Vem Pêro Vaz, almocreve, que traz um pouco de fato do Fidalgo, e vem tangendo a chocalhada e cantando:

Pêro «A serra é alta, fria e nevosa,
«vi venir serrana gentil, graciosa.»

---

1. Cfr.: «De mozo guardé ganado». G. V., *Obras*, III, p. 293.
2, a aspiração dele, agora, é conseguir um bispado.
5, e tem a alcunha de *Labaredas*.
6. E cá em casa chama-se *cotão*, porque é o que tem nas algibeiras.
8-10, o que é uma cousa impossível: satisfazer o gosto e as aspirações de cada um é difícil.
11-12. Porque das paixões satisfeitas nasce o aborrecimento: «O que ontem muito aprouve hoje aborrece». Sá de Miranda.
13. Principia a cena dos Almocreves. Dos arreeiros portugueses podia-se repetir o que Washington Irving dizia, em 1829, dos almocreves espanhóis: «Os arreeiros têm um inesgotável reportório de cantares e baladas com que se entretêm nas suas contínuas viagens». *Tales of the Alhambra*. — Segue uma *Serranilha* intercalada. Os últimos vv. lembram os duma *Pastorela* de Guido Caval-

Arre, mulo namorado,
que custaste no mercado
sete mil e novecentos
e um traque pera o siseiro.
5 Apre! ruço acrecentado
a moradia de quinhentos,
paga per Nuno Ribeiro.
Dix, pera a paga e pera ti.
Arre! arre! arre! embora,
10 que já as tardes são d'amigo.
Apre, besta do ruim!
Uxtix! o atafal vai por fora
e a cilha no umbigo.
São diabos pera os ratos
15 estes vinhos da Candosa.

---

canti (1255?-1300): «E domandai si avesse compagnia? — Ed ella me rispose dolcemente, — che sola, sola per lo bosco gia».

«Dos Ratinhos (jornaleiros) da Beira, que afluíam a Lisboa é que G. V. aprendeu porventura a linguagem dos serranos, e parte das cantigas e serranilhas à moda galego-portuguesa com que enfeitou os seus *Autos*». D. Carolina Micaëlis, *Romances Velhos*, p. 320.

1. A fala de Pêro Vaz está cheia de referências ao macho.

4, *siseiro*, cobrador de impostos.

5-6. Como no Paço se pensava sobretudo em medrar com pensões *(moradias* 500 rs. por mês e um alqueire de cevada) e aumentos das mesmas, G. V. refere-se a elas em ar de troça.

7. N. Ribeiro fora pagador das moradias ainda em 1526. Braamcamp, *G. V.*, pág. 4, in *Rev. de Hist.* n.º XXV.

10, que já as tardes são longas.

11. Vai-te...

12. Arre! o atafal vai por fora!

15. Os vinhos da Candosa são alcoólicos (trepam). D. Carolina Micaëlis supunha que em *ratos* havia alu-

«A serra é alta, fria e nevosa,
«vi venir serrana, gentil, graciosa.»
  Apre cá ieramá.
Que te vás todo torcendo,
5 como jogador de bola.
Uxtix, uxte xulo cá,
que t'eu dou irás gemendo
e resoprando sob a cola.
Ao corpo de mi Tareja,
10 descobri-vos vós na cama.
Parece? Dix, pera vossa ama:
não criarás tu hi vareja.
  «Vi venir serrana, gentil, graciosa,
«cheguei-me per'ela com grã cortesia.»
15 Mando-vos eu suspirar
pola padeira d'Aveiro,
que haveis de chegar à venda,
e então ali desalbardar,
e albardar o vendeiro,
20 se não tiver que vos venda
vinho a seis, cabra a três,
pão de calo, filhós de manteiga,
moça formosa, lençóis de veludo,
casa juncada, noite longa,
25 chuva com pedra, telhado novo,
a candeia morta, gaita à porta.

---

são aos *ratinhos* — os aldeões da Beira. *Not. Vic.*, IV, p. 263).

8, ...sob os arreios.

21-23, são sinais de fartura. — *pão de calo*, muito amassado. — «me hirey lançar em *lanções de veludo*...» Jorge Ferreira, *Aulegrafia*. IV, fl. 133. — *juncada*, perfumada com plantas. Veja G. V., *Obras*, II, p. 87 verso 24.

Apre, zambro, empeçarás.
Olha tu não te ponha eu
óculos na rabadilha,
e verás per onde vás,
5 demo que t'eu dou por seu,
e andarás lá de cilha
«Cheguei-me a ela de grã cortesia,
«disse-lhe: Senhora, quereis companhia?»

Vem Vasco Afonso, outro almocreve, e topam-se ambos no caminho, e diz.

Pêro Hou, Vasco Afonso, onde vás?
10 *Vas.* Uxtix, por esse chão.
Pêro Não traes chocalhos nem nada?
Vas. Furtaram-m'os lá detrás
um fideputa ladrão
na venda da repeidada.
15 *Pêro* Hi bebemos nós à vinda.
Vas. Cujo é o fato, Pêro Vaz?
Pêro D'um fidalgo. Dou ó diabo
o fato e o seu dono co'ele.
Vas. Valente almofreixe traz.
20 *Pêro* Toma a mu de cabo a rabo.
Vas. Pardeus, cárrega leva ele.

---

1. Vai-te, macho das pernas tortas, hás-de tropeçar!

5. é um esconjuro popular. Veja p. 83, 1.º verso.

17. Na Península Hispânica, *fidalgo* era sinónimo de nobre.

19. Grande fardo traz! — «E o Condestabre... seendo assentado em huũ *almafreixe...» Crónica do Condestabre de Portugal*, p. 177.

Pêro Uxtix, agora não pacerão eles,
e lá por essas charnecas
vem roendo as urzeiras.
Vas. Leix'os tu, Pêro Vaz, qu'eles
5 acham aqui as ervas secas,
e não comem giesteiras.
E quanto te dão por besta?
Pêro Não sei, assi Deus m'ajude.
Vas. Não fizeste logo o preço?
10 Mal hás tu de livrar desta.
Pêro Leixei-o em sua virtude,
no qu'ele vir qu'eu mereço.

Vas. Em sua virtude o leixaste?
E trá-la ele consigo,
15 ou há-d'ir buscá-la ainda?
Oh que aramá te fretaste!
Queres apostar comigo
que tu renegues da vinda?
Pêro Ele pôs desta maneira
20 a mão na barba e me jurou
de meus dinheiros pagá-los.

---

7. E quanto te pagam por cada macho carregado?

8, ...*assi Deus me ajude*, era uma fórmula corrente de juramento.

10. Em má hora te encarregaste do fato do Fidalgo!

18, que te arrependas da vinda. — «*Reniego de la venida...*» G. V., *Obras*, III, p. 208.

19-20. É um juramento. Os Fidalgos e cavaleiros juravam peias *barbas*, os clérigos pela coroa e as alcoviteiras, em cuja profissão se gastava muito calçado, juravam: «Por las çapatas mías!» Hita, *Buen Amor*, estrofe 1489. — «e maldizia o seu viver e *jurava pelas barbas*». Fer-

Vas. Essa barba era inteira
a mesma em que te jurou,
ou bigodezinhos ralos?
Pêro Ora Deus sabe o que faz,
5 e o Juiz de Samora:
de fidalgo é manter fé.
Vas. Bem sabes tu, Pêro Vaz,
que fidalgo há já agora,
que não sabe se o é. —
10 como vai a ta mulher
e todo teu gasalhado?
Pêro O gasalhado hi ficou.
Vas. E a mulher?
Pêro *Fugiu.*
15 *Vas.* Não pode ser!

---

não Lopes, *Crónica de D. João I,* cap. 205. — «y *puesta la mano en la barba,* dijo (el Condestable): *Para estas,* cleriquillo (D. Alonso de Fonseca, Obispo de Avila), que me la habeis de pagar»! P. Juan de Mariana, *Historia de España,* libro XXII, cap. 12. *(Par*=por; *para estas* — fórmulas de juramento). — «por *estas barbinhas!...»* Camões, *Filodemo,* verso 1658, ed. Marques Braga de 1928.

(Francisco I para ocultar uma cicatriz deixou crescer as barbas e com Carlos V introduziram-se na Península as barbas largas à alemã). — «Mentís por la *barba entera!»* Lope de Vega, *Los jueces de Castilla,* jornada I *(Obras* de L. de V., t. VII, p. 373).

1-3. Note-se a ironia destes versos.

4. *«Dios sabe lo que hace».* Correas, *Refranes,* pág. 160.

5. Na frase *Juiz de Samora* talvez haja alusão a alguma anedota popular da época.

6. Um nobre deve ter palavra.

11, e toda a tua famíiia?

Como estarás magoado,
Ieramá!

Pêro Bofá não estou. —
Uxtix, sempre hás-d'andar
5 debaixo dos sovereiros?

(para o mulo)

E a mi que me dá disso?

Vas. Por força t'há-de pesar
se rirem de ti os vendeiros.

Pêro Não tenho de ver co'isso.
10 Vai, Vasco Afonso, a teu mu,
que se quer deitar no chão.

Vas. Pesa-te, mas desingulas.

Pêro Não pesa; bem sabes tu
que as mulheres não são
15 todo o Verão senão pulgas.
Isto é quanto à saudade
que eu dela posso ter;
e quanto ao rir das gentes,
ela faz sua vontade;
20 foi-se per hi a perder,
e eu não perdi os dentes.
Ainda aqui estou inteiro,
Vasco Afonso, como d'antes,
filho de Afonso Vaz,

---

3. Palavra, não estou. — «Pêro recebe filosòficamente a fuga da mulher». Braamcamp.
4-5. Aparte para o macho.
8. Os almocreves eram muito das relações dos *vendeiros*, porque paravam em todas as tabernas.
12. Custa-te, mas dissimulas.

e neto de Jam Dis pedreiro,
e de Branca Anes d'Abrantes.
Não me faz nem me desfaz.
Do que me fica grão dó,
5 que teve razão de s'ir,
e em parte não é culpada;
porque ela dormia só,
e eu sempre ia dormir
c'os meus mus à Meijoada.
10 Queria-a eu ir poupando
pera lá pera a velhice,
como colcha de Medina;
e ela, mósca Fernando,
quando viu minha pequice,
15 foi descobrir outra mina.
Vas. E agora que farás?
Pêro Irei dormir à Cornaga,
e amanhã à Cucanha;
e tu vai, embora vás,
20 qu'eu vou servir esta praga,
e veremos que se ganha.

---

1. João Dias.

9. *Meijoada,* estrebaria. — «almocreves que jaziã em ...sua *meijoada*». *Crónica do Condestabre de Portugal,* pp. 63-4.

12-13, como *colcha* preciosa, e ela safou-se. «As colchas de Medina eram poupadas, por serem de estimação». *Not. Vic.,* IV, p. 310.

14, quando verificou que a poupava...

17-18. Hei-de ser enganado. Veja G. V., *Obras,* IV, pág. 184, verso 6.

19, E tu vai com felicidade.

20, *praga,* o Fidalgo.

Vai cantando

«Disse-lhe, senhora, quereis companhia?
«Disse-me, Escudeiro, segui vossa via.»

Paj. Senhor, o almocreve é aquele,
que os chocalhos ouço eu:
5 este é o fato, senhor.
Fid. Ponde todos cobro nele.
Pêro Uxtix, mulo do judeu! —
O fato hu s'há-de pôr?
Paj. Venhais embora Pêro Vaz.
10 *Pêro* Mantenha Deus vossa mercê.
Paj. Viestes polas Folgosas?
Pêro Aí estive eu hoje faz
oito dias pé por pé,
em casa d'umas tias vossas.

15 *Paj.* Ora meu pai que fazia?
Pêro Cavando andava bacelo,
bem cansado e bem suado.
Paj. E minha mãe?
Pêro Levava o gado

---

6. Criados, guardai o fato! Note-se a ostentação, que há no vocábulo *todos*. Da *abundância* de criados tirava-se presunção de aristocracia e superioridade.

7. Arre!... Acerca do insulto, que há neste verso, veja G. V., *Obras*, II, pp. 91 e 100.

9. É uma fórmula de saudação. — *embora*, com felicidade.

10. Saudação rústica usadíssima na Península Hispânica. Veja G. V., *Obras*, I, pág. 25. — *Mantenha*, conserve.

13. Há justamente oito dias.

16. Andava cavando a vinha.

lá pera Val de Cobelo,
mal roupada qu'ela ia.
Uxtix, que mau lambaz! —
E vossa mercê que faz?

5 *Paj.* Estou loução como quê.
Pêro E à bofé creceis assaz.
Saúde que vos Deus dê.

Paj. Eu sou pajem de meu senhor,
se Deus quiser pajem da lança.
10 *Pêro* E um fidalgo tanto alcança?
Isso é d'Imperador.
Ora prenda El-Rei de França.
Paj. Ainda eu hei-de chegar
a cavaleiro fidalgo.
15 *Pêro* Pardeus, João Crespo Penalvo,
que isso seria esperar
de mau rafeiro ser galgo.

---

3. É um aparte para o macho. — *lambaz,* glutão.

5. estou janota como o que é janota. — «modo analítico de encarecer as qualidades». Sousa da Silveira, *Lições de Português,* p. 184.

10. E um fidalgo chega a ter *pajem da lança?*

11. Isso é próprio de Imperador.

12. «Lembrado de Francisco I é que Pêro Vaz diz de chacota ao pajem que prendesse el-rei de França». *Not. Vic.,* IV, p. 285. Veja G. V., *Obras,* I, p. 144.

13-14. Recordem-se os vv. «Cedo não há-de haver vilãos — todos d'El-Rei, todos d'El-Rei»; todos se queriam nobilitar.

16-17. que isso seria subir ràpidamente. — «Acharei *rafeiro velho,* — que se quer vender por *galgo...*» Camões, *Disparates na India,* estrofe 6.

Mais fermoso está ao vilão
mau burel, que mau frisado,
e romper matos maninhos;
e ao fidalgo de nação
5 ter quatro homens de recado,
e leixar lavrar ratinhos.
Qu'em Frandes e Alemanha,
em toda França e Veneza,
que vivem por siso e manha,
10 por não viver em tristeza,
não é como nesta terra;
porque o filho do lavrador
casa lá com lavradora,
e nunca sabem mais nada;
15 e o filho do broslador
casa com a brosladora:
isto per lei ordenada.
E os fidalgos de casta

1-2. G. V. critica a vaidade. Fica melhor ao vilão um pano grosseiro e áspero do que um tecido fino com pêlo levantado e retorcido (o de menos preço serve às vezes melhor para o caso, que o delicado e caro).

3, e roçar, desmontar, trabalhar terrenos incultos. — «Vij muytos *matos romper...*» Resende, *Miscelânia,* estrofe 232.

4, e ao que é nobre por nascimento...

5, ter pajens de confiança...

6, e deixar que os aldeões continuem a agricultar a terra.

7-11. «Pêro Vaz censurando a vinda de provincianos *(ratinhos)* para a corte, gaba o siso e manha com que lá fora se mantém a distinção entre fidalgos e lavradores». *Not. Vic.,* IV, p. 285.

15, *broslador,* bordador.

18, *casta,* linhagem.

servem os reis e altos senhores,
de tudo sem presunção,
tão chãos, que pouco lhes basta.
E os filhos dos lavradores
5 pera todos lavram pão.

Paj. Quero ir dizer de vós.
Pêro Ora ide dizer de mi;
que se grave é Deus dos céus,
mais graves deuses há aqui.

(ao Fidalgo)

10 *Paj.* Senhor, ali vem o fato,
e está à porta o almocreve:
vede quem lhe há-de pagar
isso tal que se lhe deve.

Fid. Isto é com que m'eu mato.
15 Quem te manda procurar?
Atenta tu polo meu,
e arrecada-o muito bem,
e não cures de ninguém.
Paj. Ele é d'apar de Viseu,

---

3. tão simples...
6. Vou participar a vossa chegada.
9. mais respeito se exige nesta casa.
14. Isto é o que me desespera! Este v. encontra-se no *Auto de Rodrigo e Mendo*, fl. 51.
15. Porque é que tomas tanto interesse pelo Almocreve?
16-17. Interessa-te mas é pelo fato... (olha tu mas é pelas minhas cousas).
18. e não trates dos outros.
19. Ele é de perto de Viseu.

e homem que me pertem;
pois a porta lhe abri eu.

Entra dentro o almocreve e diz:

Pêro Senhor, trouxe a frascaria
de vossa mercê aqui.
5 Hi estão os mus albardados.
Fid. Essa é a mais nova arabia
d'almocreve que eu vi:
dou-te vinte mil cruzados.
Pêro Mas pague-me vossa mercê
10 o meu aluguer, nó mais,
que me quero logo ir.
Fid. O aluguer quanto é?
Pêro Mil e seiscentos reais,
e isto por vos servir.
15 *Fid.* Falai c'o meu azemel,
porque é doutor das bestas
e astrólogo dos mus,
que assente em um papel
per avaliações honestas
20 o que se monta: ora sus.
Porque esta é a ordenança
e estilo de minha casa;

---

1. *pertem*, pertence. — «*pertem* vem do latim *per-tinet*, recomposição de *pértinet*». Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, p. 278. A forma verbal *pertem* encontra-se ainda no *Auto da Festa*, verso 802.

6. O Fidalgo, como pretexto, para evitar pagar ao Almocreve, diz-lhe que achou graça ao termo *frascaria*, que ele empregou.

15. Falai com o meu almocreve...

20. em quanto importa.

		e se o azemel for fora,
		como cuido que é em França,
		dareis outra volta à massa,
		e ir-vos-eis por agora.
5		Vossa paga é nas mãos.
	Pêro	Já a eu quisera nos pés,
		ó pesar de minha mãe.
	Fid.	E tens tu pai e irmãos?
	Pêro	Pagai, senhor, não zombeis,
10		que sou d'além da Sertãy,
		e eu não posso cá tornar.
	Fid.	Se cá vieres à corte,
		pousarás aqui c'os meus.
	Pêro	Nunca mais hei-de fiar
15		em fidalgo desta sorte,
		inda que o mande San Mateus.
	Fid.	Faze por teres amigos,
		e mais tal homem com'eu
		porque dinheiro é um vento.
20	*Pêro*	Dou eu já ó demo os amigos
		que me a mi levam o meu.

---

3. voltareis noutro dia.
7. Com mil diabos! Veja p. 74.
8. O Fidalgo continua a protelar o pagamento ao Almocreve.
10. *Sertãy*, vila do distrito de Castelo Branco.
15. em nobre desta casta.
17. Ganha amigos, principalmente nobres como eu...

Vai-se o almocreve, e vem outro Fidalgo, e diz o

F. 1.º Ó que grande saber vir,
e grão saber-me a vontade!
F. 2.º Pois, senhor, que vos parece?
Desejo de vos servir,
5 e não quero que venha à cidade
um quem não parece esquece.
F. 1.º Paguei soma de dinheiro
a um ourives agora,
de prata que me lavrou,
10 e paguei a um recoveiro,
que é a dar dinheiros fora
a quem não sei como os ganhou.

F. 2.º Ganham-nos tal mal ganhados
que vos roubam as orelhas.
15 *F. 1.º* Pola hóstia consagrada,
e polo Deus consagrado,
que os lobos nas ovelhas
não dão tão crua pancada.

---

1. Confira a cena que segue com as troças que, no séc. XVI, se faziam aos rapazes idealistas e que se encontram no *Filodemo*, linhas 513-618. Chegais a propósito — Que grande prazer me deu a vossa vinda!

3, *parece?* agrada?

6. É um provérbio — *parece,* aparece.

7. Nos vv. que seguem, os dois Fidalgos (o 1.º escarnecedor e o 2.º idealista) referem-se ao muito dinheiro, que se gasta (o que é mentira). — Acabo de pagar muito dinheiro...

11, que é um varrer de dinheiro...

15. É uma fórmula de juramento corrente na Península Hispânica — «Ah, gran zorra, estabas a la escucha! *Por la hostia consagrada!*» Ramón del Valle-Inclán, *Baza de Espadas,* cap. 32.

Polos santos evangelhos,
e polo *omnium sanctorum*,
que até o meu capelão,
por mezinhas de coelhos
5 e uma *secula seculorum*,
lhe dou por missa um tostão.
Não há já homem em Portugal
tão sujeito em pagar,
nem tão forro pera mulheres.
10 *F. 2.º* Guardai vós esse bem tal,
que a mi hão-me de matar
bem me queres mal me queres.
F. 1.º Por quantas damas Deus tem
não daria nem migalha,
15 olhai que descubro isto.
F. 2.º Sou tão fino em querer bem,
que de fino tomo a palha,
pola fé de Jesu Cristo.
Quem quereis que veja olhinhos,
20 que se não perca por eles,

---

1. É uma fórmula de juramento.
4, por cousas caseiras...
5. «O Fidalgo designa com *secula seculorum*, depreciativamente, as missas ditas pelo seu Capelão». *Not. Vic.*, IV, p. 173.
6, pago generosamente.
8-9, tão obediente em pagar, mas tão precavido com as mulheres.
10-12. O Fidalgo 2.º confessa que é um apaixonado.
14, não daria nada.
15. Chego a esta conclusão.
16. Em amar sou delicadíssimo.
18, é uma fórmula de juramento, que se encontra também no *Auto da Barca do Inferno*.

lá per uns jeitinhos lindos,
que vos metem em caminhos,
e não há caminhos neles,
senão espinhos infindos?
5 *F. 1.º* Eu já não hei-de penar
por amores de ninguém;
mas dama de bom morgado,
aqui vai o remirar,
aqui vai o querer bem,
10 e tudo bem empregado.
Que porque dance mui bem,
nem bailar com muita graça,
seja discreta, avisada,
fermosa quanto Deus tem —
15 senhor, boa prol lhe faça,
se seu pai não tiver nada.
Não sejais vós tão Mancias,
que isso passa já d'amor,
e cousas desesperadas.

1, por certos donaires e atractivos. — «*Jeitos* em cousas pequenas — louros cabelos ondados...» Bernardim, *Écloga*, II, vv. 397-98.

Cfr.: «sendo Inês de Castro de bom parecer, namorou-se dela o Infante D. Pedro, e por novos *jeitos* que com ela começou de ter...» Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, cap. 186.

2, segue-se um trocadilho.

3, *caminhos*, saídas.

7, mas uma dama rica...

15, *prol*, proveito.

17. Não sejais tão apaixonado. O nome do trovador Macías tornou-se na Península Hispânica sinónimo de apaixonado. — «E aquel *Macías*, ydolo de los amantes...» *La Celestina*, acto II.

F. 2.º Porém lá por vossas vias
vou-vos esperar, senhor,
a rendeiro das jugadas.
Porque galante caseiro
5 é pera pôr em história.
F. 1.º Mas zombai, senhor, zombai.
F. 2.º Senhor, o homem inteiro
não lh'há-de vir à memória
co'a dama o de seu pai;
10 nem há mais de desejar
nem querer outra alegria,
que só *Los tus cabellos niña.*

1-5. Por esse caminho ainda hás-de ser um grande ricaço. E este caso dum homem tão interesseiro merecia ser tratado numa novela. (*jugadas*, certo direito que antigamente se cobrava para o monarca e que variava conforme as terras. Veja Viterbo, *Elucidário*, t. II, pp. 61-63; Herculano, *Hist. de Port.*, III, pp. 89, 338).

7. Senhor, o homem de bem...

9. ...o que o seu pai possui.

10. O Fidalgo 2.º, que é idealista e sentimental, a seguir, refere-se a versos sobre os quais promete fazer trovas decalcadas.

12, verso duma *Canção* espanhola. — «não me dem comer nem beber, salvo pestanas que façam sombra, sobrancelhas afiladas, & hua espertadura como estrada, & então sob *los tus cabelos niña* dormiria...» Jorge Ferreira, *Aulegrafia*, III, c. 6.ª, folha 113.

Acerca deste verso duma *Canção* espanhola, D. Carolina Micaëlis referiu-se na *Rev. de Filología Española*, t. V (1918) pág. 351, ao vilancete de uma folha volante de uma *Miscelânea* da Biblioteca do Porto (parcela XII.ª). O seu título é: Aqui comiençan unas coplas que dizen «Si te vas bañar, Juanica», y han se de cantar a tono de *Los vuestros cabellos niña*, fechas por Rodrigo de Reinoso.

Não há hi mais que esperar
onde é esta cantiguinha.
E, *Todo o mal é de quem no tem.*
E, *Se o disserem digam — Alma minha,*
5 *Quem vos anojou, meu bem:*
hei os todos de grosar,
ainda que sejam velhos.

F. 1.º Vós, senhor, vindes tão bravo,
que eu hei-vos medo já.
10 Polos santos evangelhos
que levais tudo ao cabo,
lá onde cabo não há.

F. 2.º Zombais e dais a entender
zombando, que m'entendeis.
15 Pois de vós mui alto estou,
porque deveis de saber
que se d'amor não sabeis,
não podeis ir onde vou.

---

3. Este verso é também o 913 do *Auto da Hist. de Deus*. Veja G. V., *Obras*, II, p. 209.

4. É uma variante em português do *Cantar velho*, que se encontra no *Canc.* de Barbieri, n.º 127.

5, é o verso dum *Cantar velho;* um passo dele encontra-se no *Auto da India*, vv. 284-85.

6-7, hei-de fazer trovas decalcadas sobre os versos indicados anteriormente, ainda que pertençam a *Romances Velhos*. (*«Romances Velhos* e verdadeiramente populares — a maior parte destas composições são anónimas, e sem data de tempo certo. Nenhuma pode crer-se anterior ao séc. XV; mas muitas conservam profundos vestígios de ser reproduções ou reformas de outras mais antigas, recebidas da tradição oral...» Agustin Durán, *Romancero General*, t. I, pág. VIII).

10. Esta fórmula de juramento encontra-se também num verso anterior.

Quando fordes namorado,
vireis a ser mais profundo,
mais discreto e mais sutil,
porque o mundo namorado
5 é lá, senhor, outro mundo,
que está além do Brasil.
Ó meu mundo verdadeiro!
Ó minha justa batalha!
Mundo do meu doce engano!
10 *F. 1.º* Ó palha do meu palheiro,
que tenho um mundo de palha,
palha ainda d'ora a um ano;
e tenho um mundo de trigo
pera vender a essa gente.
15 Boa cabeça tem Morale.
Não quero d'amor, amigo,
andar gemente e flente
in hac lacrymarum valle.

---

3. Cfr.: «entra lá per outra via — *mays discreta e mais sotil*». Chiado, *Pratica doyto feguras*, fl. 2.

6, que não podeis compreender.

9, mundo das minhas ilusões. — «abrazado con su *dulce engaño*». Garcilaso, *Elegía*, 2.ª, verso 133. A frase *doce engano*, Camões empregou-a frequentemente nas *Líricas*.

10-18. O Fidalgo 1.º, que é todo interesseiro e prático, troça do Fidalgo 2.º, dizendo que há-de ter muita palha e trigo, pois espera casar com uma mulher rica, porque não quer andar neste mundo a gemer e a chorar.

«Como este verso, proveniente do Ps. LXXXIV, venha acompanhado das palavras *andar gemente e flente*, parece certo que a G. Vicente zunia na memória o *Salve Regina*». *Not. Vic.*, IV, p. 134. Veja G. V., *Obras*, I, p. 100 e II, p 28.

F. 2.º Vou-me; vós não sois sentido,
sois mui duro do pescoço;
não vale isso nem migalha:
pesa-me de ver perdido
5 um homem fidalgo ensosso,
pois tem a vida na palha.

FINIS

1, não sois um sentimental.
6, só tem uma aspiração: o interesse.

ÍNDICE

TRAGICOMÉDIA

FARSAS

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
INSTRUERE: CONSTRUERE
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA